

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO DE RIBEIRÃO PRETO**

O DIREITO POR OUTRAS VOZES:

***REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DA MÚSICA DE
RACIONAIS MC'S E BEZERRA DA SILVA***

Ana Carolina Palma de Araújo

Orientadora: Prof^a. Dra. Fabiana Cristina Severi

RIBEIRÃO PRETO

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO DE RIBEIRÃO PRETO

**O DIREITO POR OUTRAS VOZES:
*REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DA MÚSICA DE
RACIONAIS MC'S E BEZERRA DA SILVA***

Ana Carolina Palma de Araújo

Orientadora: Prof^a. Dra. Fabiana Cristina Severi

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do grau de Bacharel
em Direito pela Faculdade de Direito
de Ribeirão Preto, da Universidade
de São Paulo.

Ribeirão Preto

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Araújo, Ana Carolina Palma de.

O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva / Ana Carolina Palma de Araújo - Ribeirão Preto, 2013.

252p.: il.; 30cm

Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Professora Doutora Fabiana Cristina Severi.

1. Direito. 2. Estado (Direito) 3. Ideologia. 4. Desigualdades. 5. Marginalidade Social. 6. Cultura popular. 7. RAP. 8. Samba.

Nome: ARAÚJO, Ana Carolina Palma de.

Título: O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Direito pela Faculdade
de Direito de Ribeirão Preto, da Universidade
de São Paulo.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientadora: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A todas as vozes historicamente silenciadas que, ainda assim, cantam lindamente o cotidiano deste Brasil.

Às minhas três mulheres: mãe e irmãs, companheiras da luta pela vida.

Aos Josés: meu pai, que já partiu, e meu amor, que comigo está. Ao primeiro por plantar em mim e ao segundo por me devolver a utopia e a vontade de mudar.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres guerreiras lá de casa: mãe Delma, pelo amor maior do mundo. E, sobretudo, por me ensinar que nunca é tarde para buscar a transgressão como caminho para a felicidade; irmã Ester, por me olhar com aqueles olhos azuis mais cheios de carinho e compreensão que o mundo já viu. Especialmente nos momentos em que eu estive mais ausente; irmã Silvana, por ser minha referência de ousadia e superação.

Ao José pai, *in memoriam*, por me contar repetidas vezes como foram importantes aqueles “padres” da teologia da libertação. E por viver uma vida dedicada à semeadura.

Ao José amor, por me dar aconchego cotidiano em seu coração. E por querer o meu aconchego também. Por crer e me fazer crer, desde o começo, que essa empreitada seria possível. Por doar um bom tempo, no início de tudo, formulando sugestões e vigiando para que o projeto deste trabalho tivesse firmeza ideológica e metodológica. Mas também espontaneidade. Por me ajudar a amadurecer a crítica e a crescer nas relações humanas. E por fazer tudo isso, no mais das vezes, deitadinho junto de mim.

À Professora Dra. Fabiana Cristina Severi, de quem tenho muita alegria em ser orientanda, por dar o tom fundamental às sonoridades deste trabalho. Por oxigenar os debates dentro da academia e por praticar corajosamente a crítica. Por me estimular a dar cambalhotas nos corredores tão simétricos, limpinhos e cheios de grade do pensamento jurídico tradicional. Por me mostrar (e a tantos outros) que a crítica não precisa ser carrancuda. Por me mostrar (e a tantos outros) que a crítica se faz melhor com um lindo sorriso no rosto.

Aos amigos, que não nomeio para não pecar pela falta. Por rirem os risos mais sinceros comigo. Por me ajudarem a cantar a música da juventude e da amizade durante os cinco anos dessa graduação.

Às amigas lá do GAEMA – MPSP, pelo companheirismo e pela preocupação diária comigo. Por me alimentarem com incontáveis marmitas e impagáveis conselhos. E por me “cobrirem” nas minhas férias, para que eu pudesse “dar um gás” nesse TCC.

Ao professor Luis Alberto Warat, *in memoriam*, por querer trazer o sonho, a arte e o amor para dentro do Direito.

Aos professores da casa: Márcio Henrique Pereira Ponzilácqua, Eduardo Saad Diniz, Benedito Cerezzo Pereira Filho, Paulo Eduardo Alves da Silva, Nuno Manoel Morgadinho dos

Santos Coelho e Caio Gracco Pinheiro Dias por, de alguma forma contribuírem para que os caminhos da graduação em Direito fossem menos áridos e mais críticos.

À toda a moçada do NAJURP, por me deixarem feliz e tranquila de deixar FDRP-USP, sabendo que eles existem. E lutam. São, com certeza, uma das coisas mais bonitas e incríveis que essa faculdade já “articulou”. Valeu também por isso, Fabiana.

Aos funcionários da FDRP-USP, pela dedicação constante. Em especial, à Tamie Lança, bibliotecária fantástica que deu uma ajuda igualmente fantástica a esta monografia.

A Deus, um pai que é lá do andar de cima, mas acaba ficando muito mais aqui no térreo, tentando ajudar os homens a ajeitarem a bagunça.

Por fim, aos Racionais MC's e a Bezerra da Silva, *in memoriam*: se não fosse a “falta de papas na língua” deles, o que seria deste trabalho?

Fica difícil você falar para uma criança sem pai, que passa fome e tal, que ele tem que ser honesto, que ele não pode roubar. Eu chego a dizer que eu nem considero eles desonestos, né? Dentro da realidade das armas que eles têm para lutar, eles são honestos. [...] A nossa sociedade é criminosa. É omissa. Ela é cega quando quer, surda quando quer. Omissão é crime, né? Mas a saída não seria a lei para todo mundo? A lei não é para todo mundo, nunca vai ser para todo mundo...

Mano Brown

Porque se a justiça consiste em dar a cada um o que é seu, dê-se ao pobre a pobreza, ao miserável a miséria, ao desgraçado a desgraça, que isso é o que é deles... Nem era senão por isso que ao escravo se dava a escravidão, que era o seu, no sistema de produção em que aquela fórmula se criou. Mas bem sabeis que esta justiça monstruosa tudo pode ser, menos justiça.

João Mangabeira

RESUMO

ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes:** reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva. 2013. 252p. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito – USP, Ribeirão Preto, 2013.

Por que *alguns sujeitos* são “juridicamente mudos” se *todos* são iguais perante a lei? O presente trabalho se lança à tarefa de analisar criticamente algumas das formas de reprodução simbólica do Direito, a partir de uma perspectiva de abertura aos sentidos de justiça, Estado, Direito e desigualdades presentes na música popular brasileira. Essa abertura se mostra fundamental a um Direito que, de longa data, parece estar “surdo” a *determinadas vozes* sociais. Em razão disso, inicialmente pretende-se identificar o papel mistificador da ideologia jurídica e da insensibilidade no operar deste Direito. Partindo destas reflexões, é possível investigar com maior lucidez as vozes eleitas para este estudo, bem como os movimentos culturais em que se inserem: Racionais MCs e Bezerra da Silva, *hip hop* e samba. Tais vozes, intimamente atreladas ao lugar social de onde são proferidas, exercem importante função na luta pela hegemonia e na crítica a práticas associadas às normas jurídicas, aos controles e à repressão estatal. Nesse sentido, a proposta central deste trabalho é ouvir e analisar o que dizem estes “porta-vozes da mudez jurídica”, especialmente no que se refere a: a) criminalidade; b) repressão policial; c) Estado e Direito; d) questões de raça; e) pobreza, exclusão e capitalismo; e f) favela e periferia. A arte popular pode ser um caminho para que o Direito se desenclausure e destampe seus ouvidos. Mas não só: um caminho para que ele efetivamente *consiga ouvir* observações críticas acerca daquilo que lhe diz respeito, *sensibilize-se* e permita-se a *transformação*.

Palavras-chave: Direito. Cultura popular. Ideologia jurídica. Crítica do Direito. Sensibilidade. Transformação social. Racionais MCs. Bezerra da Silva.

ABSTRACT

ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **Law by other voices:** critical reflections from Racionais MC's and Bezerra da Silva's music. 2013. 252p. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito – USP, Ribeirão Preto, 2013.

Why are *some people* “juridically voiceless” if *all people* are equal before the law? This work intends to analyze some of the forms of the symbolic reproduction of the Law from an openness perspective of the senses of justice, State, Law and inequalities present in the Brazilian popular music. This openness is fundamental to a Law that seems to be “deaf” to *certain social voices* for a long time. For this reason, this study initially intends to identify the mystifying role of juridical ideology and insensitivity that works in Law. Based on these considerations, it is possible to investigate with greater clarity the voices chosen for this study as well as the cultural movements in which they operate: Racionais MC's and Bezerra da Silva, hip hop and samba. Such voices, closely linked to the social place from where they are spoken, play an important role in the struggle for hegemony and in the criticism of practices related to the juridical rulings, controls and state repression. In this way, the main proposal of this work is to listen and to analyze what these “juridical muteness spokespeople” are saying, especially with regard to: a) criminality; b) police repression; c) State and Law; d) issues of race; e) poverty, exclusion and capitalism; and f) favela. Popular art can be a way to uncover Law ears. But not only that: it could create a path in which Law *can effectively listen* to critical remarks about what concerns to itself, *sensitize* and allow itself the *transformation*.

Key-words: Law. Popular culture. Juridical ideology. Criticism of Law. Sensitivity. Social transformation. Racionais MCs. Bezerra da Silva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de grafite em muro de rua não identificada.....	55
Figura 2 – Capa do álbum “Holocausto Urbano”, de 1990.....	74
Figura 3 – Capa do álbum “Raio-X do Brasil”, de 1993.....	74
Figura 4 – Capa do álbum “Sobrevivendo no inferno”, de 1997.....	76
Figura 5 – Capa do álbum “Nada como um dia após o outro”, de 2002.....	76
Figura 6 – Bezerra da Silva e a Constituição Federal de 1988.....	206

SUMÁRIO

PARA COMEÇO DE CONVERSA, UMA (BEM SINCERA) LIMPEZA DE CHAMINÉ...19
1. PRIMEIRO ATO: A SURDEZ27
1.1 O nascimento do Direito de Apolo e Teodoro28
1.2 O tampão (ou mordaça?) da ideologia jurídica e da insensibilidade.....32
2. INTERLÚDIO Nº 1: A CRÍTICA JURÍDICO-MUSICAL DO COTIDIANO COMO RESISTÊNCIA E CONTRA-HEGEMONIA.....41
3. SEGUNDO ATO: AS (OUTRAS) VOZES.....51
3.1 Alguma história: o Movimento <i>Hip Hop</i>51
3.2 O rap “verde-amarelo”58
3.3 Brasil-Pandeiro: o Samba63
3.4 De quem são as vozes que gritam? Racionais MCs e Bezerra da Silva: embaixadores das favelas66
3.4.1 <i>Bezerra da Silva: a voz do povo da colina</i>66
3.4.2 <i>Radicais, Raciais, Racionais: a identidade dos manos</i>70
4. INTERLÚDIO Nº 2: CAMINHOS PARA OUVIR O DIREITO NO RAP E NO SAMBA.....77
4.1 Objeto de estudo: a escolha dos artistas e letras77
4.2 Orientação para a análise das letras.....77
4.3 O socioleto da periferia e a gíria jurídica82
5. TERCEIRO ATO: O GRITO.....93
5.1 "O crime vai, o crime vem" (Criminalidade).....93
5.2 "Se você der o azar de apenas ser parecido – ‘Clip, clap, bum’ - eu te garanto que não vai ser divertido" (Repressão Policial).....117
5.3 A balança da injustiça: entre a lei do cão e a lei da selva (Estado e Direito)126
5.4 “Eu sou o negro drama. E ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é” (Negro, Racismo, Orgulho e Estigma)144
5.5 “Em São Paulo, Deus é uma nota de cem” (Pobreza, Exclusão e Capitalismo)162
5.6 “Mesmo céu, mesmo CEP, no lado sul do mapa: o mundo é diferente da ponte pra cá” (Favela, Quebrada, Periferia)185
BATIDAS E ACORDES NO RITMO DE UMA CONCLUSÃO.....199
REFERÊNCIAS207
ANEXO A - Íntegra das composições citadas (Racionais MCs)219
ANEXO B - Íntegra das composições citadas (Bezerra da Silva)245

PARA COMEÇO DE CONVERSA, UMA (BEM SINCERA) LIMPEZA DE CHAMINÉ

Nada é impossível de Mudar

Desconfia do mais trivial, na aparência singelo.

E examina, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceite o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada,

nada deve parecer natural,

nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht

Existem sujeitos a quem o Direito não dá voz. Pior: a quem o Direito não dá vez.

Há uma forma muito usada por estes sujeitos para se fazerem ter voz e vez: a música.

Nesse sentido, é importante para o Direito ouvir o que estes sujeitos têm a dizer sobre suas demandas, e sobre o próprio Direito. E por que é importante que o Direito ouça esses sujeitos? Porque o Direito deve ser um instrumento de transformação social. Porque o Direito deve buscar a democracia, como processo de ampliação dos espaços de participação popular nos rumos da sociedade. Porque o Direito deve corrigir aquilo que o modelo econômico vigente pode ter estragado. E também por que o Direito deve saber aquilo que está errado consigo mesmo, o que muitas vezes também é denunciado pelos sujeitos “fazedores” da música popular, os quais, não raro e não coincidentemente, são eles mesmos e/ou representam vítimas de práticas político-jurídicas opressoras e excludentes.

Partimos da premissa de que a arte é um caminho para que o Direito se desenclausure, para que abra seus ouvidos e portas, e aprenda através das observações que ela faz dele: observações acerca do Direito, feitas fora do próprio Direito. E mais: a riqueza maior dessas observações vem da arte daqueles que são *mudos* juridicamente.

A importância da música popular para o Direito vai muito além da experimentação estética, da catarse pela sensibilização (claro, deve-se reconhecer que esses fenômenos provocados pela arte também guardam sua importância pra se (re) pensar o Direito). Mas o que de fato pode ser interessante ao aprendizado jurídico é que, muitas vezes, a arte acaba sendo o

único meio de expressão de algumas demandas oriundas de sujeitos aos quais o Direito não dá voz, mas não só: aos quais o Direito não consegue – *ou não quer conseguir* – ouvir e, consequentemente, agir a partir do que ouve. E por que esse Direito, que deveria ouvir esses sujeitos (porque é instrumento de transformação social, agente da democracia etc.), não os ouve?

O ensino e prática jurídicos são, hoje, baseados na dogmática. São baseados numa racionalidade tecnicista e instrumental construída pelo imaginário da modernidade. Esse modelo de racionalidade despreza as outras capacidades psíquicas para além da própria razão abstrata. Esse modelo é a base que forma aqueles que vão trabalhar o Direito diariamente. É o modelo tem servido bem ao modelo econômico vigente. E que traz como filosofia própria do Direito o positivismo normativista.

Essa tríade – racionalismo tecnicista/positivismo normativista/capitalismo – podem ser identificados como ideologicamente os acompanhantes do ensino e prática jurídicos há algum tempo. Paralelamente a isso, constata-se um embrutecimento e enclausuramento sofrido por acadêmicos e operadores do direito. Isso permite dizer que toda a práxis do Direito é afetada por isso. Um Direito com tal práxis é, por assim dizer, fechado e alheio à história. Se é alheio à história, também o é às demandas sociais.

A insensibilidade do Direito, hoje, não se esgota na aridez de suas normas e manuais. Não se esgota nos rigorismos da formalidade imposta aos seus operadores (modelos de petição, tipos penais, prazos rigorosos, ternos, gravatas e *tailleurs*). O Direito pode se valer da sensibilidade artística para, além de repensar sua aridez, revolucionar sua hermenêutica hermética da *aparente coerência* e unidade lógico-formal, revolucionar as subjetividades de seus estudantes e operadores. E a música, como a *arte* em geral, pode provocar isso a partir da sensibilização que promove.

Porém, muito além da revolução das subjetividades que temos como necessidade tão fundamental aos que operam, ensinam e estudam o Direito, propõe-se entender como o fazer artístico se mostra uma das formas de expressão mais sinceras do clamor por justiça dos que são restringidos ou mesmo impossibilitados de clamar *dentro* do sistema jurídico. Por meio da manifestação da cultura que lhes é própria, rompem com o cotidiano excludente, participam aqueles que os ouvem de seus problemas, dão voz àquilo a que não é dada a vez dentro do Direito.

Então, penso que o Direito precisa do diálogo com a arte: a) para que se realize a revolução das subjetividades daqueles que constroem, operam e estudam o Direito, através da sensibilização que a arte, *per se*, proporciona, sendo que tal sensibilização já é capaz de proporcionar a abertura de ouvidos necessária à oitiva desses sujeitos. Isso porque eles passariam a exercer a voz dentro do próprio sistema jurídico, sem a necessidade de outros meios (como a cultura popular, a música) para fazê-la ouvir; e b) para que os sujeitos que constroem, operam e estudam o Direito, mesmo que não revolucionados por um processo de sensibilização, possam ouvir a voz dos sujeitos que não são, de fato, sujeitos de direitos dentro do sistema jurídico, mas podem ser sujeitos de seus clamores ao menos dentro do universo da música popular.

Este trabalho procurará entender a importância da sensibilidade esquecida pelo Direito que é praticado hoje. Mas mais que isso, procurará ouvir a voz não ouvida por esse Direito que, como premissa, deveria ser agente da transformação social, a partir de uma prática comprometida com a democratização dos espaços sociais de participação. Felizmente, essa voz ainda é ouvida pela arte.

Assim é que *Bezerra da Silva* canta a realidade da favela: nesse canto, não há amor ou figuras romantizadas – de bandidos, trabalhadores, malandros ou otários – mas sufoco, fome e miséria. Uma realidade cheia de descontração e dissabores, sagacidade e torpeza, ceticismo e fé. Nas letras de suas músicas, que são “produto do morro”, pode-se observar este cotidiano e analisar alguns de seus pontos de interseção com outro mundo, “lógico”, “sincrônico”, “unívoco” – o mundo jurídico – e mostrar o quão sujo, irracional e anacrônico este pode ser, quando se expõem as suas chagas. Bezerra canta a realidade que queria, na verdade, expressar com uma voz ativa e transformadora. Com uma voz que fosse reconhecida pelo Direito, pelo Estado, pela sociedade.

O morro não tem voz. Ele é somente atacado, mas não se defende. Como o morro não tem direito a defesa, só tem direito de ouvir: “marginal, ladrão, safado...”, então o que é que faz os autores do morro? Ele diz cantando aquilo que ele queria dizer falando. E eu sou o porta-voz (SILVA apud DERRAIK, 2002).

Outras vozes objeto deste estudo serão as do grupo *Racionais MCs*. Proveniente da periferia da cidade de São Paulo, o Racionais é considerado o mais relevante grupo de *rap* do Brasil. Sua música é ouvida pelas pessoas nas periferias do Brasil inteiro, mas fora desses

espaços também. Oriundos das classes marginalizadas social, política, jurídica e economicamente, também são delas a voz: seus *raps* retratam uma realidade recheada de criminalidade, racismo, violência, drogas, pobreza, alienação, dentre outras mazelas que permeiam o cotidiano dessas populações.

Por tudo isso, o fazer artístico e musical destes artistas - *Bezerra e Racionais MCs* - pode ser considerado inserido histórica e socialmente dentro de suas realidades:

Se o indivíduo não pode ser pensado fora da sociedade [...], é evidente que todo indivíduo e também o artista, e toda sua atividade, não podem ser pensados fora da sociedade, de uma determinada sociedade. O artista, portanto, não escreve ou pinta, etc., isto é, não “registra” externamente suas fantasias apenas para “sua recordação pessoal”, para poder reviver o instante da criação, mas só é artista na medida em que “registra” externamente, em que objetiva, historiciza suas fantasias. (GRAMSCI, 2000, p. 240)

Mais do que isso, pode-se dizer que esta arte desempenha uma função de direção intelectual, de luta por hegemonia, articulando novas formas de se pensar o mundo. *Bezerra e Racionais* atuariam, assim, como “organizador(es) de uma nova cultura, contribuindo para manter ou modificar uma concepção do mundo e para promover novas maneiras de pensar” (GRAMSCI, 1979, p.7-8).

Pensar o mundo jurídico a partir do discurso não canonizado, veiculado pela arte dos legítimos representantes da “mudez jurídica” - que só existe porque o Direito está, há algum tempo, “surdo” - pode ser uma rica experiência crítica ao Direito, possibilitando-lhe a revelação de suas fissuras e conduzindo-lhe à reflexão.

Este trabalho se divide em três grandes partes.

A **primeira** delas, intitulada “A SURDEZ”, percorrerá caminhos no sentido de entender e demonstrar por que o Direito parece não ouvir determinadas *sonoridades* sociais. Para tanto, ela se estrutura em dois grandes eixos de discussão: o da ideologia jurídica e o da ausência de sensibilidade na construção da teoria e prática do Direito.

Entre a primeira e a segunda parte será construído um **primeiro “interlúdio”**, uma espécie de *ponte* para as discussões seguintes, que toma como ponto de partida as reflexões da “SURDEZ”. Neste momento, pretende-se principiar a discussão que comporá o centro deste trabalho. Aqui serão trabalhadas as potencialidades da esfera da cultura *marginal* ou *popular* e a crítica a que ela se propõe. Tentar-se-á demonstrar como tal crítica pode ser relevante para

construir uma resistência à “ordem” vigente de coisas, fundamentalmente mantida pelo aparato do Direito e do Estado.

A **segunda parte** desta monografia se propõe a contextualizar as *vozes* que proferirão os “gritos” a serem analisados. Ou seja, esta parte tratará dos gêneros musicais samba e *rap*, bem como dos seus respectivos representantes eleitos: Bezerra da Silva e Racionais MCs.

Entre a segunda parte – “AS (outras) VOZES” - e a terceira – “O GRITO”, construir-se-á um **segundo “interlúdio”**, no sentido de previamente revelar os caminhos epistemológicos que permearam e orientaram a análise dos *gritos*. Assim, ainda que brevemente, discorrer-se-á acerca do processo de escolha dos artistas e letras, bem como do referencial teórico que fornece algumas bases à análise dos dados. Ao fim deste interlúdio, será feita uma importante reflexão comparativa acerca das peculiaridades do “dialeto/socioleto/gíria” das *favelas* e do “dialeto/socioleto/gíria” do *Direito*. E a localização desta reflexão é bastante estratégica: imediatamente antes da análise dos *gritos* propriamente ditos.

A **terceira e última parte**, centro do estudo e momento de maior desestabilização da lógica da *surdez jurídica*, se debruçará sobre seus principais *corpus* de análise: o *rap* dos Racionais MCs e o samba de Bezerra da Silva. A partir deles, esta parte se propõe a formular reflexões *jurídico-musicais* a partir de temáticas eleitas, agrupadas levando-se em conta as que mais apareceram nas letras das músicas analisadas, e que, de alguma forma, relacionavam-se com o Direito. Tal parte foi, portanto, nomeada “O GRITO”.

Quanto às questões metodológicas, usou-se na construção de todo o trabalho o método *dialético*. E como pode um trabalho científico dentro do Direito se pautar pelo método dialético? Roberto Lyra Filho, apesar de não acreditar em uma teoria dialética própria ao Direito, nos dá interessantes alicerces nessa direção (1993, p.6):

Nosso objetivo é perguntar, no sentido mais amplo, o que é Direito (com ou sem leis), mas é preciso esclarecer, igualmente, que nada é, num sentido perfeito e acabado; que tudo é, sendo.

[...] As coisas, ao contrário, formam-se nestas próprias condições de existência que prevalecem na Natureza e na Sociedade, **onde ademais se mantêm num movimento constante e contínua transformação**. E deste modo que elas se **entrosam na totalidade dos objetos observáveis e das forças naturais e sociais**, que os modelam e orientam a sua evolução.

Cada fenômeno (fenômeno é, etimologicamente, coisa que surge) pode, então, revelar o seu fundamento e sentido, que só emerge em função daquela totalidade móvel. Isoladamente, cada um perde a significação própria e a conexão vital, assim como o órgão sem o organismo em que funciona, ou o homem, sem a sociedade, fora da qual ele não existe humanamente e regide na escala zoológica. [...]

Nesta perspectiva, **quando buscamos o que o Direito é, estamos antes perguntando o que ele vem a ser, nas transformações incessantes do seu conteúdo e forma de manifestação concreta dentro do mundo histórico e social** (grifo nosso).

A proposta de uma teria dialética do Direito fica mais clara com a didática exposição de Michael Löwy¹ (1996, apud ANDRADE JÚNIOR; BORGES, 2012, p. 62) sobre as principais categorias do método dialético. Segundo o autor, elas são três: totalidade, movimento permanente e contradição. Ao definir a categoria da totalidade, Löwy afirma que ela “significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto”. Acerca do movimento permanente, explica que “a hipótese fundamental da dialética é de que não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto”. Assim, “tudo o que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história”. A respeito da contradição, por fim, ensina que “uma análise dialética é sempre uma análise das contradições internas da realidade”.

Pensando o Direito e o método dialético, Andrade Júnior e Borges (2012, p. 62) fazem interessante reflexão, baseados na teorização metodológica de Löwy:

Dialecticamente entendido sob a perspectiva de totalidade, assim, o Direito não pode ser compreendido apartado da realidade social. É a realidade social a matéria-prima dos sujeitos construtores do jurídico. É a realidade social que impõe as condições objetivas que condicionam a criação jurídica. É a realidade social que absorve o produto desse processo de modificação, pois não é outro o produto, senão a própria realidade. Modificação, como ensina Löwy, que é permanente. E a mudança no Direito é, também, permanente. O direito é instrumento do movimento permanente, no mesmo passo que a ele se rende. O direito é humano, afinal. E é nas contradições internas da realidade social e do fenômeno jurídico que se buscará uma análise dialética do direito: identificando posições antagônicas, paradoxos, contradições reais e aparentes, mudanças e transformações.

¹ LÖWY, Michael. **Ideologia e ciência social:** elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1996.

Especialmente em relação à terceira parte do trabalho - “O GRITO” -, é importante revelar os processos de construção da análise das letras. Desta forma, logo antes do início da análise, propriamente, uma parte deste trabalho se lançará a esta missão.

Para além dos caminhos ortodoxos trilhados ao longo do trabalho, esta monografia, de forma mais ampla, não poderia se basear unicamente nos pressupostos epistemológicos e nas condições metodológicas impostas no âmbito da pesquisa acadêmica universitária, especialmente a jurídica. Isto porque a proposta eleita passa pela construção de caminhos discursivos que apostam na arte como forma de compreensão do mundo e de produção de sentidos, sem a necessidade de se recorrer à construção de verdades produzidas desde lugares de poder, onde este se exerce, não raro, em nome da neutralidade. Recorreu-se então, em diversos momentos, à sensibilidade como contraponto às condições estanques e apolíneas da construção do saber – com destaque para o jurídico. Assim, parte da *forma de proceder* deste trabalho - que é indissociável de seu *conteúdo* e proposta não convencionais - se baseou também na *epistemologia carnavaлизada* de Luis Alberto Warat.

Essa abertura para os territórios carnavaлизados como nova perspectiva de mundo e de Direito foi desenhada na obra *A ciência jurídica e seus dois maridos*, onde se apresenta a contraposição entre Teodoro e Vadinho como força de expressão que opõe Apolo e Dionísio. Teodoro no lugar do dever e da segurança, Vadinho no lugar da criação e do conflito. E, em meio a essa tensão, Dona Flor, ou a Ciência Jurídica. Ciência não só tomada em seu sentido estrito, com todos seus pressupostos e requisitos, mas como o *saber* e o *fazer* jurídicos em amplitude. A proposta de Warat é vadinizar o Direito.

Com efeito, o giro maior que a proposta de *carnavalização* possibilita é o reconhecimento de que só na medida em que se permita o conflito e, assim, o *ressoar de vozes não institucionais*, é que se poderá desenvolver com plenitude a democracia. Democracia não como um espaço ilusório de realização por meio do voto, de univocidade, mas como um espaço de polifonia, de oitiva do clamor de marginalizados e participação dos excluídos nos meandros do poder instituído:

Dona Flor intuiu isso, comprehendeu que sem os dois maridos seu corpo não poderia reconciliar-se com seus desejos, ultrapassar suas próprias acomodações [...]. A democracia é sempre uma procura de confrontos. [...] A **democracia**, tal

qual Eros, não tem como função aquietar o sangue ardente. Eles servem para esquentar o conflito integrando o instituído com o pólo da marginalidade (WARAT, 2004b, p.77, grifo nosso).

E junto à proposta epistemológica waratiana está a principal proposta deste trabalho: buscar ganhos democráticos a partir da sensibilização e intertextualidade que o Direito pode estabelecer com a arte da música. E não qualquer música: aquela popular, produzida desde os lugares mais carentes de direitos, de participação e justiça. Ou seja, desde os lugares que o Direito mais precisa ouvir – e não tem conseguido - para, reconhecendo suas contradições e ampliando o debate, sensibilizar-se e permitir-se transformar.

1. PRIMEIRO ATO: A SURDEZ

Essa sangria de vida, produzida pela mentalidade legaloide, provoca-me um tremendo desespero. Detesto tudo o que é feito em nome da máxima seriedade, da fé na ciência e das certezas semânticas do Direito. Por isso, o poético.

Luis Alberto Warat

Forjado na juris*dicção*, na atuação de *advogados* nas *audiências*, tendo no veredito do Júri uma de suas “imagens” mais consagradas, e no *Parlamento* um de seus lócus de destaque, o Direito - mesmo sob um viés bastante tradicional - tem características originais muito sonoras (PATTO, 2011). Porém, uma surdez (ou mutismo?) empobrecedora em relação à dimensão tão humana que é a *voz* - enquanto metáfora da participação cidadã na construção jurídica – tem marcado o Direito, isolando o processo dialético de ouvir o outro e se fazer ouvir embaixo de montes de papel e tinta, que adormecem silenciosamente na burocracia instituída. Assim, abrem-se os caminhos para que atuem aqueles que, segundo uma visão reducionista, teriam *precipuamente* a função de “*dizer o Direito*”: o *Judiciário*.

Este trabalho é o fruto de um incômodo. Incômodo que me perturbou durante todos esses anos de graduação em Direito. À semelhança do incômodo que causa a situação de uma pessoa que fala, grita, *esperneia retumbantemente* perante alguém que não ouve - ora porque não consegue, ora porque não quer fazê-lo - o Direito neste trabalho está no papel do “surdo” da cena.

A metáfora crítica da “surdez” pareceu mais propícia e humana que a da “cegueira” para este trabalho, ainda que a última seja mais pertinente quando se tem em conta a famosa imagem tradicional da justiça: aquela bonita mulher branca de *olhos vendados*, sentada, com a balança numa das mãos e a espada na outra. Porém, entendemos que a vocalização, a verbalização e a comunicação são processos que nos tornam verdadeiramente humanos, assumindo sua expressão máxima e única na *voz*, no *discurso* que, mais que um texto a ser lido ou enxergado, deve ser *ouvido*. A realidade é ruidosa, está em movimento constante. Mais que a imagem, e muito mais que a escrita – em geral, estáticas e inertes – o som é um poderoso signo da luta social. E o Direito, que deveria ser um instrumento para a emancipação humana e a transformação social, parece passar longe dela. Ou seja, muito mais que cego, o Direito parece surdo.

“Não, ele não está surdo. Se ele não ouve é porque as pessoas não estão falando nada, é porque elas não querem dizer nada, são mudas...”, pode-se querer argumentar. Mas este trabalho discorda de tal argumento e do discurso que lhe dá substrato, à medida que assume como pressuposto o fato de que as pessoas *não são*, nem *estão* mudas. A vida ruge lá fora. Dá para ouvir?

O que as pessoas estão, na verdade, é “juridicamente” mudas - condição que se espera passageira - perante um universo lacrado, protegido, limpinho, quadradinho, *aqui de dentro*, que não sai lá fora, não vai às ruas. E além de não serem/estarem mudas, as pessoas também não foram “emudecidas” por algum fenômeno *natural*. Mas o que é pior: foram *amordaçadas* pela *surdez* do Direito, que tem usado, já há algum tempo, o “tampão” (ou mordaça?) mistificador da ideologia jurídica e da insensibilidade.

Vamos, portanto, às raízes e ao nascimento desse Direito “surdo”. Passaremos, em seguida, ao tampão da ideologia jurídica e insensibilidade.

1.1 O nascimento do Direito de Apolo e Teodoro²

O Direito é uma instituição social e, portanto, carrega consigo o conjunto de valores, sentidos e crenças que significam o mundo em determinada sociedade. Assim, ao longo da história, conceberam-se inúmeros “direitos”, aos quais se atribuíram diferentes funções e fundamentos de legitimidade.

A modernidade propulsionou a racionalização de diversos processos sociais. Na economia, provocou mudança na forma de produção, na definição da propriedade privada, no acúmulo e circulação de riquezas e nas relações de trabalho. Na política, substituiu a autoridade descentralizada pelo Estado absolutista e, posteriormente, pelo Estado verdadeiramente moderno, dotado do monopólio da violência, da legislação e de uma administração burocrática racional. Na cultura, dessacralizou visões de mundo vigentes até então, diferenciando em algumas esferas de

² A figura de **Apolo** é componente do ideário mítico grego e simboliza a harmonia das formas, da razão abstrata das certezas, da organização e linearidade. Por sua vez, **Teodoro** é o marido “sério” e “sem graça” de Dona Flor, no famoso romance de Jorge Amado. Sua figura é usada por Luis Alberto Warat como símbolo dos deveres e proibições, trazida como reflexão ao universo jurídico na obra “A ciência jurídica e seus dois maridos”. Portanto, ambas as figuras – Apolo e Teodoro - podem caracterizar o universo jurídico como os lugares das proibições, do dever, da razão abstrata, da insensibilidade em relação à realidade concreta, bem como da ideologia jurídica hegemônica. Tudo isso compõe um processo que tem feito com que o Direito não ouça o que de ruidoso acontece nas relações sociais.

valor autônomo aquilo que antes se embrutia na religião: a arte, a ciência e a moral (TOURAINE³, 1995 apud GONÇALVES, 2007, p. 49). E na esfera jurídica não poderia ser diferente: o todo das ideias, valores e significações que gerou mudanças profundas nas sociedades a partir do século XVII, também operou transformações radicais nas formas de conhecer, praticar e conceber o Direito a partir de então. E muito do que o Direito “é” hoje, também se revela como produto desses processos.

Articulando tais processos, desenvolveram-se formas de conceber o homem e o mundo, à medida que, nos séculos XVII e XVIII, emergiu o Iluminismo, “movimento que pretendeu reger toda a vida do homem através da razão” (GONÇALVES, 2007, p. 50). Suas elaborações trouxeram justificativas racionais para o poder político, culminando no “contratualismo”. Este defende que a constituição do Estado é uma consequência necessária da racionalidade humana, em *razão* da qual os homens teriam escolhido tomar parte numa espécie de “contrato”, concordando em se submeter à autoridade política e às normas jurídicas impostas pelo Estado, em troca da manutenção da “ordem social”. Então, da justificação do Direito positivo por meio de sua adequação aos valores “tradicionais”, “naturais” (em que se incluíam os teológicos, a partir de uma concepção teísta do mundo), passou-se a fundamentar o Direito e o Estado no racionalismo abstrato e individualista característico do Iluminismo, modificando-se, então, o discurso legitimador dessas instâncias.

Para que se desenvolvesse um Direito baseado nos valores considerados pelos iluministas como decorrentes da própria “natureza” do homem (e.g. igualdade, liberdade, racionalidade, objetividade e segurança), articulou-se um movimento em torno da elaboração de um conjunto de normas que viabilizassem a organização racional das condutas humanas, que deveriam ser reunidas num livro (uma pretensão quase “encyclopédica”): o *código*. Essa pretensão codificadora não visava apenas impor as normas criadas pela vontade dos governantes, mas estabelecê-las para que fossem obedecidas por representarem a própria racionalidade humana e estarem de acordo com ela. O que de mais perverso essa lógica pôde disseminar é a inadmissibilidade da crítica a essas normas, pois afinal, uma vez que estavam cristalizadas nos códigos, eram racionais, devendo ser simplesmente aplicadas. A lei passou a ser, então, a “expressão concreta”, positivada e *inquestionável* da razão humana.

³ TOURAIN, Alain. **Crítica da Modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1995.

Como consequência deste movimento de racionalização do Direito que levou a um novo modelo de “organização jurídica”, houve uma redução crescente do pluralismo jurídico, sendo recusada a tradicional autoridade do costume e reforçada a necessidade de se construírem ordens jurídicas racionalmente organizadas. Toda a sociedade deveria estar subordinada a um governo central, uniforme, que se fundamentasse numa única legislação a ser elaborada de acordo com a racionalidade humana. Assim, o Estado deixou de reconhecer a coexistência de várias ordens jurídicas, passando a promover o monopólio estatal do Direito.

O Positivismo - forma de pensar, produzir e organizar conhecimento - exigiu que se adotassem métodos reconhecidamente científicos na produção de suas “verdades”. A concepção de Direito e o conhecimento jurídico não escaparam a essas exigências. O objeto de conhecimento dos juristas passou a ser norteado pela “ciência jurídica”, reduzindo-se à norma jurídica positivada. A ciência do Direito, por sua vez, foi se identificando cada vez mais com a ciência “da norma”, ou também chamada ciência “dogmática”. Assim, forjou-se o “Positivismo Jurídico” - expressão da consolidação plena do poder político burguês - que parte do pressuposto de que só *são* Direito os preceitos positivamente formulados, segundo trâmites também positivados. Nesta lógica, a norma positivada no ordenamento jurídico não se vincula a nenhum “direito anterior”, fazendo com que também *sejam* “Direito” aquelas normas que se contraponham às exigências sociais, morais etc. O jurista não precisa mais, então, analisar a norma sob a perspectiva do que é justo, socialmente desejável, etc. Isso porque o Direito positivado já contém as exigências anteriormente feitas pela *grandiosa* racionalidade humana. Ora, o Direito decorre do poder estatal! Só isso já basta, sendo desnecessária qualquer outra análise que não seja feita “puramente” a partir do texto legal.

Ao fazer da lei a expressão central do Direito, o positivismo acabou por dizer que qualquer outra norma que não provenha do Estado só se torna jurídica “se” e “quando” - num momento quase “mágico” - o Estado a *consagraria*, reconhecendo-a e, por decorrência, aplicando-a (GONÇALVES, 2007; ANTUNES, 1992; COSTA, 2001). Não foi unicamente o monopólio da positivação do Direito que passou para o Estado a partir deste momento histórico, mas especialmente o de sua força coercitiva.

Ainda outras mudanças, operadas na conjugação das esferas política e econômica, seriam determinantes para a formatação do “Direito de Apolo e Teodoro”. À medida que se desenvolveu a sociedade europeia, sua economia se complexificou e diferenciou,

impessoalizando as relações sociais e tornando-as mais difusas, processo que fez mudar, também, as noções jurídicas. Isso mostra que o modo de apropriação dos meios de produção é elemento central a influenciar a organização de determinada ordem jurídica. Se a ordem jurídica do feudalismo era capaz de garantir a reprodução das relações sociais próprias ao modo de produção feudal, não podia mais servir ao regime produtivo que surgia.

A emergência do capitalismo exigia mudanças na estrutura social, principalmente nas formas tradicionais assumidas pelas forças econômicas e do trabalho, que até então se norteavam por normas consuetudinárias. Era necessário homogeneizar as formas de organização econômica e social, possibilitando a reordenação dos meios de produção e do mercado conforme o novo modelo econômico. Além disso, fundando-se na propriedade privada e na necessidade de cumprimento dos contratos, o capitalismo também exigia um ambiente de estabilidade, liberdade, previsibilidade e segurança jurídica. Por essa razão, o Direito acabou se construindo tendo em vista a necessidade de ser dotar a classe burguesa de instrumentos que assegurassem a reprodução do capital, sobretudo no nível da circulação de mercadorias (GONÇALVES, 2007).

A sociedade do mercado devia – e ainda deve - garantir, como condição básica para sua existência, a livre troca entre os sujeitos que dela participam. Livre troca que tem como premissa a existência de homens que não se submetem a nenhuma ordem que não a da lei, que os considera igualmente livres. O Estado, portanto, deve ser impessoal, fruto da vontade geral e do consentimento para exercer o poder em nome de todos. Também é do Direito esse poder, essa autoridade. Dessa mesma forma, o poder dos proprietários dos meios de produção sobre os proprietários da força de trabalho acaba se confundindo com o poder jurídico: o poder de uma norma abstrata e igual a todos (FERRAZ JÚNIOR, 1994).

No capitalismo, a compra e venda precisa ser rápida e sem burocracia; assim também a transferência do domínio dos bens, o que não seria possível na ordem jurídica feudal. A reprodução, circulação e concentração da riqueza precisam ser ideologicamente sustentadas como algo *naturalmente* praticado no seio da livre vontade dos *sujeitos de direito*. Realmente, seria impossível conceber e manter a ideia de “ordem” por meio do direito positivo se, no lugar do *sujeito abstrato*, fosse considerado o *sujeito concreto*, o ser humano que tem carências reais determinadas na história (MELO, 2013, p. 142). A categoria de “sujeitos de direito” é o que permite que o Direito venha funcionando socialmente segundo os interesses das classes dominantes, ao não assumir as diferenças concretas entre os homens, quando consideradas sob o

prisma da totalidade social. Ao invés disso, elas são ocultadas sob um *fetiche* jurídico que “abstratiza” as características reais (“todos são iguais perante a lei”), consolidando a desigualdade material: a partir do ato contratual e da lei, os homens se reconhecem reciprocamente como iguais. É a fantasia jurídica da igualdade (WARAT, 2004a).

Porém, não é apenas na igualdade jurídica, na agilidade e segurança para transferência da propriedade, na normatização do trabalho e no suporte jurídico para a efetivação dos contratos que o Direito serve bem ao modo de produção capitalista. O Direito também é extremamente importante para o processo organizador da sociedade, no sentido de modelar hábitos e costumes, exercendo uma ação educadora, domesticadora, docilizadora. Tais funções *organizativas* são políticas, como também o são as normas jurídicas. Assim, o Direito não apenas contribui sobremaneira para a reprodução do modo de produção vigente, mas, de forma mais ampla, ajuda a consolidar determinada *concepção de mundo* que reflete – majoritariamente - os interesses de uma classe dominante.

1.2 O tampão (ou mordaça?) da ideologia jurídica e da insensibilidade

Se a estruturação do modo de produção capitalista foi e continua sendo determinante para a formatação do Estado e de seu ordenamento jurídico⁴, o contrário também é verdadeiro: o *Estado* e o *Direito* cumprem importantes funções no vigente modo de produção, formatando-o juridicamente a bem de seus interesses. Porém, a essas duas instâncias - que, no fundo, acabam se unindo numa só -, Chauí (1980, p. 90-91) acresce outra, que também tem trabalhado na manutenção das relações de dominação no seio da sociedade de mercado: a *ideologia*.

A divisão social do trabalho, ao separar os homens em proprietários e não proprietários, dá aos primeiros poder sobre os segundos. Estes são explorados economicamente e dominados politicamente. Estamos diante de classes sociais e da dominação de uma classe por outra. Ora, a **classe que explora economicamente só poderá manter seus privilégios se dominar politicamente e, portanto, se dispuser de instrumentos para essa dominação. Esses instrumentos são dois: o Estado e a ideologia** (grifo nosso).

⁴ De acordo com Antonine Jeammaud (apud MELO, 2013, p. 34), “a sociedade capitalista é essencialmente jurídica, ou seja, o direito aparece como mediação específica e necessária das relações de produção que a caracterizam”.

Por meio do Estado, a classe dominante constroi um aparelho de coerção e repressão social que lhe possibilita ter o poder sobre toda a sociedade, submetendo-a às regras *políticas* – caráter que pode ser atribuído às regras *jurídicas*. Nesse sentido, continua Chauí (1980, p. 90-91):

O grande instrumento do Estado é o Direito, isto é, o estabelecimento das leis que regulam as relações sociais em proveito dos dominantes. Através do Direito, o Estado aparece como legal, ou seja, como “Estado de Direito”. **O papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta, deve ser aceita.** A lei é direito para o dominante e dever para o dominado. Ora, se o Estado e o Direito fossem percebidos nessa sua realidade real, isto é, como instrumentos para o exercício consentido da violência, evidentemente ambos não seriam respeitados e os dominados se revoltariam. (grifos nossos)

E aí entra a ideologia, com sua feição “jurídica e estatal”:

A função da ideologia consiste em impedir essa revolta fazendo com que o legal apareça para os homens como legítimo, isto é, como justo e bom. Assim, a ideologia substitui a realidade do Estado pela idéia do Estado – ou seja, a dominação de uma classe é substituída pela idéia de interesse geral encarnado pelo Estado. E substitui a realidade do Direito pela idéia do Direito – ou seja, a dominação de uma classe por meio das leis é substituída pela representação ou idéias dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas para todos (CHAUÍ, 1980, p. 90-91).

A relação confusa entre a tríade - Estado, Direito e ideologia – faz com que o ideal de “justiça” a ser assegurado pelo Direito estatal seja a “justiça da lei”, uma vez que esta é criada de acordo com os procedimentos corretos, prefixados segundo um ceremonial reconhecido por todos, sem distinção. Assim, “ninguém se sente dirigido senão por uma *ratio* governativa e administrativa, que se traduz por comandos impessoais dotados de uma lógica imperativa racionalmente incontestável” (ALVES, A. C., 1987, p. 303).

Tal lógica imperativa é, em grande medida, produzida pelo discurso jurídico que, com seu apelo à científicidade e, mais ainda, a uma “justiça intrínseca ao texto normativo”, fragmenta e individualiza conflitos que são, no fundo, sociais. À medida que os fatos vão sendo “ouvidos” por ouvidos juridicamente “surdos”, enxergados pela ótica viciada das categorias jurídicas, e, por

consequência, interpretados conforme dogmas consagrados onde estão inculcadas as ideologias dominantes, o Direito “tampa” a problemática real em que eles se inserem, tratando-os fragmentadamente. Assim, ao menos de modo provisório, “evita-se que se revelem as dimensões sociais dos conflitos, para impedir um avanço que inviabilize o sistema como um todo na sua relação com a sociedade” (MELO, 2013, p. 33).

A maioria das pessoas acredita, piamente e sem questionamento, nos *dogmas* aos quais se aludiu, onde “moram” as ideologias dominantes. Como exemplo deles: a) existe um legislador racional produzindo um sistema jurídico coerente, preciso, justo etc.; b) o ordenamento jurídico é um sistema lógico fechado em que as decisões corretas só podem ser deduzidas a partir das regras jurídicas pré-determinadas por meio de mecanismos lógicos, e onde não existem contradições, lacunas ou redundâncias; c) a ordem jurídica é finalista, justa e protege indistintamente os interesses de todos os cidadãos, perseguindo o “bem comum”; d) o julgador é axiologicamente neutro enquanto decide, portanto não há arbítrio na aplicação do Direito; e) a análise ou o estudo dos significados dos conceitos jurídicos é um estudo que deve se distinguir das pesquisas históricas, sociológicas e da apreciação crítica do Direito em relação à moral, às suas finalidades sociais, etc.; f) perante a lei, todos são livres e iguais; e g) a justiça se realiza quando se dá a cada um o que é seu (LYRA FILHO, 1982; COSTA, 2001; CUNHA, 1979).

A quem interessam estes dogmas? A quem interessa que o sistema jurídico mantenha-se fechado, coerente e preciso? A quem interessa ser tratado *igualmente* perante as leis? A quem interessa concorrer num *livre mercado*? A quem interessa ser julgado por um juiz *neutro* e *imparcial*? A quem interessa viver sob direitos sociais mais “flexíveis”? Parece óbvio que “àqueles que conseguem contornar os efeitos mais perversos do sistema, isto é, uma parcela mínima (e que diminui assustadoramente) da população mundial” (MELO, 2013, p. 33).

Diante disso, considerando-se a relevância do Direito dentro da sociedade capitalista, a atitude crítica deve se iniciar com a recusa em tomar o Direito pelo que ele diz ser, muito do que está nos dogmas (quase *mantras*) jurídicos que fazem dele uma realização tendencial - sob a forma normativa - de ideais universais e “a-históricos” de justiça. É preciso pôr em xeque tais “dogmas”, aliados das pretensões positivistas de científicidade⁵ e neutralidade⁶. Mas não só isso:

⁵ Nesse sentido, cabe a reflexão de Foucault (1978, p. 19) “O conhecimento esquematiza, ignora as diferenças, assimila as coisas entre si, e isso sem nenhum fundamento de verdade. Devido a isso, o conhecimento é sempre um desconhecimento. Por outro lado, é sempre algo que visa, maldosa, insidiosa e agressivamente, indivíduos, coisas, situações”.

cabe à crítica do direito “a tarefa de afrontar os critérios milenares com que se conforma, em regra, a teoria jurídica, demonstrando como eles são determinados por razões específicas dos momentos em que surgiram e, o que é o principal, qual a exata função na sua aplicação reiterada e irrefletida” (MELO, 2013, p. 34).

Assim como a ideologia em geral está ligada diretamente à atividade material, mas a ela não se reduz, a ideologia jurídica, por mais entrelaçada que esteja com a realidade do Direito, com ele não se confunde completamente. Existe uma relação “fetichizada” entre ideologia e Direito, a exemplo do que Marx identificou na relação entre homens e o produto do seu trabalho: o Direito existe, surte efeitos, implicando-se dialeticamente na concretude das relações sociais, mas é visto como algo ideal, elaborado e imposto pela razão (MELO, 2013). É precisamente o caráter quase unívoco dessas concepções jurídicas que o trabalho da crítica jurídica vai desafiar, buscando revelar em que realmente estão baseadas as relações jurídicas, retirando os “tampões” mistificadores e resistindo às lentes convencionais e míopes de análise do Direito.

Porém, não se tem observado ainda o sucesso pleno das tendências críticas do Direito. A despeito disso, existem destacados juristas progressistas. Como exemplo, Tarso de Melo (2013, p. 38-40) menciona a atuação de um juiz português que se marcou por indeferir liminares em ações de despejo com base no direito à habitação, constitucionalmente consagrado. Porém, o magistrado foi duramente perseguido por setores conservadores, públicos e privados, bem como por instâncias superiores da magistratura, sendo, por fim, punido com sua demissão do “Conselho Superior da Magistratura”.

Para a imensa maioria das pessoas comuns e seu senso também comum - e para a maioria dos juristas -, as decisões do juiz português são *ideológicas*, ou seja, marcadas pela “politização”, o que *não se pode admitir* no Direito, pois representam uma “subversão da ordem”, da neutralidade, da imparcialidade. De outro lado, as decisões tradicionalmente proferidas em casos de despejo, nas quais prevalece o interesse do proprietário sobre o direito à moradia, não são consideradas ideológicas, nem precisam argumentar muito para serem aceitas como *neutras*. Aí, vem o estudo da ideologia jurídica no sentido de desmistificar tal situação, demonstrando por que a decisão do juiz português se mostra como o que ela realmente é – uma *decisão* -, enquanto

⁶ “A neutralidade da ciência, ou a objetividade do conhecimento de objetos sociais, nas sociedades divididas, é uma expressão mitológica articulada por uma perspectiva de classe, integrada à subjetividade do cientista pela ação real da ideologia dominante, e só revelada pela análise crítica das relações necessárias do sujeito do conhecimento, como parte inseparável do objeto histórico que pretende explicar”. (SANTOS, J. C. 1979, p. 25)

a decisão judicial tradicional, exatamente por seu caráter *judicial* e *tradicional*, “tampa” e “amordaça” seu caráter *decisório*, parecendo ser proferida por uma razão *inquestionável*. Enraçado que justamente esta decisão, verdadeiramente reproduutora da ideologia dominante, não é vista como *ideológica*.

Mas frise-se que o Direito não se resume à sua prática ideológica reproduutora do senso comum dominante, ainda que majoritária. Isso porque existem instrumentos jurídicos oficiais para a reivindicação pela transformação social. Além dos instrumentos jurídicos, como se viu, há também juristas – ainda que não muitos – que os utilizam nesse sentido.

Conscientes dos “tampões” ideológicos mistificadores, conscientes de que por trás da “ordem silenciosa” das formulações aparentemente científicas, objetivas e universalizantes, escondem-se interesses *ruidosamente parciais*, os profissionais do Direito conseguirão aproveitar a margem de manobra existente nas formulações jurídicas. A não ser por uma também consciente dedicação à manutenção da ordem (ou uma inconsciente submissão a esta), estes profissionais estarão aptos a exercer uma função relevante no processo de luta social:

A um mismo tiempo, el derecho legitima y constituye tanto a través Del ejercicio legal de la violencia monopolizada por el Estado, como mediante los múltiples mecanismos productores de consenso, sumisión y aceptación.

Quienes manejan ese peculiar saber, quienes conocen de la lógica interna com que el discurso del derecho se organiza y se enuncia, disponen por ello de um poder específico.

Son los magistrados, los abogados, los profesores de derecho, los juristas. Son los modernos “brujos”, en un mundo donde la autoridad y Dios ya no se confunden (RUIZ⁷ apud MELO, 2013, p. 40, grifo nosso).

Há, porém, uma visão mais pessimista quanto à possibilidade de os atuais “profissionais jurídicos” cumprirem tal papel emancipador. O senso comum teórico dos juristas – nome que Luis Alberto Warat dá a este conjunto ideológico de valores jurídicos hegemônicos – tem gerado uma série de efeitos negativos na mentalidade e na prática cotidiana daqueles que lidam cotidianamente com o Direito. O mais central deles, para Warat, é a progressiva *perda de sensibilidade dos profissionais jurídicos*, a partir de uma exaltação desmesurada da razão em

⁷ RUIZ, Alicia E. C. Aspectos ideológicos del discurso jurídico. In: MARÍ, Enrique E. e outros. **Materiales para una teoría crítica del derecho**, p. 173.

detrimento de tudo que representa um olhar sensível sobre os conflitos sociais e seus protagonistas. Isso porque são treinados para compreensão formal das normas, com desprezo à compreensão das dimensões mais humanas e concretas que a luta social envolve. Os juristas formados pelo *Direito de Apolo e Teodoro*, por mais que entendam de norma, acabam não entendendo de gente.

[...] as escolas de direito vêm formando, em sua imensa e preocupante maioria, bacharéis especialistas em papéis, simplesmente adestrados em legislação sem consciência reflexiva, formando sem sensibilidade, para intervir nos conflitos reduzidos a um corpo de papéis tecnicamente chamado litígio. Advogados de papel, promotores de papel, magistrados de papel, operadores de papel, são os especialistas que as faculdades formam sem advertir que os egressos ficam acriticamente debilitados para questionar as condições de um normativismo a serviços das diferentes formas de exclusão e falta de participação sócio-política. As Escolas de Direito, de forma tendencialmente majoritária, formam advogados práticos no exercício de um Direito normativista, especialistas em legislação, mas com insuficiências para ajudar na administração dos conflitos. Além de que nunca preparam os operadores do Direito para que possam ajudar, dentro do conflito, a cumprir uma função pedagógica e que se possa aprender alguma coisa a partir dos propostos conflitos, e muito mais: centrando o direito na vida para melhorar sua qualidade e poder construir o homem na atualidade em permanente trânsito para sua autonomia (WARAT⁸, 2006 apud GONÇALVES, 2007, p. 56).

O *Direito de Apolo e Teodoro* finca raízes na modernidade e está hoje carregado de crenças, estereótipos e idealizações. Quando usados em determinados contextos, que se rodeiam de “definições persuasivas”, eles disfarçam, sob o formato de categorias *objetivas e legitimadas*, práticas de manipulação, criação de consenso e manutenção das relações hegemônicas. Entre os mais recorrentes, os seguintes: lei, liberdade, igualdade, propriedade, justiça, paz social, ordem pública, boa-fé, equidade, segurança, legítima defesa, sujeitos de direito, bem jurídico, dever legal etc. Embora essa lista se restrinja a *palavras e termos* do Direito, os estereótipos não se reduzem aos signos, somente; também “as sentenças, os discursos [...] podem ser objetos de processos de estereotipação” (WARAT, 1995, p.74).

⁸ WARAT, Luis Alberto. **Notas sobre hermenêutica, estética, senso comum teórico e pedagogia jurídica. Um título à moda antiga, sem nenhuma poesia.** 2006b. Texto inédito, a ser publicado pela Fundação Boiteux.

Como já dito, esse fenômeno é denominado por Warat como “senso comum teórico dos juristas”. Essa expressão foi cunhada por ele para se referir ao *magma de conceitos e redes de sentidos que expandem uma força ideológica altamente eficaz, conceitos e abstrações transformados em crenças e ilusões que capturam os juristas e docilizam as suas mentalidades*. Essa força é dotada de grande grau de fascinação, que se aloja nas *capas* (ou “tampões”, ou “mordaças”...) da ideologia, as quais recobrem, por sua vez, o complexo funcionamento das práticas sociais e dos discursos que envolvem o Direito. O senso comum teórico dos juristas vem sustentando as práticas jurídicas desde muito tempo - dos primeiros momentos do Iluminismo até a vida contemporânea (GONÇALVES, 2007, p. 55-56). O resultado disso é um Direito bastante afastado/alienado das relações sociais. Pouco importa aos juristas, inseridos na lógica do senso comum teórico, o *conteúdo* das relações sociais. Lênio Streck (1998, p. 58) exemplifica isso:

[...] os caminhos do sentido comum teórico são labirínticos e sinuosos. O art. 196 da Constituição Federal diz que a saúde é direito de todos e um dever do Estado [...]. Uma criança com Aids precisava de remédio. O advogado ingressou com mandado de segurança e o juiz deferiu. O Estado interpôs recurso para impedir a entrega do remédio, alegando para tanto, *periculum in mora* a favor dele – Estado. O relator da matéria no segundo grau de jurisdição deferiu o pedido do Estado, sustando, *incontenti*, o fornecimento do remédio. Um dos argumentos usados pelo relator, calcados em conhecida doutrina constitucional brasileira, dava conta de que onde o art. 196 da Constituição Federal diz que a saúde é um dever do Estado, não se pode ler obrigação... Ou seja, o problema sub judice, o conflito concreto, foi transfigurado em termos jurídicos e em termos juridicamente decidíveis, é dizer, o Poder Judiciário resolveu o conflito jurídico, mas não o conflito social, mediante artifício do deslocamento ideológico discursivo [...].

Percebe-se que o discurso da razão dogmática predomina na citada decisão. Tal “razão”, ao mesmo tempo em que enfraquece as tensões sociais pela neutralização da pressão exercida pela assimetria na distribuição do poder e dos bens materiais, aproxima-se da razão abstrata, pontuando abstratamente o conflito, fragmentando a luta social a partir de sua definição em termos jurídicos e “juridicamente decidíveis”. Em razão disso, não se discutem, por exemplo, o problema dos direitos humanos, mas sobre e a partir deles (VOESE, 1998, p. 24). Assim, se não pode haver um discurso da revolução, surge outro, sobre a revolução; se não pode haver um discurso da mulher, surge um discurso sobre a mulher, e assim por diante. Os juristas brasileiros,

além de surdos, para Streck (1998, p. 58-59) são também *castrados*, não se dando conta do *fumus* ideológico que, inexoravelmente, está por detrás de cada interpretação da lei, de cada sentença, etc.

A partir disso, no contexto da dogmática jurídica, os fenômenos sociais que chegam ao Direito passam a ser analisados como meras abstrações jurídicas e as pessoas, que são sujeitos sociais e protagonistas dos fatos, se transformam em autor e réu. Ou seja, a luta de classes parece não entrar na grande parte dos fóruns, peças jurídicas, “manuais” etc. graças a essas mordaças (ou tampões?) do “discurso censurado” que a dogmática dominante produz. Ocorre, assim, uma espécie de coisificação das relações de jurídicas ou, ainda, uma catalogação fria, silenciosa e racional de fatos.

O uso do racionalismo pelo discurso jurídico - com destaque para a dogmática - como forma ideológica da razão, não é só um mal das práticas e dos processos de conhecimento do Direito de Apolo e Teodoro: ele está presente em todos os ofícios e saberes, em toda a sociedade. Seus sintomas não se restringem à ideologia jurídica, mas também atingem a *sensibilidade* relativa aos seres humanos e seus vínculos com os outros. Controi-se, assim, o problemático “modo jurídico” de perceber o mundo, numa constante fuga alienante que se manifesta em:

estereótipos, lugares comuns, que aprisionam os juristas em uma forma de pensar e fazer o Direito absolutamente fora da realidade, uma contundente e avassaladora fuga do mundo e de qualquer possibilidade de sentir os homens e seus vínculos. [...] **Os operadores do Direito não revelam nenhuma sensibilidade, ao contrário, as formas dominantes de conceber o Direito conseguem formar operadores sem sensibilidade, corpos sem capacidade de relacionar-se sensivelmente com os outros e com o mundo** (WARAT⁹, 2006 apud GONÇALVES, 2007, p. 57, grifo nosso).

Portanto, o Direito que se consolidou como fruto do capitalismo e da modernidade cristalizou-se sob uma concepção normativista, trazendo para si a reduzida missão de olhar o direito positivo e aplicá-lo. Foram excluídos de seu campo de influência qualquer aporte *interdisciplinar* ou formas não tradicionais e não “científicas” (portanto, não “neutras” e não “universais”) de saber. Descartou-se a possibilidade de se conceber o Direito como integrante do

⁹ WARAT, Luis Alberto. **Notas sobre hermenêutica, estética, senso comum teórico e pedagogia jurídica. Um título à moda antiga, sem nenhuma poesia.** 2006b. Texto inédito, a ser publicado pela Fundação Boiteux.

campo prático - e mesmo temático - dos conflitos sociais, das relações de dominação, da luta pela hegemonia e das formas de alteridade com que é possível construir a emancipação.

Porém, a despeito das perspectivas não tão otimistas, de tantas *mordaças* e *tampões*, deve-se alimentar a esperança. A esperança na recuperação das vozes polifônicas do todo social, há tanto tempo amordaçadas pela ideologia e insensibilidade jurídicas; a esperança de serem destampados os ouvidos do Direito. Para este trabalho, isso é possível por meio da apostila no sensível, na arte, nas leituras não canonizadas do próprio Direito e dos conflitos que o permeiam, para o bem dele e da democratização das relações sociais, considerando-se que:

As deformações ideológicas do direito só podem ser entendidas por estimulantes impactos emocionais. Para transformar o mundo, às vezes basta um poema... Porém, é sempre insuficiente os mil e um desdobramentos analíticos que se possa fazer. O impacto de uma força poética é insubstituível (BERNI, 1998, p. 75).

É nesse sentido que caminharão os próximos passos deste estudo.

2. INTERLÚDIO¹⁰ N° 1: A CRÍTICA JURÍDICO-MUSICAL DO COTIDIANO COMO RESISTÊNCIA E CONTRA-HEGEMONIA

Recapitulando, para avançar: viu-se como o Estado tem, em larga medida, existido para garantir interesses de certos grupos. Mas essa posição de garantidor não só se dá por meio do *monopólio do uso da força*, característica frequentemente atribuída ao poder estatal no ideário jurídico:

Nas condições modernas, argumenta Gramsci, uma classe mantém seu domínio não simplesmente através de uma organização específica da força, mas por ser capaz de ir além de seus interesses corporativos estreitos, exercendo uma liderança moral e intelectual e fazendo concessões, dentro de certos limites (BOTTOMORE¹¹, 2001 apud LACERDA, 2009, p. 56).

Por meio de vários mecanismos, como já se disse, o Estado garante a hegemonia¹² de grupos dominantes. Mas quando a aparente “ordem” se desestabiliza e a ideologia dominante parece não se sustentar, este mesmo Estado responde às contradições e à luta organizada dos oprimidos fazendo algumas *concessões* dentro de sua estrutura que, inserindo nela reivindicações que não são as dos grupos dominantes, reforçam a “legitimidade” deste ente para que continue falando em nome de “toda” a sociedade.

O Direito, em papel estreitamente ligado ao Estado, ocupa lugar central neste mecanismo de dominação: reveste as mais fundamentais relações humanas de uma “forma jurídica”, como garantia de manutenção da ordem e de interesses classisticamente determinados, fazendo com que as conexões interindividuais e entre Estado e indivíduos se dêem de forma pacífica (LACERDA, 2009).

Essa “forma” jurídica tem capacidade de mistificar as contradições existentes nas relações sociais da sociedade burguesa. Escondida pelos “mantos” e “mantras” jurídicos, está uma realidade marcada por relações desiguais, que estruturam determinada conformação

¹⁰ Segundo Houaiss (2009), “interlúdio” é composição instrumental com a função de separar partes musicais, litúrgicas ou cênicas (p.ex., trecho tocado em órgão entre as estrofes de um hino, ou entre as cenas de uma ópera etc.). Em radioteatro, pode designar o intervalo entre duas cenas.

esignar o lapso de tempo que interrompe provisoriamente alguma coisa; *interregno*.

¹¹ BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

¹² Adota-se aqui a acepção gramsciana de hegemonia, ou seja, a direção político-ideológica fundada no consenso (COUTINHO, C. N., 2011, p. 19).

econômica e social em favor de certos grupos e, por consequência, em desfavor de outros. Isso tudo, junto às teorizações acerca da norma jurídica sob os alicerces da dogmática, lança as bases para uma prática ideológica do Direito (além daquela exercida pelo próprio Estado), visando à manutenção do estado de coisas vigente.

Como resistência à hegemonia dominante, a esfera da cultura e da arte se mostram fundamentais. Tais esferas representam uma forma de se adentrar e alargar as fissuras existentes no estado de coisas vigente, aparentemente sólido e onipresente. Mas o processo de superação da hegemonia não é simples ou rápido, tampouco forçoso. Isso porque a manutenção deste estado de coisas também revela uma complexidade de agenciamentos e controles, não só em níveis sociais ampliados, mas também na esfera da vida cotidiana, no nível da existência individual, como releva José Paulo Netto (1996, p. 86-87):

a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e penetra todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que permeia a totalidade da existência dos agentes sociais particulares – é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado, um difuso terrorismo psicossocial se destila por todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instâncias que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de autonomia (a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação de imaginários, a gratuidade do ócio, etc.) convertem-se em limbos programáveis.

Contudo, esse diagnóstico – a administração quase absoluta da existência pela organização capitalista da vida social - não é inexorável¹³. Se assim fosse, reduzir-se-iam as possibilidades de intervenção social ao estancamento, o pensamento e ação humanos à paralisação. Assim, existem interstícios, frestas, onde se pode penetrar.

Como mencionado, a esfera da cultura é de centralismo ímpar quando se fala em *luta* pela hegemonia. Tal *luta* significa também a penetração por entre as aludidas “frestas”. Nesse sentido, aqueles que Gramsci conceitua como “intelectuais” representam os atores fundamentais das batalhas hegemônicas. Para ele, à medida que todos os homens são filósofos por possuírem

¹³ José Paulo Netto (1996, p. 86) afirma que, enquanto o capitalismo não ocupa e invade todos os espaços da existência individual, como ocorre nos períodos de emergência e consolidação do capitalismo (sobretudo nas etapas do capitalismo comercial e industrial-concorrencial), ao indivíduo sempre resta um campo de manobra ou jogo, onde ele pode exercitar minimamente sua autonomia e seu poder de decisão, sendo-lhe acessível um âmbito de retotalização humana que reduz as mutilações da divisão social do trabalho e do automatismo que ela impõe e exige.

uma concepção do mundo que se expressa na linguagem, todos também são intelectuais. Porém, nem todos exercem na vida social a função exercida pelos intelectuais propriamente ditos (COUTINHO, 2011, p. 29).

Gramsci considera *intelectuais* todos aqueles que contribuem para educar, organizar, criando ou consolidando relações de hegemonia, e diferencia os “intelectuais orgânicos”, dos “intelectuais tradicionais”. Os primeiros são diretamente gerados por uma classe e servem para lhe dar consciência e promover sua hegemonia; os segundos se vinculam a instituições que o capitalismo herdou de formações sociais anteriores (como as Igrejas e o sistema escolar). Para Gramsci, a classe que busca a hegemonia não deve apenas criar seus próprios intelectuais orgânicos, mas também assimilar os tradicionais (COUTINHO, 2011, p. 30).

A importância do intelectual orgânico na esfera da cultura é o direcionamento da singularidade individual na construção de uma consciência de classe, ou porque não dizer, humano-genérica: é a passagem do *homem inteiro* para o *inteiramente homem*. E tal passagem é possível, segundo Lukács¹⁴ e Heller¹⁵ (apud NETTO, 1996), por meio da superação da *vida cotidiana*. A forma que essa superação assume é algo de vital importância para se entender o papel da *arte* neste processo.

A vida cotidiana não pode ser cancelada por nenhuma existência individual, impondo aos indivíduos um padrão de comportamento que apresenta modos típicos de realização, assentados em características específicas, que se vislumbram em um pensamento e prática peculiares. Tais pensamento e prática se expressam num *materialismo espontâneo* e num tendencial *pragmatismo*: mesmo o mais ensimesmado dos seres, ao atravessar uma avenida, aperta o passo para escapar de um veículo, sem questionar a natureza da sua representação mental (NETTO, 1996, p. 68). É essa mesma dinâmica que demanda dos indivíduos respostas funcionais às situações, que não exigem seu conhecimento interno, mas apenas a manipulação de meios para se atingir resultados eficazes: no plano da vida cotidiana, o critério da utilidade confunde-se com o da verdade (NETTO, 1996).

Assim também, estas reflexões servem muito bem ao Direito quando se observa o cotidiano jurídico: os já alcunhados “operadores” do Direito frequentemente se valem de fórmulas, ritos, modelos, expressões prontas... enfim, se valem de nada ou quase nada que seja

¹⁴ LUKÁCS, George. **Ontologia do ser social, I e II** (A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel; Os princípios ontológicos fundamentais de Marx). São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

¹⁵ HELLER, Agnes. **Sociologia della vita quotidiana**. Roma: Riuniti, 1975.

concretamente refletido, a fim de simplesmente aplicarem as funcionalidades bastante úteis (normas positivadas e entendimentos já “assentados”) à realidade, sem questionar a natureza de tais representações. “Juridicamente”, também a utilidade se confunde com a verdade: veja-se a tão famosa “verdade formal”, que existe justamente para tornar as coisas mais úteis, fáceis, certas e práticas.

O indivíduo, submerso nessa cotidianidade de funcionalidades, só consegue se perceber como ser de modo singular, sendo sua dimensão genérica subsumida pela vida cotidiana¹⁶. Nessa situação, o homem atua como uma unidade, como ser singular, empregando todas as suas forças, mas não *toda sua força* numa objetivação duradoura (menos instrumental e imediata). É só quando transcende essa singularidade que se torna portador da consciência humano-genérica e supera a vida cotidiana.

Lukács¹⁷ (apud NETTO, 1996, p. 69) diz que o trabalho¹⁸ criador e a arte são formas privilegiadas de superação da cotidianidade. Ocorre que superação não “corta”, simplesmente, a vida cotidiana – pois esta é impossível de se interromper ou eliminar -, mas provoca sua *suspensão*. Falar em suspensão é precisamente a tentativa de compreender esse processo dialético de tensões, esse circuito de transcendência e retorno à cotidianidade, sendo que

[...] ao efetuar esse retorno, o indivíduo enquanto tal comporta-se cotidianamente com mais eficácia e, ao mesmo tempo, percebe a cotidianidade diferencialmente: pode concebê-la como espaço compulsório de humanização (de enriquecimento e ampliação do ser social). Está contida aqui, nitidamente, uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade após uma suspensão (seja criativa, seja fruidora) supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, *educado* (justamente porque se alçou à consciência humano-genérica); a vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado (NETTO, 1996, p. 70-71, grifo do autor).

O potencial da esfera da cultura como esfera capaz de suspender o cotidiano de modo transformador, bem como de operar resistência face à hegemonia dominante é importante para que entendamos o samba e o *rap* portadores deste potencial. É claro que este espaço – a cultura -

¹⁶ Segundo Netto (1996, p. 68), a vida cotidiana não equivale à vida privada, mas à vida equacionada a partir da perspectiva estrita da singularidade.

¹⁷ LUKÁCS, George. **Estética**, v. I: “La peculiaridade de lo estético. 1. Cuestiones preliminares y de principio.”. Barcelona: Grijalbo, 1966.

¹⁸ E aqui se trata do trabalho como objetivação não-alienada (NETTO, 1996, p. 69).

também pode ser alvo da hegemonização forçada dos modos de pensar e ver o mundo, especialmente por meio da transformação de sua produção e reprodução a partir do que se chama de “indústria cultural”. Em muitos casos, a cultura pode ser assimilada e transformada de acordo com os valores dominantes, perdendo seu potencial de resistência, sendo que somente na periferia do sistema, nos espaços “subterrâneos” é que, em geral, subsiste uma cultura diferente da hegemônica¹⁹:

[...] la industria cultural está produciendo, con el tiempo, con el olvido, con el agotamiento y la destrucción de todos los demás modos de producción simbólica, el riesgo apuntado por Calvino de ‘reducir toda comunicación a una corteza uniforme y homogénea’, o sea, a la autoreproducción del capital mediático ficticio [...]. Es solo de la periferia del sistema, o en los subterráneos – menos directamente subordinados al automatismo de la economía, y por tanto menos autómatas – donde subsisten, quiero creerlo así, esfuerzos de producción y acumulación de valor simbólico relativamente autónomos, sean ligados a tradiciones trasformadoras o a tradiciones de raíz, es solo desde allí que se puede esperar acciones de contraataque... (SCHNEIDER²⁰, 2005 apud LACERDA, 2009, p. 73).

A despeito disso, acreditamos sem ilusões que a cultura dita “popular”²¹ não é totalmente imune à assimilação, interiorização e reprodução da cultura dominante, uma vez que não está colocada *ao lado ou ao fundo* da dita cultura “dominante”. Não é algo “natural” e “intrínseco” aos meios subalternos e populares de produção da cultura ser uma forma de resistência e oposição ao hegemônico. O que se deve perceber é que a disputa pela hegemonia implica ter em conta também a possibilidade de o popular se apropriar de conceitos e modelos dominantes veiculados pela *indústria cultural* (que, de certa forma, revela a força do capitalismo levada à cultura), de modo emancipador ou não. Dessa forma, ressignifica-os, sem que com isso perca seu caráter “popular” e seu potencial contra-hegemônico, que podem continuar a existir, ainda que no seio de uma contradição.

¹⁹Mas, a despeito desta posição, há quem afirme a possibilidade de veiculação de valores contra-hegemônicos mesmo dentro da chamada “indústria cultural” (DOWNING; BARBERO apud LACERDA, 2009, p. 73).

²⁰SCHNEIDER, Marco. La sociogénesis del capital mediático a través de la música. In: ARBOLEYA, Jesús et alii. **Pensar a Contracorriente – I.** Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2005

²¹Assume-se, com essa denominação, que a existência de algo “não-popular” diferencia formas de manifestação cultural numa mesma sociedade

Pode-se afirmar, após alguns esforços teóricos, que a suspensão crítica da cotidianidade por meio da arte e a superação da singularidade em direção a uma consciência humano-genérica se aproximam bastante do papel do intelectual orgânico²² na tomada de consciência de uma classe como sujeito na história.

Nesse sentido, os *rappers* têm escrito seu nome não só na história intelectual da cultura e da política negras, mas também de diversas classes marginalizadas, sendo considerados intelectuais orgânicos por diversos autores, no sentido gramsciano (DECKER, 1993; GILROY, 2001; PINHO, 2001; ROCHA, 2011). Isso porque não só atuam contribuindo para manter ou modificar uma concepção do mundo (GRAMSCI, 1982, p. 8), atividade típica do intelectual, mas expõem e atualizam os conflitos raciais e de classe, dotando de consciência e identidade determinados grupos. Para Decker²³ (1993 apud PINHO, 2001, p. 81) os *rappers* são intelectuais orgânicos na medida em que produzem uma crítica da realidade social a partir da experiência ordinária da comunidade da qual surgiram e à qual se vinculam.

Quando se trata dos Racionais MCs, não é difícil visualizar a resistência e contra-hegemonia operando em seu discurso: vê-se um discurso crítico, articulado a partir da experiência de pertencimento e engajamento de seus membros no ambiente social, econômico e cultural da comunidade e da classe que são representadas em suas músicas. Mas é preciso ressaltar que essa classe e comunidade representadas, ou mais amplamente, esse “povo” marginalizado que os Racionais descrevem em suas letras como sendo o seu, é identificado com grupos oprimidos que não se impõem, a princípio, como sujeitos universais de uma emancipação abstrata e ideal. Ao contrário, este “povo” é representado como engajado em processos *concretos* de resistência, afirmação cultural e libertação econômica e social.

²² Uma ponderação importante deve ser feita a partir do seguinte questionamento: por que não são ressaltados neste trabalho intelectuais orgânicos mais “evidentes”, como um grande líder político-partidário, ou um grande ativista de algum movimento social? Não que não tenham sido expoentes no decorrer da história recente do Brasil, mas existe uma grande e talvez ignorada relevância no papel da cultura e da atividade simbólico-artística no contexto de submersão das democracias latino-americanas (onde se inclui a brasileira) nas últimas décadas, na medida em que foram bloqueados os canais tradicionais de contestação pelas sucessivas ditaduras e semiditaduras. Os regimes ditoriais representaram um fator fundamental para o avanço das políticas “desenvolvimentistas” no Brasil e se revelaram, além de extremamente excludentes, muito eficientes para a desestruturação dos padrões tradicionais de sobrevivência material e simbólica dos povos subalternizados nesse processo. Explica-se, também, a aparente “passividade” do brasileiro, injustamente propagada no senso comum, pois não é verdadeira e desconsidera as peculiaridades de nossa realidade histórica. As formas artísticas que privilegiaram os testemunhos (como o *rap*) e o riso perante a miséria (como o estilo “sambandido” de Bezerra) têm, há um bom tempo, sido eficazes mecanismos vocalizadores do dissenso e da resistência contra-hegemônica no interior da linguagem, revoltando-se de uma forma “atípica” contra a violência social, miséria, desigualdades, dentre outras mazelas que afetam nosso país.

²³ DECKER, Jeffrey Louis. The State of Rap: Time and Place in Hip Hop Nationalism. *Social Text*, n. 34, p. 53-84, 1993.

Assim como o *rap*, o samba, suas letras e sua festa também podem se constituir como práticas contra-hegemônicas, seja enquanto veículo de possibilidade de um modo de ser alternativo da população negra e marginalizada, seja como protovisão de mundo das classes subalternas (LACERDA, 2009, p. 77). Mas deve-se ter em conta, nesta análise, que às vezes não é tão claro, certo e linear o processo de elaboração da cultura e consciência críticas, especialmente dentro da cotidianidade das classes marginalizadas:

Um erro muito difundido consiste em pensar que toda camada social elabora sua consciência e sua cultura do mesmo modo, com os mesmos métodos, isto é, com os métodos dos intelectuais profissionais. [...] É pueril pensar que um ‘conceito claro’, difundido de modo oportuno, insira-se nas diversas consciências com os mesmos efeitos ‘organizadores’ de clareza divulgada: este é um erro “iluminista” (GRAMSCI, 1982, p. 173).

Quando as contradições e críticas da sociedade se apresentam nessas manifestações culturais de traço notadamente popular que são o samba e o *rap*, podem-se identificar a potencialidade contestadora/transformadora/emancipadora da cultura das classes subalternas. Ou seja, valendo-se dos aportes gramscianos, podemos compreender o samba e o *rap*, quando direcionados a essa crítica e à exposição dessas contradições, como arte engajada; o sambista e o *rappert*, como intelectuais orgânicos:

O compositor popular [...] trabalha a produção e manipulação de representações que se confrontam, portanto, questionam o discurso produzido tanto pelos órgãos oficiais do Estado, quanto aquele produzido pelas diversas instituições educacionais, jurídicas e políticas que formam a malha da estrutura disciplinar da sociedade. [...] é possível considerar o compositor popular e sua produção artística, respectivamente, como intelectual orgânico e arte engajada, relativa à sua condição de classe. Nesse sentido, a ideologia e o sistema de valores de uma dada realidade social devem embasar os estudos que envolvem as questões culturais, pois eles impregnam, penetram, socializam e integram um sistema social (PENHA²⁴, 2003 apud LACERDA, 2009, p. 78).

²⁴ PENHA, Luiz Alberto da. **Samba e Memória Malandra**: Discurso e Representações de um sambista chamado Wilson Batista. 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ): Rio de Janeiro, 2003.

Bezerra da Silva, além de se inserir na tradição temática do samba, gênero que possui relação histórica com práticas contra-hegemônicas, possui um *modus operandi* peculiar na composição de sua obra – buscava compositores desconhecidos nas favelas e subúrbios dos centros urbanos, em especial da capital carioca, e gravava suas músicas. Isso deu ao artista uma característica bastante especial: de organizador da cultura popular.

Muitos autores já apontaram, também, especialmente no samba (por suas raízes bastante verde-amareladas, em contraste com o *rap*, que tem origem norteamericana) o caráter de *nacional-popular* (outro conceito gramsciano), que só pode ser compreendido a partir do agente que o promove, e se dá na medida em que o indivíduo suspende a sua própria individualidade e se conecta com uma produção de sentido coletiva, nacional (LACERDA, 2009):

Devido à sua íntima união com a vida das classes subalternas da população, vale dizer, ao seu caráter nacional-popular, a música popular aparece, objetivamente, como oposição democrática, no campo da cultura, às várias configurações concretas assumidas pela ideologia do ‘prussianismo’ ao longo da evolução brasileira. (COUTINHO, E. G., 1994, p. 75)

Como prova disso, mais do que representar as vozes negras no Brasil, o samba (e aqui pode também ser incluído o *rap*) alargou sua representatividade para outros setores. Suas temáticas acabaram por transcender a visão de mundo negra-proletária, em direção ao conjunto maior das camadas subalternas. Assim, podem ser considerados – samba e *rap* brasileiro - como elementos de uma hegemonia nacional-popular. A respeito do samba, Penha afirma:

O samba ajudou a negociar a condição de um segmento da população a tornar possível o pulsar de uma cultura. Pulsando e reinventando as relações sociais, o samba e sua festa transformaram-se em símbolo e porta-vozes de diversas vozes coletivas ou individuais. A arma para a consolidação deste modelo foi a articulação entre a sensibilidade, a inteligência, a estratégia, a síncopa e a astúcia – todos componentes da malandragem. O encontro com a malandragem floresceu em letras, poemas e narrativas. O samba narra esta memória em diversos ritmos e leturas. [...] ao integrar e/ou transgredir, o malandro subverte. (PENHA²⁵, 2003 apud LACERDA, 2009, p. 81)

²⁵ PENHA, Luiz Alberto da. **Samba e Memória Malandra**: Discurso e Representações de um sambista chamado Wilson Batista. 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ): Rio de Janeiro, 2003.

A figura do malandro conforma a identidade-síntese do samba. Reforçando ou ameaçando esta representatividade, a perseguição de tal figura, a partir do desenvolvimento industrial e da produção de uma ideia hegemônica da dignificação do trabalho durante a ditadura Vargas, fez com que a força da malandragem (que acaba se confundindo com a força do samba) buscassem justamente nas brechas e interstícios do discurso dominante o espaço de sua resistência, driblando os meios de repressão dos órgãos oficiais. E o instrumento usado para isso foi o humor, a ironia, presente na grande maioria os sambas, mesmo naqueles que fogem à temática malandra. É o riso invertendo a hierarquia e o poder (LACERDA, 2009, p. 81-82).

Tal inversão de hierarquia se nota claramente numa temática que é abordada tanto pelo samba como pelo *rap*: a do bandido social. Nesta figura, observa-se nitidamente a lógica de resistência e contra-hegemonia. A sociedade, que em origem o vitimou, passa à condição de vítima de sua conduta.

O bandido social é um vingador generalizado ou categórico, opondo-se à ordem social e procurando devolver-lhe a violência que ela própria, em sua implacável lógica de exploração, comete contra os camponeses e pequenos proprietários, os indivíduos que devem apenas obedecer (DA MATTA²⁶, 1979 apud LACERDA, 2009, p. 82)

Um dos muitos exemplos desta figura nas letras dos Racionais está na música “Tô ouvindo alguém me chamar”, em que se descreve a conduta de “Guina”, personagem real da periferia e típico “bandido social”. Guina manifesta comportamento delitivo numa espécie de retribuição à violência social de que era vítima, usando de sua delinquência especializada (“ladrão, e dos bons”), de seu banditismo, para fazer justiça social: “Tinha um maluco lá na rua de trás/ que tava com moral até demais/ Ladrão, e dos bons/ especialista em invadir mansão/ Comprava brinquedo a revirada/ chamava a molecada e distribuía” (RACIONAIS MCs, 1997).

Em Bezerra da Silva, também é notável a figura daquele que retribui violentamente à sociedade a violência social de que é vítima. Para o artista, este bandido “jamais será marginal”, ainda que seja traficante ou ladrão, na medida em que se inclina “em prol da comunidade”. Portanto, faz um apelo ao magistrado que o julgará:

²⁶ DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Ah! Meu bom juiz, meu bom juiz
Não bata este martelo e nem dê a sentença
Antes de ouvir o que meu samba diz
Pois este homem não é tão ruim quanto o senhor pensa
Vou provar que lá no morro ele é rei
Coroado pela gente²⁷
(SEM BRAÇO; MERITI, 1986)

Com este sucinto exemplo de contrapontos em relação a um discurso dominante e oficial (especialmente em sentido jurídico), ao se desestabilizarem noções *tradicionalis* de justiça, delinquente e vítima, parecem se confirmar nestas manifestações e práticas culturais - samba e *rap* - possibilidades de suspensão da cotidianidade pelo discurso crítico. A tomada de consciência humano-genérica por determinados sujeitos faz com que possam se situar na história enquanto grupo marginalizado, sendo os veiculadores desta realidade, verdadeiros organizadores da cultura popular, e, neste sentido, intelectuais orgânicos.

Toda essa realidade *musicada* e, portanto, colocada em *discurso*, pode dizer muito sobre o Direito, perpassando diversas temáticas afins e colocando em pauta as disputas que envolvem seu discurso e assim também, sua prática.

²⁷ Fragmento do samba “Meu Bom Juiz”.

3. SEGUNDO ATO: AS (OUTRAS) VOZES

O Direito está surdo. O *rap* é uma das vozes. O samba é outra. Ouve, Direito! Como este trabalho pretende realizar leituras e reflexões a partir do *rap* e do samba, extraindo representações simbólicas afins ao Direito, cabe nesta segunda parte contextualizar o movimento social em que se insere o gênero musical *rap* (sobre o qual este trabalho se propôs a se debruçar mais intensamente): o *hip hop*. Serão destacadas, logo após, as peculiaridades brasileiras do movimento e, por consequência do *rap* nacional, que serão importantes para uma compreensão mais completa das letras, no momento de sua análise. Em seguida, partiremos ao samba, gênero também eleito para este estudo. Após, delinearemos especificamente as identidades das “vozes” que proferem os “gritos” que serão por nós analisados: o grupo Racionais MCs e Bezerra da Silva. Por fim, chegaremos à análise.

3.1 Alguma história: o Movimento *Hip Hop*

Hip e *hop* significam, respectivamente, “quadris” e “salto”, ou seja, pela tradução do inglês, designam o movimento de saltar movimentando os quadris. Foi cunhado pelo DJ Lovebug Starski e popularizado, em 1968, pelo DJ Afrika Bambaataa, que o utilizou para dar nome aos encontros de dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres de cerimônia) nas festas de rua do bairro do Bronx, em Nova Iorque.

Historicamente, o movimento *hip hop* se liga ao fortalecimento das lutas por direitos e conquistas políticas dos negros norteamericanos. Nascendo nos tumultuados anos 60, nos Estados Unidos, o movimento acompanha o assassinato de dois dos principais líderes da luta negra naquele país: Malcolm X, em 1964, e Martin Luther King, em 1968. A repressão a este conjunto amplo de lutas, situado num quadro geral de contestação social, foi determinante para que as estratégias de combate se intensificassem em formas mais agressivas, a exemplo da organização dos *Black Panthers*, os “Panteras Negras” (MOREIRA, 2009, p. 14).

Cada vez mais, as ruas do bairro Bronx passaram a ser usadas por jovens negros com propósitos maiores que apenas a diversão, pois a *street* virou símbolo de cultura, protesto e reivindicações. O que antes era tido como pejorativo e negativo passou a ser visto de maneira

positiva. O *hip hop* representa, verdadeiramente, uma cultura que partiu das ruas e ganhou o mundo (MOREIRA, 2009).

O período histórico de surgimento do *hip hop* nos Estados Unidos marcou-se por uma intensa segregação territorial, cultural e social dos negros e minorias, que viviam em constante confronto com os aparatos estatais. As escolas eram separadas entre “escolas para brancos” e “escolas para pessoas de cor”; os lugares públicos, como ônibus, tinham lugares reservados para brancos e negros, dentre outros aspectos do segregacionismo (OLIVEIRA, A.P.C, 2007, p. 28).

No fim da década de 60, parcelas da sociedade novaiorquina marginalizada se organizaram com o propósito de fazer valer suas propostas de inclusão e igualdade social/racial, sendo construído em torno disso o movimento *hip hop*, que fazia as pessoas do gueto²⁸ dançarem músicas de autoria própria - os *raps* - com letras de elevado teor político-social, base musical dançante e rimas faladas.

O movimento ou cultura *hip hop* se constituiu em torno de quatro elementos: o grafite, o *break*, o *rap* e o DJ, agregando música (por meio do *rap*, com seus MCs e DJs), dança (*break*) e artes plásticas (grafite). De acordo com Mariaca²⁹ (2005 apud VIDON, 2005), o *break* representa o corpo por meio da dança; o MC (Mestre de Cerimônia), a consciência, o cérebro do *hip hop*; o DJ (Disc Jockey) é a essência, a alma *hip hop*; e o grafite é a expressão da arte. Tais elementos foram surgindo e se articulando à medida que houve incorporação e associação entre dança, conscientização, postura política, arte e técnica. Passemos brevemente por cada um deles.

O *break* (“quebra”, em inglês) é uma dança de origem porto-riquenha e se caracteriza por movimentos contorcidos, bruscos, acrobacias que variam de piruetas a rodopios no chão em diversas posições, podendo lembrar os movimentos de um robô. Foi criada para simbolizar, em seus passos, a inconformidade com as situações degradantes e opressoras de vida, em geral. Nos primórdios de sua criação, especificamente, buscou-se retratar a insatisfação com a política e a guerra do Vietnã. Cada movimento do *break*, composto por passos quebrados e marcados, registra com o corpo “retratos da guerra e do sofrimento, dos feridos em combate na guerra do Vietnã, corpos mutilados, braços e pernas amputadas” (OLIVEIRA, A. P. C., 2007, p. 29). Um

²⁸“Gueto (do italiano *ghetto*) é um bairro ou região de uma cidade onde vivem os membros de uma etnia ou qualquer outro grupo minoritário, frequentemente devido a injunções, pressões ou circunstâncias econômicas ou sociais. Por extensão, designa todo estilo de vida ou tipo de existência resultante de tratamento discriminatório”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gueto>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

²⁹ MARIACA, Regina. Decifrando esse planeta hip hop. **Revista planeta hip hop collection**. São Paulo, nº 1/2005.

dos passos mais expressivos da dança é aquele em que cabeça rodopia no chão, imitando as hélices dos helicópteros e aviões que partiam para os combates durante a guerra.

As ruas marcadas pela violência urbana na década de 60 e 70 nos Estados Unidos passavam, então, a sediar “disputas” de *break* e *rap* que, além de formas de protesto político, construíam identidades raciais e de bairro. Assim, é importante refletir sobre os impactos do movimento na diminuição da criminalidade dos guetos nesta época, como afirma Andrade (1996, p. 114-115): “a disputa entre gangues (competitividade), que trocavam as barbáries da criminalidade pela competição na dança”. Destaque-se que as características de confronto e competição do *hip hop*, aparentemente questionáveis, reforçam a idéia de resistência “como a preparação para um mundo hostil que nega e denigre os jovens de cor” (ROSE³⁰, 1997 apud SILVA, V. G. B., 2003, p. 18).

O *break*, assim, representa um conjunto bastante amplo de significados (QUEIROZ³¹, 2005 apud MOREIRA 2009, p. 15), por meio do qual se transparece uma atitude responsável de indignação diante de um leque de situações opressoras que vitimizam os mais diversos grupos sociais:

quebra, mescla de mímica, expressão corporal e dança de rua desenvolvida por jovens porto-riquenhos de periferia em protesto contra a guerra do Vietnã, para a qual eram recrutados principalmente os afrodescendentes, os hispânicos e os brancos pobres. Os passos da dança e o gestual elaborado por esses *break-boys* e *break-girls* dispunham o corpo como suporte sínico cuja movimentação buscava levantar questões relativas à situação dos mutilados de guerra, na tentativa de através da expressão artística, denunciar a estupidez do conflito, a alienação, a insensibilidade e a robotização da sociedade como um todo.

O **grafite**, com origem etimológica italiana na palavra *graffiti*, plural de *graffito*, significa “marca ou inscrição feita em um muro”, e é o nome dado às inscrições feitas em paredes desde o Império Romano. Trata-se de um movimento organizado nas artes plásticas, em que o artista aproveita os espaços públicos e cria uma linguagem intencional para interferir na cidade.

³⁰ ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In Herschmann, Micael (Org.). **Abalando os anos 90**: funk, hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 190-213.

³¹ QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra. In: DUARTE, Zileide (org.). **Áfricas de África**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras/UFPE, 2005. p. 9-40.

Surgiu na Jamaica nos anos 70, mas apareceu apenas no fim da década em Nova Iorque, nos bairros negros e pobres.

Arthur Lara (1996, p. 63) afirma que “o ato da inscrição anônima é tão antigo quanto a descoberta do fogo pelo homem”. E é mesmo. O que seriam aquelas pinturas que os homens pré-históricos costumavam fazer nas paredes de suas moradas senão grafites? O que mudou foi apenas o “sentido das inscrições”. Porém, segundo Pimentel (1997, p. 39), talvez esse sentido não tenha mudado tanto:

Nas ruínas da cidade romana de Pompéia, descobertas em nosso século após ficarem soterradas por quase dois mil anos pelas cinzas petrificadas do vulcão Vesúvio, na Itália, os cientistas encontraram pichações comentando fraudes em eleições, xingando políticos...

À época do surgimento do grafite como elemento do *hip hop*, muitos trens grafitados passaram a atravessar regiões centrais das cidades. O que os grafiteiros realmente queriam era que fossem vistos e considerados, pelo maior número de pessoas possível, não só como artistas, mas principalmente como indivíduos com voz e vez em meio ao confinamento em que se encontravam, em função de um sistema excludente que discriminava e expurgava esse segmento da sociedade (MOREIRA, 2009). Como protesto, jovens pertencentes a guetos de negros e imigrantes novaiorquinos preenchiam os espaços da cidade com este desenho característico – o grafite - que estampava a imagem destes grupos.

Assim como o *break*, o grafite estabelece uma ligação forte entre o individual e o coletivo, dialogando com o espaço urbano de forma interventiva por meio da arte, fora dos meios consagrados e tradicionais em que ela costuma circular e ser produzida. Note-se como na imagem abaixo se demarca a distância entre a arte tradicional (e o grupo social que ela representa) e o grafite (e o grupo social que ele representa) pelo uso dos possessivos nas expressões “nuestra cultura” e “sus museos”, sendo esta última colocada como insuficiente para fazer caber em museus fechados toda a vastidão da cultura que é pertencente à rua e forjada nela, por um grupo de pessoas de origem diferente dos “donos dos museus”.



Figura 1. Foto de grafite em muro de rua não identificada.

O **RAP** é uma sigla que abrevia as palavras *rythym and poetry* (ritmo e poesia). Seu canto falado é proferido com muita liberdade métrica, rítmica, dando ao MC (*rapper*) uma marcante expressividade. Alguns autores também destrincham essa sigla como “ritmo e política”, dados os contornos e conteúdos de politização que a fala do *rap* sempre fez questão de assumir.

Tem raízes na tradição africana poética dos *griots*³², contadores de histórias transmitidas de geração em geração em desafios de rima. O *rapper* seria, então, uma espécie de *griot*. A tradição dos *griots* foi recuperada nos anos 70 e posta a serviço da luta política dos negros, que recitavam poemas sobre bases percussivas, fazendo surgir os MCs (mestres de cerimônia). Hoje, o MC é quem canta/recita sobre as bases eletrônicas criadas pelo DJ (disc jockey), que é quem comanda a *pick-up* (um toca-discos duplo) e cria as batidas. O *rap* soma estes dois elementos (MC e DJ), e representa a parte musical do *hip hop*, sendo talvez por isso, a mais expressiva, pois a música traz a expressão popular na forma falada, mais direta e acessível, transmitindo mais facilmente indignações, revoltas, pensamentos e desejos. O *rapper* ou MC é quem produz e profere o *rap*.

A prática do *griot* foi, inicialmente com o tráfico de escravos e depois por meio da imigração, mantida com os *prayers* (pastores negros) e com a poética de rua. Num cenário de luta pelos direitos civis dos negros norteamericanos, nos anos 1960, o *griot*, ainda que ressignificado

³² “A referência aos *griots* remete para práticas comuns ao nordeste da África (Gana, Mali) em que uma casta de músicos se responsabiliza pela narrativa da história da sociedade, apoiados normalmente em um instrumento melódico, o *kora*. Mas, a prática de se narrar a história via oralidade a partir de contos e mitos é algo mais universal na África [...]” (SILVA, J. C. G., 1998, p. 37).

pela figura do *rapper*, teve suas bases preservadas, pois, por meio da oralidade, o *rapper* relatava os momentos difíceis pelos quais passavam os afroamericanos. Assim, promoveram: “a crítica à ordem social, ao racismo, à história oficial e à alienação produzida pela mídia. Construíram mecanismos culturais de intervenção por meio de práticas discursivas musicais e estéticas que valorizaram o “autoconhecimento”. (SILVA, J. C. G³³, 1999 apud MOREIRA, 2009, p. 18)

Interessante notar que o *rap* “bebe” não só da fonte africana, mas também é um desdobramento natural da tradição nativa das Américas, desenvolvida muito antes da colonização europeia, a exemplo dos *areístos*, narrativas orais de povos originais nas áreas atuais de Porto Rico e Cuba, bem como da poesia performatizada em recitação, música e dança cultivada pelos povos maias e astecas (QUEIROZ³⁴ apud MOREIRA, 2009, p. 18-19).

O *rap*, portanto, num sincretismo ressignificado de tradições, representou parte de um movimento inserido no contexto social e histórico da década de 1960 nos Estados Unidos, e tem como marca direta a linguagem das ruas, mas não qualquer rua: os guetos habitados, sobretudo, por negros e pobres alijados de muitos dos seus direitos como cidadãos.

Os *rappers*, então, serviram como porta-vozes desses habitantes dos guetos novaiorquinos, mas sua expressão só poderia ocorrer na linguagem própria dos residentes desses locais. Essa linguagem deveria ser apropriada ao contexto em que se dava a interação *rappers*-comunidade. Segundo com José Carlos Gomes da Silva (1998, p. 218), “o *rap* reafirma visões de mundo, posições políticas, dentro das quais os indivíduos desenvolvem suas *práxis*”. Assim, o lugar discursivo do *rap* - a periferia -, ganha voz e vez à medida que é propagada sua ótica peculiar, por meio de uma linguagem também peculiar.

Na própria musicalidade (considerando-se voz e som) do *rap*, está o desejo de mudança como significado latente na música cheia de batidas, rupturas rítmicas constantes. É o que afirma Rose³⁵ (apud SILVA, V. G. B., 2003, p. 20-21): que a música e a vocalidade no *rap* “privilegiam o fluxo, a fluidez e as rupturas sucessivas”, podendo-se dizer

³³ SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e Educação: A Experiência do Movimento Hip Hop Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999, p. 23-38.

³⁴ QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra. In: DUARTE, Zileide (org.). **Áfricas de África**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras/UFPE, p. 9-40, 2005.

³⁵ ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In Herschmann, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk, hip hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 190-213, 1997.

que eles criam e sustentam um movimento rítmico de continuidade e circulação através do fluxo; que eles acumulam, reforçam e embelezam essa continuidade através da estratificação; e driblam as ameaças [...] ao construir rupturas que realçam a continuidade [...]. **Os efeitos do estilo e da estética sugerem caminhos afirmativos, nos quais deslocamentos e rupturas sociais profundos podem ser questionados e até mesmo contestados no terreno cultural.** [...] estão preparados para a ruptura e até encontram prazer nela, pois de fato planejam uma ruptura social. (grifos nossos)

Quanto ao estilo, o *rap* é considerado uma canção, mesmo rompendo com o padrão clássico de letra e melodia, uma vez que a mensagem é falada com ritmo bem marcante, e não é melódica. É, pois, radical também enquanto canção, por ser legítima manifestação da expressividade da fala. Nesse sentido, para Tatit³⁶ (2006, apud MOREIRA, 2009, p. 20),

um dos equívocos dos nossos dias é justamente dizer que a canção tende a acabar porque vem perdendo terreno para o *rap*. Equivale a dizer que ela perde terreno para si própria, pois nada é mais radical como canção do que uma fala explícita que neutraliza as oscilações “românticas” da melodia e conserva a entoação crua, sua matéria-prima. A existência do *rap* e outros gêneros atuais só confirma a vitalidade da canção. Ou seja, canção não é gênero, mas sim uma classe de linguagem que coexiste com a música, a literatura, as artes plásticas, a história em quadrinhos, a dança etc.; é tudo aquilo que se canta com inflexão melódica (ou entoativa) e letra.

Compondo essa radicalidade crua da canção *rap*, atua seu outro elemento, junto do próprio *rapper* ou MC: é o DJ (disc jockey/tocador de discos), ao qual já se mencionou, responsável pela mixagem dos sons. O DJ foi parceiro importante na disseminação do *rap*. A inspiração para as batidas criadas por ele faz a combinação que “dá o tom” para uma letra de protesto. Os DJs criam as estruturas rítmicas e harmônicas combinando baterias eletrônicas e trechos de músicas já gravadas. Basicamente, essas estruturas são feitas por meio de combinações entre as levadas (seguimento ou sequência musical), e os *scratches* (efeitos de sons obtidos pelo giro manual do disco no sentido contrário). Para que isso seja possível, são necessários equipamentos como o disco de vinil, os *mixers* (que unem toca-discos), e os sampleadores, equipamentos que permitem o recorte, as montagens (as colagens) e a sobreposição de músicas

³⁶ TATIT, Luiz. Cancionistas invisíveis. In: **Cult**, São Paulo, n. 105, ano 9, p. 54-58, 2006. Disponível em: <<http://www.luiztatit.com.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

em andamentos, ritmos e tonalidades diferentes. A habilidade do DJ faz com que as bases dos *raps*, que são o fruto de todas essas combinações, sejam únicas, pois os DJs, juntamente com os MCs, procuram fazer uma união entre letra e música a fim de ser o mais fiel possível ao conteúdo que é retratado nos *raps*.

Podemos dizer, por fim, que o *hip hop* é um movimento formado por quatro elementos, sendo que todos desempenham papéis importantes para a coesão e força dos discursos transmitidos. O *break* é a dança de movimentos bruscos e quebrados; o grafite é a arte de inscrever idéias/mensagens em estruturas urbanas, valorizando os espaços; o *rapper* ou MC é quem cria e/ou profere as letras dos *raps*; e o DJ, é o criador dos sons. E todos eles confluem num mesmo “movimento”, articulando suas práticas em prol da formação de um espaço social de consciência crítica, politizada e de viés transformador,

integrado por práticas juvenis construídas no espaço das ruas. E aos olhos dos jovens, (o movimento) não se resume a uma proposta exclusivamente estética envolvendo a dança *break*, o grafite e o rap, mas, sobretudo, a fusão desses elementos como arte engajada (SILVA, J. C. G., 1999, p. 23).

3.2 O rap “verde-amarelo”

Pode-se dizer que o *hip hop* no Brasil teve sua própria “cara”. Como o enfoque neste trabalho é apenas um dos elementos da totalidade do movimento *hip hop* - o *rap* - e em um lugar específico - o Brasil -, trataremos aqui de alguns aspectos que nos permitem afirmar a existência de um *rap* brasileiro.

Existe, dentro do movimento, uma tendência de apropriação de alguns símbolos da cultura negra internacional - como roupas, acessórios etc.-, o que lhe confere mais uniformidade em escala mundial. Mas ainda assim, as diversas peculiaridades que separam brasileiros e norteamericanos contribuem para que haja um *hip hop* (e, consequentemente, um *rap*) verde-amarelo e, portanto, diferenciado.

Há, inclusive, militantes brasileiros que consideram o *hip hop* nacional um movimento mais crítico e politizado que o norteamericano. Viviane Melo de Mendonça Magro (2003), psicóloga que pesquisa o movimento no Brasil, afirma que “o *break*, por exemplo, tem muita semelhança com a capoeira, como já observaram os militantes do *hip hop* norte americano” (O

BRASIL NEGRO, 2003). Influenciado pela cultura brasileira, o *hip hop* verde-amarelo é marcado pelo *rap* com um pouco de samba, o *break* parecido com a capoeira, e os grafites com cores marcadamente mais vivas. Segundo a pesquisadora, essa mistura com elementos brasileiros é motivo de orgulho para o *hip hop* brasileiro, que tende a uma valorização crescente dos elementos nacionais dentro de um movimento importado dos EUA.

O movimento *hip hop* chegou ao Brasil no início dos anos 80, pouco tempo depois de seu surgimento nos EUA. Nos anos 70, já aconteciam os bailes *black* na cidade de São Paulo. Nelson Triunfo, artista pernambucano, foi responsável por levar o estilo *break* para as ruas, especialmente para o Largo São Bento, na estação de Metrô. “Como os outros jovens que dançaram os primeiros passos de *break* no Centro de São Paulo, ele apenas dançava para se divertir, mas não tinha a percepção do *hip hop* como movimento social.” (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 47). Logo surge a separação entre os *breakers* e os *rappers*, à medida que estes já começavam a fazer seus versos, tendo como ponto de encontro especial a Praça Roosevelt, onde os grupos começavam a se estruturar no sentido de uma proposta musical de “rap consciente”, mais comprometido com o discurso e voltado a temáticas da realidade local, com a criação das bases sonoras. Destaque neste período é a dupla “Thaíde e DJ Hum” que, a exemplo dessa maior conscientização, produziram os *raps* “Homens da Lei” e “Corpo Fechado”, com letras de marcado valor crítico. Aos poucos, o movimento foi saindo do centro da cidade e se instalando nas periferias, através das denominadas “posses”, dando um aspecto diferente ao movimento *hip hop*.

As posses surgem como uma forma de organização, típica desse movimento, que consiste numa articulação de grupos dentro dos quatro eixos (*rap*, *break*, grafite e DJ), com a perspectiva de uma ação mais organizada. Em geral, as posses buscam potencializar a ação artística dos grupos, procurando espaços para sua veiculação e produção, mas também se propõe a desenvolver atividades de caráter comunitário e político. Para Herschmann (2005, p. 193-194),

[...] nas posses de um modo geral, busca-se fazer um trabalho comunitário através da música, da dança e da pintura, abrindo-se espaço para o break, o smurf dance, o rap e o grafite. Os trabalhos, em geral, se dividem em: organização de oficinas que permitem aos jovens aprender e fazer os seus próprios produtos e a extrair lucro dessa atividade; palestras e atividades voltadas para os problemas mais comuns enfrentados pela comunidade; e realização de eventos para campanhas benéficas, com o total apoio das comunidades.

Do final da década de 1980 em diante, alguns álbuns de *rap* foram lançados no Brasil. Na maioria das vezes em coletânea, como “Consciência Black”, que já continha dois *raps* (“Pânico na Zona Sul” e “Tempos Difíceis”) do ainda não formado grupo Racionais MCs. Neste período, o movimento começa a se expandir. Porém, é apenas a partir dos anos 1990 que o movimento ganha maior visibilidade e se estende do centro de São Paulo para as periferias e para outros estados da federação.

Característica importante que assume o *hip hop* brasileiro é a reinterpretação da cultura recebida pelos americanos, sendo construída, cada vez mais, uma cultura com marcas locais. Claro que neste processo as bases foram os elementos estrangeiros, mas logo as características e peculiaridades da cultura brasileira foram formatando, com gírias e expressões locais, as denúncias de uma realidade diferente. E isso deu e dá as bases ao “*rap à brasileira*”.

No Brasil, há gêneros musicais populares muito semelhantes ao *rap*, que aqui já existiam mesmo antes de sua chegada. Esses gêneros são oriundos especialmente da região Nordeste e do estado do Rio de Janeiro, áreas marcadas pela expressiva presença negra desde a colonização. O principal deles é o “coco de embolada”, espécie de improvisação vocal ao som do pandeiro, com geralmente duas pessoas, chamadas “emboladores”, falando alternadamente e se desafiando por meio de rimas. O *rap* e o embolada são gêneros que aparecem em épocas, lugares e ambientes completamente diferentes, mas têm diversos aspectos em comum. Usam predominantemente o “canto falado”, desenvolvem marcadamente a rima, e, principalmente, cumprem a função social de ser o lugar da fala de pessoas marginalizadas, que denunciam na forma de arte as situações opressoras de vida de que participam.

O *rap* verde e amarelo também estabelece fortes conexões com o samba. A herança de malandragem consciente e crítica de Bezerra da Silva é bastante pertinente à proposta do *rap*. Mano Brown, em entrevista à Revista *Millenium Rap*, em 2001, afirmou que se considera “o cara da favela que canta os bagulhos da favela” como o Bezerra da Silva, que é chamado de “embaixador das favelas”. Diversos grupos de *rap* já gravaram suas composições de forma a misturar samba e *rap*³⁷.

³⁷ Em 1994, o grupo paulistano “Potencial 3” usou em alguns *raps* elementos do samba, bem como abriu seu disco com uma ladinha de capoeira. Grupos de Brasília como o “Câmbio Negro” e o “Baseado nas Ruas” também já gravaram *raps* com berimbau e versos de capoeiristas. Os Racionais MCs gravaram o *rap* “Fim de semana no Parque” com a participação do grupo de pagode Negritude Jr., e também o *rap* “Mãos” com Almir Guineto, um dos fundadores do grupo de samba “Fundo de Quintal”.

A proposta antropofágica³⁸ cabe bem como reflexão: engolir, devorar o que vem do estrangeiro, mas digerir criticamente tais inovações em nosso “estômago cultural”, para assimilá-las ou ainda vomitá-las, caso sejam impróprias ou indesejáveis. O *hip hop* nacional, por sua origem estrangeira e peculiar assimilação cultural brasileira, corrobora esta proposta.

Outro elemento importante na diferenciação das formatações do movimento *hip hop* e do *rap* no Brasil é a consideração da realidade brasileira no tocante às marcas afrobrasileiras, profundamente diferente da afroamericana.

Ainda que as raízes africanas sejam as mesmas em ambas as culturas – afrobrasileira e afroamericana - é muito importante considerar que o tratamento recebido pelos negros que foram para os Estados Unidos foi diferente daquele que era recebido aqui. No Brasil, os negros tiveram a oportunidade de “preservar” sua cultura: “convertiam-se” ao catolicismo ao mesmo tempo em que, com isso, conservavam suas crenças originais sob a devoção aos santos europeus. Também podiam continuar tocando seus instrumentos de percussão em momentos de descanso e lazer, a que se deve muito de nossa riqueza de ritmos e danças. Essa mistura não ocorreu nos EUA, o que se deve bastante aos rigores da colonização protestante (PIMENTEL, 1997).

A mestiçagem foi e é algo muito forte no Brasil, o que praticamente não aconteceu nos Estados Unidos, em que vigeu o regime do *apartheid*. Lá, segundo Pimentel (1997), o preto é preto, o mulato é preto, o escurinho e o marrom-bombom são pretos. Apenas o branco “cor-de-leite” é branco. Aqui no Brasil, em 1976, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, vinculada ao IBGE, levantou 136 termos de identificação de cores de pele diferentes, entre os brasileiros. Puxa-pra-branco, burro-quando-foge, trigueiro, turvo, branco-sujo, saraúba, lilás, baiano, canelado, azul, corde-cuia e até fogoió: as diversas formas encontradas pelo brasileiro para se definir revela qualquer coisa, menos a identificação como negro. Moura³⁹ (1983, apud HOFBAUER, 2006) afirma que o brasileiro foge da sua realidade étnica, da sua identidade, procurando, através de simbolismos de fuga, se situar o mais próximo possível do modelo considerado “superior”. Na verdade, essa “noção de cor” acaba sendo falsa, pois se opõe à sua categoria concreta, ou seja, à raça (GUIMARÃES⁴⁰, 1999 apud HOFBAUER, 2006). Esta discussão será melhor trabalhada no tópico 5.4.

³⁸Proposta constante no *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade, publicado na Revista de Antropofagia, ano 1, nº 1, maio de 1928.

³⁹ MOURA, Clóvis. **Brasil: as raízes do protesto negro.** São Paulo: Global, 1983.

⁴⁰ GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo: Edições 34, 1999.

No Brasil, há o mito da “democracia racial”⁴¹: encontraram-se o português, o índio e o negro no Brasil, rezaram uma missa, criaram o carnaval e viveram felizes para sempre (PIMENTEL, 1997). Nesse sentido, deve-se destacar a contribuição de Darcy Ribeiro (1995, p. 226) para que se compreenda o sentido da diferenciação entre a questão negra nos lugares onde existiu o apartheid (a exemplo dos Estados Unidos, berço do *hip hop*) e a afrobrasileira:

É preciso reconhecer, entretanto, que o apartheid tem conteúdos de tolerância que aqui se ignoram. Quem afasta o alterno e o põe à distância maior possível, admite que ele conserve, lá longe, sua identidade, continuando a ser ele mesmo. Em consequência, induz à profunda solidariedade interna do grupo discriminado, o que o capacita a lutar claramente por seus direitos sem admitir paternalismos. Nas conjunturas assimilacionistas, ao contrário, se dilui a negritude numa vasta escala de gradações, que quebra a solidariedade, reduz a combatividade, insinuando a idéia de que a ordem social é uma ordem natural, senão sagrada. O aspecto mais perverso do racismo assimilacionista é que ele dá de si uma imagem de maior sociabilidade, quando, de fato, desarma o negro para lutar contra a pobreza que lhe é imposta, e dissimula as condições de terrível violência a que é submetido. [...] (O negro acaba) sem compreender que a vitória só é alcançável pela revolução social. (grifo nosso)

Nosso *rap* busca, de forma mais ampla que a democracia racial, outras democracias, reconhecendo a existência de diversas questões para além da racial, num Brasil de problemas tão diversos. Não pode, assim, ser importada uma fórmula estrangeira para esta questão, como leciona o rapper KL Jay, integrante do grupo Racionais MCs (apud PIMENTEL, 1997):

Lemos Malcolm-X⁴² e vimos que a situação dos negros americanos é parecida com a nossa. Parecida, mas não igual. A mistura de raças que a gente tem aqui colabora para que o povo esteja numa situação ainda pior que a deles, porque o brasileiro é enganado e pensa que está sendo ajudado pelos brancos... Há a questão social e a racial. De que adianta ser um “preto bem-sucedido”? E ainda votam no Pitta... E daí que ele é preto? Ele não está nem aí para o nosso povo...

⁴¹ Tal questão será melhor trabalhada em tópico posterior, quando for analisada a temática “negro, estigma, orgulho e racismo” dentro do conjunto da obra dos Racionais MCs.

⁴² Uma referência na defesa dos direitos dos negros nos Estados Unidos.

3.3 Brasil-Pandeiro: o Samba

[...] desde que o samba é samba é assim, a lágrima clara sobre a pele escura [...]. O samba é pai do prazer, o samba é filho da dor, o grande poder transformador.

Caetano Veloso – “Desde que o samba é samba”

O samba é uma manifestação cultural, popular e musical que surgiu no Brasil a partir de elementos de matriz africana. Nasceu da influência de ritmos africanos, adaptados para a realidade dos escravos brasileiros e sofreu diversas transformações ao longo do tempo, até atingir as características conhecidas hoje. Sua construção teve origens na Bahia, lugar onde, em princípio, a marca da escravidão era maior. Em meados do século XIX, com a transferência da mão-de-obra escrava da Bahia para o Vale do Paraíba e, logo após, com o declínio da produção de café e a abolição da escravatura, os negros deslocaram-se em direção à capital do país, Rio de Janeiro, levando consigo sua rica cultura e se urbanizando. Esse processo é descrito por Darcy Ribeiro (1995, p. 222):

O negro rural, transladado às favelas, tem de aprender os modos de vida da cidade, onde não pode plantar. Afortunadamente, encontram negros de antiga extração nelas instalados, que já haviam construído uma cultura própria, na qual se expressavam com alto grau de criatividade. Uma cultura feita de retalhos do que o africano guardara no peito nos longos anos de escravidão, como sentimentos musicais, ritmos, sabores e religiosidade. A partir dessas precárias bases, o negro urbano veio a ser o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira.

Quanto à etimologia, existem diversas versões em torno da palavra “samba”. Uma delas afirma suas origens no termo “Zambra” ou “Zamba”, oriundo da língua árabe, e usado para designar um tipo de dança existente na Espanha do séc. XVI. Afirma-se, também, que o termo é originado a partir de uma das muitas línguas africanas, possivelmente do “quimbundo”, em que “sam” significa dar e “ba”, receber ou “coisa que cai”. Existe ainda uma versão bastante difundida que afirma que a palavra samba se origina de outra palavra africana, “semba”, e significa “umbigada”, designando um tipo de dança de roda praticada em Luanda (Angola) e em várias regiões do Brasil, principalmente na Bahia, que assim se configurava:

do centro de um círculo e ao som de palmas, coro e objetos de percussão, o dançarino solista, em requebros e volteios, dava uma umbigada num outro companheiro a fim de convidá-lo a dançar, sendo substituído então por esse participante. A própria palavra samba já era empregada no final do século XIX dando nome ao ritual dos negros escravos e ex-escravos (ALVES, N., entre 1995 e 2013).

A partir do deslocamento da população negra da Bahia, especialmente, em direção ao Rio de Janeiro, lá se formaram bairros chamados de “pequena África”, constituídos por ex-escravos migrados da região nordeste. A residência de alguns deles se tornou núcleo difusor de sua cultura, como a casa de Hilária Batista de Almeida, popularmente conhecida como Tia Ciata. Muniz Sodré (2007, p. 15), aponta a existência de determinados “biombos culturais” na casa de Tia Ciata separando cômodos, espaços da casa e gêneros musicais neles praticados: na sala de visitas próxima à rua, havia o choro e as danças de pares entrelaçados (polcas, valsas, lundus etc.); no quintal ou terreiro nos fundos da casa, o samba de partido-alto e os batuques do Candomblé. A separação marcante entre os “biombos culturais” de Tia Ciata simboliza, segundo afirma Sodré (2007, p. 15): “A estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição”. Assim, na parte da frente da casa – local próximo, portanto, dos olhos da elite branca – eram praticadas a música instrumental do choro e as danças mais “respeitáveis”. Por outro lado, nos fundos da casa, escondidos das autoridades e da polícia, estavam o samba e a batucada dos mais velhos, com presença marcante do elemento religioso negro.

Porém, por não muito tempo o centro foi o lugar do samba na cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma que foi alterada significativamente a composição da força de trabalho, à medida que se procurou substituir a mão-de-obra escrava pela do imigrante europeu, dentro de uma opção política pelo “branqueamento”, a delimitação do espaço urbano a ser ocupado pela população negra também foi reflexo desta opção. Durante o mandato do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Francisco Pereira Passos, nos anos 1902 a 1906, ocorreu uma grande reforma urbana na cidade do Rio de Janeiro, que resultou na expulsão das classes menos favorecidas do centro. Foram derrubados casarões e cortiços, despejados seus moradores, majoritariamente pobres e negros, a fim de serem construídas novas edificações, praças e alargadas as ruas. Para tanto, era preciso “higienizar” a paisagem urbana central, retirando de lá as populações menos

favorecidas e suas moradias, também como “medida sanitária”, já que, à época, proliferavam de modo crescente doenças como a varíola, malária e febre amarela (RUCHAUD, 2011).

Com este “bota-abixo”, as camadas populares migraram para moradias no subúrbio da cidade ou para os morros que volteiam o centro carioca, o que foi decisivo para a circunscrição geográfica do universo do samba.

Apesar de não ter surgido, ao contrário do *rap*, já revestido de um caráter claramente contestatório, o samba esteve sempre junto das raízes africanas e escravas, acompanhando, inclusive o movimento territorial urbano feito pelas classes negras e pobres:

Ao contrário do que se imagina, o samba nasceu no asfalto; foi galgando os morros à medida que as classes pobres do Rio de Janeiro foram empurradas do Centro em direção às favelas, vítimas do processo de reurbanização provocado pela invasão da classe média em seus antigos redutos (TINHORÃO, 1982, p. 3)

Especialmente por acompanhar seus porta-vozes, maioria negros e pobres, na alegria e nas injustiças históricas, o samba, assim como o *rap*, se reveste de um marcado caráter contra-hegemônico, ainda que com peculiaridades próprias.

O samba, em razão de suas características como gênero musical, se diferencia do *rap* à medida que as letras e a fala crua, sem canto e melodia – características do *rap* -, quase não aparecem como prioridade em relação aos demais elementos musicais, o que faz com que a denúncia social não seja tão clara e direta, mas mais sutil e figurada. Não raramente, o samba também apresenta traços de humor perante a miséria. Além disso, esse gênero é um fruto genuinamente nacional; já o *rap* surge nos Estados Unidos, apesar da originalidade que o reveste em solo brasileiro, como já exposto.

A despeito das diferenças, muitas aproximações podem ser estabelecidas entre o samba e o *rap*, especialmente a partir de uma mesma constatação: ambos são, originalmente, “produtos” do morro e dos subúrbios; do negro e do pobre. A aproximação mais relevante, para este trabalho, é a ocupação do lugar discursivo dos dois gêneros por sujeitos determinados de alguma forma por esta mesma condição. Nessa medida, “o que se fala” - no samba e no *rap* - é determinado por “quem fala”.

3.4 De quem são as vozes que gritam? Racionais MCs e Bezerra da Silva: embaixadores das favelas

Os dois sujeitos musicais aqui tratados são, ambigamente, aclamados “embaixadores das favelas⁴³⁴⁴”, mas também estigmatizados como baluartes do gênero “música de bandido”⁴⁵⁴⁶. Desde um estilo tematicamente inserido nos padrões da malandragem carioca e na lógica de encarar a miséria com algum humor⁴⁷, até o estilo rude, áspero e quase autoritário dos manos, as temáticas jurídicas aparecem no samba e no *rap* e são tratadas, em certa medida, com alguma semelhança, considerando-se o *lócus* social de sua produção - a periferia urbana, embora uma seja carioca e a outra, paulistana - e as origens negras de ambos os gêneros. Criminalidade, pobreza, preconceito racial e social, noções de lei e justiça, seletividade do aparato jurídico, ausência do Estado e consciência política são temas abordados de forma recorrente nas canções dos dois sujeitos. Antes de se passar à análise de suas obras, é importante que se tenha alguma noção da identidade destes artistas.

3.4.1 Bezerra da Silva: a voz do povo da colina

O repertório de José Bezerra da Silva é um retrato da produção cultural de uma parcela pobre e marginalizada da sociedade brasileira. No último quarto do século XX, o autor foi um destaque no meio do samba. Identificam-se, no conjunto de “sua” obra, diversas vozes, uma vez que sua especial peculiaridade foi dar voz aos compositores e artistas do morro, cantando e

⁴³ “Como o morro não tem direito a defesa, só tem direito de ouvir: ‘marginal, ladrão, safado...’, então o que é que faz os autores do morro? Ele diz cantando aquilo que ele queria dizer falando. **E eu sou o porta-voz.**” Depoimento de Bezerra da Silva (apud DERRAIK, 2002, grifo nosso). Bezerra assim se identifica em diversas passagens musicais, como a seguir: “Sou porta voz de poetas/ Que ninguém dá chances/ Assim como eu/ Uns vem da favela/ Outros da baixada/ Com esses talentos/ O meu samba venceu” (AMARAL; CHIC; PINGA, 1996).

⁴⁴ Os Racionais (2009) também se colocam, com frequência, na função de representantes das vozes da rua: “Sô função, pra quem não tá ligado me apresento/e as ruas represento” – *rap* Sou função, gravado com o *rapper* Dexter.

⁴⁵ “Dizem que sou malandro, cantor de bandido e até revoltado/Porque canto a realidade de um povo faminto e marginalizado” (ADENOZILTON; DIAS; TEIXEIRA, 1992).

⁴⁶ O *rapper* Dexter em entrevista à TV Uol confirma a estigmatização do gênero musical do qual faz parte como “música de bandido”. Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=rap-ainda-e-tachado-como-musica-de-bandido-diz-dexter-04020C9C3464C4914326>>. Acesso em: 05 maio 2013.

⁴⁷ Até mesmo sonoramente, é notável que o samba seja uma estrutura musical mais alegre, com bastante variedade de percussão e uma harmonia composta frequentemente por acordes maiores; em comparativo, o *rap* é um gênero mais “cru” melodicamente, mais falado, e as músicas que servem de base sonora ao discurso são geralmente tristes, com harmonias em acordes menores. Tal contraponto musical e estrutural contribui para que o riso fácil e contagiate das rodas de samba de Bezerra seja substituído pelas expressões fechadas, sérias e sofridas dos manos do *rap*.

gravando o que eles compunham. Assim, como bem aponta a antropóloga Letícia Vianna (1998, p. 70):

No repertório do artista, podemos identificar várias vozes sociais que falam, ao mesmo tempo, diferentes textos e linguagens, como o calão de policiais, bandidos e contraventores cariocas, a linguagem dos santos e fiéis de umbanda, a gíria de usuários de drogas, o jargão político de esquerda. Linguagens sobrepostas que comunicam sobre uma realidade multifacetada.

Assim, a característica central do seu repertório é que ele se forma por canções de compositores que moram na periferia e contam essa realidade. 1000tinho (apud DERRAIK, 2002), um destes compositores, percebe essa diferenciação: “a linha do Bezerra é a linha mais difícil. Eu tenho uma porrada de música aí dentro. Música de amor eu gravo com qualquer um. Mas pra gravar com o Bezerra não tem amor, né? Aí tem que ser malandro”. Bezerra explica como faz a seleção deste repertório:

eu não posso cantar o amor quando eu nunca tive. Eu sou realista. Eu canto a realidade. [...] Eu acho que eles confundem Freud com esse papo de amor, porque nego canta até que vai fazer amor... Eu queria saber onde é a fábrica, se é em Bangu, se é... entendeu? (apud DERRAIK, 2002)

José Bezerra da Silva nasceu em 1927, em Recife, Pernambuco. Passou a infância no Nordeste sem a presença do pai, que abandonou a família antes do nascimento do artista. Sua mãe trabalhava para sustentar a família, composta de mais uma irmã e um irmão. Bezerra dizia que desde criança gostava de música, porém a família reprovava o envolvimento, o que causou atritos, já que tal atividade não era considerada um trabalho “digno de respeito”. Após o primário, entrou para a escola da Marinha Mercante, como seu pai, que era oficial desta corporação. Porém, desentendeu-se com seus superiores e foi expulso. Bezerra, neste período, descobriu que seu pai estava morando no Rio de Janeiro, então deixou Recife na esperança de encontrá-lo. Conseguiu seu intento, mas logo a relação com ele se tornou conflituosa, fazendo com que o artista deixasse a casa onde morava com a família que seu pai havia constituído na capital fluminense (LACERDA, 2005).

Depois disso, foi morar sozinho no Morro do Cantagalo, sua referência de origem no Rio, e, para se sustentar, começou a trabalhar como pintor na construção civil. Também começou a trabalhar como instrumentista num bloco carnavalesco, e logo o levaram para uma rádio carioca. Mas ainda assim a vida continuou muito difícil.

Passou sete anos vivendo praticamente na mendicância, em virtude do desemprego formal no ramo da construção civil. Segundo Bezerra, a ajuda de um pai de santo da Umbanda foi fundamental para “salvá-lo” dessa situação. Voltou a trabalhar, e aos poucos recuperou a dignidade e a auto-estima. Ganhou um concurso de carnaval, casou-se duas vezes e teve seis filhos, dos quais apenas dois chegaram à vida adulta.

Seu primeiro disco foi gravado em 1969, um compacto com duas músicas. Seu primeiro LP, do gênero “Côco”, é considerado tipicamente nordestino pela literatura musical, e foi lançado em 1975. Em 1976, gravou mais um disco de “Côco”. Nessa época, Bezerra era um instrumentista praticamente sazonal, nos períodos entre novembro até o carnaval. Mas em 1977, foi contratado pela Rede Globo, o que representou seu primeiro trabalho com carteira assinada. Em 1978, gravou seu primeiro disco de samba, formado por composições coletadas em suas idas a comunidades cariocas, sendo, sem dúvida, um marco em sua trajetória. Essa prática - idas às comunidades periféricas cariocas - se revelou uma boa estratégia de divulgação de sua atividade artística, pois as gravadoras com quem se relacionava contratualmente não tinham uma política de *marketing* para ele, conforme seus relatos. Assim, passou a fazer shows no subúrbio, em resídios, divulgando dessa maneira as músicas por ele gravadas, bem como por meio de sistemas de som comunitário das favelas.

Não conseguindo levar as atividades de instrumentista regular junto com a carreira de intérprete na Rede Globo, em 1984 Bezerra pediu demissão e encerrou esta última. Assim, começou a depender bastante das gravadoras, percebendo como as relações de exploração ocorrem também na indústria cultural e na duvidosa arrecadação e distribuição de direitos autorais, o que é denunciado na letra de “Poeta Operário” (ALBERTO; ROMILDO, 1990):

Só sucesso não consola
Pois só ganha mixaria
E o grosso que vai para o bolso

Do ECAD⁴⁸ em parceria
 E o poeta é quem vai levando a cruz
 Ganha mais quem nada faz
 Menos ganha quem produz
 E na carreira final pra ver a música editada
 O compositor fica mal,
 mesmo sendo a mais tocada
 Pois com o direito autoral
 Não vai ter vida folgada
 Os cartolas mamam tudo
 E o compositor fica sem nada.

Sua relação com as gravadoras foi bastante conturbada e, após certo período, passou a gravar de maneira quase independente, em selos alternativos ou empreitadas individuais, até sua morte, em 2005. A carreira de Bezerra da Silva contabiliza mais de 10 milhões de cópias vendidas (LACERDA, 2005).

Uma das canções gravadas pelo artista faz uma síntese de sua trajetória problemática e difícil, mesmo chegando a um final de glória, o que contraria a “regra” vigente entre a maioria dos indivíduos que têm a mesma origem social que a sua. Para alcançar a glória, dentro da lógica de sua origem social, teve que pagar um preço doloroso e cruel:

Mas eu sou aquele
 Que chegou do nordeste pra cantar
 Na cidade grande minha vida melhorar
 Graças a Deus consegui o que eu queria
 Hoje estou realizado, terminou minha agonia
 Mas o preço da glória pra mim
 Ele foi doloroso e cruel
 Comi o pão que o diabo amassou
 Em seguida uma taça de fel
 Me prenderam várias vezes
 Porém sem nada dever

⁴⁸ O Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) é uma sociedade civil, de natureza privada, instituída pela Lei Federal nº 5.988/73 e mantida pela atual Lei de Direitos Autorais, nº 9.610/98. É administrado por nove associações de música para realizar a arrecadação e a distribuição de direitos autorais decorrentes da execução pública de músicas nacionais e estrangeiras.

Morei na rua dos amargurados
 Sem ter nada pra comer
 Longos anos dormi na sarjeta
 Nem assim me revoltei
 E na universidade do mundo
 Foi nela que me formei
 Como penei
 Quem não acreditar
 Em tudo que falo
 Minha testemunha ocular
 É o morro do Cantagalo⁴⁹
 (CABORÉ; PINGA; PORTELA, 1983)

Os múltiplos álbuns e a diversidade de fases do trabalho de Bezerra tornam inoportuna a tarefa de elencá-los de maneira sistemática neste trabalho.

3.4.2 Radicais, Raciais, Racionais⁵⁰: a identidade dos manos

Racionais MCs é um grupo de *rap* nascido em 1988, na região do Capão Redondo⁵¹, Zona Sul da cidade de São Paulo. É formado por quatro integrantes: Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves), KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões) e Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador).

Há quem afirme que a carreira do grupo Racionais MCs se confunde com a própria história do *rap* no Brasil, vez que o Racionais fez parte do elenco que receptionou o *rap* norte-americano no fim da década de 1980 e liderou a divulgação do movimento em solo nacional, principalmente em São Paulo (RIGHI, 2011, p. 82).

⁴⁹ Fragmento do samba “O Preço da Glória”.

⁵⁰ Referência ao título do artigo de Maria Rita Kehl: “Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do *rap* na periferia de São Paulo”, na revista São Paulo em Perspectiva, v.13, n.º 3, p. 95-106, jul/set, 1999.

⁵¹ O distrito de Capão Redondo, berço do grupo Racionais MC's, está localizado na zona sul de São Paulo, distante aproximadamente 23 km da Avenida Paulista, o centro econômico-financeiro do país e uma das áreas urbanas mais caras do território nacional; talvez por isso as diferenças entre as “duas São Paulo” sejam bastante acentuadas. Dados de 2008 registram que São Paulo possuía a segunda maior frota de helicópteros do mundo; por outro lado, segundo Dabène (apud RIGHI, 2011, p. 88), o Capão Redondo registrava, em 1999, um dos maiores índices de homicídios da Capital, ultrapassando 120 assassinatos para cada 100 mil habitantes; o índice de vulnerabilidade juvenil da localidade era o mais alto da cidade; as menores taxas de escolaridade e de renda per capita de São Paulo também estão no Capão Redondo. O Jardim Ângela, que pode ser considerado parte do Capão, foi eleito o local mais perigoso do mundo pela ONU, em 1996.

O grupo se formou com o apoio do produtor Milton Salles, em 1988, a partir de duas duplas de artistas que atuavam de modo independente em suas comunidades: Mano Brown e Ice Blue, da Zona Sul de São Paulo; e Edy Rock e KL Jay, da Zona Norte. A partir deste apoio e orientação, a postura artística e político-ideológica do grupo - o que inclui seu distanciamento da mídia - foi influência de Salles. Em 1988, ainda cantando separadamente, tiveram os *raps* “Pânico na Zona Sul” e “Tempos Difíceis”, incluídos na coletânea “Consciência Black”. Com o apoio de Salles e afinidades em comum, acabaram formando um dos grupos de *rap* de maior representatividade do movimento *hip hop* no cenário brasileiro: o “Racionais MCs”. O nome do grupo “vem de raciocínio, né? Um nome que tem a ver com as letras, que tem a ver com a gente. Você pensa pra falar”, segundo Edy Rock, em entrevista à *Revista Raça* (KEHL, 1999, p. 98).

Salles assume ter orientado politicamente o movimento *hip hop* desde o início, tendo alertado os Racionais MCs acerca do poder cooptativo e de manipulação dos meios de comunicação de massa, em especial sobre o papel exercido pela Rede Globo. Pode-se dizer que o *hip hop* e o *rap*, em sua ideologia formadora, visavam a algum tipo de “revolução”, ainda pouco clara, mas certamente pensada e articulada no gueto, sem os holofotes e a propaganda dos meios de comunicação (RIGHI, 2011, p. 84). Mesmo atuando mais ligados à periferia paulistana e não utilizando as grandes mídias, como emissoras de TV aberta (Rede Globo, SBT, Record, Band) e revistas e jornais a elas associados (Veja, Época, Folha de São Paulo, O Globo), o grupo já vendeu aproximadamente 1,5 milhão de cópias dos seus álbuns (fora a quantia estimada de vendas no mercado informal).

Ao longo de sua trajetória, o grupo desenvolveu alguns trabalhos interessantes, especialmente devido à influência e popularidade que foram alcançando entre as populações marginalizadas. Em 1992, o Racionais participou de um projeto criado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, chamado “RAPensando”. Proferiram palestras para alunos e professores da rede pública de ensino, tendo discutido nessas ocasiões temas como a violência policial, o racismo, a miséria, o tráfico de entorpecentes, dentre outros. Nos anos seguintes, o grupo ainda realizou vários concertos filantrópicos em benefício de HIV positivos, campanhas de agasalho e contra a fome, além de atuarem em protestos como o do aniversário da abolição dos escravos no Brasil (CONTIER, 2005).

Muitos dos que assistem aos shows do grupo, atribuem a Mano Brown, seu “líder”, um tom evangelizador, um “poder revolucionário”. Na Virada Cultural 2013, em São Paulo, quando

o líder do grupo começou a falar condenando os arrastões, furtos e roubos ocorridos na noite anterior no centro da cidade de São Paulo, foi incrível o modo como milhares de pessoas se silenciaram perante as palavras de advertência, direcionadas em vocativo a uma espécie de “legião” fiel de seguidores:

Olha que multidão, olha que exército! [...] Eu vi muita covardia nas ruas do centro ontem, muita covardia. Todo mundo fala da polícia, todo mundo fala do sistema, mas eu vi vários malandro [...] se roubando, se saqueando, se agredindo, se desrespeitando... Eu vi deiz mano roubando um *Mizuno* dum muleque. Todo mundo com a mesma cara, vestido parecido, os malandrão roubou o *Mizuno* do muleque, que vai voltar pa quebrada dele mais pobre... aquela porra daquele *Mizuno* é novecentos pau. Novecentos! [...] O *rap* precisa de gente de caráter, não de malandrão! (BROWN, 2013).

Quando se assiste a esta cena, não só é notável o respeito no silêncio da multidão, mas nos aplausos e entusiasmo de uma platéia que se reconhece intensamente nas palavras desse líder. Embora não se saiba ao certo qual o direcionamento dessa “revolução” que é plantada em milhares de fãs, e ainda que o próprio Brown não queira se reconhecer nesse papel⁵², existe nele uma liderança com poder de influenciar moralmente uma multidão de “adeptos”.

O grande reconhecimento do grupo, entre as diversas classes sociais, no Brasil e no exterior, na mídia ou fora dela, está bastante relacionado com o potencial de Brown de atrair grandes multidões aos shows, que são tidos como verdadeiros cultos evangelizadores, alicerçados por ideais revolucionários, como os próprios integrantes do grupo enfatizam. Tais ideais podem ser notados em diversos aspectos da obra dos Racionais, formais ou substanciais: na inovação estilística de fazer arte, até numa desestabilização completa dos padrões de fazer música, cultura, política e crítica social. É possível ilustrar tal “revolução” num cenário metafórico de guerra, muito frequente nas letras, uma vez que o *rap* não é entendido como arte, para os “manos racionais”. Mano Brown (1998) deixa isso muito claro em entrevista à Revista ShowBizz: “Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista” (NASCIMENTO, 2006, p. 3). Nesse sentido, são bastante comuns nos *raps* “racionais” as metáforas bélicas, usadas como confirmação da existência de uma batalha que parece estar sendo perdida pelos manos. Não

⁵² Conforme ficou evidente em sua entrevista no programa Roda Viva, da TV Cultura, Brown diz não saber que existe essa responsabilidade, pois quer ser um cara livre, e não aceita esses “fardos”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/integra-da-entrevista-de-mano-brown-ao-roda-viva-da-tv-cultura-4152493>>. Acesso em: 19 maio 2013.

raramente, esse terrorismo simbólico do grupo ganhou como resposta a concretude da violência policial⁵³.

O discurso que prevalece e se destaca em toda a obra do grupo Racionais, sobretudo nos primeiros álbuns, é bastante ácido e contundente, como um testemunho ou desabafo. A contextualização desse discurso é importante: vivia-se o fim dos anos 80 e correr dos anos 90, ou seja, época de intensa violência social, produzida tanto pela ditadura política, como pela pouca eficiência da democracia brasileira recém-implantada, mas, especialmente, pela economia neoliberal dos governos dos anos 90. A omissão do poder público neste período gerou um quadro agudo de exclusão e desigualdade social, sustentando grande parte da violência urbana. Aprofundaram-se as fronteiras que separam os extremos das classes sociais, à proporção em que os índices de violência e de criminalidade do país aumentaram (RIGHI, 2011, p. 93-94).

Apesar da permanência do tom “raivoso” e contundente ao longo de toda a obra dos Racionais, há quem a separe em dois períodos (RIGHI, 2011). O primeiro abrange os álbuns: Holocausto urbano (1990), Escolha seu caminho (1992), Raio X do Brasil (1993) e Racionais MC’s (1994), lançados pelo Selo Zimbabwe (especializado em música negra). Neste período, os álbuns possuem número reduzido de composições, talvez por terem sido lançados em intervalos não muito maiores que um ano, o que pode indicar uma eventual pressão das gravadoras. Como característica deste período, destacam-se as imagens da violência que estampam suas capas, além de temas relacionados ao caos penitenciário, à miséria e ao estilo *gangsta rap*⁵⁴. É a partir do

⁵³ Alguns shows, festas e encontros de que os Racionais participaram foram alvos constantes da repressão policial. Como exemplos disso, citamos o evento “Rap no Vale”⁵³, em 1994, no Vale do Anhangabaú, para comemoração dos 200 anos da morte de Zumbi dos Palmares, na capital paulista; um show em Bauru/SP, em 2005 e na Virada Cultural, em 2007, também em São Paulo. No primeiro caso, a Polícia Militar, que acompanhava o show, deteve os *rappers* alegando que suas músicas incitavam as pessoas ao crime e à violência. Os policiais subiram ao palco na hora em que o grupo cantava o rap “Homem na estrada”, cujo refrão diz: “Não confio na polícia, raça do caralho”. Quanto ao episódio de Bauru, o show dos Racionais serviu de cenário para um acerto de contas entre dois jovens, e um deles foi baleado, morrendo no local. Após este evento, inclusive, houve uma espécie de “conclave do rap”, que estabeleceu firmeza de posicionamento entre representantes do gênero no sentido de o movimento não se alinhar a “dinheiro sujo e gente perigosa”, de não vender bebidas alcoólicas em seus eventos, bem como de assumir posturas mais “pacificadoras”. Porém, apesar disso, conflitos continuariam a existir. Em 2007, no show do grupo na Virada Cultural em São Paulo, a conflituosidade se iniciou quando algumas pessoas subiram numa banca de jornal, na lateral da Praça da Sé. A Força Tática reagiu a isso com bombas de efeito moral e balas de borracha, ao que as pessoas responderam com pedradas e garrafadas. O tenente responsável pela ação policial na Sé, em declaração (MUNIZ, 2007), culpou o grupo pelo confronto: “É só ver o histórico dos Racionais. Acaba sempre assim. Mas nós já estávamos preparados para isso acontecer”. Essa “preparação prévia”, assumida pelo representante da polícia para o show dos Racionais (que, notadamente, reúne uma platéia predominantemente marginalizada), já denota uma das temáticas que mais ambientam os *raps* do grupo: o racismo institucional e a seletividade da ação policial.

⁵⁴ Segundo RIGHI (2011, p. 85-86 e p. 92-93), o *gangsta rap* se caracteriza por privilegiar abordagens coléricas contra a repressão do Estado, pela depreciação das mulheres, pelas guerras internas nas favelas, pela apologia ao consumo e ao tráfico de drogas, pela ostentação de poder econômico e exaltação da luxúria. A maior incidência

álbum “Raio-X do Brasil” que o grupo começa a ter destaque nacional. A seguir, as imagens das capas dos álbuns Holocausto Urbano e Raio-X do Brasil, revelam a predominância temática.

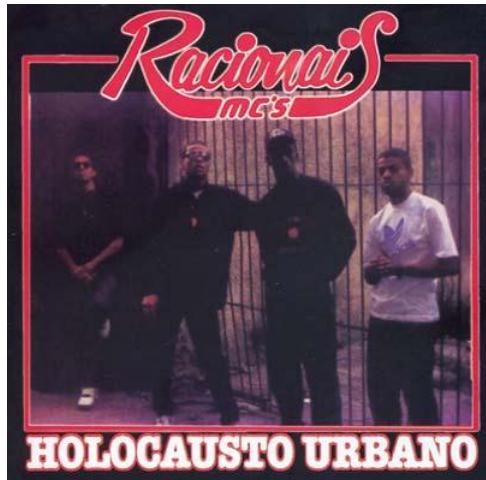


Figura 2. Capa do álbum “Holocausto Urbano”, de 1990.

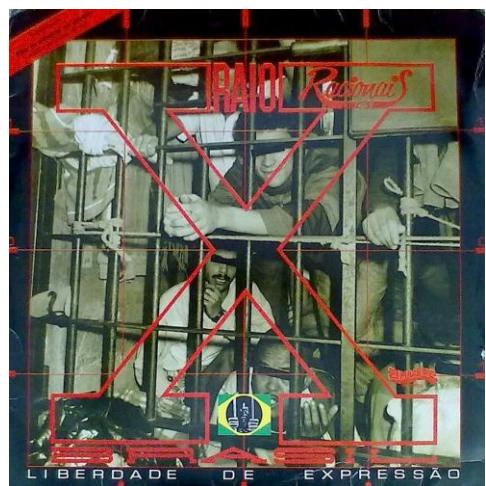


Figura 3. Capa do álbum “Raio-X do Brasil”, de 1993.

Na primeira, os integrantes do grupo se posicionam com expressões corporais desafiadoras, mas tristes, em frente a uma cela prisional. A segunda imagem também mostra uma cela, mas traz a perspectiva de quem está dentro dela e introduz um elemento novo: os dizeres “liberdade de expressão”, abaixo da imagem, o que leva a pensar sobre como, além de aprisionar corpos físicos, o sistema jurídico-penal, ou mesmo o Estado em sentido mais amplo, bloqueia as

desse tipo de abordagem dos Racionais é registrada nessa primeira fase, restringindo-se a poucas situações em suas composições atuais.

expressões de determinadas camadas populares, que são criminalizadas prévia e tão somente por seu *status* social, sua raça e mesmo pela participação em determinados movimentos sociais e culturais, como o *hip hop*. Ainda assim, Brown parece ser otimista quanto a isso: “Eu vo mandá um salve pra comunidade do outro lado do muro/ As grades nunca vão prender nosso pensamento, mano⁵⁵...” (RACIONAIS MCs, 1993).

O segundo período da obra dos Racionais pode ser identificado a partir de 1995, quando romperam com o Selo Zimbabwe. Os trabalhos seguintes foram gravados pelo Selo “Cosa Nostra”, de propriedade dos próprios integrantes do grupo, o que possibilitou um ritmo de trabalho que atendesse às suas necessidades, ampliando-se o intervalo entre o lançamento dos álbuns. O grupo também modificou bastante sua forma de apresentação, a começar pelas letras mais extensas e densas, além de um maior número de músicas em cada trabalho. Mudou, também, o caráter das ilustrações de capa dos álbuns, de forma geral abrandando as antigas abordagens e passando a adotar símbolos religiosos e textos bíblicos, o que sinalizou a incorporação de elementos espirituais no trabalho do grupo. Além disso, também se nota uma mudança de postura em alguns álbuns e letras dos Racionais (em geral esboçada por grupos de *rap* menos combativos), em que se passa a assumir o desejo pelos produtos expostos pela vitrine do capitalismo (carros luxuosos, bebidas caras, mulheres etc.), como fica evidente em uma das capas, abaixo colocada.

Nesse segundo momento, o grupo lançou os álbuns *Sobrevivendo no inferno* (1998), *Ao vivo* (2001), *Nada como um dia após o outro* (2002), *1000 trutas, 1000 tretas* (2006) e *Tá na chuva* (2009). Em 2012, o grupo lançou a música “Mil Faces de um Homem Leal”, composta especialmente para o documentário sobre o guerrilheiro Carlos Marighella.

A seguir, a capa do álbum “Sobrevivendo no Inferno” revela aspectos de religiosidade, para além do próprio título, como o crucifixo ao centro e o famoso trecho bíblico “Salmos 23”, que coloca o divino como o guia que conduzirá à justiça, mostrando, reflexamente, a descrença na justiça humana e a esperança de amparo à sobrevivência “infernal” nas periferias do mundo terreno.

⁵⁵ Fragmento do *rap* “Salve”.



Figura 4. Capa do álbum “Sobrevivendo no inferno”, de 1998.

Por sua vez, o encarte do álbum “Nada como um dia após o outro dia” já revela aspectos contraditórios, considerando-se a temática “revolucionária” até então revelada pelo grupo, o que denota certo alinhamento aos ideais do universo capitalista, simbolizados pelo carro de luxo e pela bebida *champagne* sendo consumida. Isso também aponta para outra questão, de maior substância: a presença de contradições nas letras do grupo, de modo geral, melhor trabalhada oportunamente.

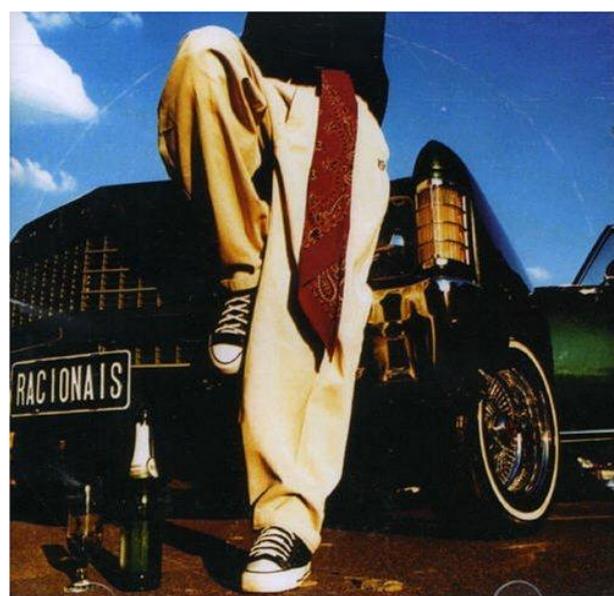


Figura 5. Capa do álbum “Nada como um dia após o outro”, de 2002

4. INTERLÚDIO Nº 2: CAMINHOS PARA OUVIR O DIREITO NO RAP E NO SAMBA

4.1 Objeto de estudo: a escolha dos artistas e letras

A escolha pela análise da obra dos Racionais MCs e de Bezerra da Silva se deu de forma relativamente “fácil”. Isso porque este trabalho se propôs não só a investigar representações simbólicas relativas ao Direito dentro da arte da música, mas dentro de uma “música” que fosse apta a propor uma ruptura com a *surdez* do Direito, à medida que pudesse dar voz aos juridicamente mudos. Ou seja, tal “música” precisava corresponder à prática cultural autêntica de grupos marginalizados. Como os artistas eleitos são notadamente “embaixadores” destes grupos, sendo os dois respectivos gêneros musicais construídos como cultura popular de resistência, como já se viu, a escolha foi certeira.

O processo de escolha das letras dos artistas ocorreu do seguinte modo: a partir de leituras das letras e oitivas das músicas – foi analisada a totalidade da obra de Bezerra da Silva e do grupo Racionais MCs, selecionando-se, por fim, **28** letras de sambas do primeiro e **34** letras de *raps* do segundo. Neste processo de seleção, buscaram-se letras que traziam representações de questões direta ou indiretamente sensíveis ao Direito. A partir disso, foram agrupados os trechos representativos dos temas “juridicamente” relevantes que mais apareciam nas letras, tendo em vista a análise da obra completa dos artistas. Os trechos foram, então, selecionados segundo as seguintes temáticas: a) “criminalidade”; b) “repressão policial”; c) “Estado e Direito”; d) “negro, racismo, orgulho e estigma”; e) “pobreza, exclusão e capitalismo”; e, por fim, f) “favela, quebrada, periferia”.

4.2 Orientação para a análise das letras

A orientação metodológica desta parte do trabalho se vale de alguns aportes da teoria social do discurso de Norman Fairclough, cuja abordagem objetiva “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89).

Ressalte-se que o uso de tal teoria neste trabalho não se dá integralmente. Apenas alguns aportes nos orientaram. Isso porque este trabalho não pretende usar, nem teria fôlego para usar de

forma satisfatória todos os aportes teóricos referentes à análise *lingüística* do discurso, que compõem a teoria de Fairclough. Além disso, a proposta do presente estudo, como se viu no tópico anterior, é trabalhar com várias letras, o que impossibilita uma análise profunda do discurso neste sentido.

Mas o que nos interessa dentro da concepção teórica do discurso de Fairclough é o discurso como “prática social”. Este é o recorte.

Ao apresentar sua concepção de “discurso”, o autor propõe considerar o uso da linguagem como forma de *prática social*, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais (FAIRCLOUGH, p. 90). Importantes são as implicações disso: primeiro, o discurso é um modo de *ação* - uma forma de as pessoas poderem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros - mas também uma forma de *representação*; segundo, a relação entre o discurso e a estrutura social é dialética. Sendo o discurso uma prática social, é tanto uma condição como um efeito da estrutura social. Assim, ele se molda e restringe pela estrutura social de forma ampla: pela classe e por outras relações sociais em uma sociedade, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções (de natureza discursiva e não-discursiva) etc. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo, contribuindo para a constituição das dimensões da estrutura social que, diretamente ou não, o moldam e o restringem.

Portanto, “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Fairclough, a partir dessas considerações, afirma existirem três aspectos dos efeitos construtivos do discurso: a) o discurso contribui para a construção do que variavelmente é chamado de “identidades sociais” e “posições de sujeito”, para os “sujeitos” sociais e os tipos de “eu”; b) o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas; e, por fim, c) o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. A estes três efeitos correspondem respectivamente três dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso: “identitária”, “relacional” e “ideacional”. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; a relational a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas; e a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo.

Nossa análise do discurso do *rap* e do samba sobre temáticas que interessam ao Direito e, em menor medida, nossa análise do próprio discurso jurídico, pretende de alguma forma revelar esse processo dialético de constituição do mundo pelo discurso e constituição do discurso pelo mundo. Assim, o discurso do *rap/samba* e o discurso jurídico – dentre outros que também perpassarão as análises e se imiscuem nestes, como o da mídia, o do “senso comum” etc. - não só *representam* o mundo do qual eles participam, sob suas óticas peculiares, mas também *agem* sobre o mundo, conferindo-lhe significado à medida que são modos de forjar *identidades sociais*, de representar *relações sociais* entre aqueles que participam do discurso, e de, mais amplamente, *significar o mundo e seus processos*, entidades e relações. Assim, as dimensões de sentido que Fairclough identifica como identitária, relacional e ideacional aparecerão, em alguma medida, ao longo deste trabalho, nos discursos analisados.

Portanto, dentro dessa concepção dialética de discurso, a prática discursiva é constitutiva de maneira *convencional* e, ao mesmo tempo, *criativa*, pois “contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la” (2001, p. 92). Nesse sentido,

é importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso. No primeiro caso, o discurso é mero reflexo de uma realidade social mais profunda; no último, o discurso é representado idealizadamente como fonte do social. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

O discurso está implicado nas várias orientações que a prática social pode assumir - econômica, política, cultural, ideológica etc. -, sem que se possa reduzi-lo a qualquer uma delas. Porém, segundo o autor, o que mais interessa é o *discurso como modo de prática política e ideológica*:

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Os conceitos de *ideologia* e *hegemonia* são bastante centrais nesta teorização. Fairclough entende as ideologias como significações/construções da realidade - o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais - elaboradas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas, contribuindo para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. Dessa forma, as ideologias embutidas nas práticas sociais e discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e ganham o *status* de “senso comum” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Porém, essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser amplamente enfatizada, pois é importante que se tenha em vista o aspecto da “transformação”, apontando a *luta* ideológica como dimensão da prática discursiva e social, uma luta para remoldar os discursos e as ideologias neles construídas, no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001).

Nesse sentido, é importante que se considere a *hegemonia*. O conceito de “hegemonia”, ao lado da ideologia, também participa das formulações do discurso como prática social. Este conceito é bastante harmonioso com a concepção de discurso assumida por Fairclough, já que fornece possibilidades de mudança em relação à evolução das relações de poder, o que permite também uma análise sobre a mudança discursiva.

A hegemonia é um foco de luta constante sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos, a fim de construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, as quais se revestem de formas econômicas, políticas e ideológicas (FAIRCLOUGH, 2001). Portanto, os processos por meio dos quais a ideologia se estrutura e reestrutura, se articula e rearticula, são também um foco para a luta hegemônica. Considerando-se a luta pela hegemonia, pode-se afirmar que a mudança discursiva contribui para processos socialmente mais amplos de mudança, assim como é moldada por tais processos.

Ou seja, o discurso se relaciona estreitamente com as *lutas pela mudança social*. Nesse sentido, quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológica e revele a luta pela hegemonia. Assim, poder-se-á melhor entender por que, muitas vezes, o discurso dos Racionais (ou seja, num mesmo domínio particular), ao mesmo tempo em que tem como principal proposta combater o discurso dominante, acaba por reproduzi-lo em diversas passagens. Isso mostra a

possibilidade do convívio da resistência com a reprodução daquilo que é dominante, expondo-se as contradições que marcam a luta pela hegemonia:

Esse fenômeno da conservação da validade das ideias e valores dos dominantes, mesmo quando se percebe a dominação e mesmo quando se luta contra a classe dominante mantendo sua ideologia, é que Gramsci denomina de hegemonia. Uma classe é hegemônica não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado (isto é, o controle jurídico, político e policial da sociedade), mas ela é hegemônica sobretudo porque suas ideias e valores são dominantes e mantidos pelos dominados até mesmo quando lutam contra essa dominação (CHAUÍ, 1980, p. 127).

Tomando-se essa ideia como base, mas modificando-a em certa medida, é possível afirmar que o contraste abissal (tanto em forma, como em conteúdo) entre os discursos com os quais se trabalhará, ainda que em diferentes domínios - o discurso do *rap/samba* e o discurso jurídico – guarda também aspectos ideológicos e de luta pela transformação ou manutenção do atual estado social de coisas.

Outra questão de destaque diz respeito aos aspectos ou níveis do texto e do discurso que podem ser investidos ideologicamente. Comumente se ouve que são “os “sentidos”, e especialmente os sentidos das palavras (algumas vezes especificados como “conteúdo”, em oposição à forma), que são ideológicos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 119). Porém, embora os sentidos das palavras sejam naturalmente importantes, outros aspectos também o são, tais como as figuras de linguagem, a (in)coerência textual, o uso coloquial ou formal das palavras, os termos e expressões utilizados por cada discurso para dizer uma mesma coisa, para se referir a um mesmo fenômeno etc.

Dessa forma, é equivocado estabelecer uma oposição rígida entre “conteúdo” ou “sentido” e “forma”, pois os sentidos dos textos são estreitamente ligados às suas formas, e os aspectos formais dos textos em vários níveis podem também ser investidos ideologicamente. Nessa mesma direção, Pierre Zima⁵⁶ (1985 apud RIGHI, 2011) afirma que a sociologia do texto deveria partir de dois teoremas complementares, quais sejam: a) os valores sociais e a linguagem possuem uma relação de dependência; e b) as unidades lexicais, semânticas e sintáticas articulam interesses coletivos, podendo se tornar desafios de lutas sociais, econômicas e políticas.

⁵⁶ ZIMA, Pierre. **Manuel de sociocritique**. Paris: Picard, 1985.

Ou seja, forma e conteúdo podem ser investidos ideologicamente.

Porém, como já se advertiu no início deste tópico, a proposta deste trabalho não é analisar a dimensão textual e lingüística dos discursos eleitos, nem explorar suas dimensões lexicais, sintáticas e semânticas, por mais que em algum momento trate da *forma* usada para dizer algo, e em que medida ela pode se relacionar com o *conteúdo* do que se diz. Essa relação será especialmente evidenciada no tópico seguinte (4.3) quando forem confrontados o “socioleto” da periferia e a “gíria” jurídica: a forma usada pelo *rap* e pelo Direito para dizer algo tem importante ligação com o conteúdo do que se diz, e ainda mais: do que se *quer dizer*.

Pretende-se, com a análise das letras de *rap* e samba, confrontá-las com aspectos sociais e jurídicos, a fim de contribuir para os debates sobre a importância do discurso no processo de transformação social e, também, de transformação do próprio Direito. Isso de tal modo que as mudanças discursivas – a começar pela própria inserção do discurso do *rap* e do samba (as outras vozes) num trabalho *científico* e *jurídico* -, embora inicialmente dissonantes com a discursividade estabelecida, possam se tornar de alguma forma naturalizadas e, então, estabelecer novas hegemônias.

4.3 O socioleto da periferia e a gíria jurídica

Antes de irmos aos “gritos” propriamente ditos, é importante que se façam as seguintes reflexões.

Não é preciso esforço para se notar a profunda diferença entre o discurso jurídico e aquele produzido nos morros e periferias.

Um dos *raps* mais marcantes⁵⁷ dos Racionais (2002) é “Eu sou 157”. Consiste numa composição narrativa das atividades de um assaltante, e faz referência ao artigo 157 do Código Penal, que descreve o fato típico “roubo”, bastante “famoso” nos meios jurídicos e não-jurídicos: “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio reduzido à impossibilidade de resistência”. A

⁵⁷ Isso se deve à leitura que se fez deste *rap* como sendo uma “exaltação da criminalidade”. Porém, tal leitura é equivocada uma vez que, assim como em praticamente todos os *raps* dos Racionais, o desfecho da ação criminosa é trágico: a “fita” dá errado, há morte. Além dos questionamentos à opção criminosa na própria reflexão do personagem principal, na medida em que este pede desculpas à mãe por suas opções, também, ao fim da música, Mano Brown faz uma fala “ele mesmo”, fora do personagem e em prosa, diferenciando-se da voz em verso do ladrão da história. O conteúdo dessa fala, como oportunamente se analisará, é de evidente desestímulo ao crime.

referência ao número preciso do artigo no título e no refrão da música revela algo interessante: o acurado conhecimento “técnico” dos moradores da periferia relativamente ao Direito Penal.

Num dos trechos do *rap* em questão, o deslinde de um assalto é construído na voz de um dos *rappers*, que convida o outro para participar do ato criminoso e passa a descrever a sequência delituosa:

Se quer ir/ A ponta é daqui a pouco/ 8 hora, 8 e pouco/ Tá tudo no papel/ Dá pra arrumar uns troco/ O time tava montado/ Mais tem/ O que não pode mano/ É doutro lado/ Mais é/ É pela ordem/ Vamo dá mó mamão/ Só cata/ Demoro/ Ó só/ Ti puis na fita/ Porque você é merecedor/ Nao vou te pow em fita podre/ Aliado/ A cena é essa/ Fica ligado/ Um mão branca/ Fica só de migué/ No bar em frente/ O dia inteiro, tomando café/ É nosso/ O outro é japonês/ O kazu/ Que fica ali/ Vendendo um dog/ Talão zona azul/ Ce compra o dog dele/ E fica ali no bolinho/ Ele tem/ Só um canela seca no carrinho/ Se liga a loira, né/ Então/ Vai tá lá dentro/ De onda com os guardinha/ Pam/ É nessa ae que eu entro/ É 2, tem mais um/ Foi quem deu/ Tá ligeiro/ Na hora/ Ele vai tá de h no banheiro/ Tem uma xt na porta/ E uma shaara/ Pega a contra-mão/ Vira a esquerda e não para/ É direto e reto/ Na mesma/ Até a praça/ Que tá tudo em obra/ E os carro não passa/ Do outro lado tá a rose/ De golf/ Na espera/ Das as arma e os malote pra ela/ E já era/Depois só/ Praia e maconha/ Comê todas burguesa/ Em Fernão de Noronha⁵⁸
(RACIONAIS MCs, 2002).

Em contraponto a esta descrição, o mesmo fato, “transportado” para dentro do universo jurídico, numa eventual “denúncia” penal, poderia perfeitamente assim estar descrito⁵⁹:

No dia 10 de dezembro de 2012, por volta das 20h10, nas proximidades da Avenida Fim de Semana, Jardim São Luís, nesta cidade de São Paulo, os indivíduos supracitados, previamente ajustados e agindo com unidade de desígnios, tentaram subtrair para si, mediante grave ameaça exercida com emprego de arma de fogo, marca “Smith Wesson”, calibre 38, niquelado cano longo, número 403 (últimos algarismos danificados), municiado com 02 (duas) cápsulas intactas, dois malotes contendo a quantia de R\$ 6.000,00 (seis mil reais), pertencentes à vítima César Abdalla, proprietário da boate “Star”. Consta que, iniciada a execução do roubo, este não se consumou por circunstâncias alheias à vontade dos agentes.

⁵⁸ Fragmento do *rap* “Eu sou 157”.

⁵⁹Este excerto de uma possível denúncia penal foi construído com base em modelos de peças jurídicas coletados durante estágio realizado na Promotoria de Justiça de Ribeirão Preto, cotejados os dados do assalto descrito no *rap* “Eu sou 157”. Os nomes da avenida, boate, praça, vítima e “denunciados”, além da data, são todos fictícios.

Narra a peça informativa que na divisão de tarefas, o denunciado Naldo empunhava a arma ora descrita sendo que, acompanhado de Marlon, adentrou a boate e aproximou-se da vítima, dando-lhe voz de assalto e exigindo-lhe a entrega da *res furtiva*.

Durante a abordagem da vítima pelos dois indivíduos, a denunciada Kelly, em conluio com os demais, conversava com os seguranças particulares do estabelecimento, a fim de que estes não notassem a realização do ato criminoso.

Neste momento, o denunciado Paulo Abramovicius, agente de segurança responsável pelo patrulhamento rotineiro das redondezas, estava no bar em frente ao local dos fatos e, notando a movimentação criminosa, nada fez, pois também agia em concurso com os demais denunciados, tendo confessado os fatos em delegacia.

Ato contínuo, Naldo e Marlon evadiram-se da boate em desabalada carreira, acompanhados do denunciado Adilson que, conforme se apurou, estava posicionado no interior do banheiro da boate, para dar eventual apoio aos demais. Em seguida, já em posse dos dois malotes de dinheiro, os três foram em direção a duas motocicletas que estavam paradas em frente ao local, de marca XT e Sahara, descritas na peça informativa. Logo após, dirigiram-se até a praça XV de novembro, onde encontraram a denunciada Roseane na condução de um veículo “golf” preto, também descrito na peça informativa, e lhe entregaram a *res furtiva*.

Acionada, a polícia militar, em diligência bem sucedida, prendeu os denunciados, conduzindo-os à presença da autoridade policial, perante a qual foi lavrado o competente Auto de Prisão em Flagrante.

A arma utilizada para a prática do delito foi apreendida em poder dos denunciados conforme faz prova o Auto de Exibição e Apreensão acostado às fls. -- do presente feito.

Por suas condutas, os denunciados encontram-se incursos nas sanções do artigo 157, parágrafo segundo, incisos I e II, combinado com o artigo 14, inciso II, do Código Penal Brasileiro.

Pretti⁶⁰ (1984 apud SILVA, V. G. B, 2003) entende que os hábitos linguísticos estão ligados de forma indissolúvel ao modo de viver e encarar a vida. Assim, a sociedade rege o uso da linguagem e cria o que o autor denomina de “normas linguísticas”. Se pensarmos no Direito, parece que essa norma linguística se confunde, ou mesmo, *constitui* a própria norma jurídica, pois dela é indissociável. No exemplo acima, pode-se visualizar essa “confusão”.

A criação de uma linguagem especial pode servir apenas para atender ao desejo de originalidade, mas pode ter também outras finalidades. Pode servir de código a ser entendido

⁶⁰ Pretti, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: EDUSP, 1984.

somente por sujeitos de um grupo ou, ainda, como elemento de auto-afirmação. Tanto a gíria do *rap*, como a linguagem jurídica são fenômenos construídos por um determinado grupo, que as utiliza como um *signo de grupo*. E quanto maior o sentimento de união entre as pessoas de um grupo mais a linguagem servirá como elemento identificador e de auto-afirmação (PRETTI, 1984 apud SILVA, V. G. B, 2003, p. 39-40).

A partir disso, podem ser suscitados interessantes questionamentos. Por que a linguagem do Direito é como é? Qual a finalidade que a leva, tal qual a linguagem do *rap*, a ser uma verdadeira “gíria”, um signo de grupo? No caso do *rap*, parece claro e justificável o uso da “gíria”. Ora, viu-se que o *rap* surgiu como clamor de *determinados grupos*, em função de determinadas demandas, que precisavam ser materializadas de uma forma peculiar e artística. Mas e o Direito, que deveria servir e representar *igualmente* a todos? Que surge, junto com o Estado, em função das necessidades da vontade *geral* pelo bem *comum*? Para que serve este signo que também parece ser apenas *de determinados grupos*? Para conferir união entre as pessoas que o criam e aplicam? Mas por que é necessária essa união? Será que ela *precisa* existir como forma de se colocar ou proteger contra algo? Por que parece haver algo de autoritário e ofensivo nesse *separacionismo* discursivo, especialmente no “como” se dá a fala do Direito, mas, muitas vezes, também no “quê” ela diz realmente?

É realmente interessante notar como se confrontam os modos de dizer a mesma coisa por estas diferentes “instâncias”: a Favela e o Direito. No Direito, para se caracterizar o concurso de pessoas previsto no artigo 29⁶¹ *caput* do “Código” (atente-se para o interessante nome deste conglomerado de definições jurídicas) Penal, é necessário o prévio ajuste e a unidade de desígnios, ou seja, o planejamento anterior e intenção de todos os agentes de praticar o crime. Perceba-se como essa mesma situação é transmitida pelo *rap* com a expressão “O time tava montado”. Pela denúncia: “previamente ajustados e com unidades de desígnios”.

Para falar do mesmo “roubo”, o *rap* usa as expressões “ponta” (“a ponta é daqui a pouco”) ou “fita” (“Ti puis na fita/ Porque você é merecedor/ Não vou te pow em fita podre”). A expressão “fita”, inclusive, designa de forma específica o ato de cometer um assalto, de roubar, segundo definição dada pelo glossário do “dialeto” periférico, elaborado pela Comunidade do Capão Redondo⁶², da cidade de São Paulo (que é, inclusive, a comunidade de origem dos

⁶¹ Código Penal, art. 29: “Quem, de qualquer modo, concorre para o crime incide nas penas a este cominadas, na medida de sua culpabilidade”.

⁶² Disponível em: <<http://www.capao.com.br/dialeto.asp>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

Racionais MCs). Tal Comunidade produziu um “glossário” com aproximadamente 1.200 verbetes do “dialeto⁶³” usado nos nas periferias, nas ruas e, claro, nas composições de *rap*. Como se verifica no glossário, a definição de “Fazer uma fita” é precisamente “realizar um roubo ou assalto”, e o exemplo dado para o uso da expressão é o seguinte: “Mano, uns nóias *fizeram uma fita* e foram pro xadrez”.

Também de acordo com o dicionário do socioleto das periferias, o “mão branca”, no *rap* “Eu Sou 157”, é o agente de segurança, um dos denunciados na ação penal. Além disso, no *rap*, ele “fica só de migué”. Em paralelo, no jargão da denúncia, ele estaria em “conluio”, “concurso”, “prévio ajuste”, “unidade de desígnios” com os demais denunciados.

Há, ainda, outros exemplos: os “malote” do *rap* correspondem à “*res furtiva*” da denúncia; o “canela seca” no *rap* é a “arma de fogo, calibre 38” da ação penal, usada para “ameaçar a vítima”, dentre outros.

Todos estes exemplos podem ser ilustrativos da profunda diferença de realidades que separa Direito e Favela, o que se nota de modo marcante pela distância formal e substancial dos discursos.

Especialmente com a leitura de diversas composições de *rap*, mas também de samba, cujas letras estão anexadas ao final deste trabalho, ficará evidente um tipo de comunicação bastante peculiar da periferia que é uma linguagem oral que acaba sendo trazida para a escrita, definida por Zima⁶⁴ (1985 apud RIGHI, 2011) como “socioleto”.

De modo geral, um socioleto pode ser entendido como a fala de grupos, classes e estratos sociais ou de qualquer categoria na qual se verifica uma “uma cultura íntima”, de relação, de aproximação e/ou de identificação. A forma que um sujeito usa para se expressar, as gírias e o vocabulário presentes em seu discurso podem funcionar como marca identitária, evidenciando-se o grupo ou contexto ao qual pertence (RIGHI, 2011, p. 27-28). A formação de socioletos pode também ser consequência de fatores sociolinguísticos, como a idade, o sexo, o estatuto socioeconômico, o nível de instrução e a proveniência étnica.

Houaiss (2009) também considera como “socioleto”, ou “dialeto social”, cada uma das variedades de uma língua usada por grupos de indivíduos que, tendo características sociais comuns, como a profissão, os passatempos, a geração etc., usam termos técnicos e fraseados que

⁶³Dialeto é o nome dado a esse tipo de linguagem pelos próprios moradores da Comunidade do Capão Redondo, responsáveis por compilarem-na em forma de “dicionário”.

⁶⁴ZIMA, Pierre. **Manuel de sociocritique**. Paris: Picard, 1985.

os distinguem dos demais falantes na sua comunidade. Assim, mesmo havendo quem diga que o socioleto é predominantemente uma forma de comunicação oral, pode-se entender que ele designa, além da oralidade das periferias, também o “jargão jurídico”, embora este seja predominantemente pautado pela escrita.

Mesmo na condição de oralidade que é própria da linguagem das periferias, a Comunidade do Capão Redondo formatou o “dicionário” mencionado, trazendo, assim, a dimensão oral que lhe é peculiar, para a escrita. O papel do *rap*, nessa seara, é difundir o socioleto para outras classes sociais, criando uma tensão social e linguística dentro da sociedade tradicional. Ao reproduzir sua variante linguística oral, a propagação do *rap* também contribui para manter a identidade das periferias.

Como já se afirmou, o discurso do *rap* acaba, de certa forma, sendo um tanto quanto hermético, relativamente à linguagem “oficial”. Isso ocorre porque ele se direciona claramente a determinado grupo de pessoas e é, *de fato*, a fala deste grupo, tensionando os padrões hegemônicos tanto em sua forma, como no conteúdo. Ainda que haja consciência de sua inserção dentro das classes mais “altas”, como revela o trecho seguinte do *rap* Negro Drama:

Inacreditável/ mas seu filho me imita/ No meio de vocês/ Ele é o mais esperto/ Ginga e fala gíria/ Gíria não, dialeto/ Esse não é mais seu, Hó/ Subiu/ Entrei pelo seu rádio/ Tomei/ Cê nem viu/ Nós é isso ou aquilo/ O quê?/ Cê não dizia/ Seu filho quer ser preto/ Rhá/ Que ironia! (RACIONAIS MCs, 2002)

Já o Direito e seu discurso, que deveriam ser construídos, aplicados e direcionados à universalidade das pessoas⁶⁵ - pois é um dos principais pilares do Estado *Democrático* - acabam sendo dominados, entendidos e manejados por pequena parte delas.

A língua oficial ou o sistema linguístico dominante (onde se inclui a linguagem jurídica), desde a colonização do Brasil, tem subalternizado e excluído a fala dos marginalizados - o que acaba servindo para aprofundar ainda mais o processo de marginalização. Assim, a estratégia dessas “outras vozes”, dessas “vozes paralelas” à oficialidade, é usar em seu lugar uma linguagem próxima à oralidade - o *rap* privilegia a voz no lugar da escrita -, “sem arcaísmos, sem

⁶⁵ Lembre-se do preâmbulo da Constituição Federal, que coloca o ordenamento jurídico como construção de todo o “povo” brasileiro: “Nós, representantes do povo brasileiro, [...] promulgamos [...].”

erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE⁶⁶, 1980 apud OLIVEIRA, C. A., 2012, p. 13).

A linguagem do *rap* se assemelha à fala cotidiana de seus ouvintes, do seu público-alvo: aqueles que vivem nas periferias, “pois como disse Mano Brown numa de suas raras entrevistas, seu *rap* não é para ‘playboy’ ou para ‘sociólogo’ ver, mas para que seus ‘manos’ de favela escutem, entendam, reflitam sobre seus problemas e busquem transformá-los” (FALCÃO, 2006).

Nas Comunidades, essa oralidade, seja da forma como for praticada (diálogos, rádios comunitárias, sambas, *raps*), é um meio – ainda que limitado – de organização da cultura e expressão da consciência popular. Pode-se até mesmo dizer que, nas favelas – essas “enormes panelas de pressão contidas por sólidas paredes de aço e eficazes válvulas de escape” (COUTINHO, E. G.; ARAÚJO, 2009) – a resistência reverbera através da expressão oral dos moradores. Nessas falas, a consciência popular se renova. Porém, raros são os meios capazes de permitir a comunicação de cada indivíduo com a totalidade da comunidade. Mais raros ainda, canais que façam a mediação entre a comunicação que vem do morro e o restante da sociedade. Diferentemente do que se costuma pensar, se não ouvimos a fala política e, porque não, *jurídica*, dos habitantes das favelas e das comunidades em geral, isso não significa que eles estejam passivos, anestesiados, ou não tenham nada a dizer: significa que sua voz é tida como desafinada na música da dinâmica jurídica, social, econômica e política, na medida em que todas estas esferas andam juntas. Essa categoria de vozes tem sido, há muito tempo, calada, abafada, distorcida.

Bezerra da Silva percebeu criticamente o caráter unilateral da comunicação estabelecida entre as elites - e aqui se situa a “comunicação jurídica” - e o morro, consciente de que a música popular desempenha função de oposição democrática ao “monopólio da fala” e de tantos outros monopólios neste simbolizados, exercidos pelos aparelhos jurídicos de repressão estatal, pelas grandes mídias, pelo grande capital econômico, pelas leis que restringem o exercício de direitos sociais, pelas decisões judiciais “imparciais”, pelas políticas públicas não inclusivas etc. Bezerra vai à contramão de qualquer monopólio: é intérprete de dezenas de compositores populares quase desconhecidos pelo grande público, verdadeiros “intelectuais” da periferia, que pensam e se expressam artística e politicamente (COUTINHO, E. G.; ARAÚJO, 2009).

⁶⁶ ANDRADE, Oswald de. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

O samba, assim como o *rap*, vem construindo seu “socioleto”, embora o faça há mais tempo: desde as primeiras décadas do século passado, sendo considerado uma das principais formas de expressão das classes populares, especialmente das periferias de grandes cidades. Por meio dele, os grupos marginalizados da população, habitualmente condenados ao silêncio histórico, expõem sua identidade, seu “modo de conceber o mundo e a vida, em contraste com a sociedade oficial” (GRAMSCI⁶⁷, 1986 apud COUTINHO, E. G.; ARAÚJO, 2009).

É no sentido de ser um “socioleto contra-hegemônico” que Paulinho da Viola se refere ao samba como uma linguagem “marginal”. Diz ele que o samba “é coisa de marginais, [...] um negócio ‘toda-vida marginal’”. Essa expressão traz a idéia do samba como continuidade histórica de uma visão de mundo não-hegemonizada, como comunicação intergeracional de valores, idéias e práticas subalternos. Assim, por mais que se modifique no tempo, o samba não se desvincula de seu conteúdo histórico essencialmente marginal, isto é, constitui-se como objeto “toda-vida” articulado a um sujeito, a um grupo (COUTINHO, E. G., 2002).

Bastante pertinente é o embate pontuado por Bezerra da Silva, quando trata da linguagem falada hoje nos morros, com suas gírias e expressões - componente importante de uma cultura negra marginal, que remonta ao período da escravidão -, e a compara com a linguagem jurídica aprendida nos bancos da “academia”:

Quando os escravos quilombolas queriam traçar um plano de fuga, usavam gírias para os senhores não entenderem. É justamente, hoje, o que os intelectuais fazem com a gente. Eles vão para a escola, aprendem o *reverttere ad locum tuum*, burugundum, *data venia*. E aí chegam, falam com você o dia inteiro, chamam você do que querem e você não entende nada. (...) Então, o que a gente faz? A gente também pode conversar com o doutor do mesmo jeito, ele ficar o dia inteiro sentado e não entender nada também. Aí é zero a zero (SILVA apud DERRAIK, 2002).

O poder das elites⁶⁸, sua capacidade de determinar o sentido da realidade, de criar e impor significações, valores, códigos de leis, termos técnicos aos grupos subalternos, é contrabalançado pela linguagem popular, com seu socioleto próprio, seus “códigos” (como no Direito, por que não?) estranhos à linguagem hegemônica, seus signos escorregadios, de difícil assimilação e manejo pelo discurso oficial: “O cara chegou no xadrez, é um papo que, né, tinha

⁶⁷ GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

⁶⁸ “Elites” como símbolo de um lugar ocupado de forma marcante pelo Direito na visão das classes marginalizadas.

um furo na área, aí, chegou um catatau que estava fora do ar, o cara tava no vacilo, aí, foi... cerol, não teve jeito. Pra poder limpar. Ficou bonito⁶⁹” (apud DERRAIK, 2002).

Bezerra da Silva comprehende que essa linguagem, esse socioleto, carrega consigo conteúdos históricos alternativos, pois a gíria para ele “é cultura do povo”. Essa tradição de oralidade das comunidades que, antes de ser assimilada pela cultura de massa e se tornar clichê nas grandes mídias, é a expressão de uma espécie de “moral do povo”, se situa num processo contínuo de luta pela significação da realidade (COUTINHO, E. G.; ARAÚJO, 2009). E por isso, Bezerra canta: “toda hora tem gíria no asfalto e no morro, porque ela é a cultura do povo⁷⁰”.

Porém, o samba de Bezerra é consciente de que a cultura popular, oral, que não tem condições de ser veiculada por grandes meios, não é páreo para a cultura letrada, em muito representada pelo “Direito” do aparato jurídico penal, tão conhecido pelos marginalizados. É consciente de que esse Direito e sua *justiça* são cegos aos pobres e pendem para o lado dos “doutores”, dos detentores históricos do controle da palavra escrita, e não para o lado daqueles cujas normas e valores se transmitem volitivamente pela oralidade do “boca a boca”. Por isso, seu samba canta que “a balança da justiça social só pesa para a lei escrita/ Isso não está legal⁷¹”. (DUDA; MARUJO, 1987).

Bezerra canta que não parece ser “legal” a lei *escrita* que vence, de forma invariável, a luta pela justiça social, quase que “rivalizando” com o positivismo jurídico de Hans Kelsen, e “adivinhando” os pressupostos do “Pluralismo Jurídico” de Antônio Carlos Wolkmer, do “Direito Alternativo”, de Amílton Bueno de Carvalho, ou mesmo do “Direito Achado na Rua” de José Geraldo de Sousa Júnior e Roberto Lyra Filho.

A consciência de que a oralidade da favela não entra nos autos dos “doutores” - o que acaba perpetuando injustiças, em especial as que consistem na diferenciação de direitos em função de posições socioeconômicas - também aparece neste samba:

**O que o favelado diz não se escreve
Sabemos disso doutor**
Não tente tapar o sol com a peneira
O senhor sabe bem quem é o vapor

⁶⁹ Depoimento de um dos compositores parceiros de Bezerra.

⁷⁰ Elias Alves Júnior e Wagner Chapell. **A gíria é cultura do povo.** Álbum: “A gíria é cultura do povo”. Atração, 2002.

⁷¹ Fragmento do samba “Justiça Social”.

Solte o pobre inocente
E prenda o filho do governador⁷²
(GALO; ZALÉM ,1996, grifo nosso)

Apesar da lucidez quanto à enorme força das normas e valores dos “doutores” da classe dominante, a cultura popular oral pode invertê-los e dessacralizá-los. O humor, a crítica e a paródia contidos na fala popular – bastante viva no território periférico – expressam a “dialética interna do signo” que permite aos sujeitos recriarem seus valores sociais em confronto com os valores dominantes (BAKHTIN⁷³, 1997 apud COUTINHO, E. G.; ARAÚJO, 2009).

No caso do *rap*, esse confronto, inversão e dessacralização são obtidos por meio da acidez carregada de realidade e do tom “violento” que substituem o humor que o samba costuma propagar. Nesse sentido, o discurso e a palavra, no *rap* dos Racionais, têm uma função interessante: é a palavra-bala, o discurso que se assume, muitas vezes, como terrorista.

Minha intenção é ruim esvazia o lugar/ Eu tô em cima eu tô a fim um, dois pra atirar/ Eu sou bem pior do
que você tá vendendo/ O preto aqui não tem dó/ é 100% veneno/ A primeira faz “bum”, a
segunda faz “tá”/ Eu tenho uma missão e não vou parar/ Meu estilo é pesado e faz tremer
o chão/ **Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição**⁷⁴ (RACIONAIS MCs,
1997).

Mano Brown, em entrevista⁷⁵, afirma ser um guerreiro: “sou um cara guerreiro, o *rap* para mim não é jogo, é guerra, e nessa guerra eu tenho que conviver com minhas dores sabendo que tem mais gente que sofre no mundo e que pelo menos através do *rap* pode se aliviar”. Em outra entrevista⁷⁶, Brown também afirma: “estamos começando uma pequena batalha de uma grande guerra. Tudo está no controle **dos cara**: televisão, a música... Os Racionais não pode trair. Muita gente conta com nossa rebeldia” (apud OLIVEIRA, C. A., 2012, p. 9, grifo nosso).

O discurso *terrorista* dos Racionais, transmitido através da arte, funciona como uma máquina que atira o *rap* venenoso da periferia contra o centro da aparente “ordem” social, contra

⁷² Fragmento do samba “Este homem é inocente”.

⁷³ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁷⁴ Fragmento do *rap* “Capítulo 4, Versículo 3”.

⁷⁵ BROWN, Mano. Entrevista concedida a Spensy Pimentel, 2006. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/cultura-entrevista-com-mano-brown>>. Acesso em: 05 maio 2011.

⁷⁶ KALILI, Sérgio. A fúria de mano Brown. *Caros Amigos*, São Paulo, ano IX, n. 27, p. 205-207, fev. 2006.

o controle “dos cara”, possibilitando a emergência da diferença, da resistência: “Uni-duni-tê, eu tenho pra você,/ o Rap venenoso é uma rajada de PT!/ E a profecia se fez como previsto:/ Um nove nove sete, depois de Cristo/ A fúria negra ressuscita outra vez”.

Tal discurso “terrorista” que vem da periferia e funciona como uma série ininterrupta de “tiros” é fruto de uma construção “racional” e “dolosa”. Se o “sistema” é irracional, no sentido de bárbaro ou desumano, deve-se responder com a racionalidade extrema: a racionalidade “terrorista” construída pela palavra.

Mano Brown (1998) já chegou a afirmar: “Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista”. Com essas palavras, Brown de certa forma diz que seu fazer artístico não privilegia o estético do discurso (apesar da “forma” ser bastante representativa daquilo que se diz, para quem se diz, no contexto social em que o discurso se constroi), mas sim a “atitude” política de desafio ao sistema, de militância cultural, de engajamento.

De outro lado, o dialeto social dos “manos” funciona, no discurso do terrorista da periferia, como uma espécie de língua estrangeira dentro da língua oficial do sistema, fazendo a língua dos opressores gaguejar, falar de outra maneira, desequilibrando-a. O uso do socioleto dos “manos” no *rap* nos Racionais define uma prática política: confrontar a língua do opressor com sua própria alteridade, com sua “estrangeiridade” (OLIVEIRA, C. A., 2012, p. 13-14).

À medida que as consciências populares e marginais se renovam, pensam e sentem - pois a humanidade da periferia está bem viva -, e à medida que são capazes de se contrapor à ideologia vigente, mantida por poderosos aparelhos (como o Direito), reinterpretando criticamente o passado, são também capazes de recriar signos e fazê-los significar o que quiserem, obrigando às classes hegemônicas o esforço permanente de apropriação, esvaziamento e mistificação de seus discursos (COUTINHO, E. G.; ARAÚJO, 2009).

5. TERCEIRO ATO: O GRITO

Porque há o direito ao grito. Então eu grito.

Clarice Lispector

5.1 “O crime vai, o crime vem” (Criminalidade)

O pobre, o preto, no gueto é sempre assim/ O tempo não pára/ A guerra não tem fim/ O crime e a favela é lado a lado/ É que nem dois aliado/ O isqueiro e o cigarro/ Na viela, no beco, na rua sem saída/ Na esquina da quebrada/ Continua assim na mesma vida. (grifo nosso).

Racionais MCs - “Crime Vai e Vem”

No trecho do *rap* “Crime Vai e Vem”, acima colocado, encontramos uma das temáticas mais presentes nos *raps* dos Racionais: a criminalidade. Essa temática perpassará, em alguma medida, todas as demais. Em razão disso, dedicaremos especial atenção a ela.

Bastante presente também nos sambas de Bezerra, o crime e a criminalidade aparecem no epicentro de toda uma discussão mais ampla, que envolve a relação direito-favela.

O fenômeno criminal aparece nas letras bastante ligado ao seu cotidiano e consequências, a exemplo dos seguintes trechos dos *raps* “Mano na porta do Bar” e “Fórmula Mágica da Paz”:

Ele matou um feinho a sangue frio/ Às sete horas da noite,/ Uma pá de gente viu e ouviu, a distância/ Dia de cobrança, a casa estava cheia / Mãe, mulher e criança/ Quando gritaram o seu nome no portão/ Não tinha grana pra pagar/ Perdão é coisa rara/ Tomou dois tiros no meio da cara/ A lei da selva é assim, predatória/ Click, cleck, BUM, preserve a sua glória (RACIONAIS MCs, 1993, grifo nosso)

Eu vou procurar/ sei que vou encontrar/ você não bota uma fé, mas **eu vou atrás/ da minha fórmula mágica da paz** [...] Cê viu onti?/os tiro ouvi de monte!/então, diz que tem uma pá de sangue no campão/ Ih, mano toda mão é sempre a mesma idéia junta: Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto [...] **Uma pá de mano preso chora a solidão, uma pá de mano solto sem disposição** (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

No primeiro, se descreve um acerto de contas fatal, muito comum num lugar onde vige a predatória *lei da selva*. No segundo, se descreve a angústia de uma vida norteada sempre por uma mesma “ideia” - “treta tiro e sangue” -, em que existem apenas dois caminhos aparentemente possíveis ao indivíduo: se preso, chorar a solidão; se solto, viver sem disposição. Por isso, uma “fórmula” para a paz não existe na realidade dura dos fatos periféricos, possível apenas no plano da “mágica”.

Assim também, o “fazer criminoso” é frequentemente descrito nas letras dos Racionais, como no *rap* “Tô Ouvindo Alguém me Chamar” (1997):

Pensei, entrei, no outro assalto eu colei e pronto. Aí, o Guina deu mó ponto:- Aí é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão!/- Aí filho-da-puta, aqui ninguém tá de brincadeira não!/- Mais eu ofereço o cofre mano, o cofre, o cofre.../- Vamo lá que o bicho vai pegar!

Porém, o que realmente ganha relevo mais profundo e estrutural nas percepções trazidas pela leitura das músicas, são as condições e contradições em que o crime se produz e que acabam produzindo-o também. Por que o *rap* “Crime Vai e Vem” diz que a favela e o crime andam lado a lado, e mais que dois aliados, são como isqueiro e cigarro? Porque a favela é metaforizada como isqueiro que “acende” o crime?

Já se viu, no primeiro ato deste trabalho, como a “forma jurídica” tem o condão de mistificar as contradições inerentes às relações sociais na sociedade burguesa, tal qual a mercadoria fetichiza as relações de produção na esfera da economia capitalista. Por trás da ideologia da “harmonia” e “unidade” que confere ao Direito a importante função de regulador da vida em sociedade, de mantenedor da “ordem” social, fica escondida uma face parcial, classística e desigual, que intenciona garantir e estruturar determinada formatação econômica e social, favorável a certos grupos dessa sociedade e contrária a outros. Essa característica, junto à teorização da norma jurídica sob o direcionamento da dogmática, prepara o terreno para uma prática ideológica do Direito.

Um dos fenômenos que decorrem desta limitação presente no Direito e nas instituições que o “aplicam” – Polícia, Ministério Público e Poder Judiciário, especialmente – é aquilo que se denomina por “cifra negra da criminalidade” (diferença entre os casos comunicados e os fatos

delituosos efetivamente ocorridos), bem definido nas palavras de Augusto Thompson (2007, p. 3):

embora os índices da ordem formal indiquem existir uma considerável quantidade de infrações, o total dos delitos de fato praticados supera-os largamente. [...] À brecha constatada entre os crimes cometidos e os registrados denominou-se “cifra negra da criminalidade”.

Assim, os dados sobre a quantidade de condenações ou comunicações oficiais por um ou outro tipo penal não correspondem à quantidade de violações que um ou outro bem jurídico sofre, na verdade. Pesquisas que trabalham com técnicas de vitimização e autorrevelação apontam para uma tendência à generalização no cometimento de crimes⁷⁷, podendo até ser conjecturado se o cometimento de crimes não seria algo próprio à condição humana. Thompson imagina que apenas um terço dos crimes praticados chega ao conhecimento das autoridades policiais. Consequência importante disso é que fica extremamente difícil descobrir os verdadeiros caminhos e a real composição da criminalidade, assim como nosso conhecimento a respeito dos criminosos acaba restrito e distorcido⁷⁸ (RADZINOWICK; KING⁷⁹, 1977 apud THOMPSON, 2007, p. 19).

Dessa maneira, de que forma é possível se falar em uma “personalidade” voltada ao crime, como enunciam diversas peças jurídicas em ações criminais, diversas passagens jurisprudenciais, além das positivações em artigos legais?

Diz o artigo 59 do Código Penal, que a “personalidade do agente” é condição que influí na aplicação da pena:

Art. 59 - O juiz, atendendo à culpabilidade, aos antecedentes, à conduta social, à **personalidade** do agente [...]: estabelecerá [...]: I – as penas aplicáveis [...]; II – a quantidade de pena aplicável [...]; III – o regime inicial de cumprimento da pena privativa de liberdade; IV – a substituição da pena privativa de liberdade aplicada, [...], se cabível. (grifo nosso)

⁷⁷ Informação transmitida pela Profª Dra. Marina Rezende Bazon, em aula ministrada aos alunos de graduação da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, dia 14 de março de 2013, na disciplina “Psicologia Jurídica e Forense”.

⁷⁸ Radzinowick e King (apud THOMPSON, 2007, p. 19), a partir disso, concluem que muito provavelmente o sistema não tem o menor interesse em tentar diminuir a cifra negra, pois a polícia, os promotores, o Judiciário e os estabelecimentos prisionais sucumbiram se tivessem que lidar com todos os que, de fato, violam a lei penal.

⁷⁹ RADZINOWICK, Leon & KING, Joan. **The Growth of Crime**. London: Hamish Hamilton, 1977.

Diferente não é o art. 126 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8.069/90, que estabelece que o representante do Ministério Público poderá conceder a remissão, como forma de exclusão do processo, atendendo às circunstâncias do fato, ao contexto social, bem como à *personalidade* do adolescente.

O seguinte julgado do Tribunal Regional Federal da 3^a Região vai nesse mesmo sentido, literalmente afirmando uma “tendência” no cometimento de delitos:

PENAL - FURTO QUALIFICADO (ART. 155, § 4º, INCISO I, DO CÓDIGO PENAL)
 - TENTATIVA (ARTIGO 14, II, CÓDIGO PENAL) - AUTORIA E MATERIALIDADE DEVIDAMENTE COMPROVADAS - RÉU COM PERSONALIDADE VOLTADA PARA O CRIME - SUBSTITUIÇÃO DA PENA POR RESTRITIVA DE DIREITOS - IMPOSSIBILIDADE - REGIME INICIAL FECHADO - RECURSO IMPROVIDO.

1. A autoria e a materialidade do delito restaram devidamente comprovadas através da versão oferecida pelo réu (fls. 08/09 e fls. 77/78), dos testemunhos (fls. 116/117 e 139/140) e do laudo pericial (fls. 168/175).
2. **Apesar de tecnicamente primário, o réu apresenta maus antecedentes e personalidade voltada para o crime** (fls. 130/132 e 106), com **tendência à prática reiterada de delitos, na busca de lucro fácil**.
3. Nos termos do artigo 44, inciso III, a pena privativa de liberdade não deverá ser substituída pela restritiva de direitos. 4. De acordo com o § 3º do artigo 33 do Código Penal combinado com o artigo 59 do mesmo diploma, a pena corporal deverá ser cumprida no regime inicialmente fechado. Impossibilitada a substituição da pena corporal por restritivas de direitos. 5. Recurso improvido.

(Apelação Criminal nº 7999-SP 2003.61.04.007999-7; Relator: Desembargadora Federal Ramza Tartuce; Julgamento: 23/08/2004; Órgão Julgador: Quinta Turma; Publicação DJ: 23/08/2004, grifos nossos)

A partir do reconhecimento de tais incoerências, vamos a outras reflexões de base: por que alguns casos são levados à apreciação jurídico-penal, enquanto outros são deixados à sua margem? Por que determinadas pessoas, geralmente oriundas de determinados locais e patamares sociais, são rotuladas como criminosas, e outras não? Quais as consequências desse tratamento e qual a fonte de sua legitimidade? Este problema encontra amparo no conceito criminológico de *seletividade* do aparato jurídico-penal.

A tal “seletividade” trabalha em dois níveis diferentes. Um deles ocorre na seleção, feita pelo legislador, dos bens juridicamente protegidos pela sanção penal. O outro se dirige à escolha dos indivíduos estigmatizados entre aqueles que infringem os dispositivos penais, “agentes” dos

fatos típicos (BARATTA, 2002, p. 161). Ressalte-se que apesar de serem níveis e momentos distintos, a lógica seletiva opera da mesma forma. É até mesmo algo “cultural”, naturalizado (e incentivado) pela sociedade, que o estigmatizado pelo sistema jurídico-penal seja de determinado tipo, e não de outro, como canta o *rap* “Negro Drama”: “Olha quem morre/ Então veja você quem mata/ Recebe o mérito, a farda que pratica o mal/ Me ver pobre, preso ou morto/ Já é cultural” (RACIONAIS MCs, 2002).

A letra parece falar de dois tipos estanques, construídos e selecionados em torno de “quem morre” e “quem mata”: o negro pobre já tem seu destino selado; a farda, que representa o aparato jurídico-policial, é a algoz, praticante do “mal”, na fala quase ontológica do *rap*. E, inexplicavelmente, é ela que recebe o mérito. Por quê? Por quem? Quem confere “troféus e medalhas” à *farda*? Ou mesmo, quem está simbolizado por trás dessa “farda”? Não parece absurdo colocar o sistema jurídico nesta posição, ainda que não esteja sozinho...

A escolha do Direito Penal para defesa de certos interesses não se dá por um legislador neutro que pretende o bem comum para a sociedade em geral, mas é condicionada por um “comprometimento” do sistema jurídico para com a manutenção de certa formatação e “ordem” social (LACERDA, 2009). Assim, o direito positivo e sua prática dão atenção “mais que especial” à criminalidade praticada contra o patrimônio privado – base jurídica sobre a qual se sustenta a ideologia vigente na sociedade capitalista – enquanto dá um tratamento mais brando, mais “desatento” aos crimes ditos “do colarinho branco”, que só podem ser praticados por aqueles agentes que estão nas partes “superiores” do sistema. Tais crimes, em especial, parecem ficar quase sempre na esfera do sancionamento administrativo, e ainda que o direito penal se aplique a eles, parece não estigmatizar seus agentes.

Esse tipo de criminalidade - os *white-collar crimes* que, para Thompson (2007, p. 55) tiveram uma tradução ruim, devendo ser nomeados como “crimes de paletó e gravata” - foi pioneiramente estudada por Edwin Sutherland⁸⁰. O estudosso analisou as 70 principais corporações americanas, por longo período (dos anos 1920 até 1944), demonstrando que elas haviam sido processadas por infringirem diversas leis, especialmente elaboradas após a crise de 29. Os atos delituosos à comunidade foram praticados por *todas* as 70 corporações e 91,7% delas foram reincidentes. A média de delitos cometidos por empresa foi de 14. Porém, conforme

⁸⁰ Sutherland formulou sua tese com base nos estudos descritos, ficando conhecida como “Teoria da Associação Diferencial”.

constatado por Sutherland, havia uma apreciação diferenciada relativamente ao cometimento de delitos por parte dos grandes empresários, comerciantes e industriais. Isso ocorreu e ainda ocorre porque, no ideário vigente, tais homens possuem um *status* que não os permite ser confundidos com as pessoas que “comumente” praticam crimes. Shecaira (2008, p. 201-202) enumera alguns motivos para tanto. Em primeiro lugar, o juízo que se faz desses “poderosos” inclui um misto de medo e admiração. Os responsáveis pelo sistema de justiça penal podem sofrer as consequências de um confronto com os homens que detêm o poder econômico - e por uma decorrência bastante problemática, o poder político. Nesse sentido valem as palavras de Thierry Levy⁸¹ (1979, apud THOMPSON, 2007, p. 45):

Para o convencimento de que a história do direito de punir não tem nenhuma autonomia real e nenhum sentido fora da história política e social, é suficiente ter em mente que há um domínio no qual inextinta evolução, qual seja, o da independência da instituição judiciária relativamente ao poder político. A justiça nunca foi independente e nem o será jamais.

Não só os julgadores: também os legisladores admiram e respeitam os “homens de negócio”, não sendo concebível tratá-los como delinquentes. Isso justifica, em segundo lugar, uma implementação legislativa de respostas diferenciais, normalmente não-penais, aos autores de crime do colarinho-branco, não coibindo tais atos com o mesmo rigor que coíbem outros delitos patrimoniais. Em geral, as penas não são altas, são mais pecuniárias que pessoais, admitindo substitutivos da privação da liberdade (SHECAIRA, 2008). Tudo com base no seguinte pensamento: essas pessoas não precisam ser ressocializadas, nem “corrigidas”, uma vez que não estão *dessocializados*, tampouco são “criminosas de verdade”. Esta seletividade encontra ressonância na obra de Bezerra da Silva:

Quando o colarinho branco
Mete o rife sem dó nos cofres da nação
O senhor não condena ele à morte
E também não lhe chama de ladrão
Nessa hora a justiça enxerga, doutor
E protege o marajá

⁸¹ LEVY, Thierry. **Le désir de punir**. Pans: Fayard, 1979.

E se por acaso ele for condenado
 Tem direito à prisão domiciliar⁸²
 (FORTE; BASTOS, 1991)

O criminoso de “paletó e gravata” não é chamado de ladrão, e nem se considera punir tal crime com a pena de morte, como frequentemente se ouve em relação aos crimes cometidos pelas camadas “inferiores” da população. Só para o marajá a justiça “enxerga”, tira a venda para ver o que quer, pois, para o pobre, ela parece estar sempre “cega” à sua realidade. Caso haja o indiciamento de um colarinho-branco, este terá diversas garantias processuais que só são usufruídas por aquelas categorias de cidadãos portadores de título superior, algumas profissões específicas, ou, com referência ao samba - “prisão domiciliar” -, aos idosos. Isso revela que o direito penal tem tendência a privilegiar certos interesses, que são aqueles das classes dominantes, e a imunizar do processo de “criminalização” comportamentos extremamente danosos coletivamente, típicos de indivíduos que participam de tais classes.

Um terceiro fator para o tratamento diferencial do “colarinho-branco” é relativo às consequências de seus delitos, que não são aparente nem diretamente sentidas pela comunidade. Tais violações são complexas e de efeitos difusos. Muitas vezes uma empresa viola uma norma por décadas sem que as agências penais e administrativas de controle, ou mesmo a sociedade, identifiquem (ou *queiram* identificar) a violação. Isso faz com que a comunidade jurídica e a comunidade em geral pareçam não querer punir da mesma forma tais crimes, ainda que isso soe contraditório, pois a agressão aos bens jurídicos tutelados nestes casos pode produzir lesões bem maiores que as produzidas pela criminalidade “comum”, atingindo inúmeras vítimas. O *rap* “Mãos” expõe essa contradição:

Mãos se rendem, pra outras que tudo levam/ Quase em extinção, mãos honestas amorosas / **E nossas pobres mãos, bate as cordas/ Pago pra ver queimar em brasa/**
Mãos de baixareis que não condenam o mal/ Que inocentam réus, em troca do vil metal/ Governa a diretriz la laia... tão fraudulenta/ Sem réu e sem juiz, mãos não se acorrenta/ **Justiça: põe as mãos na consciência/** Ato que fez Pilatos la laia... travando tuas mãos/ Eu vejo que injustiça, com as próprias mãos (RACIONAIS MCs, 2009, grifo nosso).

⁸² Fragmento do samba “Pena de Morte”.

Por um lado, várias mãos são rendidas, às vezes, sem ter trazido reais prejuízos à sociedade (e.g. furto de um gênero alimentício qualquer num grande supermercado), enquanto outras são inocentadas, à custa daquelas que estão rendidas, pois a acumulação de capital (ainda mais a fraudulenta) é fator determinante para a geração da miséria (e, consequentemente, da “carcerização” que a miséria “gera”). Para o *rap*, as mãos dos “bacharéis que não condenam o mal” são colocadas moralmente junto das “mãos que tudo levam”, merecendo a pena de “queimar em brasa”. É feito um apelo à “Justiça” - que aqui se confunde com os agentes estatais que não condenam determinadas práticas por lhes ser conveniente a manutenção do estado vigente de coisas - usando o título e mote da música de forma bastante inteligente: “põe as *mãos* na consciência”.

Em contraponto, o Direito Penal, o processo de criminalização e estigmatização se voltam furiosos, principalmente, para as formas de desvio típicas das classes populares. Isso ocorre não só com a escolha dos tipos de comportamentos descritos na lei, mas na própria elaboração técnico-legislativa dos tipos penais. Quando são direcionadas a comportamentos “típicos” das classes populares e que expõem as contradições das relações de produção e distribuição capitalistas, eles formam uma rede bem fina. Quando, porém, os tipos legais têm por objeto a criminalidade econômica, dentre outras formas de criminalidade típicas de indivíduos pertencentes às classes do “poder”, a rede é frequentemente muito larga, como afirma Baratta (2002, p. 165). A forma de se elaborar a disposição legal de um ou outro crime, como mencionado, já mostra o interesse em efetivar a criminalização de certas condutas, praticada por certos agentes. A precisão descritiva das ações ilícitas será maior ou menor a depender daqueles a quem se pretende que as ações sejam *realmente* incriminadas.

Ainda que nesta fase “legislativa” o viés de classe do Direito não se afigure tão claro, na atividade de jurisdição estatal e persecução penal, via direito processual penal, a seletividade ficará em destaque. A começar pela realização da conduta, seguindo pela investigação policial, oferecimento da denúncia e condenação judicial, vários mecanismos são acionados a fim de efetivar a criminalização como manda o “sistema”. Até que o agente receba uma pena, são necessários alguns “filtros” de passagem, apresentados por Thompson (2007, p. 3-19). Da prática do delito até a efetiva condenação (e indo mais adiante, até seu encarceramento) é preciso que : a) o fato seja relatado à polícia; b) se relatado, deve ser registrado; c) se registrado, deve ser investigado; d) se investigado, deve gerar um inquérito; e) existindo o inquérito, deve originar

uma denúncia por parte do Ministério Público; f) se for denunciado, deve culminar numa condenação pelo juiz; g) se houver condenação e for expedido o mandado de prisão, a polícia deve executá-lo com êxito.

Superadas as etapas, é preciso que vítimas, testemunhas do fato e agentes estatais (Polícia, MP e Juízes), se articulem de modo sucessivo dando continuidade ou não à trilha do autor do fato em direção à condenação, dada a comprovação da conduta como crime. Mas, para tanto, concorrem também alguns elementos objetivos, que fazem com que o processo de penalização de uma conduta na fase pré-inquisitorial tenha início e prosseguimento (LACERDA, 2009).

Um fator contributivo é a visibilidade da infração. Dessa maneira, pode-se até dizer que a periferia é a “vitrine da criminalidade”. Isso porque a conduta delituosa terá maiores ou menores chances de ser identificada pelos agentes estatais à medida que aconteça num lugar em relação ao qual a polícia tem mais facilidade de acesso e trânsito, o que “explica” porque logradouros públicos – e até espaços privados - de bairros periféricos estão muito mais expostos às “batidas” policiais se comparados aos condomínios fechados e apartamentos das zonas⁸³ onde moram as classes médias e as mais abastadas da cidade (LACERDA, 2009).

Outro fator que contribui no sentido de se trilhar mais um pouco rumo à privação da liberdade é a improbabilidade de o agente estatal eventualmente se beneficiar dos produtos da corrupção ou prevaricação, quando o agente da conduta for um “criminoso pobre”. Só aqueles que possuírem recursos financeiros - incluindo aqui os grandes traficantes, que podem inclusive ser de origem “periférica” - para dar lastro ao “suborno”, ou tiverem um *status* social que permita “traficar influência”, poderão sair dos rumos da persecução penal, como cantam os Racionais:

Dinheiro, segredo, palavra-chave/ Manipula o mundo e articula a verdade/ Compra o silêncio, monta a milícia/ Paga o sossego, compra a política/ Aos olhos da sociedade é mais um bandido/ E a bandidagem paga o preço pela vida⁸⁴ (2002, grifo nosso).

⁸³ Interessante, mas problemático, é o zoneamento da urbe estabelecido pelos estudos da Escola de Chicago, em que se acusa a ocorrência majoritária da criminalidade nos bairros “desorganizados socialmente”, como as favelas. Isso porque tais estudos ignoraram a cifra negra, que traria dados daquela *outra* criminalidade, não-oficializada, pelos fatores acima expostos.

⁸⁴ Fragmento do *rap* “Crime Vai e Vem”.

A polícia passou e fez o seu papel/ Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu/ Que vida agitada, hein? Gente pobre tem./ Periferia tem./ Você conhece alguém?⁸⁵ (1997, grifo nosso)

Por fim, pode-se dizer que a vulnerabilidade do agente em ser submetido a violências e arbitrariedades institucionais será determinante em seu destino rumo à condenação. Essa vulnerabilidade se materializa na inércia, por parte do réu ou das pessoas ligadas a ele (amigos, parentes etc.), em relação aos mecanismos legais capazes de impedir ou fazer cessar tais arbitrariedades. Isto também está junto à segurança que têm os agentes estatais de que não responderão disciplinar ou penalmente, de modo formal ou informal, pelo que praticarem “a portas fechadas” contra o “delinquente”.

No *rap* “Tô Ouvindo Alguém me Chamar”, a postura vulnerável - e mais que isso, desiludida e desinformada de seus direitos - do autor dos “latrocínios” fica evidente quando ele diz que, como não há dinheiro para se defender (algo que ele não precisaria, já que existe a Defensoria Pública em prol dos hipossuficientes econômicos), sua postura é “deixar acontecer”, já que não existe qualquer possibilidade de reverter a situação: “Se o júri for generoso comigo: Quinze anos para cada latrocínio⁸⁶.../ **Sem dinheiro pra me defender/ Homem morto, cagueta, sem ser/ Que se foda, deixa acontecer/ não há mais nada a fazer**” (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

Coloca-se então, o problema: os pobres não têm acompanhamento de advogado desde a fase de inquérito, diferentemente daqueles que têm recursos. Assim, o papel da Defensoria Pública, representante legal dos economicamente hipossuficientes, já se inicia com derrota. Isso somado ao fato de que o defensor acompanha uma volumosa quantidade de processos, limita a atenção que poderá dar a cada um deles (o que provavelmente não aconteceria se o advogado fosse particular), fazendo com que o direito à ampla defesa e às demais garantias fundamentais vire uma piada, em termos práticos. Talvez esteja aí a lucidez do *rap* acima citado em seu

⁸⁵ Fragmento do *rap* “Mágico de Oz”.

⁸⁶ Uma imprecisão técnica do *rap*, que talvez nem merecesse registro: o latrocínio não vai a Júri, pois é roubo seguido de morte, não tem natureza de crime doloso contra a vida, não se inserindo no rol do art. 74, § 1º, do Código de Processo Penal. Essa “escorregada” do *rap* pode servir para mostrar como o conhecimento técnico do direito penal aparentemente robusto entre as classes subalternas, é apenas superficial e pode não ser o bastante para a percepção jurídica necessária para saberem se defender satisfatoriamente no curso de um inquérito policial ou ação penal.

desconsolo. O lamento do samba de Zalém e Zé do Galo (1996), neste quadro, também combina bem.

Doutor,
Este homem é inocente
Procure saber a verdade
Não deixe que o pobre coitado
Perca a liberdade
 O senhor aplica a lei
 Faz, compila e condena
 A quem de direito merecer
 Mas não faça injustiça
 Com quem não tem nada ver
Nós discriminados da favela
Sabemos quem é o culpado
Só os poderosos fingem não saber
É uma lei severa pro trabalhador
E outra de colher de chá e caô-caô [...]
 O senhor sabe bem quem é o vapor
Solte o pobre inocente
E prenda o filho do governador⁸⁷ (grifo nosso)

Porém, infelizmente o “fingimento dos poderosos” não será facilmente abalado. Isso porque como já se viu, é bastante improvável que haja a “batida” policial, ou mais ainda, a prisão em flagrante do filho do governador que esteja, no conforto de seu apartamento de luxo, apreciando os efeitos de sua *cannabis* de qualidade.

Mesmo que aconteça esta remota possibilidade, o “Leonardo” terá mais uma chance quando for lavrado o auto de prisão em flagrante, pois nessa ocasião seu advogado “particular”, da melhor qualidade, poderá negociar com o delegado alguma “condição especial” para a inobservância do trâmite legal.

Se Leonardo dá vinte
 Por que é que eu não posso dar dois
 Mesmo apertando na encolha, malandro

⁸⁷ Fragmento do samba “Este Homem é Inocente”.

Pinta sujeira depois
 Levei um bote perfeito
 Com um baseado aceso na mão
 Tomei um sacode regado a tapa,
 Pontapé e pescoção
 Eu fui levado direto à presença do dr. Delegado
 Ele foi logo gritando: “Vai se abrindo, Malandro
 E me conta tudo como foi”
 Eu respondi: “Se Leonardo dá vinte, doutor
 Por que é que eu não posso dar dois”
“Leonardo é Leonardo”, me disse o Doutor
Ele faz o que bem quer, está tudo bem
Infelizmente é que, na lei dos homens
A gente vale o que é e somente o que tem
Ele tem imunidade para dar quantos quiser
Porque é rico, poderoso e não perde a pose
E você que é pobre, favelado
Só deu dois, vai ficar grampeado no doze⁸⁸
 (CORAGEM; MARTINS; SILVA, 1999, grifo nosso).

Por fim, se mesmo assim tudo der errado para “Leonardo” na fase inquisitorial, a excelente e totalmente dedicada defesa técnica do caso – que apenas o dinheiro compra – descobrirá algum vício insanável no inquérito policial ou no processo criminal que levará à impossibilidade de o juiz proferir uma sentença no caso. Ou seja, nestas condições, a chance de condenação é quase tendente a zero. Caso, porém, esse vício não apareça nem com uma eventual “forçada” de barra da defesa particular, o juiz ainda poderá achar algum traço, algum “minimizante” ou motivo de remissão (se for um adolescente infrator) nos fatos, indicando que a “personalidade do agente” *não é voltada para o crime...* E para conceder essa benesse, nem precisaria ser “retribuído” por estar *forçando* criativamente argumentos, pois o pensamento jurídico e social hegemônico já confere aval a uma decisão como esta. Assim, é “fácil” para o julgador que age como manda o “sistema” fazer a motivação de sua sentença.

Dessa forma, atuante a “seleção”, que modifica a “cara” da criminalidade real em função dos “filtros” operantes especialmente na atividade policial, os crimes que geram denúncias

⁸⁸ Fragmento do samba “Se Leonardo dá vinte...”.

ministeriais e levam a condenações judiciais geralmente terão um padrão homogeneizado de seus agentes. De acordo com dados do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes de 2004, 99% da população carcerária brasileira é pobre (LACERDA, 2009). Dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (INFOOPEN) do Ministério da Justiça (BRASIL, 2012), mostram que o perfil da população carcerária brasileira é predominantemente jovem, masculino, negro e de baixa escolaridade. Do total de encarcerados, 57,4% são negros e pardos, cerca de 75% possuem escolaridade apenas até o ensino fundamental, 51,2% tem faixa etária entre 18 e 29 anos. É como canta o *rap* “Crime vai e vem”: “O pobre, o preto, no gueto sempre é assim. O tempo não pára. A guerra não tem fim”... (RACIONAIS MCs, 2002).

Outro dado interessante do INFOOPEN 2012 relaciona-se à natureza das condutas que levam à carcerização: dentro do universo de crimes tipificados no Código Penal, 72% dos presos foram condenados por *crimes contra o patrimônio!* Do total geral - incluindo crimes previstos no Código Penal e na legislação especial, 74,4% da população carcerária foi condenada por *crimes da lei de entorpecentes e crimes contra o patrimônio*.

Assim, com este processo de homogeneização do perfil de “usuários” do sistema penal, a partir de sua seleção dentro da sociedade, constroem-se, sobre a imagem de quem nele se enquadra, rótulos e estígmas. Mais ainda, constroem-se rótulos e estígmas sobre a imagem de quem nele ingressou, ainda que brevemente. E aí entramos num ponto sensível: então o que é a conduta desviada, senão a reação social face a ela? O “desviante” seria, então, aquele a quem o rótulo social de criminoso foi aplicado com sucesso. Se um ato é desviado ou não, depende em parte da natureza do ato, em parte do que as outras pessoas vão fazer perante sua ocorrência. As reações perante a transgressão lhe dão organização simbólica e identidade pública (SHECAIRA, 2008, p. 290).

A teoria da “reação social” ou “etiquetagem” explica muito da sensação e realidade acima descrita. Praticado um ato inicial, uma relação terá origem a partir da reação social (que inclui a do Estado), havendo uma drástica mudança na identidade do indivíduo perante a sociedade. Um *status* lhe é impresso, revelando o agente desviado como alguém que supostamente deveria ser. Para ser taxado como “criminoso”, basta uma única ofensa criminal, e esta passará a ser tudo que se tem de referência em relação ao delinquente. As agências estatais de repressão do crime – especialmente a polícia - sempre chamarão aquele que cometeu um único furto de “ladrão”, o que gerará o rótulo de identificação do desviante. Assim, seu cotidiano, suas

rotinas diárias farão com que ele busque se aproximar dos iguais, tendo início uma “carreira criminal”. E a incoerência de um processo terrível fica flagrante: *as condutas desviantes são alimentadas pelas agências designadas para inibi-las* (SHECAIRA, 2008).

Ou seja, além da sociedade que já estigmatiza tais condutas, diversas instituições destinadas a desencorajá-las - por mais que exista no agente a força e vontade de não retornar ao sistema penal - operam de modo a perpetuar o comportamento desviante. É o que canta/conta o rap “Crime vai e Vem”, embora identifique apenas com o nome genérico de “sociedade” a origem do rótulo:

Eu tô aqui com uma nove na mão/ Cercado de droga e muita disposição, ladrão/ **Fui rotulado pela sociedade/ Um passo a mais pra ficar na criminalidade/** O meu cotidiano é um teste de sobrevivência/ **Já to na vida, então, paciência/** Pra cadeia não quero,/ não volto nunca mais (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Assim, de maneira um tanto quanto cruel, pode-se dizer que “à medida que o mergulho no papel desviado cresce, há uma tendência para que o autor do delito defina-se como os outros o definem” (SHECAIRA, 2008, p. 294).

A criminalidade nas comunidades é retratada pelos Racionais, portanto, como algo muito marcante, num “vai e vem” contínuo e problemáticamente “normalizado”, tanto na visão dos agentes de repressão estatal, como na visão dos próprios *periféricos*, uma alimentando a outra. O estigma, portanto, se constroi dialeticamente.

Nota-se no trecho a seguir, que diz respeito especificamente aos crimes de drogas, como há uma ideia de normalidade e causalismo inexorável no seu gerar – uma vez que se trata da *quebrada*, como se o “sistema”, o consumo “em alta” e o dinheiro fossem espécies de “mandantes” do crime: “O crime **vai**, o crime **vem**,/ A quebrada ta **normal** e eu tô também/ **O movimento dá dinheiro sem problema,/ O consumo tá em alta como manda o sistema/** Onde há fogo, há fumaça/ Onde chega a droga é inevitável, embaça⁸⁹” (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Não só o tráfico, mas o uso de drogas é também colocado em pauta como problema criminal e social crescente na periferia, já que por meio dessa prática as infindáveis carências da existência sofrida dos “irmãos” parecem se amainar: “A noite chega e o frio também/ Sem

⁸⁹ Fragmento do rap “Crime vai e vem”.

demora, aí a pedra/ O consumo aumenta a cada hora/ Pra aquecer ou pra esquecer/ Viciar, deve ser pra se adormecer/ Pra sonhar, viajar, na paranoia, na escuridão/ Um poço fundo de lama, mais um irmão⁹⁰” (RACIONAIS MCs, 1997).

No trecho acima, a droga é colocada como “solução” para as carências materiais, mas também afetivas: serve para “aquecer” do frio, já que não há teto ou cobertor, mas também para “esquecer”, sonhar, viajar, adormecer de todas as angústias emocionais oriundas da condição de miséria material e até “espiritual” em que se vive. Essa “aparentemente” rápida solução, porém, é um caminho para a “escuridão”, num alerta à luta contra essa situação. Para o *rap*, os manos não podem se conformar com a fuga oferecida pelas amarras profundas do vício, metaforizado na expressão “poço fundo de lama”.

Existe também, na voz dos *rappers*, um apelo moral dissuasivo, em tom de advertência, relativamente ao crime:

Ideia te incentiva pra cê num segui o crime/ Cada um no seu lugar e você não é desse time/ Mesmo que você discorde do que eu tenha pra falar/ Melhor você na rua do que ver sua mãe chorar/ Cê sabe que cadeia, só uma questão de tempo/ Não caia nessa teia, uma cena triste/ lamento⁹¹ (RACIONAIS MCs, 2009, grifo nosso).

O apelo “racional” tenta convencer o interlocutor de que ele tem o seu valor, de que ele “não é desse time”, não nasceu para o crime, mesmo que o crime pareça um caminho posto para ser “seguido”, e não escolhido. A ideia lançada pelo *rap* incentiva seu interlocutor a não “seguir” o crime, revelando a noção hegemônica de que o padrão de conduta a ser trilhado na favela quase sempre tenha que passar pela referência criminal⁹². Nesse sentido, o crime seria uma “teia”, uma armadilha atraente e difícil de escapar. A cadeia, “só uma questão de tempo”.

Esse apelo também é notado no *rap* “Eu sou 157”, que gerou polêmica ao ser equivocadamente interpretado como apologia ao crime. Seu refrão diz: “Hoje eu sou ladrão,

⁹⁰ Fragmento do *rap* “Mágico de Oz”.

⁹¹ Fragmento do *rap* “Tá na chuva”.

⁹² A “referência criminal” também se faz presente na letra de “Eu sou 157”, pois o ladrão é colocado como admirado por diversos tipos sociais: mulheres, playboys, polícia e crianças. Ressalte-se que os “pivotes” têm na imagem do ladrão um “herói”, pela ausência de modelos próximos a eles de “sucesso na vida” por outros caminhos que não o do crime, em regra. A arte (música) e o futebol também são colocados pelas letras de *rap* como modelos de sucesso alternativos ao crime, embora muito mais raros, distantes e difíceis de se alcançar.

artigo 157/ As cachorra me amam/ Os playboy se derretem/ **Hoje** eu sou ladrão, artigo 157/ A polícia paga um pau/ Sou heroi dos pivete” (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Talvez uma leitura rápida deste refrão não consiga notar algum sentido no insistente advérbio de tempo que precede o “eu sou ladrão, artigo 157”. O “hoje” denota uma condição passageira, fugaz, em que não se sabe (ou não se preocupa em saber, já que não tem nada a perder) *qual será* ou mesmo *se haverá* futuro. Se hoje sou ladrão, amanhã serei o quê? Continuarei miserável, irei preso ou serei morto? O discurso de aparente “heroicização” da condição de ladrão – “as cachorra me amam, os playboy se derretem, a polícia paga um pau, sou heroi dos pivete” – traz em si inúmeras contradições, reveladas ao longo da letra, sendo a morte como o futuro muito provável do “hoje”, a principal delas: “O neguinho vinha vindo/ Do que vinha rindo?/ O pesadelo do sistema/ É não ter medo da morte/ Dobrou o joelho/ E caiu como um homem/ na giratória/ abraçado com o malote⁹³”.

A finalização desta música não deixa dúvidas quanto à sua não intenção de apologizar o crime. Mais que isso: deixa clara sua intenção de “desincentivar” o crime. Mano Brown fala como “ele mesmo” e passa um recado, em voz falada:

Ae loko, muita fé naquele que tá lá em cima, que ele olha pra todos, e todos têm o mesmo valor, vem fácil, vai fácil, essa é a lei da natureza. Não pode se desesperar. E ae mulekadinha, to de olho em vocês hein, não vai pra grupo não, a cena é triste. Vamo estudá, respeitá o pai e a mãe, e viver, viver, essa é a cena. Muito Amor.

A figura do divino (“aquele que tá lá em cima”) parece assumir uma importante função no discurso acima, e em outros *raps* “racionais” também, o que será melhor trabalhado em tópico subsequente (*cf.* 5.3). Como não se encontra amparo na vida terrena, pois as estruturas familiares se moldam na ausência dos pais de sangue, e, sobretudo, pois não existe uma verdadeira “pátria” (considerando-se todas as significações que essa palavra pode ter) que inclua os “filhos” marginalizados em seus planos, os “manos”, órfãos aqui na Terra, devem se apoiar uns nos outros, buscando em “Deus” o conforto necessário para que as coisas não “desandem”, para que a autoestima se fortaleça (“ele olha pra todos e todos têm o mesmo valor”). Consequentemente, o crime não precisa ser o atribuidor de valor às vidas que “valem menos que o seu celular e o seu

⁹³ Fragmento do *rap* “Eu sou 157”.

computador” (RACIONAIS MCs, 1997)⁹⁴, como canta o *rap* “Tô ouvindo alguém me chamar”: “Prestou vestibular no assalto do busão/ numa agência bancária se formou ladrão/ Não, não se sente mais inferior/ Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor” (RACIONAIS MCs, 1997) .

O crime, no *rap*, também aparece como um triste e quase incontornável produto da ausência de serviços públicos de qualidade e políticas públicas de lazer voltadas à periferia. A grande frequência de metáforas bélicas nas letras ajuda a potencializar o retrato de um estado de guerra permanente que a lei, o Direito e o Estado não parecem capazes ou dispostos a combater. No trecho do *rap* a seguir, é construída triste figura, em representação da inexistência de uma educação emancipadora e de qualidade, fazendo com que o “fuzil” cedo substitua o caderno escolar: “Pra quem vive na guerra/ A paz nunca existiu/ Num clima quente/ A minha gente sua frio/ **Vi um pretinho/ Seu caderno era um fuzil/ Negro drama**⁹⁵” (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

O crime como resultado se constrói de modo marcante no *rap*, mas também no samba, apresentado como reação violenta à violência do “sistema” que, com um “golpe de Estado”, planta e perpetua as precárias condições materiais de existência das populações periféricas, “fabricando” criminosos.

Vejam-se os seguintes trechos de *rap*:

A pouca grana que eu tenho/ Não dá pro próprio consumo/ Enquanto nós conversamos/ A polícia apreende e finge/ A marginalidade cresce sem precedência/ **Conforme o tempo passa/ Aumenta é a tendência/ E muitas vezes não tem jeito/ A solução é roubar/ E seus pais acham que a cadeia é nosso lugar/ O sistema é a causa/ E nós somos a consequência maior/ Da chamada violência/ Porque na real/ Com nossa vida ninguém se importa/ E ainda querem que sejamos patriotas**⁹⁶ (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

A qualidade daqui são das piores/ Vários maluco dando o sangue por dias melhores/ **Foi dado um golpe de estado cavernoso/ A máquina do desemprego/ Fabrica criminoso/ De bombeta, tatuado, sem camisa/ De bermudão, no pião, na mesma brisa/ Formação de**

⁹⁴ Fragmento do *rap* “Diário de um Detento”.

⁹⁵ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

⁹⁶ Fragmento do *rap* “Hey Boy”.

quadrilha conduz o crime/ Fora da lei, eu sei, eu vejo filme⁹⁷ (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Menores carentes se tornam delinquentes./ E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente./ **A saída é essa vida bandida que levam./ Roubando, matando, morrendo.**/ Entre si se acabando⁹⁸ (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

O determinismo é sentido claramente quando se diz que “o sistema é a causa e nós somos a consequência maior da chamada violência”. O *rap* propõe, como voz de marginalizados, que se ressignifique o conceito limitado de violência que as classes médias e altas propagam com sucesso, até mesmo entre os próprios marginalizados. A real violência é a que vem primeiro, como *raiz*, enchendo de significado a frase “porque na real/ com nossa vida ninguém se importa”. Não é aquela “violência” que vem como reação, “datenizada”⁹⁹ nos grandes meios de comunicação. Esta é apenas a “ponta do grande e profundo iceberg”. Como o *rap* canta, é a *marginalidade* que cresce sem precedência: a criminalidade aumenta em sequência e vem como “tendência” lançada pela marginalização, já que “muitas vezes não tem jeito”. O samba de Noca da Portela e Sérgio Mosca¹⁰⁰ (1992) também trata disso tudo:

A favela, nunca foi reduto de marginal
 Ela só tem gente humilde marginalizada
 e essa verdade não sai no jornal
 A favela é um problema social
 Sim, mas eu sou favela
 Posso falar de cadeira
 Minha gente é trabalhadeira
 Nunca teve assistência social
 Ela só vive lá
 Porque para o pobre, não tem outro jeito
 Apenas só tem o direito
 A um salário de fome e uma vida normal.

⁹⁷ Fragmento do *rap* “Crime Vai e Vem”.

⁹⁸ Fragmento do *rap* “Tempos Difíceis”.

⁹⁹ Referência ao apresentador José Luiz Datena, apresentador de programas de cunho “jornalístico” na televisão aberta brasileira que, marcadamente, sensacionaliza a violência e banditiza a miséria em seus comentários enviesados, violentos e reducionistas acerca da criminalidade e das possíveis formas de combatê-la.

¹⁰⁰ Fragmento do *rap* “Eu Sou Favela”.

Para além da lógica exposta nos *raps* e samba acima citados - “muitas vezes não tem jeito” -, há outra, bastante perversa, que com ela dialoga na “produção” do crime:

Roubar é mais fácil que tramar, mano! / É complicado/ O vício tem dois lados/ Depende disso ou daquilo. Ou não, tá tudo errado/ Eu não vou ficar do lado de ninguém, por quê?/ **Quem vende droga vende pra quem? Hâ!/ Vem pra cá de avião ou pelo porto ou cais/ Não conheço pobre dono de aeroporto e mais/** Fico triste por saber e ver/ Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você¹⁰¹ (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

O *rap* acima diz que “o vício tem dois lados” para retratar o problemático círculo de venda de droga: se há quem vende, é “bandido” e recebe penas severas (viu-se como a seletividade faz com que se tenda a “pegar” mais os pequenos traficantes), esse vendedor só existe por que há uma condição *sine qua non* para tanto - há quem compre! E ressalte-se o caráter valorativo da diferença político-criminal com que a lei trata uma e outra conduta: a pena imputada aos traficantes é de 5 a 15 anos de reclusão e pagamento de 500 a 1.500 dias multa (art. 33, lei 11.343/06); por sua vez, as penas aos usuários são as seguintes: I - advertência sobre os efeitos das drogas; II - prestação de serviços à comunidade; III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo (art. 28, lei 11.343/06).

Além desse “comprador” (que, em geral, não é o preto, pobre e *traficante* que está encarcerado, pagando sozinho a pena que deveria ser dividida também com seus *clientes*), há uma figura que fica escondida: o “peixe grande”, ou seja, quem realmente traz as armas e drogas, vem pra cá de “avião ou navio” e recebe a parte gorda dos lucros da narcotraficância. Bezerra também cantou essa incoerência:

Só combate o morro
Não combate o asfalto também
Como transportar escopeta?
Fuzil AR-15 o morro não tem
Navio não sobe o morro doutor
Aeroporto no morro não tem

¹⁰¹Fragmento do *rap* “Periferia é Periferia”.

Lá também não tem fronteira
 Estrada, barreira pra ver quem é quem¹⁰²
 (DO MATO; ZABA, 1996)

Pegando-se o gancho do debate sobre quantos “lados” o crime tem, pode-se dizer que ele não tem só dois, mas muitos lados. Ainda que se tenha mostrado acima, no discurso das músicas, o crime como produto/resultado de algo, é interessante enxergar que não existe unilateralidade neste processo: as carências materiais aparecem misturadas às carências afetivas e institucionais, numa grande salada que alimenta a criminalidade, sendo impossível apontar, isoladamente, alguma delas como causa única, linear ou preponderante do fenômeno criminal. Percebe-se, assim, a importância da totalidade como categoria para a análise dos fenômenos, e olhar a criminalidade sob a ótica do *rap* pode ser um proveitoso exercício nesse sentido:

Lembro que um dia o Guina me falou que não sabia bem o que era amor/ Falava que quando era criança uma mistura de ódio, frustração e dor/ De como era humilhante ir pra escola usando a roupa dada de esmola/ De ter um pai inútil, digno de dó/ mais um bêbado, filho da puta e só/ Sempre a mesma merda/ todo dia igual/ sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal/ Longe dos cadernos, bem depois/ a primeira mulher e os 22/ Prestou vestibular no assalto do busão/ numa agência bancária se formou ladrão/ Não, não se sente mais inferior/ Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor¹⁰³ (RACIONAIS MCs, 1997).

Notam-se, no trecho acima, todas as carências confluindo. As carências afetivas são bem sintetizadas quando o “ladrão Guina” (figura que aparece em outros *raps* dos Racionais) confessa que “não sabia bem o que era o amor”. As carências afetivas vão se misturando às materiais (“como era *humilhante* ir pra escola usando a *roupa dada de esmola*”), e enfim, mesclam-se às institucionais, vez que o pai, provavelmente desempregado - o que pode revelar a deficiência de políticas públicas voltadas à empregabilidade, ou ao acesso à capacitação profissional - é um *inútil, digno de dó e bêbado*. Isso, claro, faz com que Guina nunca tenha vivido e comemorado, afetiva e/ou materialmente, as datas festivas (muitas delas plantadas pelo calendário do capitalismo): “sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal”. Porém, o ápice do confluir das carências se mostra irônico e ocorre com a figuração de uma “aprovação no vestibular” e uma “formatura”

¹⁰² Fragmento do samba “Desabafo do Juarez Boca do Mato”.

¹⁰³ Fragmento do *rap* “Tô ouvindo alguém me chamar”.

nada tradicionais. Tal figuração revela a inexistência de serviços públicos de qualidade na educação, que possibilitem o acompanhamento e incentivem a dedicação a uma carreira estudantil àqueles que não podem pagar por escolas privadas. Assim, a “escola do crime” foi aquela que aprovou Guina em seu vestibular e o formou, sendo, além de gratuita e “lucrativa”, uma fonte perversamente agregadora de “valor” humano à sua existência (“Não, não se sente mais inferior/ Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor”).

Essa mistura “quase química” de fatores “criminógenos” é abordada pelos Racionais também para tratar de outro tema afim a este: o sistema penitenciário, resultado cruel da criminalidade

Cada detento uma mãe, uma crença/ Cada crime uma sentença/ Cada sentença um motivo, uma história de lágrima/ sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio/ sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo/ **Misture bem essa química/ Pronto: eis um novo detento¹⁰⁴** (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

Como já se disse, os Racionais cantam que são “a consequência maior” da chamada violência. Ou seja, são, acima de tudo, vítimas. Bezerra da Silva é ainda mais claro: acusa o sistema penitenciário de ser uma “ilha grande” construída pela sociedade para esconder suas *verdadeiras vítimas*, que lá ficam “roendo um osso duro”, “pagando por algo que nunca compraram”, isto é, pagando por algo que não merecem:

Ilha grande osso duro de roer
Onde sofrendo filho chora e mãe não vê
 Chora reclamando a saudade
 Do lugar onde nasceu e se criou, ah meu Deus do céu
Sabe lá o que é viver sem liberdade
Pagando o que nunca lá comprou, nunca lá comprou
 Em um abrir, fechar de olho
 Você pode um dia não amanhecer, vou dizer porquê
Num lugar em que a cruel sociedade
Construiu pra suas vítimas esconder¹⁰⁵
 (LAUREANO, 1987, grifo nosso)

¹⁰⁴ Fragmento do *rap* “Diário de um Detento”.

¹⁰⁵ Fragmento do samba “Ilha Grande”.

No que se refere às prisões, há um conceito interessante formulado por Goffman¹⁰⁶ (1988 apud SHECAIRA, 2008, p. 297-312): o de instituições totais. Elas são simbolizadas pela barreira à relação com o mundo externo e por proibições à saída que são marcadamente instituídas pelo sistema físico carcerário: portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos etc. Parece que Bezerra faz menção a este conceito quando canta “Muro da Verdade”:

Por trás do muro da verdade
Tem uma realidade que o mundo não quer ver
 Eu digo que...
Tem gente chorando e sofrendo
Da vida se maldizendo com vontade de morrer
 Vítimas da diversidade
 Que a elite tão selvagem
 Vê e finge que não vê¹⁰⁷
 (BATATINHA; BEZERRA; MARTINS, 2000, grifo nosso)

Se a permanência é longa na instituição total, o preso passa a sofrer um processo de *desculturamento*, com sucessivos rebaixamentos, humilhações e degradações pessoais, a começar pela perda do nome, com atribuição de um número de prontuário que passa a ser sua nova identidade; é privado de seus pertences pessoais, sendo-lhe dado um uniforme padrão, igual ao de todos os outros condenados. Depois disso é medido, identificado, fotografado, examinado, depois lavado, simbolizando o despir-se de sua velha identidade para assumir a nova. Muitas vezes, os próprios presos contribuem para esse problemático processo de perda da identidade pessoal, atribuindo ao novo preso uma “identidade especial”, geralmente por meio de uma tatuagem, relacionada ao crime cometido. Sua segurança pessoal se perde num ritual diário de medo, em que a cabeça fica baixa e as mãos passam a ficar para trás, em sinal de respeito. “Senhor” é a palavra constante, em resposta humilhante aos superiores. Longe de estar sendo *ressocializado* para a vida livre, está na verdade, sendo *socializado* para a vida na prisão. Nela, condenam-se os homens a uma condição condenada pela sociedade: a ociosidade, o tempo perdido¹⁰⁸. Racionais

¹⁰⁶ GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

¹⁰⁷ Fragmento do samba “Muro da Verdade”.

¹⁰⁸ Nas sociedades capitalistas, a valorização do tempo livre no intuito de melhoria da qualidade de vida compõe, em regra, apenas o cotidiano de pessoas que trabalham sistematicamente, pois, somente para estas, é necessário e merecido o descanso.

expressam a angústia dessa condenação ao ócio forçado, e, como Bezerra, nomeiam a prisão de “ilha”: um lugar à margem, ou melhor, descolado das terras sociais.

Tá vendo aquele truta parado ali/ Bolando idéia com os mano na esquina/ É envolvido com crack, maconha e cocaína/ Tirou cadeia, cumpriu a sua cota/ Pagou o que devia, mas agora ele tá de volta/ **Saudades da quebrada, da família/ Coração amargurado pelo tempo perdido na ilha/** Se levantar agora é só, nada mais importa¹⁰⁹ (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Apesar de a realidade estar em sentido oposto, nossa Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/84) prevê importantes direitos aos presos, a começar pelo seu art. 40: “Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios”. Este direito seria suficiente para que a ilha não fosse um osso tão duro de roer.

Mas são garantidos ainda outros direitos pela legislação, que podem parecer piada aos que conhecem o cotidiano carcerário. O direito ao *chamamento nominal* (art. 41, inciso XI da LEP) tenta evitar a despersonalização própria ao sistema carcerário; a *proteção contra qualquer forma de sensacionalismo* (art. 41, inciso VIII, da LEP) tenta evitar as “cerimônias degradantes”, especialmente ocorridas no curso do processo penal, a indevida ingerência da mídia etc. Além desses, há outros elencados, destacando-se alguns: *o contato com o mundo exterior por meio de correspondência escrita, da leitura e de outros meios de informação* (art. 41, inciso XV, da LEP); *atribuição de trabalho e sua remuneração* (art. 41, inciso II, da LEP); *proporcionalidade na distribuição do tempo para o trabalho, o descanso e a recreação* (art. 41, inciso V, da LEP); *exercício das atividades profissionais, intelectuais, artísticas e desportivas anteriores, desde que compatíveis com a execução da pena* (art. 41, inciso VI, da LEP).

Quanto às estruturas das celas, o art. 88 e incisos, da LEP, preveem que o condenado à pena de reclusão será alojado em cela individual, de no mínimo 6 metros quadrados, devendo ser salubre, arejada, e com adequadas condições à existência humana. A despeito disso, a superlotação carcerária é um dos maiores problemas de violação de direitos humanos no Brasil, havendo um déficit de mais de 250 mil vagas¹¹⁰ no sistema carcerário (WASSERMANN, 2012).

¹⁰⁹ Fragmento do *rap* “Crime vai e vem”

¹¹⁰ Informação extraída da reportagem “Número de presos explode no Brasil e gera superlotação de presídios”, de 28 de dezembro de 2012, BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121226_presos_brasil_aumento_rw.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2013.

O Estado parece não se comover com tais números, tratando a situação dos encarcerados com a frieza deles. O *rap* “Diário de um detento” expõe essa situação, referindo-se à penitenciária “Carandiru”: “Ladrão sangue bom tem moral na quebrada/ Mas pro Estado é só um número, mais nada/ Nove pavilhões, sete mil homens/ Que custam trezentos reais por mês, cada ¹¹¹” (RACIONAIS MCs, 1997). Mesmo com todo o arcabouço jurídico de proteção, a violação ilícita e inconstitucional de direitos nessas *ilhas* é tão grande que até mesmo Lúcifer dentro delas é só mais um, que assim como todos ali, come comida azeda, como canta este mesmo *rap*:

Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?/ A vaga tá lá esperando você/ Pega todos seus artigos importados/ Seu currículo no crime e limpa o rabo/ A vida bandida é sem futuro/ Sua cara fica branca desse lado do muro/ Já ouviu falar de Lúcifer?/ Que veio do Inferno com moral/ Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um/ comendo rango azedo com pneumonia.

O tom de advertência é duro, pois a palavra musicada se dirige aos próprios manos. A voz do *rapper* enunciador ordena ao “moleque” interlocutor (simbolizando os manos de comportamento desviado) que pegue todos os “seus” artigos importados (provavelmente produtos do crime), seu “currículo no crime” (revelando a existência de verdadeiras *carreiras criminais*) e “limpe o rabo”, pois a “vida bandida é sem futuro”.

Alude-se ainda, no mesmo fragmento, à despersonalização gerada pelo cárcere: “sua cara fica branca desse lado do muro”. Óbvio: a legião de manos para quem se canta, nesse caso, é majoritariamente negra e parda ¹¹². Além disso, a triste superlotação carcerária pode ser visualizada, pois mesmo com o déficit monumental de vagas, para o preto e pobre, “ameaça” constante à sociedade, o aviso é sempre o mesmo: “a vaga tá lá esperando você”. Mesmo não havendo as vagas “legais” no sistema penitenciário, que atendam às determinações da lei, sempre se dá “um jeito” de criar uma vaga para os “manos”, ainda que ilegal.

¹¹¹ Fragmento do *rap* “Diário de um detento”

¹¹² Além disso, a “cara branca” aludida pelo *rap* também pode ser sinal de um descumprimento normativo. Isso porque a Resolução 14/94 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP) afirma em seu artigo 14 que o preso tem direito de realizar atividades ao ar livre, à realização de exercícios físicos adequados ou banho de sol.

É por tudo isso que a angústia de se “viver” nesse sistema é verdadeiramente letal: “Tem uma cela lá em cima fechada/ Desde terça-feira ninguém abre pra nada/ Só o cheiro de morte e Pinho Sol/ Um preso se enforcou com o lençol¹¹³” (RACIONAIS MCs, 1997).

5.2 Se você der o azar de apenas ser parecido - “Clip, clap, bum”¹¹⁴ - eu te garanto que não vai ser divertido¹¹⁵ **(Repressão Policial)**

Se eu fosse um mágico? Não existia droga, nem fome, nem polícia.
Racionais MCs - “Mágico de Oz”

Socialmente condenada por ter tomado a cena em tempos de ditadura militar, a tortura sobrevive ainda hoje, embora não mais por motivos estritamente “políticos”. De forma diferente do passado, hoje as suas vítimas preferidas são os “selecionados” pelos filtros do sistema penal e tem como objetivo maior a obtenção de informação acerca dos “suspeitos”, possíveis “autores”, “partícipes” e/ou “foragidos”. Porém, seus agentes continuam os mesmos. Conforme dados levantados pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos, 90% dos 2.206 casos apurados entre outubro de 2001 e fevereiro de 2005 foram praticados por agentes do Estado (policiais civis: 31,4%; militares: 30,6% e carcereiros: 14%). Fica evidente a não-criminalização dos agentes deste crime: dos casos denunciados ao Ministério Público (78%), apenas em dez houve condenação com base na Lei de Tortura (Lei 9.455/97) (AGGEGE¹¹⁶, 2005 apud LACERDA, 2009, p. 92).

Mesmo sendo a delação condenável na lógica das “normas” da favela - ao contrário das jurídicas, que a “premiam” -, o compositor 1000tinho (apud DERRAIK, 2002), cujas canções são cantadas por Bezerra, ajuda a compreender essa dura realidade pelo viés de quem a sente na pele, literalmente: “Quem que aguenta cacete? Ninguém. Quatro, cinco batendo nele, e ‘Fala!’. E ele

¹¹³ Fragmento do *rap* “Diário de um detento”.

¹¹⁴ Referência a um trecho do *rap* “Rapaz Comum” - Racionais MCs. Álbum: Sobrevivendo no inferno. Gravadora: Cosa Nostra, 1997.

¹¹⁵ Referência a um trecho do *rap* “Pânico na Zona Sul” - Racionais MCs. Álbum: Holocausto urbano. Gravadora: Zimbabwe, 1990.

¹¹⁶ AGGEGE, Soraya. Símbolo da Ditadura, tortura sobrevive como recurso policial. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 mar. 2005. Caderno Especial sobre os 20 anos do início da Redemocratização.

fala até o que não fez. Diz que matou a mãe, o pai, mas não matou ninguém, pra parar de apanhar”. Por isso, não se pode “dar mole” para os “home da lei”.

E uma muvuca de espertos demais
 Deu mole e o bicho pegou
Quando os home da lei grampeia
Coro come a toda hora
 É por isso que eu vou apertar
 Mas não vou acender agora...ihhhhh!¹¹⁷
 (ADENOZILTON; BOMBEIRO; POPULAR, 1986, grifo nosso)

Assim, tem-se uma situação de ilegalidade flagrante praticada - e tolerada institucionalmente - pelos agentes estatais, que se “justifica” moralmente no ideário dominante com o argumento da busca pela legalidade, pela famosa “verdade real” do processo penal, pela punição dos “verdadeiros” criminosos. Aí serve bem de reflexão o que afirma Gramsci (2001, p. 258): “Enquanto para os cidadãos a observância das leis é uma obrigação jurídica, para o ‘Estado’ a observância é só uma obrigação moral, isto é, uma obrigação sem sanções punitivas pelo descumprimento.”

“Povo da Colina” é um samba interpretado por Bezerra que bem retrata a situação de descumprimento da lei – que deveria ser feita para todos - por parte dos agentes estatais que, agindo assim, parecem representar mais interesses do que aparentemente pode se mostrar.

Até a lei
Que foi feita para todos
Quando chega lá no morro
Aí a coisa fica feia
Dá um pau no favelado
E depois o mete na cadeia
 Que mal lhe fez
 O meu povo humilde da colina
 Que mora lá em cima
 Vivendo uma vida de cão
 Que cão abandonado

¹¹⁷ Fragmento do samba “Malandragem dá um tempo”.

Covardemente injustiçado
 E você ainda diz
 Que lá só mora ladrão
 E é safado
 E ladrão que usa colarinho branco
 Rouba o dinheiro do povo e assalta banco
 Isso não tens coragem de dizer
Mas na comunidade das favelas
Você mede o mar e solta ira
Dessa elite famigerada
Que também tem instinto de traíra¹¹⁸
 (MIRANDA; PURIFICAÇÃO; ROXINHO, 1988, grifo nosso)

Cantando que os agentes da repressão policial soltam em cima das favelas uma ira gigantesca que pertence a uma “elite”, Bezerra expõe como a prática já “naturalizada” da repressão contra os marginalizados traz em seu bojo fortes interesses, e é uma maneira de assegurar sua manutenção. Também traz à reflexão o fato de que a atuação da polícia é o nível mais baixo, o braço executor dos ditames que vem de escalões - sociais, políticos, econômicos - mais altos.

Para além da opressão “de classe” na atuação policial em relação às populações periféricas, é possível falar até mesmo em um “racismo institucional” que se reflete, em sua dimensão concreta, no monopólio legal da violência policial, para a qual o genocídio parece ser uma estratégia de “branqueamento” (ROCHA, 2011, p. 15). Assim, se a aparência já “delatar” o indivíduo, que geralmente será negro ou pardo, apontando-o como parecido com o “suspeito”/ “foragido”, em seu cabelo, cor ou feição, será considerado inimigo, um “marginal padrão”, pelos homens que “se julgam” da lei:

Racionais vão contar/ A realidade das ruas/ Que não media outras vidas/ A minha e a sua/ Viemos falar/ Que pra mudar/ Temos que parar de se acomodar/ E acatar o que nos prejudica/ **O medo/ Sentimento em comum num lugar/ Que parece sempre estar esquecido/ Desconfiança, insegurança, mano/ Pois já se tem a consciência do perigo/ E aí?/ Mal te conhecem consideram inimigo/ E se você der o azar de apenas ser**

¹¹⁸ Fragmento do samba “Povo da Colina”.

parecido/ Eu te garanto que não vai ser divertido/ Se julgam homens da lei¹¹⁹
 (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

**Enquanto você sossegado foge da questão/ Eles circulam na rua com uma descrição/
 Que é parecida com a sua / Cabelo cor e feição/ Será que eles vêm em nós um
 marginal padrão?/ 50 anos agora se completam/ Da lei anti-racismo na constituição/
 Infalível na teoria/Inútil no dia a dia/ Então que fodam-se eles com sua demagogia/ No
 meu país o preconceito é eficaz/Te cumprimentam na frente/ E te dão um tiro por trás¹²⁰**
 (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso)

Uma pesquisa realizada pelo Fórum Comunitário de Combate à Violência (FCCV) apontou que entre 1998 e 2004, das 6.308 pessoas assassinadas em Salvador, 5.852 eram negras ou pardas. Um índice de 92,7% frente aos 85% de afrodescendentes que à época formavam a população da capital da Bahia. Estudos realizados por organizações da sociedade civil e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, entre 1996 e 1999, período em que 3.369 pessoas foram mortas em Salvador, concluíram que, do total de crimes, aqueles cometidos por grupos de extermínio representavam 10,8%. Dos acusados identificados, 46% eram policiais (AZEVEDO, 2013). Tais dados, apesar de não representarem a totalidade de um país tão grande e diverso, servem como exemplo concreto de uma realidade que não parece ser isolada. A chacina negra é tristemente confirmada na cena mostrada pelo *rap* “Fórmula Mágica da Paz”:

2 de novembro, era “Finados”/ eu parei em frente ao São Luís¹²¹ do outro lado/ E durante uma meia hora olhei um por um e o que todas as senhoras tinham em comum: a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura/ Colocando flores sobre a sepultura (“podia ser a minha mãe”)/ Que loucura! (RACIONAIS MCs, 1997).

Junto à questão racial, há também determinados lugares sociais e territoriais - a periferia - onde a criminalização e violência institucional se potencializam especialmente em razão destas características sociogeográficas. A história cantada/contada no *rap* “Homem na Estrada” revela a situação de um homem egresso do sistema penitenciário, que busca refazer sua vida, mas o rótulo relativo à sua identidade pessoal e ao lugar de onde ele vem e mora – a favela – são tão grandes

¹¹⁹ Fragmento do *rap* “Pânico na Zona Sul”.

¹²⁰ Fragmento do *rap* “Racistas Otários”.

¹²¹ Cemitério localizado entre os bairros do Capão Redondo e Jardim Ângela, considerado um dos mais violentos do mundo.

que acabam por ser quase absolutamente invencíveis perante o Estado e seu aparato repressor. O *rap*, de modo contundente, metaforiza essa situação nas expressões “doença incurável” e “tatuagem” no braço. Resultado: acusação sem lastro em fato algum, imputação sem defesa, pena de morte e execução sem sentença, tampouco previsão legal. Assim age, com frequência, a polícia na favela, esse lugar de “doentes incuráveis”, seja madrugada ou não: em grande número e violentamente.

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,
logo acusaram a favela para variar,
 E o boato que corre é que esse homem está com o seu nome lá na lista dos suspeitos,
 pregada na parede do bar.
 A noite chega e o clima estranho no ar,
 e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente,
 mas na calada, caguetaram seus antecedentes.
Como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem: DVC¹²², uma passagem, 157 na lei...
No seu lado não tem mais ninguém.
A Justiça Criminal é implacável.
Tiram sua liberdade, família e moral.
Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex presidiário.
Não confio na polícia, raça do caralho.
Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é..
eu sangraria até a morte... Já era, um abraço!.
 Por isso a minha segurança eu mesmo faço.
 É madrugada, parece estar tudo normal.
 Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo.
 Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.
 A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.
Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.
Vão invadir o seu barraco, “É a polícia”!
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!
Já deram minha sentença e eu nem tava na “treta”, não são poucos e já vieram muito loucos.

¹²² Divisão de Vigilância e Captura (DVC): setor da Polícia Civil onde se centraliza um banco de dados de antecedentes criminais. É a famosa “capivara” do jargão policial.

Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas com uma “treze tiros” automática.

Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.

No primeiro barulho, eu vou atirar.

Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém.

É o que eles querem: mais um pretinho na Febem.

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang! bang! bang!

“Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M’Boi Mirim sem número. Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais, segundo a polícia, a vítima tinha ‘vasta ficha criminal’”

(RACIONAIS MCs, 1993, grifo nosso).

Na madrugada da favela, tempo e lugar onde não existe Estado de Direito (muito menos “democrático”), e por consequência também “não existem leis”, são a lei do *cão* e a lei da *selva* que ditam as condutas. Quando o *cão* é o algoz com vestes estatais, na voz do *rap*, só Deus e o Orixá podem fazer frente à “sentença policial” de morte. A vida do “ex-presidiário” favelado vale tão pouco que sua morte ocorre porque a polícia não poderia “perder a viagem”: já que estava lá, matou. Interessante pontuar como os determinantes são fortes no sentido de o crime se perpetuar de modo transgeracional: “se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém”. E sem ninguém, acontece o que “eles” querem: mais um pretinho na FEBEM. De quem é esse querer? Quem são “eles”? Aí temos a sensação de se confirmar o que alhures se afirmou: o operar do Direito é classístico e desigual.

Note-se como o ocorrido em “Homem na Estrada” é algo que está, assustadoramente, na pauta recente do cotidiano brasileiro. Dia 24 de junho de 2013, no Rio de Janeiro: um grupo não identificado efetuou um roubo na Avenida Brasil, Zona Norte do Rio de Janeiro, dirigindo-se para a favela da Maré em seguida. Em resposta aos roubos, o Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar (BOPE), iniciou uma incursão na favela como resposta ao crime e, durante tal operação, um sargento foi baleado e morto. A partir de então, os moradores testemunharam uma “maré” de sangue e terror. Os depoimentos de Bira Carvalho e Eliana Sousa, lideranças da comunidade, confirmam a prática cruel da vingança institucional:

“Eu já sabia que tinha morrido um policial e eu pude ouvir na rua coisas como ‘a gente só sai daqui quando matar muito’. Fui ficando assustada porque na realidade eles estavam revoltados com a morte e isso gerou uma indignação que eles não controlaram”.

“Por volta das sete horas da noite eu já soube que um rapaz tinha sido baleado. E até de manhã ainda tinha tiro. Foi a madrugada toda de tiro [...] O que eu ouvi foi sobre **a brutalidade do Estado, o desrespeito, as casas invadidas**. As pessoas foram mortas em casa. **A morte de um policial gerou uma chacina aqui [...] Não é só a morte de pessoas.** É o descaso, a forma de tratar o morador, são os palavrões gritados aqui. **A violência mais evidente acaba sendo as mortes, mas a violência que acontece aqui dentro é generalizada, é psicológica, é o medo que marca pra vida toda. Marca na alma, mais do que fisicamente**” (ARAÚJO; CASTRO, 2013, grifo nosso).

O *rap*, ao cantar que a Justiça Criminal é implacável, pois tira não só a liberdade e vida das pessoas, mas também sua “família e moral”, parece confirmar seu canto nos depoimentos acima, bem como nos seguintes depoimentos anônimos, referentes à chacina na favela da Maré:

“O que aconteceu aqui foi uma coisa inédita. Foi uma arruaça. Muito tiro. Um dos policiais viu uma vizinha que estava na janela, parou na porta dela e gritou ‘tu não vai sair não né, sua piranha? Se eu subir ai vou botar tu pra mamar’. Eles passam um medo muito grande. As crianças ficam aterrorizadas”, conta o morador W., que preferiu não ser identificado.

Uma senhora – que também preferiu não se identificar – teve o filho, pedreiro, atingido nas costas. Ele foi baleado ao retirar uma criança que da janela observava o tiroteio. Eram cerca de nove horas da noite. “Nós mesmos socorremos ele. A gente não sabe de onde veio o tiro”, diz a mãe. “A gente ficou esperando um tempo em casa para poder sair. Ele perdeu muito sangue. O confronto continuou e a gente saiu no meio do tiroteio pra ir para o hospital”. A irmã do rapaz atingido, assustada, teve que entrar em casa correndo (ARAÚJO; CASTRO, 2013).

O tratamento estatal às comunidades pobres parece ser igual, seja São Paulo (como denunciado no *rap* dos Racionais), seja na favela da Maré, no Rio de Janeiro (como denunciado na reportagem). Incrível como o *rapper* parece ter vivenciado a mesma situação retratada na reportagem. O depoimento da líder Eliana Sousa tem ressonância quase inacreditável em sua rima. Vejam-se trechos do depoimento dela e do *rap* “Homem na Estrada”, respectivamente:

“É aí que a gente vê que o Bope não é uma polícia preparada para isso, porque ela é preparada para situações limite, de guerra. O contexto da favela é complicado, mas há que se pensar formas inteligentes de se atuar, identificando quem comete atos ilícitos e não julgando todos que nela residem. A polícia tem que garantir segurança para as pessoas, investigar crimes. Uma polícia que pega uma pessoa cometendo ato ilícito, ela mesmo julga essa pessoa e dá como condenação a morte, é inaceitável” (ARAÚJO; CASTRO, 2013).

Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!/ Já deram minha sentença e eu nem tava na “treta”, não são poucos e já vieram muito loucos/ Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas com uma “treze tiros” automática (RACIONAIS MCs, 1993).

No trecho final deste mesmo *rap*, simula-se uma chamada/manchete de reportagem de jornal ou outra mídia qualquer, noticiando os “fatos”:

Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M’Boi Mirim sem número. Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais. Segundo a polícia, a vítima tinha “vasta ficha criminal”.

Fica evidente a crítica do *rap* quanto ao controle da imprensa/mídia pelos “cara”. Esses “transmissores da verdade” ficam reféns das informações que os órgãos oficiais lhes passam - e da forma como passam -, pois nem sempre conseguem cobrir todos os fatos, em todos os lugares. Mas ainda quando conseguem, muitas vezes eles (re)constroem os fatos no formato que supõem querer ler/ ouvir/ assistir seus leitores/ ouvintes/ telespectadores. É muito provável e fácil que o grande público se quede inerte ou até mesmo satisfeito lendo sobre a morte de um “homem mulato com ‘vasta ficha criminal’”. “Tudo indica” ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais, pois certamente um homem mulato com vasta ficha criminal, com a “cara” e até “idade” do crime, conforme as estatísticas apontadas alhures (25-30 anos, segundo o *rap*, e 18-29 anos, segundo o INFOOPEN 2012, relativamente à população carcerária), continuaria na trilha do crime e morreria nessa “função”, sem contribuir em nada para a humanidade. Assim, mesmo que a polícia tenha sido responsável pela morte do indivíduo, o rótulo e o estigma fazem com que essa lesão cruel e inadmissível pareça quase uma decorrência normal do “modo de vida” do sujeito.

Neste cenário, a desconfiança e o medo em relação à figura da polícia parecem naturalizados no discurso que dá voz a este lugar “que parece sempre estar esquecido”, sendo ela mais vilã que qualquer categoria de pessoas: “Conhece puta, traficante e ladrão,/ Toda raça, uma par de alucinado e nunca embaçou/ Confia neles mais do que na polícia/ Quem confia em polícia? Eu não sou louco¹²³” (RACIONAIS MCs, 1997).

Também nesse sentido, o *rap* “Rapaz Comum” faz um discurso de repreensão à atividade criminosa que deixa vítimas fatais, dizendo ao seu interlocutor que ele “não é polícia pra matar”. Revela-se, assim, o problemático grau de naturalização desta prática no ideário das periferias relativamente à atividade policial:

A fronteira entre o Céu e o Inferno tá na sua mão/ Nove milímetros de ferro/ Cusão! otário! que pôrra é você?/ Olha no espelho e tenta entender/ **A arma é uma isca pra fisgar/ Você não é polícia pra matar!**/ É como uma bola de neve/ Morre um, dois, três, quatro./ Morre mais um em breve (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso)

E as advertências dos Racionais não param por aí. Não apenas é inadmissível o “mano” que mata, mas também o “mano” que se cala perante as mortes de outros “manos”, perante tantas vidas destruídas pela polícia: “Então! Olhe pra você e lembre dos irmãos!/ Com o sangue espalhado, fizeram muitas notícias!/ Mortos na mão da polícia, fuzilados de bruços no chão./ Me causa raiva e indignação a sua indiferença quanto à nossa destruição!¹²⁴” (RACIONAIS MCs, 1993).

Como se viu, não só a violência da tortura como forma de obtenção de informações, nem apenas a vingança institucional, mas toda a espécie de agressão moral e física é lançada sobre tais populações, por parte dos agentes de repressão estatal. E às vezes, nem é preciso um *motivo*, como nas situações acima explicitadas. Bezerra canta, de forma tragicômica, como tais agressões podem vir “gratuitamente” para o favelado:

E toda vez que descia o meu morro do galo
Eu tomava uma dura
Os homens voavam na minha cintura
Pensando encontrar aquele trêz oitão

¹²³ Fragmento do *rap* “Mágico de Oz”.

¹²⁴ Fragmento do *rap* “Júri Racional”.

Mas como não achavam
 Ficavam mordidos, não dispensavam
 Abriam a caçapa e lá me jogavam
 Mais uma vez na tranca dura pra averiguação
 Batiam meu boletim
 O nada consta dizia: ele é um bom cidadão
 O cana-dura ficava muito injuriado
 Porque era obrigado a me tirar da prisão¹²⁵
 (RUSSO; VALLE, 1989)

Dessa forma, a presunção de “bom cidadão” para o sujeito periférico não existe. Ele “toma a dura” primeiro, sem motivo algum, depois é preso “para averiguação¹²⁶” e só o “nada consta” de sua ficha é apto a dizer que ele é, verdadeiramente, cidadão. Aquele direito fundamental que assegura que “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória” (art. 5º, LVII, da CF/88) parece não existir para determinadas pessoas...

5.3 Entre a lei do cão e a lei da selva: a balança da injustiça (Estado e Direito)

Justiça, em nome disso eles são pagos/ Mas a noção que se tem/ É limitada/ E eu sei que a lei é implacável com os oprimidos/ Tornam bandidos os que eram pessoas de bem/ Pois já é tão claro que é mais fácil dizer/ Que eles são os certos e o culpado é você/ Se existe ou não a culpa/ Ninguém se preocupa/ Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa/ O abuso é demais/ Pra eles tanto faz/ Não passará de simples fotos nos jornais/ Pois gente negra e carente/ Não muito influente/ E pouco frequente nas colunas sociais/ Então eu digo meu rapaz/ Esteja constante ou abrirão o seu bolso/ E jogarão um flagrante num presídio qualquer/ Será um irmão a mais.

Racionais MCs - “Racistas Otários”

¹²⁵ Fragmento do samba “Se não fosse o samba”.

¹²⁶ Modalidade de prisão unconstitutional, pois que extinta pela Constituição Federal de 1988 (que só admite a prisão em flagrante e por ordem judicial), muito usada durante a ditadura militar. Recentemente, porém, houve casos de prisão fundamentados nesta modalidade inexistente e unconstitutional, por ocasião dos protestos contra o aumento da tarifa dos transportes públicos na capital paulista.

As noções de Estado e Direito - e por relação, de lei e justiça -, presentes nas músicas dos Racionais e de Bezerra, são, de certa forma, parecidas. Algumas dessas noções aparecem um tanto quanto sutis e parecem revelar diversos sentidos, sendo necessário um intenso esforço interpretativo para entendê-los.

Quanto se trata do Estado, os cidadãos periféricos se mostram órfãos nas políticas e serviços públicos; mas quando se trata de conseguir votos e reprimir o crime, o Estado está lá, presente, como um pai clientelista e autoritário. A orfandade e a ausência estatal são percebidas de modo marcante nos *raps* “Fim de Semana no Parque” e “Homem na Estrada”:

Pode crer pela ordem/ A número 1 de baixa renda da cidade/ Comunidade Zona Sul é dignidade/ Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro/ Polícia a morte, polícia socorro/ Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo/ Pra molecada frequentar nenhum incentivo/ O investimento no lazer é muito escasso/ O centro comunitário é um fracasso/ Mas, aí, se quiser se destruir está no lugar certo/ Tem bebida e cocaína sempre por perto (RACIONAIS MCs, 1993).

Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio./ Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal./ Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou./ Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou./ Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas./ Logo depois esqueceram, filhos da puta!/ Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva./ Mano, quanta paulada!/Estava irreconhecível, o rosto desfigurado./ Deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado./O IML estava só dez horas atrasado (RACIONAIS MCs, 1993).

Na Zona Sul da capital paulista – onde fica a Comunidade do Capão Redondo, inspiração para os *raps*-denúncia dos Racionais - e possivelmente em diversas outras periferias por esta representadas, os serviços de coleta e tratamento de esgoto são precários (AMÂNCIO, 2013)¹²⁷, as casas estão irregularmente construídas em cima de barrancos (“se chover será fatal”), não há centros de recreação e lazer e as drogas e mortes são elementos comuns da paisagem. Neste último caso, o *rap* mostra um “desleixo” estatal tão grande que os corpos podem ficar por

¹²⁷ Reportagem do dia 08 de maio de 2013, mostra que estão paradas as obras para a instalação de um coletor tronco no córrego da Moenda, no Capão Redondo, desde que a empreiteira contratada, a empresa ECL, abandonou o projeto. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/vc-reporter-empreiteira-abandona-obra-das-esp-estimada-em-r-26-mi,36029c1e1c48e310VgnVCM20000099ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10 jun 2013

muitas horas apodrecendo nas calçadas, sem que se tomem providências sanitárias. O auge da desconsideração é o fato de a favela não merecer a atenção estatal nem quando se trata de coletar dados para fins estatísticos, pois até o IBGE passou por lá e “nunca mais voltou”. O *rap* “Fórmula Mágica da Paz” também lamenta essa ausência, sem conseguir encontrar o responsável por ela: “Mais uma vez um emissário, não incluiu Capão Redondo em seu itinerário/ Porra, eu tô confuso, preciso pensar, me dá um tempo pra eu raciocinar/ Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá¹²⁸” (RACIONAIS MCs, 1997).

Por outro lado, a presença do Estado na periferia existe naquilo que lhe interessa - campanhas eleitorais e repressão policial -, como se faz notar no discurso do samba de Bezerra:

Ele subiu o morro sem gravata
 Dizendo que gostava da raça
 Foi lá na tendinha
 Bebeu cachaça
 E até bagulho fumou
 Jantou no meu barracão
 E lá usou
 Lata de goiabada como prato
 Eu logo percebi
 É mais um candidato
 Às próximas eleições
 Fez questão de beber água da chuva
 Foi lá no terreiro pediu ajuda
 E bateu cabeça no congá
 Mais ele não se deu bem
 Porque o guia que estava incorporado
 Disse esse político é safado
 Cuidado na hora de votar
 Também disse:
 Meu irmão se liga
 No que eu vou lhe dizer
Hoje ele pede seu voto
Amanhã manda os homens lhe prender
 Eu falei pra você viu

¹²⁸ Fragmento do *rap* “Fórmula Mágica da Paz”.

Esse político é safadão oh ai cumpade
 Nesse país que se divide em quem tem e quem não tem
 Sinto o sacrifício que há no braço operário
 Eu olho para um lado
 Eu olho para o outro
 Vejo o desemprego
 Vejo quem manda no jogo
 E você vem, vem
 Pede mais de mim
 Diz que tudo mudou
 E que agora vai ter fim¹²⁹
 (BUTINA; MENINÃO, 1988, grifo nosso)

O “Estado” é representado por diversos nomes e imagens nos *raps* e sambas, por vezes de modo confuso. Ora ele é o “governo”; ora é o “sistema”; ora é a repressão concretizada na atividade policial; ora é o político corrupto; ora é o “bacana/playboy”, ou o “senhor de engenho” da elite branca, responsável pela herança de exploração e miséria desde os tempos da colonização portuguesa. Diversas formas de poder, em especial o político e econômico, se imiscuem na noção de Estado. Na música “Negro Drama”, por exemplo, a dicotomia racial e econômica “negro pobre-branco rico” se confunde com a relação “favela-Estado”: “Ei bacana,/ Quem te fez tão bom assim?/ O que cê deu,/ O que cê faz,/ O que cê fez por mim?/ Eu recebi seu tic,/ Quer dizer kit,/ De esgoto a céu aberto,/ E parede madeirite” (RACIONAIS MCs, 2002).

Apesar das desilusões quase absolutas no discurso, o espaço do sonho por um mundo melhor, pela divisão justa de riquezas e terras, pela paz – mesmo que seja algo quase mágico, ainda existe. Mas sempre brigando com o sonho, está a sobrevivência, chamando ao real.

Um truta: A miséria não acaba porque ainda é favorável/ **Imaginem só, o Brasil sendo melhor/ Com divisão de terra e espaço ao redor /Outro truta: Redor de quê? Redor de quem tá viajando. Esgoto a céu aberto é a real de vários manos/** Você tá vivendo na ilusão da cidade/ Do ensino meia boca, lesando a mentalidade¹³⁰ (RACIONAIS MCs, 2009, grifo nosso).

Eu vou procurar, sei que vou encontrar/ Eu vou procurar, eu vou procurar/ **Você não**

¹²⁹ Fragmento do samba “Candidato Caô Caô”.

¹³⁰ Fragmento do *rap* “Tá na chuva”.

bota mó fé, mas eu vou atrás.../ Da fórmula mágica da paz¹³¹ (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

Assim, um bom Estado que faça justiça, seja presente nas políticas e serviços públicos, e não manipule a miséria de acordo com seus interesses, parece tão distante e inacreditável que ganha o lugar do imaginário (“imaginem só”), do mágico (“fórmula mágica”). A periferia não se sente participante do sistema social, político e econômico, que lhes é indiferente, à medida que a mera “cidadania periférica” não parece ser suficiente para reclamar direitos perante o “sistema”:

A indiferença por gente carente que se tem/ E eles vêem/ Por toda autoridade o preconceito eterno/ E de repente o nosso espaço se transforma/ Num verdadeiro inferno
e reclamar direitos/ De que forma/ Se somos meros cidadãos/ E eles o sistema/ E a nossa desinformação é o maior problema/ Mas mesmo assim enfim/ Queremos ser iguais/ Racistas otários nos deixem em paz¹³² (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

A consciência da exclusão que espolia essas populações é sentida pelo *rap*, conferindo-lhe um tom um tanto quanto pessimista. Assim, elas se vêem como marionetes num teatro há muito tempo composto por um cenário de desigualdades e guerra, onde são empurradas pelo “sistema” para a *incerteza* (de serem ou não mortos pela polícia/milícia, de terem ou não serviços públicos adequados, de terem ou não um emprego, de terem ou não alimentação, de terem ou não um futuro etc.) e para o *crime*. É o verdadeiro holocausto urbano, levado a cabo pelo “poder” e seus agentes, os “poderosos”:

O poder mente, ilude, e domina/ a maioria da população, carente da educação e cultura/ E é dessa forma que eles querem que se proceda. [...] Então a velha história outra vez se repete/ Por um sistema falido/ **Como marionetes nós somos movidos/** E há muito tempo tem sido assim/ Nos empurram à incerteza e ao crime enfim/ Porque aí certamente estão se preparando/ Com carros e armas nos esperando/ **E os poderosos me seguram observando/ O rotineiro holocausto urbano¹³³**. (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

¹³¹ Fragmento do *rap* “Fórmula mágica da paz”.

¹³² Fragmento do *rap* “Racistas Otários”.

¹³³ Fragmento do *rap* “Beco sem saída”.

Junto à opressão social e econômica de longa data, os Racionais (1990) sabiamente ainda identificam outra, também perpetrada pelos “homens de poder”: a opressão ambiental.

E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente/ A saída é essa vida bandida que levam/
Roubando, matando, morrendo/ Entre si se acabando/ **Enquanto homens de poder
fingem não ver/ Não querem saber/ Fazem o que bem entender [...] Destruíram a
natureza e o que puseram em seu lugar/ Jamais terá igual beleza/ Poluíram o ar e o
tornaram impuro/ E o futuro eu pergunto, confuso: “como será?”/ Agora em quatro**
segundos irei dizer um ditado: “Tudo que se faz de errado aqui mesmo será pago¹³⁴,”
(grifo nosso).

Interessante pensar que quem provavelmente está representado no *rap* acima pela alcunha de “homens de poder” é, em grande medida, o poder econômico, responsável central pela manutenção da relação exploratória entre homem e natureza. Mas o poder econômico não faz isso sozinho: o Estado atua junto, pois é quem confere formato jurídico a esta relação, proibindo, inibindo, permitindo e/ou incentivando condutas.

Racionais e Bezerra parecem ter consciência crítica de que certas estruturas problemáticas, lançadas junto com a fundação do Estado brasileiro, se mantêm desde a colonização e estão bastante imbricadas entre si. Por exemplo, as relações de exploração do meio ambiente natural têm tudo a ver com as relações de exploração econômica e social, uma vez que nosso regime produtivo foi baseado na mão-de-obra escrava, na extração de madeira e minérios, e no latifúndio monocultor. Todas essas estruturas relacionais encontraram no Estado um fundamental suporte para seu desenvolvimento e estão presentes até hoje na sociedade, das mais variadas formas. Assim, por mais que o Direito estatal tenha evoluído em suas leis, na prática, o povo continua escravizado, pois está “tudo igual”: “os direitos são os mesmos, desde os séculos passados”, como canta Bezerra.

Quando Cabral aqui chegou
E semeou sua semente
Naturalmente começou
A lapidação do ambiente...
Roubaram o ouro
Roubaram o pau

¹³⁴ Fragmento do *rap* “Tempos Dificeis”.

Prá ficar legal
 Ainda tiraram o couro
 Do povo desta terra original
 A terra é boa
 Mas o povo
 Continua escravizado
 Os direitos são os mesmos
 Desde os séculos passados
 O Marajá, ele só anda engravatado
 Não trabalha, não faz nada
 Mas tá sempre endinheirado...
 (CAVACO; MANGUEIRA, 2002)¹³⁵

No *rap* abaixo, os Racionais também mostram consciência em relação à manutenção secular da exploração de outrora, referindo-se ao “senhor de engenho” como alguém que existe ainda nos dias de hoje:

Ei, Senhor de engenho/ Eu sei bem quem você é/ Sozinho, cê num guenta/ Sozinho, cê num entra a pé. [...] Cê disse que era bom e a favela ouviu/ Lá também tem Whisky Red Labell,/ Tênis Nike e Fuzil/ Seu jogo é sujo / e eu não me encaixo / eu sou problema de montão / de Carnaval a Carnaval / **Eu vim da selva, sou leão / Sou demais pro seu quintal**¹³⁶ (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

500 anos... tudo igual/ América ... justiça.../ 500 anos depois... tudo igual / Justiça... paz.../ 500 anos.../ Jesus está por vir mas o diabo já está aqui.../ 500 anos, o Brasil é uma vergonha¹³⁷ (RACIONAIS MCs, 2002).

O apelo às raízes históricas do Estado brasileiro serve para reforçar o estrago contemporâneo da herança colonial e, por consequência, a persistência de diversas lógicas exploratórias, com destaque para a escravista. O senhor de engenho era o “coronel” que comprava o voto das populações negras e pobres. O senhor de engenho foi quem ensinou a favela a sonhar com os bens de consumo e a cultivar o fascínio pelas armas. No “mano a mano”, “sozinho e a pé”, o *rap* sabe que o senhor de engenho não o enfrentaria: a classe dominante

¹³⁵Fragmento do samba “É ladrão que não acaba mais”.

¹³⁶ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

¹³⁷ Fragmento do *rap* “Otus 500”.

precisa da polícia, da “lei”, da “decisão judicial”, dos mecanismos de alienação (a exemplo da mídia e da indústria cultural) para entrar de forma “bem-sucedida” na periferia. Parece que o *rap* dos Racionais pretende levar a lei da selva que domina a periferia ao interior da casa grande, aos ouvidos da elite, com a certeza - que só a agressividade que os afirma e protege pode lhes dar - de que eles são “leão demais” para o quintal das classes dominantes (ZENI, 2004, p. 227).

Para Arbex José Júnior¹³⁸ (2010 apud OLIVEIRA, C. A., 2012, p.11),

o Estado brasileiro foi construído pelos senhores de engenhos com a intenção de manter a maior parte da população, negros e pobres, numa situação de perpétua miséria. **Essa é a característica do Estado brasileiro: um Estado terrorista que se manteve e se estruturou contra a nação brasileira** (grifo nosso).

O terrorismo pode ser compreendido como um espírito ou atitude que se encontra em todo lugar onde existe um sistema que opõe as pessoas, com poder em excesso. Portanto, existe em todas as pessoas que vivem oprimidas, excluídas, marginalizadas ou exploradas, uma “imaginação terrorista, uma alergia a toda e qualquer ordem definitiva, a qualquer potência definitiva” (BAUDRILLARD¹³⁹, 2002 apud OLIVEIRA, C. A., p. 11-12).

Dessa forma, é o próprio Estado, ou o “sistema”, com seu poder excessivo, seu “terrorismo”, que cria as condições necessárias para o surgimento do *terrorismo como resposta*; é ele quem ajuda a forjar as condições objetivas para uma réplica cruel. Ao juntar as cartas todas do seu lado, o “poder” - e aqui podemos falar do poder estatal e econômico – acaba obrigando o *outro* a mudar as regras do jogo. E essas *outras* regras são ferozes, pois também feroz é o que está em jogo. Assim, explica-se o discurso que “atira” a realidade brutal dos manos que, muitas vezes, apenas estão numa violenta posição responsiva face à violência institucional. Pedem e desejam a paz, mas não vêm outra saída a não ser fazê-lo violentamente: “Violentamente pacífico, verídico/ Vim pra sabotar seu raciocínio/ Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo/ Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro louco/ Número um... terrorista da periferia”¹⁴⁰ (RACIONAIS MCs, 1997).

¹³⁸ BARBOSA, Paulo; DE SOUZA, Hamilton Octavio; KNISPEL, Gershon; MENGARDO, Bárbara; MONCAU, Gabriela; NABUCO, Wagner. NAGOYA, Otávio; PRADO, Débora; POMPEU, Renato; RODRIGUES, Lúcia. “O Estado brasileiro se estruturou contra a nação”. Entrevista com José Arbex Júnior. **Revista Caros Amigos**, ano XIV, n.º 162, set. 2010.

¹³⁹ BAUDRILLARD, Jean. **O espírito do terrorismo**. Porto: Campo das Letras, 2002.

¹⁴⁰ Fragmento do *rap* “Capítulo 4, versículo 3”.

Nesse panorama, da ausência da figura estatal e sua presença apenas em falsas promessas e no abuso de autoridade, a orfandade real e simbólica se erige. Ainda mais quando se trata de vidas em que as estruturas humanas familiares já são destroçadas. Não se confia nos seres humanos (ainda que sejam do mesmo sangue, muitas vezes), nem no Direito que eles produzem, tampouco no Estado. Qual o significante capaz de abrigar a justiça, capaz de superar até mesmo o terrorismo responsável, quando a única recompensa é o direito de continuar a lutar pela sobrevivência, “contrariando as estatísticas”? Os Racionais usam “Deus” para cumprir esta missão, surpreendentemente. Ainda que não se fale em qualquer nome de religião, igreja ou denominação, Deus é lembrado em diversas passagens dos *raps* “racionais” (KEHL, 1999, p. 100).

Se o Direito, em sua pretensa “isenção” e “neutralidade”, não faz justiça - pois ao valorar “com distância” e igualmente partes desiguais, fica do lado do mais forte -, Deus *não* é neutro e é a ele que o apelo dos manos se dirige, para que os guarde: “Que Deus me guarde/ Pois eu sei/ Que ele não é neutro/ Vigia os rico/ Mas ama os que vem do gueto¹⁴¹” (RACIONAIS MCs, 2002).

Se não há autoestima, se os estigmas sociais são inúmeros, se a família é desagregada, se o Estado e o Direito (de quem se espera a justiça humana) são injustos e não dão valor à vida dos “periféricos”, a solução é ter: “Fé em Deus, que Ele é justo!/ Ei irmão, nunca se esqueça/ Na guarda, guerreiro levanta a cabeça, truta/ Onde estiver, seja lá como for/ Tenha fé/ porque até no lixão nasce flor¹⁴²” (RACIONAIS MCs, 2002).

A despeito da aversão ao “Direito dos homens”, para o *rap*, pode até existir esperança no sistema de justiça terreno. Isso porque se acredita que quem acusa pode até ser humano, mas quem decide no fim das contas, se houver fé, é Deus, mesmo no sistema de justiça terreno: “O promotor é só um homem, Deus é o juiz/ Enquanto Zé Povinho/ Apedrejava a Cruz/ Um canalha fardado/ Cuspiu em Jesus¹⁴³” (RACIONAIS MCs, 2002).

Note-se como é pronta e eficaz a empatia e identificação dos manos com o sofrimento de Jesus, neste último trecho. Pessoas o apedrejavam, mas o mais interessante é o fato de que quem

¹⁴¹ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

¹⁴² Fragmento do *rap* “Vida Loka – Parte I”.

¹⁴³ Fragmento do *rap* “Vida Loka – Parte II”.

cuspiu em seu rosto foi um soldado romano, um “canalha fardado”¹⁴⁴, em clara identificação com a brutalidade policial nas relações com a periferia.

Veja-se este outro trecho: “Minha palavra alivia sua dor,/ ilumina minha alma, louvado seja o meu Senhor/ que não deixa o mano aqui desandar,/ ah, nem sentar o dedo em nenhum pilantra¹⁴⁵” (RACIONAIS MCs, 1997). Deus é tido como referência que “não deixa o mano aqui desandar”, já que todas as outras referências estão aí para fazê-lo. Como afirma Kehl (1999), muitas vezes, é preciso que o outro me ame para que eu possa me amar. É preciso que o outro aponte um lugar de dignidade para que o sujeito se sinta digno de ocupar este lugar. Assim, sugere-se que o *Senhor*, o *Deus* que aparece em diversos *raps* (junto aos Orixás, em algumas menções), além de simbolizar a Lei e a Justiça, tem a função de conferir valor à vida que, para um mano comum, vale muito pouco. Por que se depender da lei dos homens, os “manos” ficam à margem de qualquer proteção ou perspectiva.

Uma alternativa a Deus seria “a sociedade” – entidade abstrata e abrangente que deveria simbolizar o interesse comum entre os homens, a instância que quer que todos sejam pessoas de bem e em troca oferece amparo, prazer e oportunidades. A sociedade seria, então, uma instância superior a Deus, do ponto de vista da emancipação humana, já que é organizada no mundo material a partir dos acordos firmados entre semelhantes, e moldável à medida que os anseios vão se modificando. Porém, para os manos a sociedade é hostil ou indiferente, no mínimo. Não se importa com eles, e parece que não irá mudar seu sistema de privilégios para incluir seus direitos e interesses. Assim, é perfeitamente plausível a “regressão” a Deus, num quadro de absurda e irracional injustiça social, tendo em conta que, fora isso, a derradeira alternativa seria a regressão à barbárie.

Mas frise-se: o Deus do *rap* não é uma figura que produz conformismo, esperança mágica de salvação e desvalorização da vida terrena em nome da felicidade eterna (KEHL, 1999, p. 100-101). Deus é referência simbólica, como se dissesse, para “não deixar desandar” os manos, que pretendem revolucionar esta Terra mesmo: “Deus está comigo, mas o revólver também me acompanha” (Ice Blue apud KEHL, 1999, p. 101), lembrando também que: “quem gosta de nós somos nós mesmos¹⁴⁶”.

¹⁴⁴ Segundo o livro bíblico de Mateus, capítulo 26, versículo 67, não foi só um, mas vários soldados romanos que cuspiram e esbofetearam Jesus, antes de ele ser crucificado.

¹⁴⁵ Fragmento do *rap* “Capítulo 4, Versículo 3”.

¹⁴⁶ Frase que compõe dois *raps* dos Racionais MCs: 1) “Pânico na Zona Sul” (1990); e 2) “Voz Ativa” (1992).

Interessante notar como, em geral, o discurso dos Racionais e, em específico, suas percepções sobre o Estado e o Direito se inscrevem de forma dúplice: por um lado, o sujeito que canta é “racional”, pensa pra falar. Por outro, não poderia falar outra coisa, pois “a vida é assim”. Ou seja, o mergulho crítico na história permite que se enxergue com clareza o “negro drama” vivido pelas populações marginalizadas - “Eu não li, eu não assisti/Eu vivo o negro drama, eu *sou* o negro drama/Eu *sou o fruto* do negro drama¹⁴⁷” (RACIONAIS MCs, 2002), pois são vítimas diretas de diversas heranças injustas, e sempre mantiveram uma relação problemática com o Estado e, consequentemente, com o Direito. Porém, tal mergulho de consciência vem acompanhado de certas “limitações”, que acabam dando um tom pessimista e não radical a algumas das letras: o sofrimento e as desilusões que foram e são vividos não são uma questão de escolha: foi a “vida que quis assim”; o Estado e o Direito – a menos que sejam totalmente revolucionados em relação ao que são hoje – parecem estar num lugar distante quando se trata de transformação social. Não são vistos pelo *rap* como agentes importantes para a emancipação das populações marginalizadas.

Mas embora existam estas limitações, a revolução pela ampliação de *direitos* é pauta nas letras dos Racionais, ainda que não se saiba dar nome “jurídico” a eles:

A rua violenta pode ser de outro jeito/ Ninguém é perfeito, mas ainda tem o direito/
Direito de falar, direito de pensar/ Direito de viver decentemente sem roubar/ Direito de
aprender como se ganha dinheiro/ Sem ter que trapacear no jogo o tempo inteiro/ Direito
de ouvir e de criticar também/ Direito de entender e debater com você além/ A lei que
foi criada pra incentivar/ O nosso acesso é restrito, o processo é só aumentar/ Vamo
chegar, mudar, pra revolucionar/ Racionais está no ar, e o RAP também tá/ Em qualquer
lugar, onde a mensagem vá/ Sei que um aliado, mais um...vou resgatar! (RACIONAIS
MCs, 2009)¹⁴⁸.

Quanto à Lei e ao Direito, de forma mais direta e específica, talvez a temática mais presente - e divulgada - na obra dos Racionais e de Bezerra seja a existência de uma “legalidade paralela”, fora do âmbito do ordenamento jurídico estatal. E essa legalidade parece variar quase que territorialmente, dentro do mesmo “Estado”:

¹⁴⁷ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

¹⁴⁸ Fragmento do *rap* “Tá na Chuva”.

Cada lugar, uma lei, eu tô ligado/ no extremo sul da Zona Sul tá tudo errado/ aqui vale muito pouco a sua vida/a nossa lei é falha, violenta e suicida/ Se diz que, me diz que, não se revela:/ parágrafo primeiro na lei da favela/ Legal, assustador é quando se descobre/ que tudo dá em nada e que só morre o pobre¹⁴⁹ (RACIONAIS MCs, 1997).

A denúncia do *rap* não poderia ser mais grave: “nós, pretos/pardos e pobres da periferia da Zona Sul de São Paulo vivemos segundo a lei da selva que, apesar de falha, predatória, violenta e suicida, já foi incorporada à cultura brasileira, e reza que é normal ver-nos presos ou mortos”. Para que não morram, os denunciantes e aqueles que eles representam devem ser mais espertos que o comum.

Essa “Lei”, no discurso dos Racionais, apresenta diversos nomes, mas em substância, representa uma mesma realidade. É chamada: “lei do mais forte”, “lei do silêncio”, “lei do cão” ou “lei da selva”.

A vida aqui é dura/ Dura é a lei do mais forte/ Onde a miséria não tem cura/ E o remédio mais provável é a morte/ Continuar vivo é uma batalha/ Isso é se eu não cometer falha/ E se eu não fosse esperto/ Tiravam tudo de mim/ Arrancavam minha pele¹⁵⁰ (RACIONAIS MCs, 1990).

Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez¹⁵¹ (RACIONAIS MCs, 1993).

“Clip, clap, bum!” / A lei da selva é assim/ “Clip, clap, bum!” / Rapaz comum/ A lei da selva é assim/ “Clip, clap, bum!” / Predatória/ Rapaz comum¹⁵² (RACIONAIS MCs, 1997).

Além dessa “legalidade alternativa” cruel e inafastável, existe ainda outra, igualmente alternativa. Mas esta diz respeito ao senso de justiça que brota espontaneamente da lógica da favela: punição dos “caguetes” (com lastro na “Lei de Murici”: *cada um trata de si*) e dos criminosos que cometem determinados crimes, tidos como “inadmissíveis”.

¹⁴⁹ Fragmento do *rap* “Fórmula Mágica da Paz”.

¹⁵⁰ Fragmento do *rap* “Hey Boy”.

¹⁵¹ Fragmento do *rap* “Homem na Estrada”.

¹⁵² Fragmento do *rap* “Rapaz Comum”.

Em relação aos caguetes, Bezerra e seus compositores foram bastante contundentes na cantoria. São diversas as músicas que tratam da temática:

A lei do morro
 Não é mole não
 Se você caguetar
 Tem que ter muita disposição
 Pra meter a mão na turbina
 E apertar com precisão[...]
 Tem que ser ligeiro e hábil
 Pra poder sobreviver
 Bom malandro é cadeado
 Nada sabe, nada vê¹⁵³
 (LENNOYA; TRAMBIQUE; SILVA, 1983)

Pra morar no morro
 Tem que ter muita versatilidade
 Ouvir muito e falar pouco
 Ser bom malandro e ter muita amizade
 Permanecer na lei que é de Murici
 E o provérbio que diz
 não sei de nada, cada um trata de si¹⁵⁴
 (CABORÉ; MENILSON; PINGA, 1983)

Na hora da dura
 Você abre o cadeado
 E dá de bandeja
 Os irmãozinhos pro delegado
 Na hora da dura
 Você abre o bico e sai caguetando
 Eis a diferença, mané, do otário pro malandro[...]
 E na colônia penal
 Assim que você chegou
 Deu de cara com os bichos que você cagoetou

¹⁵³ Fragmento do samba “A lei do morro”.

¹⁵⁴ Fragmento do samba “Nunca vi ninguém dá dois em nada”.

Aí você foi obrigado a usar fio-dental e andar rebolando¹⁵⁵
 (PERNADA; SIMÕES, 1987)

Quanto aos criminosos que cometem crimes não só juridicamente “inaceitáveis”, mas “inadmissíveis” pelas leis da favela, “Diário de um detento” (1997) e “Homem na Estrada” (1993) são *raps* que ajudam a mostrar no que consiste a “justiça que se faz” em relação a eles:

Homem é homem, mulher é mulher/ Estuprador é diferente, né?/ Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés/e sangra até morrer na rua 10.

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual./ Calor insuportável, 28 graus./ Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hâ!/ Já fazem cinco dias./ São dez horas, a rua está agitada, uma ambulância foi chamada com extrema urgência./ Loucura, violência exacerbada./Estourou a própria mãe, estava embriagado./ Mas bem antes da ressaca ele foi julgado./ Arrastado pela rua o pobre do elemento, o inevitável linchamento, imaginem só!/ Ele ficou bem feio, não tiveram dó.

Em alguns desses casos, nota-se que mesmo a atuação da polícia é aceita e legítima. Às vezes, é até solicitada, podendo agir sozinha ou em conjunto com o “poder paralelo” das populações periféricas, como mostram os sambas a seguir, desmistificando a ideia difundida nos grandes meios de que a arte de Bezerra da Silva faz apologia ao crime:

O rádio da patamo anunciava
Existia um canalha que lá estuprava
Maltratava criança sem nenhum pudor
E a D.V. Baixada foi acionada para averiguar
Deu um flagrante no safado dentro do mato
Com a criança querendo estuprar
 O verme foi enquadrado
 E pra não ser linchado o covarde chorou
 Se ajoelhou pros “homens”, pedindo clemência
 Dizendo que sempre foi trabalhador
 E também, quis saber dos direitos humanos
 Que a constituinte lhe proporcionou

¹⁵⁵ Fragmento do samba “Na Hora da Dura”.

Quando pisou na cadeia
O xerife da área não anistiou
 Quis saber do safado qual era o artigo
 E a facção que ele sempre gostou
 Ao pepinar nas conversas
Sofreu um castigo de um estuprador
Pois foi feita a justiça na cadeia
No sorteio da morte o canalha dançou¹⁵⁶
 (BASTOS; FORTE, 1992, grifo nosso)

O Dr. tá na sua capturação
E o motivo da perseguição
É que você errou
Você bateu na sua boa nega Marion
 Que lhe dava boa-vida
 Em uma cobertura no Baixo Leblon¹⁵⁷
 (OLIVEIRA; SILVA, 1987, grifo nosso)

Assim, nota-se que junto ao senso de justiça da favela e suas “leis” paralelas, a lei estatal às vezes é tida como legítima e chamada a atuar. Porém, muito mais expressivas são as situações em que a legalidade estatal é vista pelo *rap* e pelo samba de forma a não representar os interesses das populações marginalizadas. Isso porque o Direito em sua feição mais dura, “quando quer”, parece só se aplicar à favela, de forma implacável e “pra mostrar serviço”, como canta o samba “Se liga, Doutor”. Seu título é uma advertência ao aplicador “jurídico”, que parece (ou finge?) estar desligado quanto à desigualdade substancial na aplicação do Direito:

A lei só é implacável pra nós favelados
 E protege o golpista
 Ele tinha que ser o primeiro da lista
 Se liga nessa, dotô
 Vê se dá um refresco
Isto não é pretexto para mostrar serviço
 Eu assumo o compromisso
 Pago até a fiança da rapaziada

¹⁵⁶ Fragmento do samba “SOS Baixada”.

¹⁵⁷ Fragmento do samba “O Dr. está na sua capturação”.

**Por que é que ninguém mete o grampo
No pulso daquele colarinho branco?**
Roubou jóias no morro de Serra Pelada
Somente o dotô que não sabe de nada¹⁵⁸
(CAPRICO; BATATINHA, 1999, grifo nosso)

Os “poderosos” - e nessa alcunha podem se incluir os aplicadores/operadores do Direito - são também acusados pelo *rap* de desrespeitar o *caput* do art. 5º da Constituição Federal¹⁵⁹: “Ei mano, dê-nos ouvidos!/ **Os poderosos ignoram os direitos iguais/** Desprezam e dizem ‘que vivam como mendigos a mais’¹⁶⁰” (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

Mas qual o sentido dessa igualdade? Numa análise global da obra dos dois “sujeitos musicais” objetos deste estudo, percebe-se que tal sentido é o da igualdade substancial. Parece que Bezerra e Racionais escreveram juntos os dois trechos abaixo. Eles revelam, cada qual a seu modo, uma mesma lei: a de que o tratamento do “descumpridor da lei” deve ser sopesado em razão de ele ter tido ou não “oportunidades” na vida:

**Como posso ser ladrão
Se eu não tenho nem o que comer
Não tenho curso superior
Nem o meu nome eu sei assinar
Aonde foi que se viu um pobre favelado
Com passaporte pra poder roubar
No morro ninguém tem mansão
Nem casa de campo pra veranear¹⁶¹**
(DOIDO; SILVA, 1985, grifo nosso)

**Cê diz que moleque de rua rouba/ O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?
Ele só não tem diploma pra roubar/ Ele não esconde atrás de uma farda suja/ É tudo uma questão de reflexão irmão/ É uma questão de pensar/ A polícia sempre dá o mau exemplo/ Lava a minha rua de sangue/ leva o ódio pra dentro/ Pra dentro de cada**

¹⁵⁸ Fragmento do samba “Se Liga Doutor”.

¹⁵⁹ “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”

¹⁶⁰ Fragmento do *rap* “Beco sem Saída”.

¹⁶¹ Fragmento do samba “Vítimas da Sociedade”.

canto da cidade/ Pra cima dos quatro extremos da simplicidade¹⁶² (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

“É tudo uma questão de reflexão, irmão”. Um Estado e um Direito - este último é também uma das faces do primeiro - que se fingem de neutros (mas ficam do lado dos “poderosos” e se confundem com os tais “poderosos”) e são totalmente ausentes nos serviços públicos (mas totalmente presentes na repressão penal dos pobres, na corrupção e “cabrestização” do voto), merecem o lamento a seguir:

Eu já ando injuriado, ô xará
 Meu salário defasado
 Meu povo todo esfomeado
 E ainda é intimado a votar
 Vejo que essa previdência
 Não tem competência pra ser social
 O trabalhador adoece e morre na fila do hospital
 Enquanto uma pá de aspone que dorme e come mamando na teta
 E os pc's na mamata sempre fazendo mutreta
 Roubando dinheiro do povo e mandando pra suíça na maior caretá
 Isso é que é covardia que me arrepia e me faz chorar
 É fraude por todos os lados e ninguém consegue grampear os Culpados¹⁶³
 (CARLOS; GENTE BOA, 1992)

Será que o Estado é Democrático e de Direito para todas as pessoas e em todos os territórios? O que pretende o Estado ausente que apenas “intima a votar” seus “cidadãos” que, em grande parte, nele não se reconhecem, pois são um “povo esfomeado”? Qual o conteúdo do caráter “democrático” do Estado de Direito: diz respeito a uma democracia participativa ou meramente representativa? Será que o Direito estatal “entra” em todos os territórios e neles é igualmente observado? Será que existem de fato outros “ordenamentos” convivendo com o Direito oficializado? Se eles existem, é porque o Direito oficializado tem se mostrado insuficiente? Quem são os verdadeiros “sujeitos de Direito”, não apenas “sujeitados pelo

¹⁶² Fragmento do rap “Mágico de Oz”.

¹⁶³ Fragmento do samba “Assombração de Barraco”.

Direito”? Por que Estado e mercado parecem ser um “ente” só? Como equacionar os efeitos sociopolíticos da confusão “Estado-mercado”?

A partir da análise da sábia e seleta musicalidade popular, pretendeu-se dar um sentido de resposta, ou ao menos uma *sensação* de resposta a estes questionamentos.

Cabe aqui a reflexão do historiador José Murilo de Carvalho (2004, p. 215-216):

A parcela da população que pode contar com a proteção da lei é pequena, mesmo nos grandes centros. Do ponto de vista da garantia dos direitos civis, os cidadãos brasileiros podem ser divididos em classes. Há os de primeira classe, os privilegiados, os “doutores”, que estão acima da lei, que sempre conseguem defender seus interesses pelo poder do dinheiro e do prestígio social. [...] Para eles, as leis ou não existem ou podem ser dobradas.

Ao lado da elite privilegiada, existe uma grande massa de “cidadãos simples”, de segunda classe, que estão sujeitos aos rigores e benefícios da lei. São a classe média modesta, os trabalhadores assalariados com carteira de trabalho assinada, os pequenos funcionários, os pequenos proprietários urbanos e rurais [...] Para eles, existem os códigos civil e penal, mas aplicados de maneira parcial e incerta.

Finalmente, há os “elementos” do jargão policial, cidadãos de terceira classe. São a grande população marginal das grandes cidades, trabalhadores urbanos e rurais sem carteira assinada, posseiros, empregadas domésticas, biscoateiros, camelôs, menores abandonados, mendigos. São quase invariavelmente pardos ou negros, analfabetos, ou com educação fundamental incompleta. Esses “elementos” são parte da comunidade política nacional apenas nominalmente. Na prática, ignoram seus direitos civis ou os têm sistematicamente desrespeitados por outros cidadãos, pelo governo, pela polícia. Não se sentem protegidos pela sociedade e pelas leis. Receiam o contato com os agentes da lei, pois a experiência ensinou que ele quase sempre resulta em prejuízo próprio. Alguns optam abertamente pelo desafio à lei e pela criminalidade. Para quantificá-los, os “elementos” estariam entre os 23% de famílias que recebem até dois salários mínimos. Para eles vale apenas o Código Penal.

**5.4 “Eu sou o negro drama. E ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é”.
(Negro, Racismo, Orgulho e Estigma¹⁶⁴)**

Segundo o artigo 3º da Constituição Federal de 1988, é um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: “IV - promover o bem de todos, **sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação**” (grifo nosso).

Em seu artigo 4º, a Constituição prossegue dando mais atenção à questão: “A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: [...] VIII - **repúdio ao terrorismo e ao racismo**” (grifo nosso).

Em seu título “Dos Direitos e Garantias Fundamentais”, artigo 5º, inciso XLII, está estabelecido que: “**a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível**, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (grifo nosso). Tal crime está tipificado em diversas práticas, elencadas na lei 7.716/89.

Além disso, o Código Penal Brasileiro, no art. 140, § 3º, define a “Injúria Racial” e lhe comina pena:

Art. 140 - Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro: [...]

§ 3º - **Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência.**

Pena - **reclusão de um a três anos e multa.** (grifo nosso)

Por fim, a lei nº 12.288/10 institui o Estatuto da Igualdade Racial, “destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (artigo 1º).

Embora o ordenamento jurídico brasileiro dê toda a importância da positivação legal e constitucional à questão racial, em outro sentido lamenta Mano Brown (1990):

50 anos agora se completam/ Da lei anti-racismo na constituição/ Infalível na teoria/
Inútil no dia-a-dia/ Então que fodam-se eles com sua demagogia/ No meu país o
preconceito é eficaz/ Te cumprimentam na frente/ E te dão um tiro por trás¹⁶⁵.

¹⁶⁴ É importante deixar claro que, na análise global das músicas dos Racionais e de Bezerra, as letras que mais trouxeram esta temática em seu bojo foram as do *rap*. Por isso, neste tópico trabalharei exclusivamente com elas.

¹⁶⁵ Fragmento do *rap* “Racistas Otários”.

Apesar do aparente equívoco de data no trecho acima¹⁶⁶, uma vez que este *rap* foi criado após 1988 (“50 anos agora se completam da lei anti-racismo na constituição”), Mano Brown dá aula de Teoria do Direito, mostrando a abissal diferença que separa o *dever ser* do direito (a vigência e validade da norma jurídica, que diz respeito à existência de uma norma que obriga a todos a se comportarem de acordo com ela), de seu *ser* (a eficácia da norma, sua “validade social”). De que adianta existirem, estarem vigentes e válidas uma Constituição Federal e diversas leis que trazem, na teoria e no *dever ser*, tantas garantias anti-racistas, se elas *não são*, no dia-a-dia, aplicadas ou úteis, e *em seu lugar é eficaz o preconceito racial?*

Uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Direito da Democracia do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e pela Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), concluiu que apesar do rigor das leis contra o racismo, tais normas não têm sido eficazes para condenar a prática na Justiça. Foram “filtrados” 26 processos de um total de 226 ações judiciais sobre racismo em tramitação de 1988 a 2005, no TJSP. Do total, apenas 10 tiveram decisões de mérito que tratavam de racismo – em seis delas os acusados foram absolvidos e em outras quatro, condenados. Mesmo assim, as condenações foram dadas pelo crime de “injúria racial” e não por “racismo”, propriamente. Conforme uma das coordenadoras do projeto, a professora de Direito Marta Machado, da FGV, essa mudança de tipificação do crime se deu porque a maioria das condutas discriminatórias analisadas envolviam insultos como xingamentos¹⁶⁷. Embora tanto a pena por injúria racial quanto a por racismo seja de 1 a 3 anos de prisão, a escolha por tipificar tais casos como injúria trouxe maior dificuldade para o andamento da ação. Isso ocorreu porque, alterando-se as condutas que antes eram crime de racismo, previsto na Lei nº 7.716/89, para crime de injúria racial (art. 140, §3º do Código Penal), a respectiva ação deixa de ser pública, movida pelo Ministério Público, e passa a ser privada, individualmente movida pela própria parte ofendida. Além disso, a ação passa a ter um prazo de

¹⁶⁶ Pelas “contas”, talvez Brown tenha feito menção à Lei n. 1.390, de 1951 – Lei Afonso Arinos –, a única lei que disciplinou o assunto no ordenamento jurídico brasileiro até 1988, e tratava o racismo como contravenção penal, sendo a multa aplicada para reparar o dano equivalente hoje à singela quantia de R\$ 0,50. Se Brown fez menção a esta lei, também acertou ao apontar sua ineficácia, pois nos 40 anos de sua vigência, “raríssimas vezes algum caso de discriminação racial foi objeto de ação penal e deles só nos foi possível encontrar dois casos nos arquivos pesquisados” (CARNEIRO, 2000, p. 311-323). A conduta racista era tratada pelo Judiciário em ações isoladas (e em alguma medida, ainda é), perdendo-se a dimensão coletiva de tal violação, e isso se deve à sutileza da dita democracia racial.

¹⁶⁷ A alteração legal foi, de certa forma, interessante, porque antes de haver a previsão específica da “injúria racial”, as condutas de xingamento não eram consideradas “racismo” – pois não havia tipo específico na Lei 7.716/89, e eram desclassificadas para o crime de injúria “pura”, do *caput* do art. 140 do Código Penal, que tem pena muito mais branda.

seis meses, a contar do fato ocorrido, para ser ajuizada; caso contrário, há prescrição. Por sua vez, o crime de “racismo” ou “de discriminação racial”, é constitucionalmente imprescritível. Dessa maneira, em razão do reduzido prazo de prescrição da “injúria racial”, das 16 ações restantes - que não tiveram decisão de mérito - dentre as 26 filtradas pela pesquisa, 7 foram extintas. Uma por falta de provas, 6 por terem ultrapassado o prazo de seis meses. Três tratavam apenas de questões processuais, e em 6 o TJSP decidiu por seu seguimento na primeira instância (AGUIAR, 2008).

Ainda que o viés da pesquisa mencionada possa ser “limitado” para avaliar a falta de eficácia das normas anti-racismo de forma mais “real” e profunda, pois seu objeto é apenas a “realidade jurisprudencial”, parece, de alguma forma, proveitoso e pertinente compartilhar seu resultado¹⁶⁸.

Há também quem critique a ineficácia das normas anti-racismo no sistema de Justiça brasileiro apontando um interessante fenômeno: a imensa maioria das condutas discriminatórias que são combatidas “pelo” e “no” Judiciário – destacando-se aqui também a responsabilidade dos que “levam” as demandas aos juízes, a exemplo do Ministério Público - são aquelas decorrentes de um racismo “de papel”, que resulta do “mau uso” da liberdade de expressão, e não do racismo que cotidianamente segregava e oprime, de fato, a raça negra. O primeiro tipo de racismo seria, então, apenas reflexo do segundo, que é muito mais amplo.

Os tribunais não se manifestam contra a fome, o desemprego, a superlotação das cadeias e as chacinas diuturnas cometidas contra a população negra. Isso que é racismo, e os superiores tribunais deveriam ser penalizados ao menos por omissão [...] o próprio Estado que sustenta e patrocina essa verdadeira tragédia racial deveria também ser punido por racismo. Este crime não está em manifestações ideológicas racistas, mas em atos objetivos, sendo as próprias manifestações resultados consequentes dessa situação real de repressão ao povo negro [...]. Nesse sentido, as decisões dos tribunais contra a manifestação racista possuem dois fatores importantes para o sistema. Primeiro mascara a verdadeira opressão racial sofrida todos os dias pela população negra, e

¹⁶⁸ Isso porque acreditamos que é importante reconhecer as imensas limitações e “incompetências” do Direito tradicional - leis, sistema judiciário etc. - em resolver, sozinho e fechado em sua pretensão de neutralidade e autossuficiência, questões realmente sensíveis e historicamente relevantes, como a tratada neste tópico.

com isso passa um verniz democrático no Estado racista¹⁶⁹ (JORNAL CAUSA OPERÁRIA, 2011, grifo nosso).

Em paralelo à aparente ineficácia das normas anti-racismo, constatada pela observação crítica da atuação dos tribunais brasileiros, toda a “eficácia do preconceito”, parece ser confirmada, em tom inconformado e raivoso, no *rap* “A vida é um desafio”:

Desde cedo a mãe da gente fala assim:/ “filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.”/ Aí passado alguns anos eu pensei:/ Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado/ pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses.../ por tudo que aconteceu?/ Duas vezes melhor como?/ Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez./ E sempre foi assim./ Você vai escolher o que tiver mais perto de você,/ O que tiver dentro da sua realidade/ Você vai ser duas vezes melhor como?/ Quem inventou isso aí?/ Quem foi o pilantra que inventou isso aí?/ Acorda pra vida rapaz! (RACIONAIS MCs, 2002)

O discurso corrente entre brancos e entre os próprios negros, como mostrado na letra acima, valoriza a superação individual das injustiças e mazelas decorrentes da subjugação histórica da raça negra. Assim, a fala veiculada pela própria “mãe negra” faz parecer que a culpa pela situação de desgraça em que seu filho - assim como a massiva generalidade dos negros - se encontra, está na própria raça, como se a miséria fosse algo “inato” aos negros, “inelutável”. Vê-se, portanto, que essa visão deturpada não está presente apenas entre os brancos, como já denunciou Darcy Ribeiro (1995, p. 222):

Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão. Essa visão deformada é assimilada também pelos mulatos e até pelos negros que conseguem ascender socialmente¹⁷⁰, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa.

¹⁶⁹ Não há autoria indicada na reportagem “Combate ao racismo só no papel”, disponível em: <<http://www.pco.org.br/negros/combate-ao-racismo-so-no-papel/eiez,a.html>>. Acesso em 11 jun. 2013.

¹⁷⁰ É até desnecessário dizer que o grupo Racionais MCs se compõe por sujeitos negros que ascenderam socialmente, mas têm atitude totalmente oposta à afirmação de Darcy Ribeiro, apesar de reproduzirem o discurso hegemônico em alguns momentos. Mas como se viu anteriormente, isso revela a inserção dos Racionais na luta pela hegemonia.

A fala quase “matemática” da mãe do enunciador (“você tem que ser *duas vezes* melhor”) parece dizer algo que a lei, ou o “sistema”, não dizem abertamente, mas é reflexo de uma realidade assustadoramente cotidiana: o valor social e “de mercado” do negro corresponde, segundo uma lógica perversa, à metade do valor do branco. Assim, a valorização discursiva do “esforço individual” combina bastante com a ideologia do capitalismo liberal, e parece ser capaz de camuflar a opressão e destruir o sentido histórico das lutas de grupo, em geral. Ainda mais conveniente é o operar desta camuflagem e desta destruição em relação ao grupo *negro*, tão espoliado ao longo da história da nação brasileira, que, desde o lançamento de suas bases, explora sua mão-de-obra em benefício do grande capital *branco* de poucos.

E ainda hoje, é em benefício deste sistema econômico que continua extremamente interessante e necessária a existência do racismo para justificar, por exemplo, a desvalorização bastante lucrativa da força de trabalho negra.

Segundo pesquisa recente do Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômicos (DIEESE, 2012), a fala da “mãe dos manos” está praticamente correta: os negros com trabalho na região metropolitana de São Paulo recebem em média 61,7% (R\$ 6,28/hora) do rendimento dos não negros (R\$ 10,30/hora). Os motivos mais evidentes de tal desigualdade estão nas diferentes estruturas ocupacionais em que estão inseridos. As maiores desigualdades de rendimentos por raça/cor se verificaram nos setores em que a proporção de não negros supera a de negros, e cujos rendimentos médios são mais elevados: em geral, aqueles em que a estrutura produtiva é mais diversificada e com segmentos de uso intensivo de capital, fatores que demandam maior qualificação dos trabalhadores. Por exemplo, no *Setor de Serviços* e na *Indústria* o quadro é pior que nos demais: os negros recebem, respectivamente, apenas 58% e 59,9% dos rendimentos dos não negros, por hora. Essa diferença é reduzida no Comércio e na Construção Civil (69,9% e 74,6%), e praticamente inexiste nos Serviços Domésticos (99,8%).

Nota-se, portanto, que a opressão racial anda lado a lado com a opressão econômica. Dessa forma, apenas parece possível acabar com o racismo à medida que se supere, de alguma forma, o sistema capitalista. Isso faz com que a luta contra o primeiro e a luta contra o segundo sejam uma só, na verdade:

A superação do racismo só pode ser realizada com a concomitante superação do modo de produção capitalista [...]. Portanto, o movimento negro deve articular sua luta específica - anti-racista - com a luta geral das classes exploradas - anticapitalista. Existe

uma unidade entre a luta anti-racista e a luta anticapitalista. Esta unidade se encontra no fato de ser impossível superar o racismo sem a superação do capitalismo (VIANA¹⁷¹, 2009 apud OLIVEIRA, C. C., 2012, p. 4).

Embora seja muito importante enxergar o problema de forma totalizante, fazendo com que as duas questões não se dissociem, deve haver cautela no trato dessa unidade de lutas. Isso porque se o problema for colocado apenas sob o rótulo de “desigualdade social”, ou “socioeconômica”, fica mais difícil ter um olhar direcionado, analítico e crítico sobre o racismo, com todas as suas especificidades. Assim, será também difícil formular propostas e pensar em alternativas à questão.

Apesar de já termos mencionado alhures uma fala de Mano Brown afirmando que, hoje, o conflito entre pobres e ricos é maior que o conflito entre brancos e negros (apud PIMENTEL, 2001), este último merece destaque no *rap* dos Racionais, como se nota em “Racistas Otários” (1990), ainda que os “sociólogos” prefiram ser “imparciais” e digam ser apenas “financeiro” o problema:

O sistema é racista e cruel/ Levam cada vez mais/ Irmãos aos bancos dos réus/ **Os sociólogos preferem ser imparciais/ E dizem ser financeiro o nosso dilema/** Mas se analisarmos bem mais/ você descobre/ Que **negro e branco pobre se parecem/ Mas não são iguais** (grifo nosso).

O destaque ao conflito racial é merecido. As estatísticas divulgadas pelo DIEESE, relativas à diferença de rendimentos obtidos por brancos e negros, só fazem sentido completo se for visualizada com clareza histórica a “carreira” do negro no Brasil. Não é suficiente apenas a visualização, ainda que clara, da luta de classes.

Introduzido como escravo, o negro foi, desde o primeiro momento, chamado às tarefas mais duras, como mão-de-obra fundamental de todos os setores produtivos. Como “besta de carga” foi tratado e exaurido no trabalho, mero investimento destinado a produzir o máximo de lucros, enfrentando precaríssimas condições de sobrevivência. Ascendendo à condição de “livre”, se viu perante novas formas de exploração; porém, apesar da nova condição lhe ser melhor que a escravidão, foi-lhe permitida apenas a integração social na condição de subproletário, ainda exercendo seu antigo papel: *animal de serviço* (RIBEIRO, 1995, p. 232).

¹⁷¹PEREIRA, Cleito; VIANA, Nildo (Org.). **Capitalismo e questão racial.** Rio de Janeiro: Corifeu, 2009.

Portanto, por mais que as bases sociais tenham se alterado (e ainda se alterem) em razão da crescente industrialização e automação, a superconcentração de riqueza e poder em *mãos brancas* ameaça não ser eliminada enquanto não forem totalmente compreendidas as pautas que diferenciam os lugares ocupacionais de negros e brancos, só explicáveis historicamente (RIBEIRO, 1995, p. 234). Como exemplos delas: a recente emergência do negro escravo ao trabalho livre; sua condição de inferioridade, produzida pelo tratamento opressivo suportado por séculos; a continuidade de critérios racialmente discriminatórios que, impondo obstáculos para ascender à simples condição de gente comum, fez com que para o negro fosse mais difícil obter educação e se incorporar à força de trabalho dos setores modernizados.

Por tudo isso, os Racionais (1990) cantam, com total atualidade: “Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos/ O preconceito e desprezo ainda são iguais/ Nós somos negros, também temos nossos ideais/ Racistas otários, nos deixem em paz!”¹⁷².

Mais adiante, esse mesmo *rap* – “Racistas Otários” - canta, em diálogo intenso com a antropologia de Darcy Ribeiro: “E nossos ancestrais/ Por igualdade lutaram/ Se rebelaram, morreram/ E hoje o que fazemos/ Assistimos a tudo de braços cruzados/ Até parece que nem somos nós os prejudicados”. Ao relembrar a luta negra contra escravidão, sua intensidade e persistência temporal, Ribeiro (1995, p. 219) lamenta, assim como os Racionais, que em tempos recentes e “pós-escravidão”,

a rebeldia negra é muito menor e menos agressiva do que deveria ser. Não foi assim no passado. As lutas mais longas e mais cruentas que se travaram no Brasil foram a resistência indígena secular e a luta dos negros contra a escravidão, que duraram os séculos do escravismo. Tendo início quando começou o tráfico, só se encerrou com a abolição.

“Capítulo 4, versículo 3” é outro *rap* que traz de forma destacada a questão racial, junto àquela de ordem socioeconômica que a compõe. Estatísticas reveladoras da “realidade do drama negro” são lançadas por uma voz falada, logo no início da canção:

60% dos jovens de periferia/, Sem antecedentes criminais,/ Já sofreram violência policial/ A cada 4 pessoas mortas pela polícia 3 são negras/ Nas universidades brasileiras/ Apenas 2% dos alunos são negros/ A cada 4 horas um jovem negro morre

¹⁷² Fragmento do *rap* “Racistas Otários”.

violentamente em São Paulo/ Aqui quem fala é primo preto, mais um sobrevivente¹⁷³ (RACIONAIS MCs, 1997).

A façanha de ser “mais um sobrevivente”, “contrariando as estatísticas” no seio do capitalismo branco que atira preconceito racial, exclusão de direitos e violência policial em direção aos muitos “primos pretos”, continua a dar o tom deste *rap*:

Dinheiro... não tive pai não sou herdeiro/ Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal/ Por menos de um real, minha chance era pouca/ Mas se eu fosse aquele muleque de touca/ Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca/ De quebrada, sem roupa, você e sua mina/ Um dois, nem me viu.../ Já sumi na neblina/ Mas não... **permaneço vivo, prossigo a mística/ Vinte e sete anos contrariando a estatística** (grifo nosso).

Como se nota em “Capítulo 4, versículo 3”, e em tantos outros *raps*, o enunciador do discurso não é o negro cordial, pacífico e dócil que aparece, por exemplo, na ficção de Monteiro Lobato: aquele que desfruta da afetividade da família branca e, ao mesmo tempo, encontra-se no espaço da cozinha, no espaço doméstico, local simbólico que representa o lugar do domesticado, do subjugado. Ao contrário, como afirma Carlos André de Oliveira (2012, p. 8), quem fala no *rap* dos Racionais é o negro raivoso, “Brown cachorro louco”, com “intenção ruim”. Esse negro “insano”, mas “racional”, da periferia, pretende ocupar um espaço alternativo, diferente daquele destinado à Tia Nastácia. Ele deseja a esfera pública, onde há a visibilidade e a possibilidade de se expressar, de conscientizar os outros “manos”, incitar à “tomada de atitude” como ação política de resistência ao sistema. Ele não quer mais apenas contrariar as estatísticas, como uma exceção: ele quer a dignidade *como regra* - muito além do mero sobreviver e permanecer vivo -, custe o que custar.

Minha intenção é ruim/ Esvazia o lugar/ Eu tô em cima eu tô afim/ Um, dois pra atirar/ Eu sou bem pior do que você tá vendo/ O preto aqui não tem dó/ É 100% veneno/ A primeira faz bum, a segunda faz tá/ Eu tenho uma missão e não vou parar/ Meu estilo é pesado e faz tremer o chão/ Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição [...] Como um ataque cardíaco no verso/ Violentamente pacífico/ Verídico/ Vim pra sabotar seu raciocínio/ Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo/ Pra mim ainda é

¹⁷³ É importante que se saiba que este *rap* é de 1997, portanto os dados citados na letra têm esta referência temporal, revelando a realidade da época.

pouco [...] Uni-duni-tê/ O que eu tenho pra você/ Um rap venenoso ou uma rajada de PT/
E a profecia se fez como previsto/ 1997 depois de Cristo/ **A fúria negra ressuscita outra vez/** Racionais capítulo 4, versículo 3¹⁷⁴ (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

Portanto, a pretensão do *rap* não é ficar somente no “som”. O “ataque cardíaco no verso” quer sair do verso; a insurgência da “fúria negra” quer fazer com que o “P” do R-A-P não seja só “poesia”, mas, sobretudo, política. Quer tomar a rua, tomar as consciências, no sentido político de uma transformação estrutural. E para isso, a real alforria do povo negro e a revolução socioracial precisam ter início e base, segundo os Racionais, numa só palavra: autovalorização. São contundentes os alertas nesse sentido. Não só alertas, mas verdadeiros “julgamentos”, como se faz em “Júri Racional” (1993):

Quero nos devolver o valor, que a outra raça tirou/ Esse é meu ponto de vista. Não sou racista, morou?/ Escravizaram sua mente e muitos da nossa gente,/ mas você, infelizmente, sequer demonstra interesse em se libertar/ Essa é a questão: autovalorização/ Esse é o título da nossa revolução/ Capítulo 1: O verdadeiro negro tem que ser capaz de remar contra a maré, contra qualquer sacrifício/ Mas no seu caso é difícil: você só pensa no seu benefício/ Desde o início, me mostram indícios/ que seus artifícios são vistos pouco originais, anormais, artificiais, embranquiçados demais/ Ovelha branca da raça, traidor!/ Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor/ Mas nosso júri é racional, não falha!/ Por quê? Não somos fã de canalha!¹⁷⁵

E a condenação do Júri é certeira, utilizando, inclusive, terminologia jurídica:

“Por unanimidade, o júri deste tribunal declara a ação procedente/ E considera o réu culpado/ Por ignorar a luta dos antepassados negros/ Por menosprezar a cultura negra milenar/ Por humilhar e ridicularizar os demais irmãos/ Sendo instrumento voluntário do inimigo racista / Caso encerrado¹⁷⁶,.

Este trecho, em especial, esboça uma temática basilar quando se trata da questão racial, já iniciada noutro tópico deste trabalho. Merece destaque o período: “Desde o início, me mostram indícios/ que seus artifícios são vistos pouco originais, anormais, artificiais, embranquiçados

¹⁷⁴ Fragmento do *rap* “Capítulo 4, Versículo 3”.

¹⁷⁵ Fragmento do *rap* Júri Racional.

¹⁷⁶ Idem.

demais/ Ovelha branca da raça, traidor!”. Nesta passagem, o enunciador parece se encolerizar perante a concretude do “mito da democracia racial”. Assim, condena o negro que se deixa levar por ele, ao usar seus artifícios “embranquiçados” e pouco originais.

O “racismo assimilacionista”, face cruel da mítica “democracia racial”, foi especialmente trabalhado por Darcy Ribeiro. Ao tratar do tema, em princípio, o autor reconhece que “a distância mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos” (1995, p. 219). Mas prossegue: “A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre os negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros”.

Segundo Ribeiro, prevalece no Brasil uma “expectativa assimilacionista”, que faz supor e desejar que os negros desapareçam por aquilo que ele nomeou de “branquização progressiva”. Porém, não é bem assim que acontece. O que há, efetivamente, é uma:

morenização dos brasileiros, mas ela se faz tanto pela branquização dos pretos, como pela negrização dos brancos. Desse modo, devemos configurar no futuro uma população morena em que cada família, por imperativo genético, terá por vezes, ocasionalmente, uma negrinha retinta ou um branquinho desbotado (RIBEIRO, 1995, p. 224).

Não existe no Brasil, para Darcy Ribeiro, a “democracia racial”. O que existe é esse “racismo assimilacionista” que faz o negro adquirir e desejar os comportamentos brancos, transmitindo uma sensação ou um aspecto de democracia. Na verdade, porém, contribui para que o negro não perceba as violências que sofre, das quais apenas uma revolução social, articulada pelo conjunto dos oprimidos, poderia libertá-lo. Assim, critica-se o “louvor à mestiçagem”, propagado por Gilberto Freyre, típico do assimilacionismo brasileiro e inimigo da *verdadeira* democracia racial. Tal louvor traz em si uma face opressora e preconceituosa, especialmente porque a mestiçagem gera a expectativa de embranquecimento (e consequente desaparecimento) do negro e, nessa medida, é profundamente racista:

A forma peculiar do racismo brasileiro decorre de uma situação em que a mestiçagem não é punida mas louvada. [...] Nós surgimos, efetivamente, do cruzamento de uns poucos brancos com multidões de mulheres índias e negras. Essa situação não chega a configurar uma democracia racial, como quis Gilberto Freyre e muita gente mais, tamanha é a carga de opressão, preconceito e discriminação antinegro que ela encerra. Não o é também, obviamente, porque a própria expectativa de que o negro desapareça pela mestiçagem é um racismo (RIBEIRO, 1995, p. 225-226).

Outra forma de mascarar o racismo é a crença de que a expressão do “verdadeiro racismo” é somente aquela que se encontra no “apartheid”. Muito do que é construído no ideário popular como “racismo” se restringe à segregação racial explícita, bem como a práticas que envolvem crueldade, tortura física e até extermínio de grupos étnicos. Para os que avaliam as tensões étnicas sob este viés, racismo seria uma palavra “muito forte” para rotular o preconceito e a discriminação que permeiam as relações de raça no Brasil (PEREIRA, 1996, p. 76). Segundo esta lógica, o que existe aqui é um “falso” racismo, ou mesmo, ele “nem existiria”, ainda mais tendo em conta a tão presente e “amistosa” miscigenação.

Os Racionais souberam transmitir de modo bastante inteligente a denúncia dessa “hipocrisia”, no *rap* “Em qual mentira vou acreditar?” (1997), especialmente quando se trata de “racismo institucional”: “Quem é preto como eu já tá ligado qual é/ Nota Fiscal, R. G., polícia no pé: ‘escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço/ racismo não existe, comigo não tem disso, é pra sua segurança’/ Falou, falou, deixa pra lá”.

Pode parecer inacreditável, mas a lógica eficazmente ironizada pelos Racionais de que “racismo não existe porque o ‘meu parente’ é mestiço” pode ser encontrada em julgados dos tribunais brasileiros. O trecho a seguir é, originalmente, de uma manifestação do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, mas foi usado integralmente pelo julgador de segunda instância para fundamentar a absolvição da ré: uma mulher que teria injuriado o funcionário negro de uma imobiliária, dizendo-lhe que era um “negrão incompetente” e, em razão disso, se recusava a ser atendida por ele.

Como leciona Guilherme de Souza Nucci, **a injúria proferida no calor de uma discussão não é crime, pois faltará a vontade de magoar e de ofender**. E esclarece ainda o renomado autor: “Em discussões acaloradas, é comum que os participantes profiram injúrias a esmo, sem controle, e com a intenção de desabafar.”

[...]

O que se percebe é que, em decorrência do estado alterado apresentado pela ré, em decorrência da dificuldade em receber os papéis que vinha exigindo da empresa, e pelo fato de ter que ser atendida por pessoa diversa àquela com quem deveria tratar, pode ter proferido palavras ofensivas à pessoa que veio lhe atender, não em razão de sua “raça”, mas pela dificuldade em ver resolvido seu problema com aquela imobiliária.

[...]

Por derradeiro, o fato de a ré ter uma neta e uma filha adotiva, que seriam afrodescendentes, e de ter bom relacionamento com vizinhos que também seriam

afrodescendentes, fls. 79 e 112-3, indica, em que pese superficialmente, que ela não ostentava pré-julgamento segregatório em seus pensamentos (grifo nosso).

(Apelação crime nº 70041468364-RS; Relator: Marco Antônio Ribeiro de Oliveira; Julgamento: 03/08/2011; Órgão Julgador: Primeira Câmara Criminal; Publicação DJ: 05/08/2011)

Essa lógica do “isso é muito leve para ser racismo” / “isso foi dito no ‘calor do momento’” / “ele não é racista porque seu parente/vizinho é negro”, é cruel e bastante presente em nosso meio, tomando parte na cultura do “assimilacionismo racista” brasileiro. E, como se vê, o Direito também a ela não escapa.

Apesar de considerar perverso o assimilacionismo, Ribeiro (1995, p. 226) reconhece que ele “contrasta para melhor” em relação às formas de preconceito racial que conduzem ao apartheid. Porém, alerta sobre os conteúdos positivos de tolerância que este regime tem, tornando mais claro o porquê da perversidade do assimilacionismo brasileiro. Quando se afasta o outro, o diferente, colocando-o à maior distância possível, como ocorre no apartheid, se permite e admite que ele conserve sua identidade, possibilitando que continue a ser “ele mesmo”. É induzida, assim, uma solidariedade interna do grupo discriminado, que o capacita a lutar por si só, a estar certo de suas reivindicações e a inadmitir ludibriações.

Em sentido oposto, o assimilacionismo:

[...] dilui a negritude numa vasta escala de graduações, que quebra a solidariedade, reduz a combatividade, insinuando a idéia de que a ordem social é uma ordem natural, senão sagrada. O aspecto mais perverso do racismo assimilacionista é que ele dá de si uma imagem de maior sociabilidade, quando, de fato, desarma o negro para lutar contra a pobreza que lhe é imposta, e dissimula as condições de terrível violência a que é submetido (RIBEIRO, 1995, p. 226).

Confirmando que a democracia racial no Brasil é mesmo um mito, Ribeiro prossegue, dando até a impressão de que dialoga diretamente com o “trecho estatístico” já mencionado, que dá início ao *rap* “Capítulo 4, Versículo 3”:

As taxas de analfabetismo, de criminalidade e de mortalidade dos negros são, por isso, as mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal professado de uma democracia que integrasse o negro na condição de cidadão

indiferenciado dos demais. Florestan Fernandes assinala que “enquanto não alcançarmos esse objetivo, não teremos uma democracia racial e tampouco uma democracia” (1995, p. 235).

Outra peculiaridade do racismo à brasileira é sua não incidência direta sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele¹⁷⁷. Nessa lógica, o negro mesmo é o negro de pele bem escura; o mulato já seria um “meio branco”, e, se a pele for um pouco mais clara, ele já passa - “Graças a Deus!” - a incorporar em si a humanidade branca. As diversas nomenclaturas dadas ao tom da pele mulata - *burro-quando-foge, trigueiro, turvo, branco-sujo, saraúba, lilás, canelado, cor-de-cuia, fogoió, meio-dia-pra-tarde, cor-de-jambo* - parecem querer esconder, sob o manto da *cor*, a origem verdadeira e radical: a *raça*. Essa fuga “simbólica” da realidade étnica acaba gerando uma espécie de orfandade, uma “desidentidade” original. Os Racionais, justamente na música com o nome mais pertinente a esta questão - “Negro Drama” (2002) -, expõem esse fenômeno: “Luz/ Câmera e ação/ Gravando a cena vai/ Um bastardo/ Mais um filho pardo/ sem pai”.

Não se sabe quem é o “pai” ou a “mãe” dessa cor “parda”, pois, na união original, um era negro e o outro, branco. Portanto, a cor parda, por si só, é mesmo órfã de nascença. Acresça-se a esta orfandade cromática, a orfandade real resultante da imagem do “bastardo”, potencializando no caráter “pardo” do filho o *status* de rejeitado, ilegítimo e até amaldiçoado, pois concebido fora do casamento, essa “união abençoada por Deus”. É um filho do pecado, portanto. E, por isso, não pode ter um pai - que provavelmente é branco, casado e já tem os “seus verdadeiros filhos”, todos brancos, filhos de uma mãe branca também.

Por derivação de sentido, o dicionário Houaiss (2009) dá a “bastardo” a seguinte significação: que se degenerou; que não é puro em relação à espécie a que pertence. Assim, tragicamente “posto entre os dois mundos conflitantes – o do negro, que ele rechaça, e o do branco, que o rejeita -, o mulato se humaniza no drama de ser dois, que é o de ser ninguém” (RIBEIRO, 1995, p. 223).

Mano Brown parece explicar, quando relata sua experiência de vida em entrevista à revista Rolling Stone, o “‘pardo drama’ de ser dois” a que se refere Darcy Ribeiro, e começa

¹⁷⁷ Curiosamente fez sentido, após alguns anos de leitura da Constituição Federal, a distinção feita no inciso IV do artigo 3º, entre preconceito de raça e preconceito de cor, pois o “de cor”, à primeira vista, parecia-nos ser apenas uma espécie do “de raça”, soando até redundante a menção dos dois, sendo tratados “como se fossem diferentes”. Mas realmente são.

comparando-se com Ice Blue, companheiro de grupo, que é “negro mesmo¹⁷⁸”, segundo a lógica vigente:

Sou até muito mais discriminado do que o Blue. E os caras da minha cor, desse meu tom de pele, também. Você vê nas cadeias, na FEBEM. O cara tem medo hoje de discriminar um cara como o Blue, tem medo de falar um “a” para um preto. Agora, um cara como eu, é toda hora, irmão. É pobre, tem cara de pobre, tem cor de pobre. Se quiser, fala que é “moreninho”. Tenho um biótipo de ladrão. É um lance do brasileiro. Quando a escravidão estava para ser abolida, tinha muitos filhos de branco com preto nas ruas, abandonados, que não eram nem um nem outro, e foram virar ladrão mesmo. A primeira classe de gente abandonada foi a dos filhos de branco com negro, o filho rejeitado do patrão. Foram os primeiros vagabundos, que não serviam nem para um nem para outro, nem para escravo nem para senhor. É uma teoria pequena minha, não é a regra (BROWN apud CARAMANTE, 2009).

A música “Negro Drama” (RACIONAIS MCs, 2002) é um relato autobiográfico da trajetória de Mano Brown, que se reproduz em tantas outras: “Uma negra/ e uma criança nos braços/ solitária na floresta/ de concreto e aço [...] família brasileira/ dois contra o mundo,/ mãe solteira/ de um promissor vagabundo”. O pai branco, de origem italiana, abandonou a mãe negra, sozinha, cuidando do filho “na floresta de concreto e aço”: São Paulo. Assim começa o cenário de muitos “pardos dramas” brasileiros.

O início deste *rap*, ainda não narrando propriamente a história de Brown, chama a atenção para outra importante questão, dentro da temática racial: “Negro drama, entre o sucesso e a lama/ dinheiro, problemas, inveja, luxo, fama”. Aí estão, em síntese, os extremos possíveis à existência da população negra, cuja falta de perspectivas restringe suas chances a um tripé bastante ingrato: o crime, o esporte ou a arte (especialmente a música). E esse tripé seleciona muito mais do que qualquer outra carreira. Os raríssimos selecionados, por sua vez, carregam calados, junto a si, todos os traumas pelos quais passaram “pra não ser mais um preto fodido”, pois “são poucos que entram em campo pra vencer”. Por isso, a “a alma guarda/ o que a mente tenta esquecer”. Estes *traumas* podem, em grande medida, ser lidos nas seguintes lógicas, presentes não só em “Negro Drama”, mas em diversos outros *raps* dos Racionais (2002): “você

¹⁷⁸ Destaque-se a “tonalidade epidérmica” dos nomes artísticos dos *rappers* Mano Brown e Ice Blue: “Brown” (marrom) para o pardo, “Blue” (azul) para o negro “mesmo”, quase “azul” de tão negro.

tem que ser duas vezes melhor¹⁷⁹, “Minha meta é dez/ nove e meio nem rola/ Meio ponto a ver, hum, e morre um¹⁸⁰”, “Eu sou o mano/ Homem duro/ Do gueto, Brown/ Obá/ Aquele louco/ Que não pode errar¹⁸¹”.

A escassez de perspectivas, no “Negro Drama”, é ironizada metaforicamente na própria condição simbólica daquilo que não se consegue enxergar por causa da “escuridão”, da “ausência de luz”, pois é por ser “negro” que a visão dos horizontes fica turva, “enegrecida”, ofuscada: “Negro drama,/ Tenta ver/ E não vê nada/ A não ser uma estrela/ Longe meio ofuscada”. Essa estrela distante, quase apagada, parece ser a única saída para a miséria, a única forma realmente negra de ascensão social. E o que ela representa? Pela totalidade deste *rap*, pode-se dizer que o ingrato tripé: “Crime, futebol, música, caraio/ Eu também não consegui fugir disso aí/ Eu só mais um”.

Mesmo assim, junto à lamentável constatação de que sua ascensão social se deu por um dos componentes do tripé – a *música*, Mano Brown, mais ao fim do *rap*, mostra-se feliz e orgulhoso de sua conquista, jogando-a na cara “branca”.

Não foi sempre dito/ Que preto não tem vez/ Então olha o castelo irmão/ E não foi você quem fez, cuzão/ Eu sou irmão/ Dos meus trutas de batalha/ Eu era a carne,/ Agora sou a própria navalha,/ Tim..Tim../ Um brinde pra mim,/ Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias.

Mas parece que o orgulho de Brown pelo seu trajeto pardo de glórias e vitórias só faz sentido em função do que significam as seguintes frases do trecho acima: “*eu sou irmão/ dos meus trutas de batalha/ eu era a carne/ agora sou a própria navalha*”. Ou seja, para a ascensão de Brown, não foi necessária, tampouco querida, a adoção das formas de conduta e etiqueta dos brancos bem-sucedidos. Ele nunca renegou sua “fratriz”, seus irmãos, “trutas de batalha”, considerados aliados importantes em sua luta. Foi sua própria condição de autenticidade perante a pobreza e a negritude que o levou ao sucesso; foi o próprio caráter de “navalha” de sua postura e seu discurso, cravados em meio à hegemonia branca, que o fizeram ascender e, após essa ascensão, ser ainda mais admirado e respeitado por manter seu “orgulho racial”. Não teve lugar,

¹⁷⁹ Fragmento do *rap* “A vida é um desafio”.

¹⁸⁰ Fragmento do *rap* “Da ponte pra cá”.

¹⁸¹ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

nesse processo, a “branquização social ou cultural” a que Darcy Ribeiro (1995, p. 225) alude no trecho a seguir:

É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se entre eles e, afinal, a serem tidos como brancos. A definição brasileira de negro não pode corresponder a um artista ou a um profissional exitoso. Exemplifica essa situação o diálogo de um artista negro, o pintor Santa Rosa, com um jovem, também negro, que lutava para ascender na carreira diplomática, queixando-se das imensas barreiras que dificultavam a ascensão das pessoas de cor. O pintor disse, muito comovido: “Compreendo perfeitamente o seu caso, meu caro. Eu também já fui negro”.

É exatamente essa postura adotada por negros, dando as costas às referências raciais da raça (“Gosto de Nelson Mandela/ Zumbi, um grande herói”) e se portando como “branqueiros”, que os Racionais condenam. Nessa “condenação” está a chave da proposta “racional” e de seu consequente sucesso, como mostra o *rap* a seguir:

Gosto de Nelson Mandela, admiro Spike Lee/ Zumbi, um grande heroi, o maior daqui/
 São importantes pra mim, mas você ri e dá as costas/ Então acho que sei da porra que
 você gosta: Se vestir como playboy, frequentar danceterias, agradar as vagabundas, ver
 novela todo dia, que merda!/ Se esse é seu ideal, é lamentável!/ É bem provável que
 você se foda muito,/ você se auto-destroi e também quer nos incluir/ Porém, não quero,
 não gosto, sou negro, não posso,/ não vou admitir!/ Do que valem roupas caras, se não
 tem atitude?/ Do que vale a negritude, se não pô-la em prática?/ A principal tática,
 herança de nossa mãe África!/ A única coisa que não puderam roubar!/ Se soubessem o
 valor que a nossa raça tem, tingiam a palma da mão pra ser escura também!/ Mas nosso
 júri é racional, não falha!/ Não somos fãs de canalha! (RACIONAIS MCs, 1993)¹⁸².

O chamado à valorização da raça negra pela própria raça negra é, visivelmente, uma das maiores pautas dos Racionais, bem evidente no trecho acima (“Se soubessem o valor que a nossa raça tem, tingiam a palma da mão pra ser escura também”). Dessa forma, os “intelectuais negros” dos Racionais não foram afetados – muito pelo contrário! – pela ideologia assimilacionista da mídia “democracia racial”, em sentido oposto ao que afirmou Ribeiro (1995, p. 226):

¹⁸² Fragmento do *rap* “Júri Racional”.

É de assinalar, porém, que a ideologia assimilacionista da chamada democracia racial afeta principalmente intelectuais negros. Conduzindo-os a campanhas de conscientização do negro para a conciliação social e para o combate ao ódio e ao ressentimento do negro. Seu objetivo ilusório é criar condições de convivência em que o negro possa aproveitar as linhas de capilaridade social para ascender, através da adoção explícita das formas de conduta e de etiqueta dos brancos bem-sucedidos.

Como exemplo dessas trajetórias de sucesso que não contribuíram para a valorização e luta negra de forma mais ampla, Darcy Ribeiro cita as carreiras de negros de “talento extraordinário” como Pelé, Pixinguinha e Grande Otelo. Afirma, nesse sentido, existirem “inumeráveis outros esportistas e artistas” negros¹⁸³ que não encontraram uma linguagem apropriada para a luta antirracista, pois se inseriram no ideário “assimilacionista”, que “cria uma atmosfera de fluidez nas relações inter-raciais, mas dissuade o negro para sua luta específica, sem compreender que a vitória só é alcançável pela revolução social” (1995, p. 226-227).

Ainda assim, a análise de Ribeiro parece ter considerado o forte, mas ainda recente movimento negro *hip hop*, surgido pouco tempo antes do lançamento de sua obra sobre o povo brasileiro:

Sem dúvida, nos últimos anos, graças à modernização e à difusão de novas atitudes, inspiradas sobretudo no revivalismo do negro norteamericano, se observa uma veemente afirmação de negros e mulatos, afinal orgulhosos de si mesmos e às vezes até compensatoriamente racistas em sua negritude (1995, p. 240).

Desde as raízes norteamericanas até as brasileiras, o orgulho racial, a clareza de intenções e a consciência de sua função sempre foram muito presentes no movimento *hip hop*, “que é do gueto e não é pros embalo”, como se nota no *rap* “Sou função”:

Sô função, pra quem não tá ligado me apresento/ e as ruas represento [...] Na favela o meu diploma acadêmico [...]. **Nós somos negros não importa o que haja/ O ritmo é nosso, trazido de lá/** Das ruas de terra, sem luzes e pá/ O fascínio não morre ele só começou/ Das festa de preto que os boy não colô/ Sô o que sô, vivo aquilo que falo/ **Meu rap é do gueto e não é pros embalo** [...] Favelado legítimo escravo do ritmo/ Dos becos e vielas eu sô amigo íntimo/ Dexter o filho da música negra/ Exilado sim, preso

¹⁸³ Parece que o tripé exposto no *rap* “Negro Drama” possui embasamento sociológico.

não com certeza/ **O rap me ensinou a ser quem eu sô/ E honrá minha raça pelo preço que for/** Dos vida loka da história eu sô um a mais/ Que te faz ver a paz como sôro eficaz/ **No gueto jaz, o inofensivo morreu/ Pela magia do funk renasceu o plebeu/ Aí fudeu, o monstro cresceu se criô ô/ Agora já era/ é lamentável, doutor.**[...] Se situa que o que ofereço é muito bom/ Força e poder, dom através do som. (RACIONAIS MCs, 2009, grifo nosso)

Nota-se, no trecho do *rap* acima, uma postura diametralmente oposta à do racismo assimilacionista sustentado por muitos negros, que conduz a “campanhas de conscientização do negro para a conciliação social e para o combate ao ódio e ao ressentimento do negro”. O que se vê é a morte dessa postura “conciliadora” e agradável aos “doutores”. Veja-se o trecho: “*Dos vida loka da história eu sô um a mais/ Que te faz ver a paz como sôro eficaz/ No gueto jaz, o inofensivo morreu/ Pela magia do funk renasceu o plebeu/ Aí fudeu, o monstro cresceu se criô ô/ Agora já era/ é lamentável, doutor*”. Essa é a mensagem: O negro “inofensivo” morreu, “no gueto jaz”. O *rap* – que é bastante influenciado pelo gênero negro *funk* -, representante autêntico da música negra, veio pra revolucionar, fazer brilhar o orgulho e renascer o “plebeu” sofrido, que se escondia no gueto.

Assim, incitar à “atitude” e acabar com o “medo” característico do negro cordial são objetivos claros, “porque ninguém cuidará” da raça negra, a não ser ela mesma: “Ei Brown qual será a nossa atitude?/ A mudança estará em nossa consciência/ Praticando nossos atos com coerência/ E a consequência será o fim do próprio medo/ Pois quem gosta de nós somos nós mesmos/ Tipo, porque ninguém cuidará de você¹⁸⁴” (RACIONAIS MCs, 1990).

A proposta do *hip hop* e, assim, também do *rap*, pretende desmistificar a lógica da “culpa inata” do negro por sua condição, a partir da conscientização histórica da posição social em que a raça se encontra. Mas ainda assim, o discurso dos Racionais, hora ou outra soa confuso, reproduzindo o discurso vigente que sempre foi ensinado a engolir: o da raça como “patologia” causadora da miséria, que deve por isso ser curada. Isso se vê logo no início do *rap* “Negro Drama” (2002): “Negro drama/ Cabelo crespo/ E a pele escura/ **A ferida, a chaga/ À procura da cura**” (grifo nosso).

Porém, deve-se avaliar a obra “racional” de modo mais global. A consciência sempre alerta dos *raps*, embora reconheça a existência desse discurso perverso entre os próprios negros

¹⁸⁴ Fragmento do *rap* “Pânico na Zona Sul”.

(e aqui se entende que a reprodução do discurso hegemônico pelos Racionais pode ser uma forma de dar veracidade a esse fato), consegue sacudi-lo e removê-lo, plantando em seu lugar o orgulho de “vestir preto por dentro e por fora¹⁸⁵” e disseminando o desejo dos “4 Ps” (Poder Para o Povo Preto), tão caros ao *hip hop*:

Se ser preto é assim ir pra escola pra quê?/ Se o meu instinto é ruim e eu não consigo aprender/ [...] Folha seca num vendaval, um inútil/ É morrer aos pouco, eu me senti assim, tio/ Eis que um belo dia alguém mostrou pra mim/ Uma reunião tribal, James Brown e All Green, uau “Sex Machine” / O orgulho brotou, poder para o povo preto, que estale os tambor¹⁸⁶ (RACIONAIS MCs, 2009).

O sentimento e o discurso representados na fala inicial do enunciador acima (“Se ser preto é assim ir pra escola pra quê? Se o meu instinto é ruim e eu não consigo aprender”) são combatidos de modo bastante interessante quando se trata da Revolução Cubana, como mostra Darcy Ribeiro (1995). O processo revolucionário em Cuba mostrou que os negros estão muito mais preparados para ascender socialmente do que se pode supor. Apenas alguns anos de escolaridade verdadeiramente aberta e de estímulo à autossuperação aumentaram, de forma rápida, o contingente de negros que passaram aos cargos mais altos do governo, sociedade e cultura cubanos. “Simultaneamente, toda a parcela negra da população, liberada da discriminação e do racismo, confraternizou com os outros componentes da sociedade, aprofundando assinalavelmente o grau de solidariedade” (RIBEIRO, 1995, p. 227).

5.5 “Em São Paulo, Deus é uma nota de cem¹⁸⁷, (Pobreza, Exclusão e Capitalismo¹⁸⁸)

A questão no Brasil é o dinheiro. Aqui, se você tem dinheiro, você pode até ser verde com bolinha azul, tem a cor que quiser. Agora, se você for pobre e preto... Pouca gente sabe, mas em Palmares e nos outros quilombos sempre houve, além de negros, muitos índios e brancos

¹⁸⁵ Fragmento do rap “Negro Drama”.

¹⁸⁶ Fragmento do rap “Sou Função”.

¹⁸⁷ Fragmento do rap “Vida Loka – Parte II”.

¹⁸⁸ Esta temática, assim como a anterior, também está mais presente nas obras do *rap*, razão pela qual serão trabalhadas de forma mais central suas letras.

pobres. Pra lá iam todos que a sociedade considerava escória, o resto que era jogado fora. Assim é a periferia hoje...

Thaíde, um dos primeiros *rappers* brasileiros.

A fala de Thaíde, importante artista do movimento *hip hop* brasileiro, expõe a espantosa distância que separa e opõe dois Brasis e, mais amplamente, dois mundos: a que está entre os ricos e os pobres, sejam negros ou não. Mas claro, a marca epidérmica sempre será importante na reflexão sobre esta temática. Isso porque, ainda que a pobreza atinja uma série indistinta de pessoas, mesmo aquelas que não têm a “marca” são, no plano simbólico, “brancos quase pretos de tão pobres”, como cantaram Gilberto Gil e Caetano Veloso (1993) no *rap* “Haiti”. Isso por evidentes motivos históricos, como se viu.

A despeito da histórica existência do racismo, fala-se hoje num “novo tipo de racismo”, mais violento que os anteriores, excluindo milhares de jovens negros e pobres que, apesar do discurso liberal que enfatiza o “esforço individual” para superação dos problemas e misérias (que seriam, portanto, “problemas e misérias pessoais”), têm pouca ou nenhuma oportunidade de romper com a marginalização em que se encontram. Zizek (2003, p. 171-172) afirma que a maior brutalidade deste novo racismo do mundo desenvolvido está no fato de sua legitimação implícita não ser naturalista (que entende o Ocidente desenvolvido como naturalmente superior), nem culturalista (que coloca em primeira pauta a preservação da identidade cultural ocidental), mas se apoiar num “desavergonhado egoísmo econômico”, em que o divisor fundamental é o que existe entre os que estão incluídos na esfera de (relativa) prosperidade econômica e os que estão dela excluídos.

Assim, o “inimigo opressor” não parece se centralizar unicamente na figura do “homem branco”. Nos primeiros álbuns dos Racionais, a questão racial teve grande relevância. Entretanto, nos últimos trabalhos do grupo, como afirma Jorge Nascimento (2006, p. 3), a temática se modificou, de certa forma, tendo passado “dos resquícios de uma visão racial com ecos do movimento norte-americano, para uma visão local interessante, em que o fundamental é a integração do pobre das periferias urbanas a um processo de conscientização e busca da cidadania”. Afirma ainda que:

embora haja consciência de que a marca epidérmica é fundamental, no RAP dos Racionais o embate já migrou, o inimigo não é mais o sujeito branco – embora ele possa

aparecer assim em diversas situações – mas sim o sistema branco capitalista que empurra para os guetos urbanos toda uma série de pessoas (NASCIMENTO, 2006, p. 3-4).

Bezerra da Silva também parece ter a consciência de que canta a realidade colocada por um sistema econômico injusto, já que o povo, em nome do qual canta, é “faminto e marginalizado¹⁸⁹” (ADENOZILTON; DIAS; TEIXEIRA, 1992). No samba “Povo da Colina”, mesmo que não seja revelada explicitamente uma relação causal entre o dinheiro/regalia de uns e o abandono/miséria de outros, parece haver uma “sensação” nesse sentido:

Que mal lhe fez,
 Meu povo humilde da colina,
 Que mora lá encima,
 Vivendo uma vida de cão.
 Abandonado,
 Covardemente injustiçado,
 E você ainda diz,
 Que lá só mora ladrão.
 É que você,
 Mora no asfalto, com mordomia
 Marajás e com toda regalia,
 Que aquele dinheiro pode dar.
 (MIRANDA; PURIFICAÇÃO; ROXINHO, 1988)

Bezerra canta, com indignação, a injustiça da acusação da “elite” de que os “pobres da colina” lhe fazem algum mal (“Que mal lhe fez o meu povo da colina?”). Porém, não avança na problemática, ao não ter mais clareza em relação ao fato de que o “mal” de que a favela é acusada (“Lá só mora ladrão”) pode ser, na verdade, alimentado pela própria “elite”, que tem todas regalias que só o *dinheiro* pode dar.

Racionais (1990), por sua vez, parecem ter maior nitidez e até demonstram um tom *raivoso* quanto a isso: “A burguesia, conhecida como classe nobre/ tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres/ Por outro lado, adoram nossa pobreza, pois é dela que é feita sua maldita riqueza”

¹⁸⁹Fragmento do samba “Partideiro sem nó na garganta”.

¹⁹⁰. Odiar o pobre, mas amar a pobreza: essa é uma das muitas contradições que sustentam as mazelas geradas no seio do sistema econômico vigente.

Apesar de celebrar os prazeres consumistas, em diversas passagens, o *rap* dos Racionais ataca radicalmente o capitalismo como sistema econômico, postura que pode ser notada neste gênero musical como um todo:

Na verdade, grande parte do *rap* afirma uma linha política radical, que vai de Malcom X aos Panteras Negras [...]. O Public Enemy e outros rappers muitas vezes reproduzem discursos de Malcom X e fazem referência a outros grupos ou figuras radicais da causa negra. O Ice-T decanta abertamente a revolução negra e, **ainda que às vezes celebre os prazeres do materialismo consumista (por exemplo, sua casa, seu carro, suas posses, etc.), também ataca com frequência o capitalismo como sistema econômico [...]** (KELLNER¹⁹¹, 2001 apud OLIVEIRA, C. A., 2012, p. 3-4, grifo nosso).

Interessante notar como os “ardis” do sistema capitalista são representados no *rap racional* como os próprios ardis do “demônio”: “Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor./ Pelo rádio, jornal, revista e outdoor./ Te oferece dinheiro,/ conversa com calma,/ Contamina seu caráter, rouba sua alma,/ Depois te joga na merda sozinho¹⁹²” (1997). Não apenas os ardis, mas a própria imagem do sistema econômico *infernal* e *branco* se constroi na representação do “inferno” e do “diabo”, em oposição à figura humilde de Jesus: “eu conheço o inferno/ vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno¹⁹³” (2002). Ressalte-se que o “terno”, traje de alto custo aquisitivo e característico das classes que exercem papéis sociais/profissionais representativos da “riqueza terrena”, é contraposto à “calça bege”, roupa que, além de simbolizar o uniforme comum na maioria dos presídios (sendo frequente a designação “os calça bege” para se referir aos presidiários, no universo *rap*), foi característica, também, da “indumentária” usada pelos escravos, que vestiam com freqüência a famosa “calça de saco”, de cor bege. É curioso: no trecho de outro *rap*, os Racionais (2002) vão dizer que “em São Paulo, Deus é uma nota de cem¹⁹⁴”. Colocado o panorama anterior - do diabo como representação das riquezas -, é possível concluir

¹⁹⁰ Fragmento do *rap* “Beco Sem Saída”.

¹⁹¹ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia. Estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: Edusc, 2001.

¹⁹² Fragmento do *rap* “Capítulo 4, Versículo 3”.

¹⁹³ Fragmento do *rap* “A vida é um desafio”.

¹⁹⁴ Fragmento do *rap* “Vida loka - Parte II”.

que para o *rap*, o capitalismo tem, contraditoriamente, como seu “deus” de adoração, o “demônio”.

Percebe-se, no trecho acima citado, o importante papel assumido pelas mídias (“pelo rádio, jornal, revista e outdoor”) no sistema capitalista, uma vez que os sonhos do consumo são plantados diuturnamente por meio deles. Não apenas são “plantados”, mas “regados” por uma ideologia perversa, que diz ser possível a todos alcançar a riqueza e os bens materiais. Junto a eles, o “sucesso na vida”, a aceitação social, a conquista do *status* de “pessoa de bem”. Tudo por meio do discurso do *self-made men*, que prega a possibilidade irrestrita de sucesso a quem, individualmente, se esforça e consegue vencer (na visão capitalista, vencer é sinônimo de enriquecer), não importa sua posição social de origem. É o homem que, a despeito da “origem humilde” e pobre, faz seu próprio caminho e se transforma num “homem de sucesso”.

A doutrina do “*self-made men*” está profundamente enraizada no “American Dream”. Na autobiografia de Franklin Roosevelt, considerado, inclusive, um dos fundadores da “nação americana”, é forjado elogiosamente e com base em sua experiência, o arquétipo do homem que se faz por si próprio: vem de baixas origens e, contra todas as probabilidades, consegue escapar da posição social herdada, mas a custo de muito “suor”, subindo na escala social e criando uma nova identidade para si mesmo (SELF-MADE MEN, 2013). “Se ele foi capaz, todos podem”: é assim que tal discurso vende a desnecessidade de uma transformação social radical.

Muitos *raps* e, não surpreendentemente, os mais aceitos nas grandes mídias, propagam também - embora não percam necessariamente o caráter de contestação - o discurso do “*self-made men*”. MV Bill, famoso *rapper* brasileiro, canta em seu *rap* “O preto em movimento” (2006): “Quem conhece vem/ **Sabe que não tem vitória sem suor/ Se liga só, tem que ser duas vezes melhor/ Ou vai ficar acuado sem voz/** Sabe que o martelo tem mais peso pra nós/ Que a gente todo dia anda na mira do algoz” (grifo nosso).

Esse mesmo discurso, também esposado pela mãe do enunciador Mano Brown (“filho, por você ser preto você tem que ser duas vezes melhor”) como se mostrou no tópico acima, é desmistificado neste mesmo *rap* (“Como fazer duas vezes melhor se você tá pelo menos cem vezes atrasado? Pela escravidão, pela história [...] quem foi o pilantra que inventou isso aí?”). Em sentido oposto, a lógica hegemônica é reproduzida como se verdade fosse, no *rap* de MV Bill. Assis (2010, p. 205) já apontou essa diferença discursiva, quando afirma que o *rap* de Bill tem

maior “aceitação” dos meios de comunicação, enquanto o dos Racionais é mais marginalizado entre as mídias de massa:

alguns conteúdos temáticos frequentes entre os *rappers* que gozam de maior espaço nas mídias de massa se referem ao *self-made men*, exaltam aquele que consegue vencer por si mesmo, atitude conveniente para o momento de transformação do Estado e diminuição de sua atuação e responsabilidade social.

A obra dos Racionais parece ter consciência de que os sonhos de consumo criados pela mídia são apenas *sonhos*, e só ganham existência no mundo *mágico* que o capitalismo vende como verdade possível a *todos*. Não correspondem à realidade das ruas:

A bala não é de festim, aqui não tem dublê/ Para os mano da baixada fluminense à Ceilândia/ Eu sei, **as ruas não são como a Disneylândia/** De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro/ Ser um preto tipo A custa caro/ **É foda... Foda é assistir a propaganda e ver/ Não dá pra ter aquilo pra você¹⁹⁵** (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso).

Dizer que no espaço da urbe periférica não existem “dublês”, como ocorre nos filmes e novelas, porque as pancadas da vida são tomadas na pele, ou mesmo dizer que “as ruas não são como a Disneylândia”, é suscitar uma reflexão sobre o papel da mídia em determinar, no sistema capitalista, *o que é e o que poderia ser a cidade*, bem como *o que significa ser cidadão*:

De que maneira são fundadas e imaginadas as cidades quando, mais que a literatura, os discursos da imprensa, do rádio e da televisão passam a cumprir esse papel? Estes são os principais agentes construtores do sentido urbano, os que selecionam e combinam as referências emblemáticas. São eles também que fazem com que alguns cidadãos participem do debate sobre o que a cidade é ou poderia ser e depois propõem aos demais suas opiniões e demandas como síntese imaginária do sentido da cidade e do que significa ser cidadão. (CANCLINI¹⁹⁶, 2002 apud ASSIS, 2010, p. 204).

¹⁹⁵ Fragmento do *rap* “Capítulo 4, Versículo 3”.

¹⁹⁶ CANCLINI, Nestor Garcia. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião Pública**, Campinas, v. VIII, n.º 1, p. 40-45, 2002.

Os meios de comunicação, assim como qualquer objeto de análise, devem ser estudados considerando-se os contextos sociais e históricos em que se inserem, para que se compreendam os discursos veiculados e os interesses envolvidos em sua seleção.

Canclini¹⁹⁷ (2002, apud ASSIS, 2010) faz interessante discussão sobre os principais meios de comunicação de massa (Jornal, Rádio e TV). Conclui que a maioria deles insiste no já habitual, prolongando estereótipos que foram construídos historicamente, como o discurso do “self-made men” colocado num contexto social que “prescindiria” da desigualdade para se manter. Isso acaba por reiterar, veladamente, diversos estigmas impostos ao pobre e ao negro, como sua incapacidade e inferioridade em relação aos ricos e brancos. Assim, deve-se fazer a reflexão sobre como os meios de comunicação em massa procuram, sob o manto da “livre expressão”, testemunhos que legitimem seu lugar no mercado das comunicações, e em que medida estes meios podem estar “prendendo fantasias cidadãs” que poderiam levar a “mudanças sociais surpreendentes” (CANCLINI¹⁹⁸, 2002 apud ASSIS, 2010, p. 205-206).

A visão se amplia quando se passa a considerar a existência de compromissos ideológicos nos meios de comunicação. E o *rap* dos Racionais (2002) ajuda nessa empreitada, quando reconhece como “armadilha” estes compromissos:

Armadilha tem um monte a minha espera/ Final feliz (há) só em novela/ Nos deram uma
pobreza/ A favela, a bola/ Tráfico, tiro, morte, cadeia e um saco de cola/ Drogas, toca,
rola, a bola tá em jogo/ 5 a 0, os cartola ganharam de novo/ Caviar e champanhe pra
quem não conhece/ Ligue a TV e assista o programa flash/ Socialight, piscina, dólares,
mansão, isca forte brilha o olho de qualquer ladrão/ Pra quem não tem mais o que
perder/ Enquadra uma “Cherokee” na mira de uma PT¹⁹⁹.

A armadilha é realmente cruel: à força da ilusão vendida, responde a força da realidade de pobreza, da favela. Em sentido oposto. O choque do encontro de ambas provoca o operar da seguinte lógica: como não tenho mais o que perder, enquadro o sonho de consumo que construíram para mim e disseram, mentirosamente, ser possível de alcançar (um carro de luxo, uma “Cherokee”), na mira do crime. Aí sim, consigo fazer com que a mentira se torne, em parte,

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ Fragmento do *rap* “Na Fé Firmão”.

possível. Isso porque o resultado que o sistema capitalista quis que eu alcançasse foi atingido, apesar de o caminho que levou a ele não ter sido o “suor” do elogiado “esforço individual”.

As ilusões *vendidas* pelo sistema econômico também são pauta no *rap* “Vida Loka - parte II”. Nesta música, o “querer” íntimo do periférico, seu “sonho de verdade”, são as coisas simples da vida, o que lhe é perversamente ocultado. Isso faz com que ele tenha a confusa sensação de que não quer, no fundo, aquilo que o capitalismo quer que ele queira, mas se vê tristemente *obrigado* a querê-lo. Tal confusão faz com que o periférico nunca consiga ter certeza sobre qual é o seu próprio querer, sua legítima vontade:

Às vezes eu acho que todo preto como eu/ Só quer um terreno no mato, só seu/ Sem luxo, descalço, nadar num riacho,/ Sem fome, pegando as fruta no cacho,/ Aí, truta, é o que eu acho,/ Quero também,/ Mas em São Paulo,/ Deus é uma nota de cem - Vida loka (RACIONAIS MCs, 2002).

Essa mesma lógica se repete no *rap* “A vida é um desafio”, pois, ainda que “o sonho de todo pobre seja se tornar rico”, isso só acontece porque o capitalismo, antes, obrigou a ser “bem-sucedido”. Nessa medida, esse sonho parece ser construído de forma artificial. Não é autenticamente do periférico, que, inclusive, um dia já conseguiu sonhar seu *próprio sonho*:

Quando pivete meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo./ Mas o sistema limita nossa vida de tal forma/ Que tive que faze minha escolha, sonhar ou sobreviver./ Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso/ **Porém, o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido/** Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico/ Em busca do meu sonho de consumo/ Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas/ **O crime/** Mas é um dinheiro almadiçoadão/ Quantos mais eu ganhava, mais eu gastava/Logo fui cobrado pela lei da natureza/ Vixe, 14 anos de reclusão (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Porém, ao mesmo tempo em que o discurso deste *rap* parece ser emancipador, pois consegue dar nome aos bois (“o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido”), trata o crime de modo moralista e generalizador, como se este sempre fosse uma solução rápida e fácil. Ou seja, os Racionais parecem querer o combate ao capitalismo, mas acabam reproduzindo o discurso que ele veicula: o conservador “self-made men”, “o criminoso só é criminoso porque não quer se

esforçar, porque quer o caminho mais fácil e rápido”, “os produtos do crime são amaldiçoados²⁰⁰, etc.

Neste sentido, Augusto Thompson (2007, p. 32) problematiza a visão esboçada pelo discurso hegemônico acerca do crime: 95% dos presos pertencem à classe social mais baixa. Isso possibilita a inferência quase “científica” de que a maioria dos criminosos é pobre e, portanto, a pobreza se apresenta como um traço da criminalidade. Tal inferência é recebida com entusiasmo por aquilo que o autor chama de “burguesia”, pois combina muito bem com a ideologia esposada por ela e pelo Direito “tradicional”. Isso porque tal ideologia se baseia na teoria do contrato social, quase se confundindo com o “self-made men”: todas as pessoas são iguais perante a lei; por consequência, a todas são propiciadas oportunidades idênticas na vida; então, vencem (ou enriquecem, tanto faz) as dotadas de melhores qualidades. Potanto, as pessoas melhores estão nas classes altas; as piores, nas inferiores. O crime, então, é algo mau em si, resultado da ação de pessoas más. Ou seja, é manifestação típica das classes baixas.

Essa armadilha discursiva liberal não é mote apenas da mídia, nem é desejada apenas pelo sistema *econômico* vigente. A perversidade maior do “self-made men” está no fato de que aqueles que deveriam representar a todos, compreender e esclarecer as condições da pobreza para, assim, trabalhar por sua extinção, na verdade ajudam a perpetuá-la, ao também usarem este discurso. Assim, agem não para eliminar, mas apenas minorar a pobreza e a exclusão, como afirma Boaventura de Sousa Santos²⁰¹ (2005 apud ASSIS, 2010, p. 206):

Os pobres são os insolventes [...]. Em relação a eles devem adotar-se medidas de luta contra a pobreza, de preferência medidas compensatórias que minorem, mas não eliminem a exclusão, já que esta é um efeito inevitável (e, por isso, justificado) do desenvolvimento assente no crescimento econômico e na competitividade a nível global.

Isso revela que a manutenção do estado atual de coisas é responsabilidade de um conjunto de atores, não sendo viável dar nome a todos os “culpados” de forma unidirecional, nem mesmo situá-los no tempo histórico presente. Dessarte, parecem *convergir*, num mesmo “regime” ou “sistema”: o mercado, o Estado (e aqui também o próprio Direito) e a mídia. Porém, fora e

²⁰⁰ Como já foi trabalhado em tópico específico, muitas vezes, o crime apresenta-se como a solução derradeira, a *ultima ratio*, quando já não há – ou não se enxergam – mais saídas alternativas, não só à pobreza, mas também ao profundo desalento de sentir-se tão desigual e excluído do mundo feliz e colorido que a televisão apresenta.

²⁰¹ SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos de globalização. In: _____. (Org.) **Globalização?** Porto: Afrontamento, 2005.

dentro de cada um deles, há uma infinidade de relações sociais pautadas por demandas concreta e historicamente colocadas, que envolvem sujeitos determinados. Interessante como o samba “Muro da verdade” e o *rap* “Beco sem saída” também não conseguem dar nome específico a *todos* os “responsáveis”, porém os aproximam e agrupam sob alcunhas mais generalizantes:

Somos frutos de um **regime**
Que soma sem dividir
 E também não dão bola
 Aos problemas que existem por aí
 A expansão da miséria
 Cresce a cada segundo
E a fome obrigando gente séria
A viver no submundo
 E depois ela quer cobrar,
 O que não tem razão de ser
Se o sistema não dá chance
 Para o pobre sobreviver
 (BATATINHA; BEZERRA; MARTINS, 2000, grifo nosso)

A sarjeta é um lar não muito confortável/ O cheiro é ruim, insuportável/ O viaduto é o reduto nas noites de frio/ onde muitos dormem, e outros morrem, ouviu?/ São **chamados de indigentes pela sociedade**/ A maioria negros, já não é segredo, nem novidade/ Vivem como ratos jogados,/ homens, mulheres, crianças/ **Vítimas de uma ingrata herança**/ A esperança é a primeira que morre/ E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria/ O que se espera de um **país decadente**/ onde o **sistema é duro, cruel, intransigente?** (RACIONAIS MCs, 1990, grifo nosso).

Dessa forma, apesar de ser inviável nomear todos os responsáveis, sabe-se que na composição deste “sistema” ou “regime”, e na perpetuação de sua dureza e intransigência, quem participa de fato não são as “entidades abstratas” - Estado, mercado, mídia etc. - mas seres humanos com vontades, que as manuseiam no sentido de não transformar a atual ordem de coisas. Mas, ainda que estes “sujeitos com vontades” não sejam claramente nomeados pelo *rap* racional, tampouco pelo samba de Bezerra, é fundamental o que as músicas fazem: a denúncia do caos e das contradições que alimentam a *ordem* vigente.

Nessa *ordem*, a cidadania vem sendo cada vez mais substituída pelo consumo, à medida que a efetivação de direitos ocorre em grande parte através do poder de compra, de modo que a inclusão social se dê majoritariamente via mercado, não via Estado. Os cidadãos, então, passam a exercer não só o papel de consumidores ou clientes, mas de legitimadores da “verdade” que os grandes meios de comunicação – comprometidos ideologicamente - fazem circular. Assim, especialmente por não compreenderem completamente este ardil, os cidadãos - ou consumidores, tanto faz - acabam atuando para reproduzir e manter o modelo vigente de ordem política, econômica e social.

No trecho a seguir, a reprodução da lógica deste modelo é notável. O *rapper* enunciador se angustia por não ter dinheiro suficiente para concretizar os “sonhos” construídos pelo ideário capitalista (“mulher”, “carro”, “roupa”, “role”), como se também os caminhos para atingir a própria felicidade - um bem imaterial - a eles se resumissem:

Eu sei como é que é, é foda parceiro, é, a maldade na cabeça o dia inteiro/ nada de roupa, nada de carro/ sem emprego, não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro/ Sendo assim, sem chance, sem mulher, você sabe muito bem o que ela quer²⁰² (RACIONAIS MCs, 1997).

Os Racionais também reproduzem, como se vê em diversas passagens de seus *raps*, o discurso hegemônico²⁰³ do *desejo pelo dinheiro e pelos bens conquistados pelo esforço individual*: “Corra sempre atrás do que é seu, quero dinheiro igual/ Coreano e Judeu.../ Fudeu! Então vem cá, minha cara/ o Rap aqui não pára / Racionais de volta/ Igual a febre da malária/ Rátatátá.... Mãos ao alto../ É um assalto²⁰⁴” (RACIONAIS MCs, 2002). Mesmo o elogio à marginalidade constituída especialmente para poder adquirir os bens de consumo, ganha lugar em diversas letras do *rap*:

²⁰² Fragmento do *rap* “Fórmula Mágica da Paz”.

²⁰³ No sentido de entender por que os Racionais ao mesmo tempo têm como proposta combater o discurso dominante, mas acabam muitas vezes por reproduzi-lo, a interessante explicação de Marilena Chauí (1980, p. 127), já citada alhures: “Esse fenômeno da conservação da validade das ideias e valores dos dominantes, mesmo quando se percebe a dominação e mesmo quando se luta contra a classe dominante mantendo sua ideologia, é que Gramsci denomina de hegemonia. Uma classe é hegemônica não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado (isto é, o controle jurídico, político e policial da sociedade), mas ela é hegemônica sobretudo porque suas ideias e valores são dominantes e mantidos pelos dominados até mesmo quando lutam contra essa dominação.”

²⁰⁴ Fragmento do *rap* “Na Fé Firmão”.

Todo ponta firme, foi professor no crime/ Também mó sangue frio/ não dava boi pra ninguém/ **Puta aquele mano era foda!/ só moto nervosa/ só mina da hora/ só roupa da moda/** Deu uma pá de blusa pra mim/ naquela fita na butique do Itaim/ **Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim/** vida de ladrão não é tão ruim!²⁰⁵ (RACIONAIS MCs, 1997, grifo nosso)

Como se previsse uma repreensão por ser pobre e ainda querer “ser assim”, cheio de bens como o ladrão (porque o *ter* modifica o *status* do *ser*, na sociedade capitalista: do “ninguém” social passa-se ao “alguém”) o enunciador se antecipa, questionando a razão de os pobres não poderem sonhar “sem levar sermão”, pois não têm culpa de os sonhos estarem plantados em todos os lugares, “para todas as pessoas”.

O desejo de conseguir para si a vida do “burguês”, ainda que pelo crime, também aparece no *rap* “Eu sou 157” (RACIONAIS MCs, 2002), em que os bens obtidos com o roubo são idealizados para tanto: “Depois só/ Praia e maconha/ Comê todas burguesa/ Em Fernão de Noronha”.

Embora o caráter “marginal²⁰⁶” do ladrão tenha se constituído em função da satisfação das necessidades construídas pela sociedade de consumo, há um caráter radical na assunção dessa marginalidade, pois:

A marginalidade assumida é a forma de dizer que ser marginal é ser contrário ao ‘sistema’, ou seja, o discurso poético, subversivo temática e formalmente, é assumido enquanto munição para ser atirada contra as forças do capitalismo branco (NASCIMENTO, 2006, p. 7).

Não é condenável - é até compreensível - a postura do pobre que sonha com os bens de consumo, ainda que assim acabe reproduzindo a ideologia vigente. Dessa forma, também é compreensível que o *rap* revele isso, embora busque a *desalienação*, uma vez que a alienação é marca presente na vida dos favelados. Faz, então, total sentido o que cantam os *rappers* racionais

²⁰⁵Fragmento do *rap* “Tô ouvindo alguém me chamar”.

²⁰⁶Veja-se que aqui, esta palavra é usada no sentido pejorativo e vulgar, não propriamente no sentido etimológico daquele que está “à margem”. Isso porque se pode entender que o exemplo do “ladrão” que assim se assume com orgulho é um exemplo de “marginalidade assumida”.

(2002): “Cê disse que era bom/ E a favela ouviu/ Lá também tem/ Whiski, Red Bull,/ Tênis *nike* e fuzil²⁰⁷”.

Porém, a partir do momento em que o periférico passa a problematizar a realidade de forma crítica, torna-se um “universo em crise”: parte dele quer combater a ordem vigente, a outra quer participar dela.

Hó, filosofia de fumaça, analise/ E cada favelado é um universo em crise/ Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem/ Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém/ Quantos caras bons, no auge se afundaram por fama/ E tá tirando dez de havaiana?/ E quem não quer chegar de honda preto em banco de couro/ E ter a caminhada escrita em letras de ouro?/ A mulher mais linda sensual e atraente/ A pele cor da noite, lisa e reluzente²⁰⁸ (RACIONAIS MCs, 2002).

Ao mesmo tempo em que se deseja ver realizada a igualdade substancial, pois “ninguém quer ser coadjuvante de ninguém”, desejam-se também os valores que a matéria agrupa e o capitalismo veicula. Existe até um toque “hollywoodiano” nos desejos do *rapper*. A “aparência” é o que mais vale neste universo: chegar num “carrão” que pode até nem ser o seu, com uma negra sensual e reluzente ao lado, e ter o nome “eternizado na calçada da fama”.

São muitas as passagens em que os bens de consumo são colocados no lugar do desejo, no discurso dos Racionais. Veja-se o *rap* “1 por amor, 2 por Dinheiro”. Nele, a ostentação e o sonho por fama são trazidos de forma mais crítica que no *rap* anteriormente citado:

Um por amor, dois pelo dinheiro/Vida Loka, Capão de fé, sou guerreiro [...]/**Dinheiro no bolso e Deus no coração/ Família unida, champanhe pros irmão [...]** O ser trai por amor ao lucro/**Dinheiro agora sem dor nem escrúpulo/** Ei ouve o que a rima fala/**Entre a compra e a venda, o pecado se instala [...]** Aqui ninguém quer fama e diz-que-diz/**Quatro mil dólar já me faz feliz/** Dinheiro City, capital da Gozolândia [...] Um por amor, dois pelo dinheiro/ Na selva é assim/ E você vale o que tem, vale o que tem... (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Mas não é sempre que o desejo de *apenas satisfazer as necessidades reais de consumo* é suficiente, como faz parecer o *rap* acima. O favelado, vivendo seu “universo em crise”, muitas

²⁰⁷ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

²⁰⁸ Fragmento do *rap* “Da ponte pra cá”.

vezes não quer somente “quatro mil dólar”, uma vida digna, conseguir uma casa própria, vestimentas adequadas, um carro bom e modesto. Ele quer todo o luxo e a ostentação possíveis. *E não pára por aí*. Ele busca algo muito maior, mais amplo e problemático: ao “ter” exatamente aquilo que a elite tem, em qualidade e quantidade, quer “ser” quem ela é. Tomando este “ser” para si, pode eliminá-la. Ou pior, pode tomar para si o lugar de “opressor” que ela sempre ocupou. Em “Negro Drama”, o enunciador revela: “Demorou, eu quero é mais. Eu quero até sua alma”. Não é só um desejo por luxo e ostentação. É o desejo de *vingança histórica*, que é praticamente *insaciável*, pois nada paga, nada compra, nada parece remediar o duro processo de marginalização sofrido por alguns, ao longo dos muitos anos de Brasil.

É interessante reparar, no *rap* abaixo, “Otus 500” - o que também ocorre em outros *raps* - as infindáveis referências a produtos e marcas, esses “indicadores aparentes” de *status social*.

Quer sair do compensado e ir pra uma mansão/ Com piscina digna de um patrão/ Com vários cães de guarda... rottweiler/ E dama socialite de favela estilo “Galle”/ **Quer** jantar com cristal e talheres de prata/ **Comprar** 20 pares de sapato e gravata/ **Possuir** igual você... tem um Foker 100/ **Tem** também na garagem 2 Mercedes-Benz/ **Voar** de helicóptero à beira mar/ Armani e Hugo-Boss no guarda-roupa pra variar/ **Presentear** a mulher com brilhantes/ **Dar** gargantilha 18 pra amante/ Como agravante a ostentação/ O que ele **sonha** até então tá na sua mão/ De desempregado a homem de negócio/ Pulou o muro ja era/ Agora é o novo sócio... (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso)

Não são apenas as várias citações aos produtos e suas marcas (“Foker 100”; “Mercedez Benz”; “Armani”; “Hugo-Boss”) que dão o tom desse *rap*. É quantidade desnecessária e exagerada tal qual eles se apresentam (assim como na vida real), que ofende e é quase inacreditável àqueles que pouco ou nada têm (“vários cães de guarda”; “20 pares de sapato e gravata”; “2 Mercedez-Benz”).

Nota-se, no *rap* acima, o uso de diversos verbos – que estão em destaque - relativos à idéia de propriedade e consumo: querer, comprar, voar, ter, presentear, dar. Mas, na última passagem do fragmento, emprega-se o verbo “sonhar”, remetendo a uma dimensão mais valorativa e abstrata, própria daquilo que apenas os bens materiais conseguem agregar à vida na sociedade capitalista. Assim, para o olhar sedento de quem nada ou quase nada possui, o ostentador é “isca”, vítima potencial de uma tentativa de “apropriação existencial”, não meramente material. Por isso, o trecho finaliza da seguinte forma: “De desempregado a homem

de negócio/ Pulou o muro, já era/ Agora é o novo sócio [...]" Quais são os muros simbolizados aí, que devem ser pulados para se passar ao “amigável” e elevado patamar de “sócio”? Não são apenas muros. São as enormes muralhas históricas que, cada dia mais fortificadas, separam a pobreza da riqueza. Os que têm, dos que não têm. Os consumidores, dos não consumidores. A cidade, da não cidade. Os cidadãos, dos subcidadãos.

A sensação de *insaciedade* - mas, aqui, com conotação mais material do que existencial - também pode ser sentida neste trecho do *rap* “Da ponte pra cá”: “Um triplex para a coroa é o que malandro quer/ Não só desfilar de *Nike* no pé”. Se de um lado existem as tentativas políticas de reparação “histórica”, as políticas afirmativas oficiais, os Racionais falam das tentativas fracassadas - muitas vezes, fatais - de expropriação dos bens guardados do outro lado dos muros e pontes que separam cidades, bairros, histórias e vidas.

A imagem “dos muros segregadores” fica ainda mais angustiante quando se pinta, no *rap* “Fim de Semana no Parque”, a imagem de uma criança que não pode participar da felicidade colorida do *outro lado*, e acompanha “tudo do lado de fora”:

Olha só aquele clube que dahora/ **Olha** aquela quadra, olha aquele campo/ **Olha, Olha**
 quanta gente/ Tem sorveteria cinema piscina quente/ **Olha** quanto boy, olha quanta
 mina/ Afoga essa vaca dentro da piscina/ Tem corrida de kart dá pra ver/ É igualzinho o
 que eu vi ontem na TV/ **Olha só aquele clube que da hora/ Olha o pretinho vendo**
tudo do lado de fora/ Nem se lembra do dinheiro que tem que levar/ Do seu pai bem
 louco gritando dentro do bar/ Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro/ Ele apenas
 sonha através do muro (RACIONAIS MCs, 1993, grifo nosso).

Observe-se a oposição entre os dois lados do muro, a comparação entre duas realidades. Tudo no imaginário da criança. Por um lado: “Olha só aquele clube da hora/ Olha aquela quadra, olha aquele campo/ Olha, olha quanta gente/ Tem sorveteria, cinema, piscina quente [...]. Tem corrida de kart dá pra ver/ É igualzinho o que eu vi ontem na TV”. É destacado o insistente apelo visual do *rap*, construído pela repetição do imperativo verbal “olha”, “olha”, “olha”... O “olhar” da voz poética que descreve a *outra* realidade parece querer adentrar e nos guiar, ainda que só com os olhos, no território desejado. O mundo dos outros, daqueles que têm um pai amoroso que os leva para passear no parque, no clube, é cruelmente contraposto ao mundo de onde o menino vem, a periferia, onde seu pai o espera nervoso para receber o dinheiro obtido com o suor do trabalho infantil: “Nem se lembra do dinheiro que tem que levar/ Do seu pai bem louco gritando

dentro do bar". É desfeita toda sorte de enganos: a diferença entre o *lá* e o *aqui*, entre o *meu* e o *seu*, é gritante.

Daqui eu vejo uma caranga do ano/ Toda equipada e o tiozinho guiando/ Com seus filhos ao lado estão indo ao parque/ Eufóricos brinquedos eletrônicos/ Automaticamente eu imagino/ A molecada lá da área como é que tá/ Provalvelmente correndo pra lá e pra cá/ Jogando bola descalços nas ruas de terra/ É, brincam do jeito que dá/ Gritando palavrão é o jeito deles/ Eles não tem video-game às vezes nem televisão/ Mas todos eles têm um dom São Cosme e São Damião/ A única proteção²⁰⁹ (RACIONAIS MCs, 1993).

Nesse cenário, os objetos de desejo estão duramente afastados e distantes ("daqui eu vejo uma caranga do ano toda equipada [...] brinquedos eletrônicos"; "eles *não tem* vídeo-game [...] *nem* televisão"). Porém, apesar disso existe uma proteção, um único alento, extensível a todas as crianças pobres: os "santos" religiosos ("todos têm um dom São Cosme e São Damião"). A proteção da religiosidade parece vital no território da pobreza, pois os pés estão descalços e as ruas são de terra, compondo o lazer da molecada, em contraste total com as bolhas protetoras, mas inertes de vida, das classes média e alta: o carro blindado, os aparelhos eletrônicos (que podem as crianças a brincar sozinhas e sem se movimentar), o clube rodeado por muros, os condomínios com cerca elétrica etc.

O auge da desproteção que as crianças pobres encontram em seu mundo "real", em oposição ao mundo "virtual", desejado e protegido das classes médias e altas, é alcançado no trecho seguinte, em que uma criança periférica "ganha" um curioso presente:

No último natal papai Noel escondeu um brinquedo/ Prateado, brilhava no meio do mato/ Um menininho de 10 anos achou o presente/ Era de ferro com 12 balas no pente/ E fim de ano foi melhor pra muita gente/ Eles também **gostariam** de ter bicicleta/ De ver seu pai fazendo *cooper* tipo atleta/ Gostam de ir ao parque e se divertir/ E que alguém os **ensinasse** a dirigir/ Mas eles só **querem** paz e mesmo assim é um sonho/ Fim de semana Parque Santo Antônio²¹⁰ (RACIONAIS MCs, 1993, grifo nosso).

No trecho final do fragmento acima, pode ser observado o uso de verbos que compõem o campo semântico do desejo: eles "gostariam" de ter uma bicicleta, e também de ter um pai os

²⁰⁹ Fragmento do *rap* "Fim de Semana no Parque".

²¹⁰ Idem.

“ensinasse” a dirigir. O primeiro, no futuro do pretérito, e o segundo, no pretérito imperfeito do subjuntivo, passam a idéia de quão remota está a concretização do desejo de ser como as classes abastadas, de ter um pai que faça “*cooper* tipo atleta”, que mostre a seus filhos como dirigir. Porém, no fim, a escolha pela utilização do verbo “querer” no tempo presente (“eles só querem”), em contraste, revela um desejo possível de se concretizar, ainda que seu objeto revele uma abstração semântica: a paz. Mas, ainda assim, ela parece ser algo intangível para quem vive neste outro parque, que não é aquele aonde “playboyzada” vai passear: é o *Parque Santo Antônio*, bairro periférico na Zona Sul de São Paulo, alcunhado como “campeão das mortes²¹¹”.

É importante refletir sobre o nome do *rap* em questão: “Fim de Semana no Parque”. Jorge Nascimento (2006, p. 13-14) contribui para tanto:

Durante a pesquisa, deparou-se com uma notícia que nos levou a perceber o quanto só quem é de lá sabe o que acontece, pois na letra e nos *sampler*s temos referências melódicas e textuais à música de Gilberto Gil, “Domingo no Parque”, no entanto, descobriu-se que, além do processo intertextual e melódico, ou seja, a substituição da palavra *Domingo* pela expressão *Fim de semana*, além do dado estético perceptível, há outro, que só quem é da *quebrada* poderia perceber numa primeira leitura (ou audição): o fato de haver uma rua chamada Fim de Semana, no Bairro Parque Santo Antônio, onde há muita violência e, ao que parece, é um lugar de *desova de corpos*. (grifo do autor)

Para confirmar essas afirmações, o autor cita o trecho da notícia jornalística encontrada:

Polícia registra um assassinato por hora na Grande SP. Casal baleado no Parque Santo Antônio: a moça morreu. Às 2h30 desta madrugada, na esquina entre a Rua Derbal e a Avenida *Fim de Semana, no Parque Santo Antônio*, também zona sul, foram encontrados baleados Luciene Mota Rocha e Usilândio de Souza Aristides, ambos de 25 anos. O casal foi levado ao Pronto-Socorro Municipal no Campo Limpo, onde a moça morreu. O rapaz está internado em estado grave. O crime de assassinato e tentativa foi registrado no 92º Distrito Policial pelo delegado Paulo César da Costa. (NASCIMENTO, 2006, p. 13-14, grifo do autor).

²¹¹ Não sem razão esta alcunha, para o bairro paulistano considerado campeão de mortes e mais violento, de uma das cidades que já é uma das mais violentas do país. No primeiro semestre de 2012, o número de vítimas de homicídio doloso e latrocínio, no bairro Parque Santo Antônio, foi de 33 mortes, o que lhe mantém no primeiro lugar na capital paulista. É seguido, em segundo lugar, pelo Capão Redondo, comunidade de origem dos Racionais MCs. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/criminalidade-parque-santo-antonio>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

Percebe-se, então, a riqueza de significações que se assumem no *rap* “Fim de Semana no Parque”. Ainda neste *rap*, pode ser destacado o seguinte trecho:

Um, dois, três carros na calçada/ Feliz e agitada toda “prayboyzada” / As garagens abertas eles lavam os carros/ Desperdiçam a água, eles fazem a festa/ Vários estilos vagabundas, motocicletas/ Coroa rico boca aberta, isca predileta/ De verde fluorescente queimada sorridente/ A mesma vaca loura circulando como sempre (RACIONAIS MCs, 1993).

Várias expressões são usadas para ofender, criticar, ameaçar. Assim, revela-se o outro lado do desejo dos pobres, que é lançado por um discurso ácido, “invejoso” e duro. Inserem-se nesse discurso ofensivo a “prayboyzada” que lava os incontáveis carros (“um, dois, três carros na calçada”) desperdiçando a água que é tão escassa na periferia; o coroa “boca aberta”, isca predileta para o crime; a “vaca loura circulando como sempre”. Outra passagem neste mesmo *rap* confirma o rancor discursivo: “Olha quanto boy, olha quanta mina / **Afoga essa vaca dentro da piscina**” (1993, grifo nosso).

Porém, pior que o rancor e a inveja face à desigualdade, é a *tristeza* que a “vitrinização” da felicidade causa nos pobres. A tristeza de ser pobre, negro e miserável num mundo colorido de vitrines e tênis “Nike”, pode evocar uma angustiante imagem quando se lêem em conjunto trechos do *rap* “Vida Loka – Parte II” e do “Mundo Mágico de Oz”: a de alguém que, quase morrendo de fome, se depara com um lindo banquete e come esganadamente, até passar mal.

Miséria traz tristeza, e vice-versa/ Inconscientemente/ Vem na minha mente inteira/ Uma loja de tênis/ O olhar do parceiro/ Feliz de poder comprar/ O azul, o vermelho, O balcão, o espelho/ O estoque, o modelo/ Não importa (RACIONAIS MCs, 2002).

Moleque novo que não passa dos 12/ Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje/ Vira a esquina e para em frente a uma vitrine [...] Pelo reflexo do vidro ele vê/ Seu sonho no chão se retorcer/ Ninguém liga pro moleque tendo um ataque, “foda-se quem morrer dessa porra de crack” (RACIONAIS MCs, 1997).

Os Racionais, de forma a agudizar a questão da pobreza, tratam-na frequentemente sob o viés das crianças, como se viu. Mas pode-se entender que, muito além de tornar a cena ainda mais dramática, o intuito do uso deste viés específico tem o condão de alertar para o papel de

laboratório que a pobreza pode exercer, ao criar futuros homens violentos e frustrados, que construirão famílias também arruinadas, perpetuando-se a miséria material e emocional.

Nesse sentido, veja-se o *rap* chamado “12 de outubro” - alusão ao “dia das crianças”. É um *rap* “cru”, sem acompanhamento da base musical, em que a imagem infantil associada à reflexão acima parece ganhar mais clareza. O *rapper* usa o tom falado, sendo que o trecho inicial representa uma conversa verídica, entre Brown (2002) e um menino pobre:

“Vocês ganharam presente?” / Aí ele falou/ “Ganhei foi um tapa na cara hoje” / Aí eu falei: “Porque você tomou um tapa na cara?”/ “Ah, minha mãe deu um tapa na minha cara, foi isso que eu ganhei, não ganhei presente não”/ Falou assim, ó, bem convicto mesmo/ Aí eu falei assim “Porque você tomou um tapa na cara?”/ “Ah, porque eu xinguei ela”/ “Ma’ porque você xingou ela?”/ “Ah, lógico, todo mundo ganhou presente e eu não ganhei porquê?”/ Aí eu fiquei pensando, né, mano/ Como uma coisa gera a outra/ Isso gera um ódio/ O moleque com 10 ano, pô/ Tomar um tapa na cara/ No dia das crianças/ Eu fico pensando/ Quantas morte, quantas tragédia/ em família, o governo já não causou/ Com a incompetência/ Com a falta de humanidade/ Quantas pessoas num morrero/ De frustração, de desgosto/ Longe do pai, longe da mãe/ Dentro de cadeia/ Por culpa da incompetência desses daí/ Entendeu/ Que fala na televisão/ Fala bonito/ Come bem/ Forte, gordo/ Viaja bastante/ Tenta chamar os gringo aqui pa dentro/ Enquanto os próprio brasileiro tão aí, ó, jogado no mundão.

Interessante como a *incompetência* pelas mortes, tragédias em família parece se concentrar na imagem de alguns sujeitos, no trecho acima. São os “homens do governo”, caracterizados figurativamente pela fartura “burguesa”: comem bem, são fortes, gordos, viajam bastante, além de tentar chamar “os gringo aqui pa dentro”. Estado e mercado, mais uma vez aparecem simbolicamente juntos no *rap*.

Outra imagem aparece no *rap* como componente importante do cenário cotidiano da pobreza, no sistema capitalista: a família.

Herdeiro de mais alguma Dona Maria/ Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!/ Fodeu, o chefe da casa, trabalha e nunca está/ Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar/ O trabalho ocupa todo o seu tempo/ Hora extra é necessário pro alimento/ Uns reais a mais no salário, esmola do patrão/ Cuzão milionário!/ Ser escravo do dinheiro é isso, fulano!/ 360 dias por ano sem plano/ Se a escravidão acabar pra você/ Vai viver de

quem?/ Vai viver de quê?/ O sistema manipula sem ninguém saber²¹² (RACIONAIS MCs, 1997).

A exploração da força de trabalho pelos donos dos meios de produção é claramente delineada acima. Cabe à mãe - “Dona Maria” - “tomar as rédeas da cria”, pois o pai é ausente, vive para trabalhar. Vê-se ultrapassando a jornada máxima que por lei deveria cumprir, em busca do rendimento supervalorado das horas extras, já que o salário mínimo²¹³ parece não garantir nem o mínimo (“Hora extra é necessário pro alimento”). Tal rendimento “extra”, que não se busca para o luxo, mas para aquilo que é mais básico - alimentação -, não representa quase nada para o patrão, é “esmola”. A escravidão urbana já é até pressuposta como fato e obrigatória a quem não tem outra possibilidade: “Se a escravidão acabar pra você/ Vai viver de quem? Vai viver de quê?”. E o sistema quer, veladamente, que a força de trabalho continue pensando assim. Que dependa dessa escravidão e não queira sair dela. Isso porque quando essa força passar a reivindicar a ampliação de direitos e, *fatalmente*, conquistá-los, os lucros diminuirão. Por isso o *rap* canta, com razão, que “o sistema manipula sem ninguém saber”.

A voracidade do sistema econômico vigente, materializada na figura da “cidade dínamo” do Brasil - São Paulo - se revela em fortes e interessantes imagens que a designam ou se relacionam aos seus habitantes: *selva, fauna, terra de arranha-céu, monstro sem rosto e coração, torre de Babel*. Toda crueldade, frieza, ausência de comunicação entre as pessoas, violência selvagem etc., parecem estar sintetizadas imageticamente nestas expressões:

Nego,/ São Paulo é **selva**,/ E eu conheço a **fauna**/ Muita calma ladrão/ Muita calma/ Eu vejo os ganso desce/ E as cachorra subir/ Os dois peida,/ Pra vê,/ Quem guia o GTI²¹⁴ (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

Veja/ Olha outra vez/ O rosto na multidão/ **A multidão é um monstro/ Sem rosto e coração/ Hey, São Paulo/ Terra de arranha-céu/** A garoa rasga a carne/ É a **torre de babel**²¹⁵ (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

²¹² Fragmento do *rap* “Periferia é Periferia”.

²¹³ Art. 7º da Constituição Federal Brasileira de 1988: São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: [...] IV - **salário mínimo**, fixado em lei, nacionalmente unificado, **capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com** moradia, **alimentação**, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim; (grifos nossos)

²¹⁴ Fragmento do *rap* “Eu sou 157”.

²¹⁵ Fragmento do *rap* “Negro Drama”.

São Paulo, metrópole-modelo do capitalismo no Brasil (talvez de maneira até mais eficaz que a cidade de onde partiam as denúncias de Bezerra – o Rio de Janeiro) é um imenso e “exemplar” caldeirão de desigualdades.

Os dados dessa desigualdade foram sistematizados num grande quadro elaborado pela “Rede Nossa São Paulo” (OBSERVATÓRIO CIDADÃO, 2013). Neste quadro, são avaliados diversos itens segundo um medidor de desigualdades - o “desigualtômetro” - que aponta a diferença entre o melhor e o pior indicador por distrito/subprefeitura da metrópole, em diversos itens.

No item “emprego”, por exemplo, a diferença é assustadora entre o melhor (Itaim Bibi) e o pior distrito (Marsilac): 2.520 vezes. No item “população em situação de rua”, a diferença é de 1.769 vezes, entre o melhor e o pior distrito. No item “acervo de livros para adultos das bibliotecas municipais per capita”, a diferença entre o melhor e pior indicador é de 1.669 vezes. No item “área verde por habitante”, a diferença é de 893,77 vezes. No item “favelas” - que mede a porcentagem de domicílios em favelas sobre a porcentagem de domicílios do distrito - a diferença é de 618,18 vezes; em “abandono no ensino médio total”, de 256 vezes. No item “domicílios sem ligação com o esgoto”, o indicador da diferença é de 44 vezes; em “gravidez na adolescência”, de 28,59 vezes; em “homicídios”, de 22,28 vezes. Apenas para citar uns poucos exemplos.

Talvez seja por tudo isso, em larga medida, que a presente temática – “Pobreza, Exclusão e Capitalismo” – alimente de forma mais marcante o *rap* paulistano que o samba carioca, pois na riquíssima (e paupérrima) São Paulo, as contradições do sistema econômico podem ser mais intensamente vividas e, assim, problematizadas:

A vida voa e o futuro pega/ Quem se firmô, falô/ Quem não ganhô, o jogo entrega/ Mais uma queda em 15 milhões/ Na mais rica metrópole e suas várias contradições/ É incontável, inaceitável, implacável, inevitável/ Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores/ Se esquivando entre noites de medo e horrores/ Qual é a fita, a treta, a cena?/ A gente reza, foge, continua sempre os mesmos problemas²¹⁶
(RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

²¹⁶ Fragmento do *rap* “A vida é desafio”.

Mesmo que a cidade de São Paulo – “*Dinheiro City, capital da Gozolândia*”²¹⁷ - seja um grande e vivo modelo para análise da pobreza e do sistema econômico vigente, sendo o *rap* lá produzido um eficaz veiculador de suas desigualdades e contradições, Bezerra da Silva também deu sua lúdica e até “bem-humorada” contribuição para a temática, a partir da vivência carioca.

Em dois sambas, “Pega Eu” e “Aos Donos da Minha Nação”, o sambista mostra uma triste situação, reveladora de uma (quase) “cômica” contradição capitalista: a figura do ladrão que, provavelmente em busca de pouca coisa, assalta um lar da favela. Porém, ao se deparar com uma miséria maior que a sua, se comove e desespera.

No primeiro samba, “Pega Eu”, o remorso é tamanho a ponto de fazê-lo sair à rua, aos gritos, entregando seu crime a todos como forma de “expiar” a sua culpa:

Eu não tenho nada de luxo
 Que possa agradar um ladrão
 É só uma cadeira quebrada
 Um jornal que é meu colchão
 Eu tenho uma panela de barro
 E dois tijolos como um fogão
O ladrão ficou maluco
De vê tanta miséria
Em cima de um cristão
Que saiu gritando pela rua
Pega eu que eu sou ladrão!
Pega eu!

(DOIDO, 1999, grifo nosso)

No segundo, “Aos Donos da Minha Nação”, talvez ainda mais tragicômico, o desespero do ladrão frente ao lar assaltado, onde não havia ao menos comida para os filhos, faz com que ele, um “cruel da pesada”, chore lamentando o que fez, e dê todos os seus pertences às vítimas:

Eu vi um cruel da pesada chorando
 No lamento que estou lhe falando
 Que assaltou um barraco na favela
 E deu à vitima todos os seus pertences

²¹⁷ Frase do *rap* “1 por amor, 2 por dinheiro” (RACIONAIS, 2002).

Porque lá não tinha nem um pão pros filhos inocentes
 Áí, eu cheguei a conclusão
 Doeu demais a consciência do ladrão
 Ele em seu desespero deu um bote errado
 Assaltou um descamisado
 Sem futuro e sem razão
 Chorou diante daquela situação
 De ver tanta criança morrendo de inanição
 Muito mais humano
 Do que esse político vilão
 Que usa os favelados
 Somente pra ganhar eleição
 Com todo respeito
 Aos donos da minha nação
 Sou obrigado a elogiar esse ladrão²¹⁸
 (SILVA, 2005)

Este ladrão, para o sambista, é bem mais humano e elogiável que os “donos da nação”. Mas quem são estes “donos”? No samba, eles aparentemente só representam a categoria dos “políticos vilões”.

Todavia, pela análise global das músicas – sambas e *raps* – os “donos” compõem uma categoria mais ampla e complexa, da qual não só o Estado, mas também - que surpresa! - o mercado, participam juntos, mais uma vez.

Porém, nem seria preciso um esforço de totalização para esta percepção. A própria categoria usada pelo sambista – “**Donos** da nação” -, traz uma forte conotação de *propriedade* - base jurídica sobre a qual se assenta o sistema econômico capitalista. Ou seja, só alguns são proprietários da “nação”, e, assim, da própria cidadania.

Portanto, ainda que na literalidade do samba apenas se mostre uma das faces desses “donos” - a política -, seu título (“Aos Donos da Minha Nação”) os categoriza muito bem, permitindo que se amplie sua significação e se afirme que eles não apenas “usam os favelados pra ganhar eleição”: também atuam na perpetuação da lógica exploratória do sistema econômico vigente.

²¹⁸ Fragmento do samba “Aos Donos da Minha Nação”.

Ainda que a nação seja “minha” (como diz o título) - seja nossa, seja de todos - ela tem apenas alguns “donos”.

5.6 “Mesmo céu, mesmo CEP, no lado sul do mapa: o mundo é diferente da ponte pra cá”²¹⁹ (Favela, “quebrada”, periferia²²⁰)

O território urbano ocupa lugar central na constituição de mundo no *rap* dos Racionais MCs. Em seu discurso, retrata-se o planejamento das cidades - grandes, principalmente - como poderoso mecanismo disciplinador dos territórios da riqueza e da pobreza. Ou, mais que isso, do caos e da ordem, da cidade e da não cidade, do direito e do não direito, entre os quais os muros e pontes da segregação trataram de traçar limites bem visíveis numa geografia e arquitetura da exclusão. Marcar espaços e reivindicar visibilidade são dois aspectos dessa prática discursiva que encontra na estética um campo para representação dos espaços de realidade, compondo um processo mais amplo de luta pelo espaço urbano, em seus aspectos físicos e simbólicos.

Quando se colocam em pauta a organização urbana e as estratégias políticas de planejamento das cidades, somos conduzidos à grande questão da segregação espacial, que empurra, direta ou indiretamente, os pobres para as periferias.

Historicamente, em fins do século XIX, os negros compunham um terço da população paulistana e viviam na região central da cidade, basicamente. Habitavam em residências coletivas que passaram a ser conhecidas como quilombos urbanos ou irmandades negras, a exemplo da “Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos” e da “Irmandade Nossa Senhora dos Remédios”, existentes até hoje (PENEDO, 2008). A função delas acabou indo para além da religiosa, pois também organizavam festas e arrecadavam fundos para a compra de alforria aos escravos. Em torno de tais habitações também foram criadas escolas de samba (e.g. Vai-vai,

²¹⁹ Referência ao *rap* “Da ponte pra cá”.

²²⁰ A definição de periferia, neste trabalho, reflete a visão do grupo Racionais MCs, que também a entende como um local *afastado fisicamente do centro da urbe*, mas, muito além disso, é um local que enfrenta graves dificuldades para sobreviver num ambiente onde o Estado é ausente, não cumpre suas obrigações constitucionais, e onde não há, tampouco, participação do capital privado, que desconsidera tais locais para fins de investimentos. Isso ocorre em razão de as bordas das grandes cidades, como São Paulo, serem distantes das áreas economicamente mais dinâmicas, impondo-se aos moradores destes lugares grandes deslocamentos para se incluírem no mercado de trabalho, mas mesmo assim muitas vezes são rejeitados pela lógica do capital, que quer economizar na “obrigação trabalhista” do transporte. Frise-se que em todas as referências deste trabalho à periferia, o significado do termo não é necessária e estritamente geográfico, localizacional, mas *compreende-se de uma mistura de situação no território e condições socioeconômicas*. À semelhança de outros, neste tópico serão trabalhadas apenas as letras de *rap*, uma vez que em seu discurso a temática é bem mais marcante que no samba de Bezerra.

Camisa Verde), bailes, times de futebol, terreiros e grupos de teatro. Porém, a “sociabilidade” que lá se tinha não correspondia ao que os dirigentes paulistanos consideravam aceitável. Os hábitos sociais “incivilizados” dos pobres, negros e operários deveriam ser extintos ou afastados da visibilidade, pois o ideal de cidade a ser perseguido e implantado correspondia ao modelo europeu.

Nesse sentido, os prefeitos Antonio Prazo, Raymundo Duprat e Washington Luís (que dirigiram a cidade de São Paulo no período de 1899 até 1918) concretizaram bem as práticas de “limpeza” das pessoas indesejáveis que viviam no centro urbano paulistano. O trabalho industrial do migrante italiano passou a ser preferido em lugar da mão-de-obra negra livre, porque esta, pelo pensamento da época, não era adequada para labores modernos. Negros e pobres, quituteiras, vendedores de rua, pais-de-santo etc., deveriam ser colocados longe dos olhos da população branca que se pretendia europeizada, pois seus “hábitos sociais” eram sempre associados ao banditismo, à sujeira e à promiscuidade.

À época, Washington Luís fez uma famosa fala, eivada de profundo conservadorismo, acerca da grande “danosidade social, à saúde e à moral”, que causavam os pobres e os negros para a capital paulista, referindo-se à Várzea do Carmo, região central e reduto destas populações (PENEDO, 2008):

É aí que, protegida pelas depressões do terreno, pelas voltas e banquetes do Tamanduateí, pelas arcadas das pontes, pela vegetação das moitas, pela ausência de iluminação se reúne, e dorme e se encachoa, à noite, a vasa da cidade, numa promiscuidade nojosa, composta de negros vagabundos, de negras edemaciadas pela embriaguez habitual, de uma mestiçagem viciosa, de restos inomináveis e vencidos de todas as nacionalidades, em todas as idades, todos perigosos. É aí que se cometem atentados que a decência manda calar; é para aí que se atraem jovens estouvados e velhos concupiscentes para matar e roubar, como nos dão notícia os canais judiciários, com grave dano à moral e para a segurança individual, não obstante a solicitude e a vigilância de nossa polícia. Era aí que, quando a polícia fazia o expurgo da cidade, encontrava a mais farta colheita.

A ocupação urbana na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1940, revelou certa concentração, mas ainda não se podia estabelecer uma distinção clara e valorativa entre centro e periferia, vez que os “indesejáveis” moravam em vilas operárias e cortiços bem próximos às

regiões bem localizadas. Entre 1940 e 1970, a ocupação da cidade foi se expandindo rumo à periferia, especialmente em função da problemática e referida atuação pela “higienização social”. A “Frente Negra Brasileira”, importante entidade sociopolítica negra da primeira metade do século XX, contribuiu para esta ocupação periférica, comprando terrenos nos bairros afastados, a fim de que fossem ocupados por famílias negras (PENEDO, 2008).

A partir dos anos 70, muitas pessoas de diversas regiões do Brasil migraram para a capital paulista, sobretudo os nordestinos. Neste momento, chegou-se a uma periferia bem mais distante do centro e com serviços públicos cada vez mais ausentes.

No *rap* “Periferia é Periferia”, trabalha-se com a ocupação do espaço, desde quando “tudo ainda era mato”, etapa inicial do processo de formação de bairros nas periferias das grandes cidades. Tais territórios foram e ainda vão congregando diversos tipos humanos, de várias partes do Brasil. Isto é também um resultado da diáspora causada pela desruralização, que bastante é sentida numa cidade como São Paulo, sonho de muitos interioranos brasileiros, com destaque para os nordestinos.

Tal ocupação desregulada produziu e ainda produz uma série de problemas: Um exército de escravos urbanos se forma; a pobreza, a ausência de serviços públicos e a falta de espaço no mercado de trabalho geram um espaço “embaçado”, de permanente guerra, onde o pobre, a qualquer momento, pode roubar e matar o outro pobre:

Um mano me disse que quando chegou aqui/ Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí/
Outro maluco disse que ainda é embaçado/ Quem não morreu, tá preso sossegado [...]. A covardia dobra a esquina e mora ali./ Lei do Cão, Lei da Selva, hâ [...] É uma pena/ Um mês inteiro de trabalho/ Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!// O ódio toma conta de um trabalhador/ Escravo urbano./ Um simples nordestino./ Comprou uma arma pra se auto-defender/ Quer encontrar o vagabundo [...]. A revolta deixa o homem de paz imprevisível/ Com sangue no olho, impiedoso e muito mais./ Com sede de vingança e prevenido/ Com ferro na cinta, acorda na madrugada de quinta./ Um pilantra andando no quintal/ Tentando, roubando as roupas do varal/ Olha só como é o destino, inevitável! O fim de vagabundo é lamentável!/ Aquele puto que roubou ele outro dia/ Amanheceu cheio de tiro, ele pedia!// Dezenove anos jogados fora!// É foda!/ Essa noite chove muito/ Por que Deus chora²²¹ (RACIONAIS, 1997).

²²¹ Fragmento do *rap* “Periferia é Periferia”.

Não só em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, o fenômeno urbanístico de “higienização” do centro e consequente ocupação das periferias ocorreu no início do século XX, como já mencionado alhures. Derrubaram-se casarões e cortiços, despejando seus moradores negros e pobres das áreas centrais, para ficar “limpa” a paisagem urbana carioca, sob a justificativa de esta ser uma importante “medida sanitária”. Na verdade, porém, o que mais se pretendia era implantar aqui o modelo europeu de cidade. Com o “bota-abixo”, essas pessoas migraram para moradias nos subúrbios e morros que volteiam o centro carioca.

Todos estes processos urbanos de “expulsão” guardam íntima correspondência com aquilo que se nomeia por “gentrificação”, também recorrente hoje, ainda que com outros contornos. Ela é definida como um fenômeno de retirada indireta das populações de baixa renda de determinadas áreas de uma cidade, por meio de um conjunto de medidas socioeconômicas e urbanísticas (DURAN, 2013). Em geral, envolve a atuação do Estado, que pode justificá-la pelo combate à “violência”, melhoria da infraestrutura e da “imagem” da região – especialmente das áreas centrais etc. Essa “retirada” pode se dar de forma mais direta, também, como em despejos por determinação judicial.

Tal processo se encontra intimamente ligado às estratégias do mercado imobiliário. Neste “aburguesamento” ou “enobrecimento” urbano, como também é chamada a gentrificação, identificam-se casos de recuperação do valor imobiliário de regiões centrais de grandes cidades, que passaram por um período de degradação, durante o qual a população que vivia nestes locais, em geral, pertencia às camadas de baixa renda. Porém, por meio de políticas públicas de “revitalização” dos imóveis, aliadas à sua hipervalorização e ao encarecimento dos custos de vida, a população original se vê forçada a “bater em retirada”. Em sequência, atraem-se para estes territórios residentes de alta renda (GENTRIFICAÇÃO, 2013).

É quase desnecessário ressaltar que as populações que antes ocupavam as regiões objeto da gentrificação se deslocam, muitas vezes, às fronteiras urbanas, periferias mal estruturadas, com pouco ou nenhum acesso aos serviços públicos mais básicos.

Um estudo realizado pelo Instituto Lidas, em 2008, encomendado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo (CMDCA-SP), revelou que a cidade de São Paulo tem mais serviços sociais em bairros nobres do que em bairros pobres. No ranking, Moema ficou em primeiro lugar. Entre os cerca de 70 mil moradores da área, 53% viviam em famílias cujo chefe ganha mais de 20 salários mínimos por mês. Por sua vez, Perus,

que é um dos bairros mais setentrionais da capital paulista (ou seja, um dos mais periféricos), foi o último colocado no ranking, entre os 96 distritos pesquisados, tendo apenas dez vagas para cada mil moradores de até 18 anos em diferentes tipos de serviços, o que indica 56 vezes menos serviços sociais públicos em relação ao distrito de Moema. Da população jovem de Perus, 11% estavam vivendo em situação de extrema pobreza (GENTRIFICAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2012).

Os Racionais, apesar de cantarem bastante a situação da periferia da Zona Sul de São Paulo (de onde vêm Mano Brown e Ice Blue), também cantam a realidade periférica da Zona Norte, lugar de origem de seus outros membros (KL Jay e Edi Rock), e onde se localiza o distrito de Perus (campeão do “desserviço” público):

A Zona Norte é grande e extensa/ cada quebrada uma situação/ uma sentença/ sem diferença/ conheço os 4 cantos eu vi/ a violência, se iguala por enquanto aqui/ chacina, estupro, tráfico/ a noite é foda irmão/ só dá lunático/ vida de louco, de inferno e sufoco/ dinheiro vai e vem/ mas ainda é muito pouco²²² (RACIONAIS MCs, 2002).

A segregação centro-periferia, contudo, não acontece apenas geograficamente: ela se consolida especialmente no plano simbólico, com ampla participação dos discursos hegemônicos - em grande parte midiáticos - que mostram a cidade como um espaço esteticamente agradável e de “todos”, enquanto a periferia, um lugar à parte, é sempre o espaço da desordem e escória social. Os próprios Racionais, também vítimas da definição hegemônica de lugar ideal, reproduzem este discurso em determinados momentos.

No *rap* “Vida Loka – Parte II”, o assinalar territorial mostra a realidade em contraste com a idealização de um lugar melhor, numa sinestesia em que o cheiro horrível de pólvora – representando as guerras urbanas nas periferias -, traz o desejo pelo lugar do outro, de aroma agradável: “Vida Loka cabulosa/ O cheiro é de Pólvora/ E eu prefiro rosas” (RACIONAIS MCs, 2002).

Mais adiante, esse desejo se revela nas imagens-clichê típicas de propagandas comerciais televisivas, transmitindo a utopia do “lugar-paráíso”, da cidade ideal vendida pelos meios de comunicação: “E eu que/ Sempre quis um lugar/ Gramado e limpo, assim verde como o mar/ Cercas brancas, uma seringueira com balança/ Debicando pipa cercado de criança...”.

²²² Fragmento do *rap* “Expresso da Meia-Noite”.

Porém, em seguida, uma segunda voz chama o *rapper* de volta ao território físico da realidade: o Capão Redondo, também berço do grupo, onde se criaram e encontraram Mano Brown e Ice Blue: “Acorda sangue bom/ Aqui é Capão Redondo, Tru/ Não Pokemon/ Zona Sul é invés, é Stress concentrado/ Um coração ferido, por metro quadrado...”.

Interessante a referência ao desenho japonês, sucesso do público infanto-juvenil, em oposição ao território físico real, onde a tristeza e o *stress* se materializam espacialmente em volume e área (“stress concentrado/ um coração ferido por metro quadrado”). Essa referência ao que as mídias vendem às crianças e jovens é notada também em outras passagens, contrapondo-se sempre à realidade que não é “assim tão colorida”. Temos exemplos disso nos trechos: “Queria que Deus ouvisse a minha voz/ E transformasse aqui num Mundo Mágico de Oz²²³” e “As ruas não são como a Disneylândia²²⁴” (RACIONAIS MCs, 1997).

O debate sobre *o que é*, e sobre *o que poderia ser* a cidade acaba também sendo capitaneado pela mídia, conforme se discutiu no tópico anterior. Neste debate, a “periferia” é construída – invariavelmente – como o lugar que nasceu e sobrevive da violência, da criminalidade, da desestruturação familiar, da pobreza, da falta de recursos, cultura, infraestrutura etc. Ou seja, é uma não cidade, um espaço fora do ideário de cidade hegemonicamente construído (MOASSAB, 2011, p. 92). A grande perversidade desse discurso é minar as inúmeras potencialidades deste espaço urbano. Diz o senso comum: “fazer o quê... a periferia nasceu assim e não vai mudar...”

A homogeneização das periferias produzida pela mídia e por outros lugares discursivos do senso comum as coloca como um todo indistinto e ameaçador que deve, portanto, ser mantido escondido e afastado, sob pena de se transfigurar no “invasor” da cidade “verdadeira”, que pode ser mostrada. Moassab (2011, p. 93) afirma, nesse sentido, que “se o planejamento urbano modernista não reconheceu a cidade não ajustada ao seu racionalismo, o pós-moderno a oculta deliberadamente”.

Assim, vão-se cristalizando formas negativas de representação da periferia como a “não cidade” e, por extensão, de seus habitantes como os “não cidadãos”. Ao mesmo tempo, a cidade das classes média alta, com seus gramados verdes, árvores e cercas brancas, prossegue

²²³ Fragmento do rap “Mágico de Oz”.

²²⁴ Fragmento do rap “Capítulo 4, Versículo 3”.

positivamente caracterizada como se representasse em si toda a “essência” do que é a “cidade verdadeira”.

Lutar pelo espaço urbano não só físico, mas também simbólico, é pauta de diversos movimentos, como o *hip hop*, os movimentos de reforma urbana, os sem-teto, entre outros, revelando uma articulação fundamental para que se garanta o direito à cidade.

Num programa jornalístico sobre a Comunidade do Capão Redondo, nota-se que a luta das pessoas comuns por esse direito parece se intensificar ainda mais face à ausência do Poder Público. Esse fator pode contribuir para que se crie um espaço horizontalizado de grande empoderamento e união. Antes do início do diálogo abaixo transscrito, o entrevistador (que, inclusive, é o famoso *rappor* Thaíde) se admira ao ver um grupo articulado de moradores ajudando outros deles a reformarem a estrutura física de suas moradias. Em seguida, pergunta a Mano Brown (que ainda frequenta seu bairro de origem) e a Alex, morador do Capão:

THAÍDE: E o poder público, tem chegado junto?

MANO BROWN: no mínimo 10 anos atrasados. **O poder público é “nóis”. Não é o poder público, é o poder do público.**

ALEX: Há 15, 18 anos atrás, o poder público veio aqui e só numerou as casas: 1,2... 14, 16... Nunca mais voltou.

THAÍDE: e o que melhorou de antigamente pra cá.

ALEX: Vixe, de antigamente pra de hoje, melhorou pra caramba, mano.

MANO BROWN: mas não poderia ser diferente né, Alex? O mundo mudou. Passou “20 ano” [...] E o Capão não vai melhorar nem um pouquinho? Perto do que era pra melhorar, melhorou 1%, vê. **O mundo andou 300 km pra frente, nós andamos 3. Quem fez a mudança foram as pessoas, não foi o governo** (A LIGA, 2011, grifo nosso).

A luta pela cidade, junto à luta pelo território, por serviços públicos e por condições materiais de vida, deve abranger a *luta contra o discurso* que coloca a periferia como o lugar social *destinado* à pobreza, violência, ignorância, drogas, e outros infundáveis estigmas usados comumente na “conceituação” deste espaço. Isso porque o discurso também é prática social, para além do simples texto.

Ou seja, os estigmas *territoriais* não ficam apenas no campo dos conceitos, mas lançam raízes nas relações cotidianas.

É nesse embate discursivo-prático que entram os Racionais. Embora a “quebrada” seja caracterizada por eles como um espaço dos “pesadelos reais”, do “holocausto urbano” (expressão que nomeia um de seus álbuns), isso é feito de forma crítica e contextualizada, enxergando-se a periferia sob a ótica mais ampla e dialética das relações sociais:

a poesia do grupo quer inscrever-se no mundo a partir da valorização de diversos aspectos da vida nos guetos e das relações das pessoas no circuito da cidade. [...] daí a tentativa de deixar marcas visíveis num mundo historicamente discriminador que desvaloriza o “outro” em suas mais diversas manifestações e o transforma em um invasor (NASCIMENTO, 2006, p. 25).

A periferia, portanto, não é só um “campo minado”. É também uma escola de vida. Um local de produção de rationalidades poéticas, de onde brota não só ritmo e poesia, mas também ritmo e política. Neste espaço, forja-se uma cultura crítica que estabelece parâmetros próprios de análise dos problemas sociais e busca formas também peculiares de enfrentamento deles, superando-se, conscientemente ou não, a guetização e fragilização a que são confinados tais territórios e seus moradores. A superação se dá, especialmente, pela construção de um vínculo de “pertença” ao território urbano periférico muito mais intenso que o comum. Tanto é assim que o ato de fugir destes espaços - ainda que “campos minados” - equivale a fugir de quem se é. É trair a si mesmo:

Essa porra é um campo minado/ Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui/ Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho/ A minha vida é aqui e eu não preciso sair/ É muito fácil fugir, mas eu não vou/ Não vou trair quem eu fui, quem eu sou/ Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim, ensinamento da favela foi muito bom pra mim²²⁵ (RACIONAIS MCs, 1997).

Observe-se como o *rap* trava uma relação íntima e permanente com este território: “Mesmo céu, mesmo CEP, no lado sul do mapa/ Sempre ouvindo um rap para alegrar a rapa”²²⁶ (RACIONAIS MCs, 2002).

Porém, longe de servir exclusivamente para alegrar seus moradores, o *rap* se presta à valorização e visibilidade do espaço periférico e, assim também, de quem pertence a ele. Para

²²⁵ Fragmento do *rap* “Fórmula Mágica da Paz”.

²²⁶ Fragmento do *rap* “Da ponte pra cá”.

tanto, não hesita em cantar a tristeza e a alienação que a “rapa” sofre. O *rap* “Periferia é Periferia” deixa isso claro: “Este lugar é um pesadelo periférico/ Fica no pico numérico de população/ De dia a pivotada a caminho da escola/ À noite vão dormir enquanto os manos ‘decola’/ Na farinha... hã! Na pedra... hã!”.

Como forma constitutiva de seu “dizer” peculiar, o discurso do *rap* marca territórios e, ao fazê-lo, redefine paradigmas, “re-enviesa” olhares. Valorizar e dar rosto à periferia é um processo ambíguo e permanente no discurso dos Racionais, em que se tensionam a face subcidadã da periferia e sua outra face: um espaço de pessoas conscientes e ávidas por batalhar e pertencer ao mundo. Nesse sentido, é notável como dois diferentes *raps* dos Racionais, a despeito de iniciarem seus versos de formas idênticas, revelam perspectivas muito distintas acerca do mesmo território. Primeiramente, o *rap* “Periferia é Periferia” caracteriza-o da seguinte forma:

“Milhares de casas amontoadas”

Periferia é periferia.

“Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar”

Periferia é periferia.

“Em qualquer lugar. Gente pobre”

Periferia é periferia.

“Vários botecos abertos. Várias escolas vazias.”

Periferia é periferia.

“E a maioria por aqui se parece comigo”

Periferia é periferia.

“Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?”

Periferia é periferia...

“Aqui meu irmão é cada um por si...”

Periferia é periferia...

“Molecada sem futuro eu já consigo ver...”

(RACIONAIS, 1997, grifo nosso)

Por sua vez, o *rap* “Fim de Semana no Parque”:

Milhares de casas amontoadas

Ruas de terra esse é o morro

A minha área me espera

Gritaria na feira (vamos chegando!)

Pode crer eu gosto disso, mais calor humano
 Na periferia a alegria é igual
 É quase meio dia a euforia é geral
 É lá que moram meus irmãos, meus amigos
 E a maioria por aqui se parece comigo
 E eu também sou “bam bam bam” e o que manda
 O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
 Preste atenção no repique atenção no acorde
 (RACIONAIS, 1993, grifo nosso)

Para o *rap*, portanto, a periferia é assumidamente esse território de ambiguidades. Ela não é, como pretende o discurso do senso comum, “maldita” em si mesma, o espaço dramático da negatividade, lugar que deve ser escondido, onde mora a escória social. É um lugar de euforia, calor humano, luta e samba. Porém, nunca deixa de estar presente, de forma ainda mais marcante que a caracterização positiva, o espelho da realidade que mostra criticamente as relações sociais que envolvem o espaço periférico.

Como se viu, as demarcações da “quebrada” vão muito além das marcas físicas concretas: adentram o campo simbólico. Assim também, a marca lingüística dos “manos”, presente no *rap* dos Racionais, revela outras: epidérmicas, culturais, socioeconômicas, dentre tantas que compõem a ampla totalidade dos territórios periféricos, físicos e existenciais que opõem os “manos” dos “playboys”. Dessa forma:

A própria linguagem cifrada, repleta de gírias, com incorreções gramaticais, um dialeto, como está dito na canção “Negro drama” será uma forma afirmativa da cultura desses territórios excluídos dos mapas do lado bom das cidades. As gírias auto-protetoras revestem-se de outras possibilidades, já que são parte de uma formação discursivo-poética que define categorias aparentemente invisíveis ou imperceptíveis aos olhos e ouvidos da classe média acuada em carros fechados, em condomínios blindados ante a ameaça que vem das ruas e guetos. (NASCIMENTO, 2006, p. 7)

Nesse sentido, a oposição “mano-playboy” ganha destaque no *rap* “Da ponte pra cá”, cujo título é situado no território, de modo bastante pertinente:

Playboy bom é chinês, australiano/ Fala feio e mora longe/ Não me chama de mano./
“E aí, brother, hey, uhuuul!/ Pau no seu...” aaai! [...] / Ô, vem com a minha cara e o

din-din do seu pai/ Mas no rolê com nós cê não vai/ Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar/ Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu? (RACIONAIS MCs, 2002, grifo nosso).

O “playboy” representa o forasteiro que, de tão estrangeiro, é a imagem perfeita do “peixe fora d’água”, não conseguindo nem mesmo se comunicar no território periférico. Isso ocorre porque, por ser oriundo de um lugar urbano tão distante e diferente - que parece até outro país -, acaba falando outro *idioma*, estranho ao da periferia: “chinês, australiano, fala feio e mora longe”.

Junto a isso, nota-se neste mesmo *rap* uma lógica utilitarista, que se expressa em explorar e aproveitar o dinheiro do “estrangeiro” (“vem com a minha cara e o din-din do seu pai”), porém sem lhe permitir entrar, tampouco reconhecer como seu o espaço que não é só periférico, mas *dos periféricos*. Não apenas fisicamente. Sobretudo, valorativamente.

Essa diferença se constroi a partir da superioridade dos *manos* sobre os *boys*, numa pretensão subversiva dos valores. O branco, rico, heroi da sociedade e integrante da elite é, nessa situação, reposicionado pelos que historicamente ocupam a *periferia* social. Assim, o *boy* é colocado na posição de excluído, explorado e até ridicularizado por tentar se portar como um *mano*. Por tentar se conduzir de uma maneira que, para ele, pode ser só mais um modismo, mas para os periféricos, é um verdadeiro valor, um modo de vida (NASCIMENTO, 2006).

O *rap* em questão, “Da ponte pra cá”, se localiza de modo interessante no álbum “Nada como um dia após o outro dia” (2002): é a última música e fica imediatamente após um trecho falado em que são feitos diversos “salves” a uma extensa lista de pessoas e suas respectivas “quebradas²²⁷”. A partir daí, a voz ácida de Brown dá início ao *rap*: “A lua cheia ilumina as ruas

²²⁷ Essa é para os manos daqui (muito amor e saúde, fé em Deus, esperança)/ Essa é para os manos de lá (estão com Deus... em todo lugar)/ Com certeza, a hora é essa nego, demoro/ Viva!/ Astros convidados Só o sol com futebol e doce pra molecada/ Muito respeito para Trutás e Quebradas (é quente)/ Jardim Vaz de Lima, Três Estrelas, Imbé, Paranapanema, Parque, Jardim Lídia, Bela Vista/ E aê Lô, Dão, Silvão, Luis, Jacaré, Edston, Jura, Ivan, Kiko, Rodrigo, Família Pessoa mó respeito/ Família Jesus, família Andrade, Joãozinho, Rogério, Rodne, Kiko, Ed, Seu Veleci brilha no céu/ Cássio, Bola, Perninha, Jarrão, Celsa ta ae diz ae bandido, Chácara, Casa Verde, São Bento, Independência, Grajaú, Vila São José, Morro São Bento de Santos e ae toda a rapa/ Juninho, Dinho, Rafa, Mala, Vitor, Roberto, Marquinho, Davi, Meire essas são as pessoas que tricô nas horas dificéis, certo?/ Valdir, Sandra, Bebe e Fátima, Time Tranbicagem, Diego, Pachá, Larrói, Wilian, Cora, Paulinho, Bicudo e Tico e Catraca, Fernando, Lobão, Paulinho, Mateus só os fortes sobrevivem, Tia Vilma, Tia Maria e Tio Celso/ Não sei de nada/ Não salvo e amo quem me ama/ Desprezo o zé polvinho e amo a minha quebrada/ Obrigado Deus por eu poder caminhar de cabeça erguida/ Ae Jaçanã, Serra Pelada, Jardim Ebron de fé/ Firmeza Valcinho/ E ae 9 de julho, é nós/ Wellington, Pulguento, tá valendo/ Calibre do gueto, Raciocínio das ruas, Relatos da invasão... é a caminhada certa/ Serrano, resistente, firmão/ Ei, Valdiza sem palavras hein/ Jairão tá no coração, irmãozão/ Garotos de periferia sacode a rede que vocês são o amanhã, certo?/ Vila Mazzei forte abraço Jó/ Marcelo boy, Jardim Tremembé te

do Capão/ Acima de nós só Deus, né não?”. A canção é quase um poslúdio e parece, à primeira vista, não guardar relação com as demais. Mas, na verdade, delas não se desliga, tampouco da obra do grupo como um todo. Isso porque traz um forte chamado ao pertencimento territorial e à afirmação do *ethos* da periferia. É inegável que todos os *raps* dos Racionais, ainda que não seja essa sua temática principal, trazem consigo, de algum modo, a marca territorial periférica.

Como se vê no trecho acima, a “quebrada” - no caso, o “Capão” - é um lugar físico e existencial que está acima de tudo, à exceção de Deus. Portanto, não é qualquer pessoa que pode compartilhar desse importante *status* de pertencimento. Ele não é conferido às pessoas que vêm de outros lugares, ou mesmo àquelas que são da periferia, mas não o merecem. É por isso que a intensidade da relação periférico-periferia, a princípio *fisicamente* territorial, se mantém enraizada na *existência* daqueles que são de lá, ainda que um dia vão embora, como canta o *rap* “Negro Drama”: “O dinheiro tira um homem da miséria/ Mas não pode arrancar de dentro dele a favela”.

espera/ Cachoeira, ei Déodo muita fé hein/ Voz Ativa, Pasto, Nova Galvão, Resgate Negro/ Jalwa última chance, Vila Zilda, Piquiri, Richard, Nino, Madá daquele jeito/ Fontales, Lakers, Zé Hamilton, Luis Barba, Vila Sapo valeu/ Claudinei, Sidnei, Mário Jardim Perí, Branco da Rocha, Anderson de Itu, Jackson esqueleto de Porto Alegre muita treta/ Cristiano, Santista, bairro do Limão, Dona Dóris e Seu Ourides cuidando da molecada/ Itaquera, Cidade Tiradentes, São Miguel, São Mateus, Mauá, Santo André/ E ae Edson, pq não?/ Zona Sul... e ae Zona Sul Zona Oeste firmão/ Cumbi, Carujá, Cocaia, Natanael movimento de rua/ Miltão Costa Norte, Edmilson, Albertão de Guarulhos, Cidão de São Miguel/ 509-E e todos aqueles que fortalecem o hip-hop/ aí, firmezão é nós/ Alô alô, um, dois, um, dois (tu vutum vutum vutum)/ Ae Diadema, Gildão, Alexandre/ Toda rapa do clube do rap valeu mermo, hein?/ Alô alô Zona Leste, Itaquera/ Codorna, Xis, Treze, Duda, Eltão, Fabinho, Tupac da Coab/ pô esqueci dos demais, mas aí desculpa aí, tá no coração hein/ E aí Tucuruví, Zona Norte/ Jó, Adí, Baiano, Dodô, Miliano hein, Claudinei, Sidnei, Zé, Cebola, Panão/ E aí Fubá, achou que eu não ia lembrar truta? Cê tá ligado né/ E ai Lauzane saudades dos que se foram e dos que ficaram muito respeito, hein/ À toda Zona Oeste páá/ Alô alô nani, firmeza total/ Zona Sul sem palavras, muito obrigado pelo respeito hein/ Mas aí, bora ir então? Firmão/ Alô alô Coyote, Décio, Jeferson, Ébano, Núbio, James, Rappin Wood/ Johnny Mc, Camal, Max PO, JL, Paulo Brown, Meire, Micheli, Levir, Fátima, Tatiane, Cebola, Sabotage,/ Sombra vivo aí/ À Jesus Cristo que não me abandona/ Vila Fundão Caio, Japonês, Corró, Binho, Keu, Carlito,/ Du, Ronaldo, Vagner, Chibimba, Cacá Palmeirense, Gatula, Paraibinha, Jardel, FF, Davi, Sóssa, Fubá,/ Valtinho, Vandão, Paulo Magrão, Rua Aglicio em peso, Ceblolola, Gordo/ Aí rapa, aí negredo, Natal, Nelsinho, Lecão, toda rapa da sabinha/ Charles, Richard, Neno, Gordinho, Alan e os irmão cara de pau/ Toda rapa que cola na barraca do Saldanha/ A rapa do Rosana, Valquiria/ Paz para o Jardim Irene/ Rosas, Macedônia, Maria Sampaio aí primo Edson, Cesinha, Ratinho/ A rapa do engenho, Jerivá, Aurélio, Sora, Cone, firmão Coab/ Paí, Parque Fernanda, Comercial, Benê, Jota, Araponga, Wiliam, firmão Pirajuçara, família Santa Rita, Di, Ivan,/ Selé, Alex, Boi, Jó, Márcio, Marcílio, Mimi, Gege, Daniel, Miltinho, Paulinho ae Santo Eduardo/ Firmão tuá, firmão Ricardo, Nirron esteja em paz/ Campinho, Beira Rio, Vietnam, Rua Alba, Souza Dantas/ Aí Jardim Evana, Santa Ifigênia, Ipê, Novo Oriente, Regina, Jardim Ingá, Maria Virgínia, Morro da Puma, Favela da Coca-cola, Morro Dunga, Morro da Macumba, São Vitor, Pedreira eterna morada/ Jardim Santa Teresinha, Jardim Apurá lugar lindo hein/ Família Camorra, Charuto, Dinho Lê, Família Sem Querer, Família da Joainiza,/ Testa, Fábio Gordo, Sete Vida/ Aí Josias, aí Scooby Doo, Serginho, firmão Edinho/ Zé Roberto, Tico, Rock, Marquinho, Neto, Leci, Guineto/ Deus abençoe a todos, obrigado pela companhia/ Estamos encerrando nossas transmissões./ Lembrando que a dama mais glamurosa da noite é a própria noite./ Tenham um bom dia!

No *rap* “Da ponte pra cá”, o aspecto territorial é de central importância para que se apreenda seu sentido. Segundo Leite, a expressão “Da ponte pra cá”, à semelhança de “Vida Loka”:

repercuteirá não só no rap brasileiro como em toda a sintaxe periférica incorporando-se ao vocabulário que define o sentimento e a condição dos que vivem nas periferias e se reconhecem como pertencentes a uma cultura com características definidas, antes de tudo, pela geografia (LEITE, 2013).

A expressão também abriga uma significância muito forte à medida que, em São Paulo, da ponte João Dias “pra lá” de quem se pronuncia a partir do Capão Redondo, fica o Centro Empresarial, conglomerando escritórios de grandes empresas nacionais e multinacionais. Pra cá, fica o Capão, um mundo bem diferente, onde a vida é mais difícil. Onde o querer até existe, mas não vale muita coisa, já que não se tem - e, por consequência, não se é - quase nada: “*Não adianta querer, tem que ser, tem que pá/ O mundo é diferente da ponte pra cá/ Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar/ O mundo é diferente da ponte pra cá*²²⁸”.

O termo “ponte” ganha ainda mais sentido quando se considera o todo da capital paulista, onde existem 34 pontes sobre os rios Tietê e Pinheiros, os quais margeiam o centro expandido e separam a periferia. A ponte João Dias é apenas uma delas (LEITE, 2013). Interessante notar que, ao mesmo tempo em que une, a ponte separa. Ela permite o ir e vir num nível acima do chão, colocado em razão da necessidade de se superar algum obstáculo da via terrestre que impede o trajeto normal.

Durante certo tempo, o “Sarau da Cooperifa”, mais antigo e maior sarau literário da periferia paulistana, realizado na Chácara Santana, vizinha ao Parque Santo Antônio (Zona Sul), tinha um interessante “lema”: “*Nós é ponte e atravessa qualquer rio*” (LEITE, 2013).

A metáfora da “ponte”, novamente carregada de sentido, expressa a coragem que permite aos periféricos trafegarem não só pela ponte João Dias, mas por qualquer outra que os separe do lugar a que queiram chegar. E este lugar não é meramente um território físico, mas se compõe por um conjunto de lugares imateriais passíveis de concretização: paz, direitos, poder, cidadania, dignidade etc. Enfim, dimensões que cotidianamente são subtraídas dessas pessoas,

²²⁸ Fragmento do *rap* “Da ponte pra cá”.

mas nunca impossíveis de alcançar. Pois sendo o rio um obstáculo, com a união da grande fratria (“*nóis* é ponte”), é possível atravessá-lo.

BATIDAS E ACORDES NO RITMO DE UMA CONCLUSÃO

“Eu ainda tenho um problema que é o seguinte: não tenho papa na língua, não tenho medo da verdade. E quem não gostou, come menos que aí faz bem pra saúde.”

Bezerra da Silva

A construção deste trabalho foi acompanhada por uma constante metáfora: à surdez do Direito responderam vozes em coro, em gritos.

Para além da construção de conhecimento acadêmico, este trabalho pretendeu contribuir para a ressignificação do que se entende, de modo canonizado, por Direito. Ampliaram-se, ao menos no âmbito deste trabalho, os componentes de um coral que é tradicionalmente estatal e jurídico, a partir da consideração de vozes não institucionais no debate sobre diversas questões.

Buscou-se ampliar não só o coral de vozes, mas também o conteúdo do que tradicionalmente é cantado pelo discurso jurídico. Ou seja, buscou-se ampliar aquilo que normalmente preenche as discussões sobre o que é e o que deve ser o Direito, à medida que uma pluralidade temática ambientou as reflexões “jurídico-musicais”.

Em busca do que é o Direito para as populações juridicamente mudas, pudemos sentir que determinadas temáticas apareciam de modo constante nas letras das músicas, relacionadas de alguma forma a noções de justiça, desigualdades e ao universo jurídico-estatal como um todo. E o mais interessante: as perspectivas “musicais” revelaram um constante viés crítico.

Nesse sentido, as vozes não institucionais puderam nos ensinar que pensar o Direito envolve discutir o fenômeno do crime e sua repressão pelo aparato jurídico-estatal, sendo este o “rosto” com o qual o Direito mais se apresenta cotidianamente às populações marginalizadas.

Pensar o Direito também significa discutir o que é e o que deve ser o Estado, por que ele parece estar sempre tão vinculado ao “mercado” e por que tem sido tão ausente em determinados lugares sociais.

Pensar o Direito é discutir por que se forjam legalidades paralelas no seio do ordenamento jurídico oficial.

Pensar o Direito é discutir a exclusão e a desigualdade que permeiam as relações de raça no Brasil, há tanto tempo presentes em nossa história, apesar dos esforços normativos para o tratamento da questão.

Pensar o Direito é entender que existe um sistema econômico vigente que desiguala pessoas em sua cidadania, excluindo parte delas não só da participação econômica da vida social, mas também da jurídica.

Pensar o Direito é discutir criticamente as noções de pertencimento ao território, entendendo como se articularam e continuam se articulando os processos de ocupação urbana. É discutir a geografia e a arquitetura da exclusão, bem como as funções que o Estado e o mercado desempenham nos processos relacionais e urbanísticos envolvendo os territórios.

A oitiva de *outras vozes* nos ensinou também, confirmando alguns pressupostos, que pensar o Direito e pensar a sociedade são um mesmo processo. Auxiliou-nos a compreender o Direito a partir da perspectiva da totalidade, o que implica perceber o seu pertencimento ao sistema social, não sendo possível entendê-lo sem se recorrer constantemente às relações entre o jurídico e o social.

Como o pensamento se liga estreitamente à atividade humano-prática, entendemos que pensar criticamente o Direito, a partir das discussões feitas neste trabalho (e acima sintetizadas), implica também *praticá-lo* de forma crítica.

Constatamos a surdez do Direito de Apolo e Teodoro. Provavelmente, se houvesse uma metáfora que simbolizasse o que este Direito canta em geral, na sua prática cotidiana, ela seria a de uma voz desafinada a determinadas demandas sociais (e jurídicas também, considerando-se a belíssima Constituição Federal de 1988).

Mas será que essas “outras vozes” que aqui cantaram o Direito e gritaram para ele à sua maneira, são coerentes e “afinadas”? Pareceu-nos que sim e que não.

A perspectiva crítica da realidade se mostrou presente nas letras analisadas e, nessa medida, revelou uma visão emancipadora no tocante às temáticas eleitas. As representações musicais do jurídico e do social, em Bezerra da Silva e Racionais, foram preponderantemente construídas de forma consciente em relação ao papel do Direito e do Estado, às desigualdades, à espoliação e à necessidade de luta por direitos. Mas, em alguns

momentos, revelaram uma incapacidade de perceber, com suficiente força/otimismo, a importância de se lutar de modo radical²²⁹ e, ao mesmo tempo, dialogal.

Dessa forma, a crítica, especialmente nos Racionais MCs, acaba sendo, em muitos momentos, pessimista e de tom “raivoso”. Ela até vai em direção à transformação, mas corre o risco de parar, desanimada, no meio do caminho. A resolução dos inúmeros problemas parece difícil, e ainda que se saiba que a união dos grupos marginalizados é fundamental, muitas vezes proposições de cunho mais sectário e moralista parecem se justificar. Assim, o apelo do enunciador do *rap* dos Racionais muitas vezes vai para o indivíduo, ou mesmo para o grupo de manos, para que *ele* não seja violento, apegue-se a Deus, tenha sorte, fuja das drogas, do crime... Por sua vez, o poder público muitas vezes é visto como algo que está lá longe, um inimigo conluiado com as elites econômicas, para o qual se direciona maior parte das críticas, mas para o qual quase nunca se direciona o *apelo* real e direto. Dessa forma, em torno deste ente não se criam muitas expectativas de transformação social, o que contribui para que as propostas de superação não consigam ser radicais, assim como são as críticas.

Claro que isso pode ser explicado quando se considera que a proposta do *rap* é falar pelos periféricos (transmitindo ao mundo sua realidade e sentimentos de forma artística), e para eles (transmitindo a eles mensagens, valores etc.). A proposta primordial do *rap* não é dirigir diretamente sua fala para o poder público.

O *rap* dos Racionais dá voz à criminalidade e muitas vezes a explica com sabedoria e viés criminológico crítico. Mas, noutros momentos, também a condena, em tom moralista, como se a escolha pelo crime fosse uma solução maldita, rápida e fácil. Para os fracos, portanto.

Outra contradição: o *rap* faz a crítica anticapitalista, mas, ao mesmo tempo, traz em algumas letras os desejos de sucesso e riqueza tal como são pintados pelo capitalismo.

Por sua vez, Bezerra da Silva e seus compositores também fazem bem a denúncia da realidade e a crítica aos aparelhos jurídico-estatais. Mas, por vezes, não fica tão clara a radicalidade de sua crítica, tampouco a proposição de alternativas à realidade posta.

Mas, mesmo sem direcionar expressamente o discurso no sentido de dar soluções às problematizações, e mesmo sem permitir muito o diálogo com o instituído, podemos afirmar

²²⁹ No sentido não vulgar e pejorativo, mas etimológico do termo “radical”: relativo ou pertencente à raiz ou à origem; original; que parte ou provém da raiz; relativo ou relacionado com o fundamento, a origem; fundamental, básico (HOUAISS, 2009).

que a arte de Racionais e Bezerra *convida a agir*. Mas não só: ela também é, a seu modo e com suas contradições, a própria ação, a própria luta²³⁰. Pensar o contrário é render-se a um pensamento eivado de “europeísmos”, que não entende nem se abre às potencialidades políticas e emancipatórias da arte popular, especialmente no contexto brasileiro²³¹.

Dessa forma, a despeito das contradições/desafinações nessas *outras vozes*, é importante reconhecer os ganhos *democráticos* deste exercício não convencional de oitiva. A fala de interessantes porta-vozes das periferias foi colocada como objeto central num trabalho que se entende por jurídico e científico, o que já é um ganho por si só. Mas, mais ainda: a proposta de buscar aberturas face às concepções canonizadas do Direito, trazendo uma perspectiva não só artística, mas popular e marginalizada para dentro da reflexão e crítica jurídica, *respondeu ao incômodo* que deu início a este trabalho (e que tem nos acompanhado desde o início da Graduação). Pois a surdez do Direito foi respondida aos gritos. Gritos contraditórios, por vezes, mas extremamente conscientes e com interessantes potencialidades emancipatórias.

Alguém me indagou, depois de descobrir o que eu pesquisava: “mas você não foi até a favela ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre o Direito, sobre o capitalismo, o racismo, a polícia? Não fez entrevistas estruturadas? Não fez uma exaustiva revisão bibliográfica sobre cada uma das temáticas? Desse jeito você terá *apenas sensações* de que isso ou aquilo é ou não a *verdadeira* opinião dos marginalizados... você só ouviu músicas, oras”.

²³⁰ Como já se viu, os dominados que se envolvem na luta pela hegemonia participam de um interessante fenômeno: mesmo quando percebem a dominação e lutam contra ela, podem acabar mantendo a ideologia dos dominantes. Como afirma Chauí (1980, p. 127): “Uma classe é hegemônica não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado (isto é, o controle jurídico, político e policial da sociedade), mas ela é hegemônica sobretudo porque suas ideias e valores são dominantes e mantidos pelos dominados até mesmo quando lutam contra essa dominação.

²³¹ “Em minhas pesquisas em Cururupu, estudei pajés e pajelança, daí parti para o estudo da política, das eleições, das festas e do carnaval, sem esquecer, é claro, do reggae, ritmo mais apreciado na cidade e no estado do Maranhão. Tudo isso me levou a travar várias discussões teóricas. Cheguei a contestar algumas hipóteses correntes nas ciências sociais brasileiras. No começo critiquei a ideia de que as classes populares têm um baixo engajamento na política – tão antiga quanto as primeiras ‘explicações’ sobre o Brasil. Basta lembrar do estudo de José Murilo de Carvalho (2000), ‘Os Bestializados’, cujo título inspirou-se na frase de um comentarista da época, segundo a qual o povo assistiu ‘bestializado’ à Proclamação da República, indicando sua total falta de engajamento com o processo. Para construir esta crítica tentei argumentar que as festas e outros mecanismos de mobilização popular levavam a uma articulação política. Essa articulação não se dava pela mesma via da cidadania conhecida nos países europeus ou outros de primeiro mundo, mas era uma participação – e forte. Assumi que para os pesquisadores brasileiros se darem conta dessa participação popular, teriam que abrir mão de vários cânones herdados da maneira de pensar produzida nesses países centrais. Minha intenção tem sido verificar como as formas de cultura tradicionais, que geralmente se realizam através de algum tipo de festa ou ritual, se articulam com instituições modernas como a política” (CORDOVIL, 2007, p. 257).

Ao que respondo: tive, sim, ao fazer a análise, sensações. Múltiplas. Diversas delas. Mas acredito que as sensações não devem ser desprezadas pelo saber científico, nem ser “dicotomizadas” em relação a ele. Além disso, não acredito que a pretensão da ciência, pensando o presente trabalho, seja chegar à “verdadeira” opinião dos marginalizados. Esse pensamento que tem uma gaveta exata para separar o “verdadeiro” do “falso” é herança do racionalismo da modernidade *iluminada*. Há uma metáfora interessante para se ilustrar sua debilidade: o barroco. Uma das características deste movimento artístico é a progressividade da luz, havendo um jogo sutil entre o claro e o escuro. Como diria Maffesoli (1998, p. 38), a partir do aprendizado barroco, “não se poderia melhor ilustrar a crítica de um racionalismo totalmente incapaz de compreender o ‘claro-escuro’ de todos os fenômenos sociais”.

Sob o rastro da dicotomia entre o saber/ciência e a vida ordinária, entre os aspectos sensíveis da experiência e os aspectos intelectuais e racionais, construiu-se o racionalismo científico. Esse poder separador que vem constituindo a arma do pesquisador, desde o paradigma moderno: seu trabalho está em recortar, distinguir, catalogar (MAFFESOLI, 1998, p. 40). Assumindo tal postura que se conforma em separar o que é suposto ser o certo do errado, o verdadeiro do falso, o racionalismo negou a correspondência sem fim que é a vida, negou sua complexidade, polissêmica e plural.

O racionalismo instaurado pela modernidade quis definir quais “razões” ou “saberes” estariam aptos a conquistar o status de ciência. Aqueles que não tivessem as condições de possibilidade para alcançar tal posição foram relegados à condição de saberes de segunda classe, de senso comum, sem aptidão para orientar a vida humana. Assim, diversos aspectos da experiência humana foram negligenciados: “Foi uma dicotomia que marcou todos os tempos modernos: o pensador não vivia e, quando vivia, não pensava mais. Do mesmo modo, ou bem se fazia teoria, ou bem se fazia literatura” (MAFFESOLI, 1998, p. 58).

O maior medo desse pensamento “moderno” - ainda tão atual e presente nos mais diversos meios - é o retorno ao “caos primordial” que só a razão sabe pôr em ordem. Tudo o que ameace ou relativize esta ordem é potencialmente suspeito. Porém, há um perigo sempre latente nessa postura epistemológica: ignorar que é a própria vida que acaba sendo, aos olhos do intelectual, suspeita, pois ela nunca se dobra a uma ordem abstrata (MAFFESOLI, 1998, p. 41-44).

Nesse sentido, acredito que a mistura bastante humana e vital de sensações e reflexões suscitadas ao longo da pesquisa, levando a sério a *sensibilidade* envolvida neste exercício, trouxe ganhos *democráticos* para as discussões jurídicas e sociais aqui propostas. Mas o adjetivo destes ganhos não se refere a qualquer democracia.

A democracia que tradicionalmente se vincula ao Direito – nos limites da versão liberal de mundo – acaba por apresentar-se como a concretização histórica de um “Estado Democrático” que, como tal, se assegura por meio dos mecanismos do “Estado de Direito”. Isto é, na concepção jurídico-liberal da democracia, a ordem política fica reduzida à administração legal do poder do Estado. De modo contrário, *a versão carnavaлизada da democracia se abre para o espaço de criação do Direito*. Enquanto a concepção jurídico-liberal da democracia mostra os Direitos instituídos, a carnavalização inventa, ou melhor, mostra a possibilidade de inventá-los permanentemente (WARAT, 2004b, p. 144).

Luis Alberto Warat, em sua proposta de “carnavalização jurídica”, pretendeu formular uma prática democrática das significações, que se desenvolve num *duplo movimento*. Primeiro, é feita a crítica, o combate, a denúncia e a resistência em relação à discursividade e às práticas sociais postas. Depois, busca-se desenvolver uma prática coletiva descentralizada e desierarquizada de produção dos discursos e, assim também, de produção das práticas sociais (WARAT, 2004b).

Entende-se que este trabalho chegou ao primeiro movimento da formulação waratiana. Fez-se a denúncia da realidade que muitos se recusam a ver; criticou-se o Direito a partir de vozes não institucionais; operou-se a resistência à ordem hegemônica de discursos e, assim, à ordem hegemônica de práticas sociais.

Já em relação ao segundo movimento, muitos fios ficaram soltos²³², muitas notas sem acordes, considerando-se o que foi construído aqui. Nesse sentido, diversas perguntas ainda podem ser suscitadas a partir do material já trabalhado: como poderá o Direito, a partir das críticas e denúncias feitas, das sensações e sentimentos obtidos pela análise da arte popular, transformar a si mesmo e, assim, ajudar na construção de processos de transformação social? De que maneira/com quais instrumentos o Direito poderá se apropriar das sensações e reflexões, enfim, dos resultados dessa oitiva crítica das vozes marginais? Será a democratização discursiva

²³² A própria proposta waratiana, neste segundo movimento, também parece bastante “solta” e aberta sob a perspectiva do conteúdo, da valoração. Afinal, o que significa exatamente uma prática coletiva e desierarquizada de produção dos discursos?

um bom começo para a democratização das relações sociais de forma mais ampla? Como estas “democratizações” poderão ser também capitaneadas pelo Direito?

Esses são alguns dos questionamentos que podem ser lançados a partir da análise do material aqui redigido e interpretado. A condição primordial para que uma pesquisa nas ciências humanas cumpra seu caráter ético e científico é que suscite novas perguntas a partir das conclusões que tentou formular (SILVA, J. B, 2012). Nesse sentido, uma pesquisa nunca termina, é uma música que ressoa eternamente, afinada à perspectiva do movimento permanente (LÖWY, 1996). Esperamos que as páginas aqui compostas e cantadas possam provocar ainda outras reflexões, possibilitando novas construções para se pensar e praticar o Direito.

Mas que ele seja de Dionísio e Vadinho.

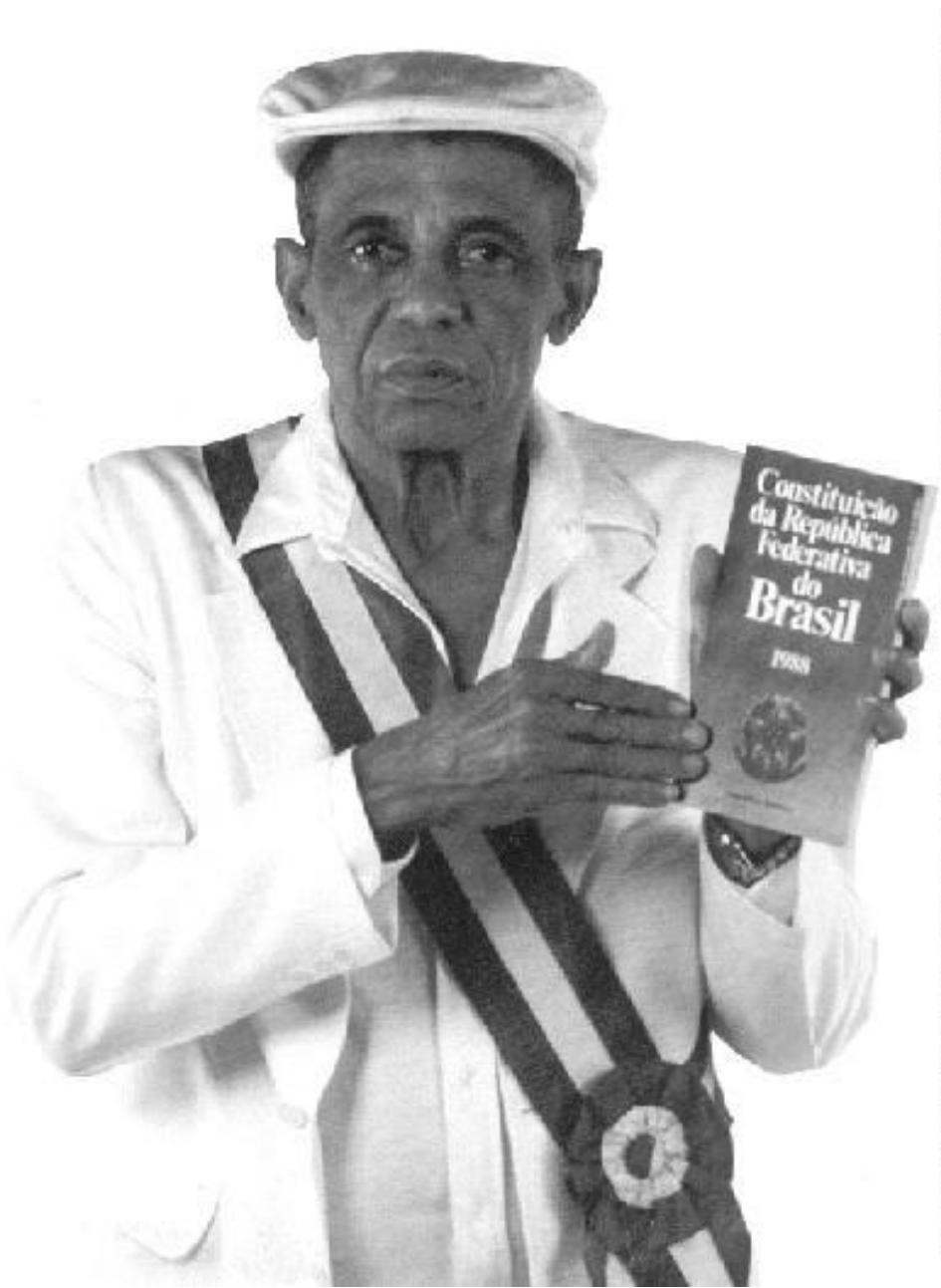


Figura 6. Bezerra da Silva e a Constituição Federal de 1988.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Adriana. **Crime de racismo tem poucas condenações.** Disponível em: <http://www.aasp.org.br/aasp/imprensa/clipping/cli_noticia.asp?idnot=3834>. Acesso em 13 jul. 2013
- ALVES, Alaor Caffé. **Estado e ideologia:** Aparência e Realidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ALVES, Nancy. **Samba:** do batuque à batucada. Pequena história do samba. Disponível em: <<http://aochiadobrasileiro.webs.com/AgradecimentosHistoriasEtc/HistoriadoSamba/Historiadasamba.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2013.
- AMÂNCIO, Devanir. **Vc repórter:** empreiteira abandona obra da Sabesp estimada em R\$ 26 mi. Reportagem de 08 de Maio de 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/vc-reporter-empreiteira-abandona-obra-da-sabesp-estimada-em-r-26-mi,36029c1e1c48e310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- ANDRADE, Elaine Nunes de. **Movimento negro juvenil:** um estudo de caso sobre jovens *rappers* de São Bernardo do Campo. 1996. 317 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- _____. Arte e Educação: A Experiência do Movimento Hip Hop Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes (org.). **Rap e educação, rap é educação.** São Paulo: Summus, 1999.
- ANDRADE JÚNIOR, José Roberto Porto de; BORGES, Paulo César Corrêa. Caminhos para superação do falso dilema entre *juspositivismo* e *jusnaturalismo*. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 136, a. XII, p. 56-63, set. 2012.
- ANTUNES, Paulo de Bessa. **Uma nova introdução ao direito.** Rio de Janeiro: Renovar, 1992.
- ARAÚJO, Marianna; CASTRO, Vitor. **Maré de Terror.** Reportagem de 01 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13402>>. Acesso em: 03 jul. 2013.
- AZEVEDO, Lena. **Jovens negros na mira de grupos de extermínio na Bahia.** Reportagem de 11 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13554>>. Acesso em: 11 jul. 2013.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal.** Rio de Janeiro: Revan - Instituto Carioca de Criminologia, 2002.
- BATISTA JÚNIOR, João. **Parque Santo Antônio:** o bairro campeão de mortes. Reportagem do dia 17 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/criminalidade-parque-santo-antonio>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

BAUDRILLARD, Jean. O espírito do terrorismo. Porto Alegre: Campo das Letras, 2002.

BERNI, Maurício Batista. Ensaio acerca de uma história de Luis Alberto Warat. In: BALATHAZAR, Ubaldo Cesar (Coord.). **O poder das metáforas:** Homenagem aos 35 anos de docência de Luis Alberto Warat. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL, Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 30 jul. 2013.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

BRASIL. Lei nº 11.343, de 23 de Agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm>. Acesso em: 20 jun. 2013.

BRASIL. Lei nº 12.408, de 25 de Maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para desriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm>. Acesso em: 30 jul. 2013.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 20 jul. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – InfoPen. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BD574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896%7D&Team=¶ms=itemID=%7BC37B2AE9-4C68-4006-8B16-24D28407509C%7D;&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

BRASIL. Tribunal Regional Federal da 3ª Região. Apelação Criminal nº 7999-SP 2003.61.04.007999-7; Relator: Desembargadora Federal Ramza Tartuce; Julgamento: 23 ago. 2004; Órgão Julgador: Quinta Turma; Publicação DJ: 23 ago. 2004. Disponível em: <<http://trf-3.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/19051374/apelacao-criminal-acr-7999-sp-20036104007999-7-trf3>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

BROWN, Mano. Entrevista à Revista Showbizz, n. 155, jun. 1998.

BROWN, Mano. **Programa Roda Viva, 2007, TV Cultura.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Uwjh8SkBioc>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

BROWN, Mano. **Virada Cultural 2013.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=g7VeRvNPKDQ>>. Acesso em 20 jun. 2013

CARAMANTE, André. Eminência Parda. **Revista Rolling Stone.** Edição 39, Dezembro de 2009. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/39/mano-brown-eminencia-parda>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

CARNEIRO, Sueli. Estratégias legais para promover a justiça social. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio; HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara:** ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil.** 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

CONTIER, Arnaldo Daraya. **O rap brasileiro e os Racionais MC's.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2013.

CORDOVIL, Daniela. **Casos e acasos:** como acidentes e fatos fortuitos influenciam o trabalho de campo. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. Entre saias justas e jogos de cintura. Ilha de Santa Catarina: Mulheres; EDUNISC, 2007.

COSTA, Alexandre Araújo. **Introdução ao direito.** Uma perspectiva zetética das ciências jurídicas. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris, 2001.

COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). **O leitor de Gramsci - Escritos escolhidos:** 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Música Popular e Vida Nacional:** a imagem do povo na obra de Noel Rosa. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

_____. **Velhas histórias, memórias futuras.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. ; ARAÚJO, Marianna. **Marginalidade e cidadania:** a comunicação do oprimido. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, 2009.

CUNHA, Rosa Maria Cardoso da. **O caráter retórico do princípio da legalidade.** Porto Alegre: Síntese, 1979.

DE FAZIO, Marcia Cristina Puydinger; ROCHA, Eduardo Gonçalves. Direito pela Arte: o movimento Casa Warat. **Revista Direito & Sensibilidade**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 13-26, 2011.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Pesquisa de emprego e desemprego (PED): Os negros no mercado de trabalho da região metropolitana de São Paulo. Novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/analiseped/2012/2012pednegrossao.pdf>>. Acesso: 06 jul. 2013.

DIALETO DA COMUNIDADE DO CAPÃO REDONDO. Disponível em: <<http://www.capao.com.br/dialeto.asp>>. Acesso em: 21 maio 2013.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical:** Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac Editora, 2002.

DUARTE, Isabel Cristina Brettas; MADERS, Angelita Maria. A complexidade de Edgar Morin e sua contribuição para a compreensão dos “novos” direitos. **Revista Direitos Culturais**. Santo Ângelo/RS, v. 4, n. 6, p. 1-10, 2009.

DURAN, Sabrina. **Arquitetura da Gentrificação.** Disponível em: <<http://catarse.me/pt/ag>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

FALCÃO, Fernanda Scopel. O Exemplo do Rap: a retórica dos Racionais MC's. **Revista Contexto**, Vitória, a. 15, n. 13, 2006.

FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. **Introdução ao estudo do direito.** Técnica, decisão, dominação. São Paulo: Altas, 1994.

FOUCAULT, MICHEL. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Ed. Cadernos da PUC/RJ, 1978.

GENTRIFICAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO. In: WIKIPÉDIA, a encyclopédia libre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Gentrifica%C3%A7%C3%A3o_na_cidade_de_S%C3%A3o_Paulo&oldid=32746579>. Acesso em: 26 jul. 2013.

GENTRIFICAÇÃO. In: WIKIPÉDIA, a encyclopédia libre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Gentrifica%C3%A7%C3%A3o&oldid=35457973>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

GILROY, P. **O Atlântico negro:** modernidade e dupla consciência. Tradução Cid K. Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Direito e Literatura:** anatomia de um desencanto. Curitiba: Juruá, 2002.

GONÇALVES, Marta Regina. Gama. **Surrealismo Jurídico**: a invenção do Cabaret Macunaíma. Uma concepção emancipatória do Direito. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

GONZÁLES, Calvo; OLIVO, Luiz Carlos Cancellier de. A representação do jurídico no discurso literário: um estudo de Machado de Assis. In: GONZALES, José Calvo. (Org.). **Derecho literatura**: contribuciones a una teoría literaria del derecho. Albolote (Granada): Editorial Comares, v. 1, p. 105-120, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume II – Os intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Volume III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOFBAUER, Andreas. Ações afirmativas e o debate sobre racismo no Brasil. **Revista Lua Nova de Cultura e Política**, nº 68, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452006000300002>. Acesso em 20 mar. 2013.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. CD ROM. Versão 3.0.

ÍNTGRA DA ENTREVISTA DE MANO BROWN AO RODA VIVA DA TV CULTURA. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/integra-da-entrevista-de-mano-brown-ao-roda-viva-da-tv-cultura-4152493>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

JORNAL CAUSA OPERÁRIA ONLINE. **Combate ao racismo só no papel**. Reportagem do dia 18 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.pco.org.br/negros/combate-ao-racismo-so-no-papel/eiez,a.html>>. Acesso em 11 jun. 2013.

KEHL, Maria Rita. Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do *rap* na periferia de São Paulo. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-106, 1999.

LACERDA, Alexandre Magno Gonzalez de. **Uma prática ideológica do direito penal: criminalização e seletividade entre favelados e marginalizados**. 2005. Monografia (Graduação em Direito). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Hegemonia e Resistência**: Imprensa, Violência e Cultura Popular – “Pois este homem não é tão ruim quanto o senhor pensa”. 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

LARA, Arthur Hunold. **Grafite:** Arte urbana em Movimento. 1996. 130f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

LEITE, Antonio Eleilson. **O legado simbólico do rap Da ponte pra cá.** Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/o-legado-simbolico-do-rap-da-ponte-pra-ca/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

LÖWY, Michael. **A estrela da manhã:** surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Ideologia e ciência social:** elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1996.

LYRA FILHO, Roberto. **O que é direito.** 11. ed. Coleção Primeiros Passos nº 62. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach.** 1895. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso em 13 set. 2012.

MELO, Tarso de. **Direito e Ideologia:** um estudo a partir da função social da propriedade rural. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, Dobra Editorial, 2013.

MOASSAB, Andréia. **Brasil Periferia(s):** a comunicação insurgente do hip-hop. São Paulo: EDUC, 2011.

MOREIRA, Tatiana Aparecida. **A Constituição da Subjetividade em Raps dos Racionais MC's.** 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma e reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010.

_____. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. ; LE MOIGNE, Jean Louis. **A inteligência da complexidade.** Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. **Análise crítica do discurso jurídico:** uma proposta de investigação. Disponível em:

<http://www.asces.edu.br/publicacoes/revistadireito/edicoes/2010/discurso_juridico.pdf>. Acesso em 28 dez. 2012.

MUNIZ, Diógenes. Virada Cultural se transforma em campo de batalha no centro de SP. **Folha online**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135031.shtml>> Acesso em: 20 jan. 2013.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. Da ponte pra cá. Os territórios minados dos Racionais MC's. **Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, a. 2, n. 2, 2006.

NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Cotidiano: Conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

O BRASIL NEGRO: Hip Hop fala contra o racismo e a desigualdade social. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, n. 49, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/09.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2013

OLIVEIRA, Ana Paula Conceição. **Movimento Hip Hop**: Educação em Quatro Elementos. 2007. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OLIVEIRA, Carlos André de. O Terrorismo da Periferia no RAP “Capítulo 4, Versículo 3”, dos Racionais MCs: Uma questão de atitude diante do sistema capitalista. **Revista Eletrônica de Estudos Literários**. Vitória, s.2, a. 8, n.11, p. 1-20, 2012.

PATTO, Belmiro Jorge. **Jazz e o Direito**: O que pode a música na di(k)cção jurídica? Revista de Direito, Anhanguera Educacional Ltda. v. 14, nº 19, ano 2011.

PENEDO, Fabiane. “Paulistanos”: alijados e pertencentes à cidade. **Revista de Antropologia Urbana “Os Urbanitas”**, a. 5, v. 5, n. 7, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.osurbanitas.org/osurbanitas7/Penedo.html>>. Acesso em 20 maio 2013.

PEREIRA, João Baptista. Racismo à brasileira. In: **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. Kabengele Munanga (Org). São Paulo: EDUSP, 1996.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip-hop. 1997**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. Entrevista com Mano Brown. **Revista Teoria e Debate**. São Paulo, n. 46, nov/dez 2000 a jan. 2001. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/lourdes/entrevistabrown.html>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

PINHO, Osmundo de Araújo. Voz ativa: rap - notas para leitura de um discurso contra-hegemônico. **Sociedade e cultura**, v. 4, n. 2, jul./dez., p. 67-92, 2001.

RADZINOWICZ, Leon; KING, Joan. **The growth of Crime.** London, Hamish Hamilton Ltd., 1977.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Observatório Cidadão:** Quadro da Desigualdade em São Paulo – 2013. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Apresentacao_Quadro_da_Desigualdade_em_SP_2013.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2013.

RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. A cidade para o movimento hip hop: Jovens afrodescendentes como sujeitos políticos. In: **Humanitas**. São Paulo: PUC-Campinas, v. 9, n. 1, p. 57-71, jan./jun., 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro.** A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIGHI, Volnei José. **RAP - ritmo e poesia:** construção identitária do negro no imaginário do RAP brasileiro. 2011. 515 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília/Université Européenne de Bretagne, Brasília/Rennes, 2011.

ROCHA, Eduardo. “Senhor de engenho, eu sei bem quem você é”: Racionais MC’s e a desconstrução Político-Cultural da Nacionalidade. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DIVERSIDADES E (DES) IGUALDADES, 11., 2011, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307128683_ARQUIVO_Eduardo_CONLAB.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

ROCHA, J.; DOMENICH, M.; CASSEANO, P. **Hip Hop a periferia grita.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

RORTY, Richard. Direitos humanos, racionalidade e sentimentalidade. In: RORTY, R. **Verdade e progresso.** Tradução de Denise R. Sales. Barueri, SP: Manole, 2005.

RUCHAUD, Guilherme. **A reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro:** A relação entre as reformas ocorridas no Rio entre 1903 e 1906 e o processo de crescimento desigual da cidade. Disponível em: <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/a-reforma-urbana-de-pereira-passos-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 23 maio 2013.

SANTOS, Juarez Cirino dos. **A criminologia da repressão.** Rio de Janeiro: Forense, 1979.

SELF-MADE MEN. In: WIKIPÉDIA, a encyclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Self-Made_Men&oldid=559262188>. Acesso em: 01 jul. 2013

SHECAIRA, Sérgio Salomão. **Criminologia.** 2. ed., rev., atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008.

SILVA, José Carlos Gomes. **RAP na Cidade de São Paulo:** música, etnicidade e experiência urbana. 1998. 286f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, Vinícius Gonçalves Bento da. **As mensagens sobre drogas do rap:** como sobreviver na periferia. 2003. 169f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem da Saúde Coletiva) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Juliana Bezzon da. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo:** contextos e significações. 2012. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

STRECK, Lenio Luiz. A revelação das obviedades do sentido comum e o sentido (in)comum das obviedades reveladas. In: BALATHAZAR, Ubaldo Cesar (Coord.). **O poder das metáforas:** Homenagem aos 35 anos de docência de Luis Alberto Warat. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998.

THOMPSON, Augusto. **Quem São os Criminosos? O crime e o Criminoso:** Entes Políticos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. **História da Música Popular Brasileira:** Samba. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL. **Apelação crime nº 70041468364-RS;** Relator: Marco Antônio Ribeiro de Oliveira; Julgamento: 03 ago. 2011; Órgão Julgador: Primeira Câmara Criminal; Publicação DJ: 05 ago. 2011. Disponível em: <<http://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/20378214/apelacao-crime-acr-70041468364-rs>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

VIANNA, Letícia C. R. **Bezerra da Silva – Produto do Morro:** trajetória e obra de um sambista que não é santo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1998.

VIDON, Geyza R. O. N. **O discurso do rap:** rupturas e permanências. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/VidonGeyzaRON.htm>. Acesso: 10 jun. 2013.

VOESE, Ingo. Sobre a subjetividade no discurso jurídico. In: BALATHAZAR, Ubaldo Cesar (Coord.). **O poder das metáforas:** Homenagem aos 35 anos de docência de Luis Alberto Warat. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998.

WASSERMANN, Rogerio. **Número de presos explode no Brasil e gera superlotação de presídios.** Reportagem de 28 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121226_presos_brasil_aumento_rw.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2013.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Revista de Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 225-241, 2004.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real:** cinco ensaios sobre 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.

WARAT, Luis Alberto. **Manifestos para uma ecologia do desejo.** São Paulo: Acadêmica, 1990.

_____. **Introdução geral ao direito:** interpretação da lei – temas para uma reformulação. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1994.

_____. **O direito e sua linguagem:** segunda versão. 2. ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1995.

_____. **Epistemologia e ensino do direito:** o sonho acabou. MEZZAROBA, Orides et al. (Coord.). v. II. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004a.

_____. A Ciência Jurídica e seus Dois maridos. In.: MEZZAROBA, Orides et al. (Coord.). **Territórios Desconhecidos:** A procura surrealista pelos lugares do abandono do sentido e da reconstrução da subjetividade. vol. I. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004b.

- **MATERIAL AUDIOVISUAL:**

300 ANOS DE ZUMBI, MTV Anhangabaú. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=-g5enTgRby0>. Acesso em 13 abr. 2013

A LIGA – CAPÃO REDONDO – PARTE 4/8 02.08.2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SglnqDfjC-o>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

DERRAIK, Márcia e NETO, Simplício. **Onde a Coruja Dorme.** 52 min/cor/2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fSs0X1RPLuU>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. Haiti. Álbum: **Tropicália 2.** São Paulo: Wea, 1993, CD.

MV BILL. O preto em movimento. Álbum: **Falcão, o Bagulho é Doido.** Rio de Janeiro: Chapa Preta; Universal Music, 2006, CD.

RACIONAIS MC's. **Holocausto urbano.** São Paulo: Zimbabwe, 1990, CD.

_____. **Escolha seu caminho.** São Paulo: Zimbabwe, 1992, CD.

_____. **Raio-X do Brasil.** São Paulo: Zimbabwe, 1993, CD.

_____. **Racionais MC's.** São Paulo: Zimbabwe, 1994, CD.

- _____. **Sobrevivendo no inferno.** São Paulo: Cosa Nostra, 1998, CD.
- _____. **Ao vivo.** São Paulo: Cosa Nostra, 2001, CD.
- _____. **Nada como um dia após o outro dia.** São Paulo: Cosa Nostra, 2002, CD.
- _____. **1000 trutas, 1000 tretas.** São Paulo: Cosa Nostra, 2006, CD.
- _____. **Tá na chuva.** São Paulo: Cosa Nostra, 2009, CD.
- Rap ainda é tachado como música de bandido, diz Dexter – TV UOL.** Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=rap-ainda-e-tachado-como-musica-de-bandido-diz-dexter-04020C9C3464C4914326>>. Acesso em: 05 mar. 2013.
- SILVA, Bezerra da. Produto do Morro.** Rio de Janeiro: RCA, 1983, CD.
- _____. **Malandro Rife.** Rio de Janeiro: RCA Eletrônica Ltda., 1985, CD.
- _____. **Alô Malandragem, Maloca o Flagrante.** Rio de Janeiro: RCA, 1986, CD.
- _____. **Justiça Social.** Rio de Janeiro: RCA / Ariola Internacional Discos Ltda., 1987, CD.
- _____. **Violência gera Violência.** Rio de Janeiro: RCA Victor, 1988, CD.
- _____. **Se Não Fosse o Samba...** Rio de Janeiro: RCA, 1989, CD.
- _____. **Eu Não Sou Santo.** Rio de Janeiro: BMG Ariola Discos Ltda., 1990, CD.
- _____. **Presidente Caô-caô.** Rio de Janeiro: BMG Ariola Discos Ltda., 1992, CD.
- _____. **Meu samba é Duro na Queda.** Rio de Janeiro: Som Livre, 1996, CD.
- _____. **Eu tô de Pé.** Rio de Janeiro: Universal Music, 1998, CD.
- _____. **Bezerra da Silva Ao Vivo.** Rio de Janeiro: CID., 1999, CD.
- _____. **A gíria é cultura do povo.** Rio de Janeiro: Atração Fonográfica Ltda., 2002, CD.
- _____. **Meu Bom Juiz.** Rio de Janeiro: Cia. dos Técnicos, 2003, CD.
- _____. **Maxximum.** Rio de Janeiro: Sony BMG, 2005, CD.

ANEXO A - ÍNTEGRA DAS COMPOSIÇÕES CITADAS (RACIONAIS MCs)

“Pânico na Zona Sul”
 “Hey Boy”
 “Racistas Otários”
 “Tempos Difíceis”
 “Beco sem saída”
 “Fim de Semana no Parque”
 “Mano na porta do bar”
 “O Homem na Estrada”
 “Júri Racional”
 “Salve”
 “Capítulo 4, Versículo 3”
 “Tô ouvindo alguém me chamar”
 “Rapaz Comum”
 “Diário de um Detento”
 “Periferia é Periferia”
 “Em qual mentira vou acreditar?”
 “Mágico de Oz”
 “Fórmula Mágica da Paz”
 “Vida Loka – Parte I”
 “Negro Drama”
 “A Vítima”
 “Na Fé Firmão”
 “12 de Outubro”
 “Eu sou 157”
 “A vida é desafio”
 “1 por amor, 2 por dinheiro”
 “Otus 500”
 “Crime vai e vem”
 “Vida Loka – Parte II”
 “Expresso da Meia-Noite”
 “Da Ponte Pra Cá”
 “Tá na chuva”
 “Mãos”
 “Sou Função”

CD "Holocausto urbano". Gravadora: Zimbabwe, 1990.

PÂNICO NA ZONA SUL

"Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown,
KLJay e eu Edy Rock."
- E ai Mano Brown, certo ?
- Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta ?
- É...a nossa vida continua, e ai quem se importa ?
- A sociedade sempre fecha as portas mesmo...
- E ai Ice Blue...
- PÂNICO...
Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece prevalece a ignorância
E nós estamos sós
Ninguém quer ouvir a nossa voz
Cheia de razões calibres em punho
Dificilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer a verdade se omite
Pois quem garante o meu dia seguinte
Justicieros são chamados por eles mesmos
Matam humilham e dão tiros a esmo
E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade
Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes
E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul.
Pânico na Zona Sul
Eu não sei se eles
Estão ou não autorizados
De decidir que é certo ou errado
Inocente ou culpado retrato falado
Não existe mais justiça ou estou enganado?
Se eu fosse citar o nome de todos que se foram
O meu tempo não daria pra falar MAIS...
Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo
E então que segurança se tem em tal situação
Quantos terão que sofrer pra se tomar providência
Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência
E com certeza ignorar a procedência
O sensacionalismo pra eles é o máximo
Acabar com delinquentes eles acham ótimo
Desde que nenhum parente ou então é lógico
Seus próprios filhos sejam os próximos
E é por isso que
Nós estamos aqui
E ai mano Ice Blue...
Pânico na Zona Sul
Pânico...
Racionais vão contar
A realidade das ruas
Que não media outras vidas
A minha e a sua
Viemos falar
Que pra mudar
Temos que parar de se acomodar
E acatar o que nos prejudica
O medo, sentimento em comum num lugar
Que parece sempre estar esquecido
Desconfiança insegurança mano
Pois já se tem a consciência do perigo
E ai? Mal te conhecem consideram inimigo
E se você der o azar de apenas ser parecido

Eu te garanto que não vai ser divertido
Se julgam homens da lei
Mas à respeito eu não sei
Muito cuidado eu terei
Scracth KLJay
Eu não serei mais um porque estou esperto
Do que acontece Ice Blue
Pânico na Zona Sul
Ei Brown, Você acha que o problema acabou?
Pelo contrário ele apenas começou
Não perceberam que agora se tornaram iguais
Se inverteram e também são marginais
Mas...
Terão que ser perseguidos e esclarecidos
Tudo e todos até o último indivíduo
Porém se nos querermos que as coisas mudem
Ei Brown qual será a nossa atitude?
A mudança estará em nossa consciência
Praticando nossos atos com coerença
E a consequência será o fim do próprio medo
Pois quem gosta de nós somos nós mesmos
Te cuide porque ninguém cuidará de você
Não entre nessa a toa
Não de motivo pra morrer
Honestidade nunca será demais
Sua moral não se ganha, se faz
Não somos donos da verdade
Porém não mentimos
Sentimos a necessidade de uma melhoria
A nossa filosofia é sempre transmitir
A realidade em si
Racionais MC's
Pânico na Zona Sul
Pânico...
Certo, certo...Então irmão
Volte a atenção pra você mesmo
E pense como você tem vivido até hoje certo?
Quem gosta de você é você mesmo
Nós somos Racionais MC's
DJ KLJay, Ice Blue, Edy Rocky e eu...Brown.
PAZ...

HEY BOY

Hey boy! hey boy!
Dá um tempo ai, cola ai!
Pera ai!
Que é mano?
Que esse otário tá fazendo aqui?
Ai dá um tempo ai, chega ai...
Que foi bicho?
Lembra de mim mano?
Não... Então vamos trocar uma idéia nós dois agora...
Hey boy o que você está fazendo aqui
Meu bairro não é seu lugar
E você vai se ferir
Você não sabe onde está
Caiu num ninho de cobra
E eu acho que vai ter que se explicar
Pra sair não vai ser fácil
A vida aqui é dura

Dura é a lei do mais forte
Onde a miséria não tem cura
E o remédio mais provável é a morte
Continuar vivo é uma batalha

Isso é se eu não cometer falha
E se eu não fosse esperto
Tiravam tudo de mim Arrancavam minha pele
Minha vida enfim
Tenho que me desdobrar
Pra não puxarem meu tapete
E estar sempre quente
Pra não ser surpreendido de repente
Se eu vacilo trocam minha vaga
O que você fizer
Aqui mesmo você paga
A pouca grana que eu tenho
Não dá pro próprio consumo
Enquanto nós conversamos
A polícia apreende e finge
A marginalidade cresce sem precedência
Conforme o tempo passa
Aumenta é a tendência
E muitas vezes não tem jeito
A solução é roubar
E seus pais acham que a cadeia é nosso lugar
O sistema é a causa
E nós somos a consequência maior
Da chamada violência
Por que na real
Com nossa vida ninguém se importa
E ainda querem que sejamos patriotas
Hey...Boy...
Isso tudo é verdade
Mas não tenha dó de mim
Por que esse é meu lugar
Mas eu o quero mesmo assim
Mesmo sendo o lado esquecido da cidade
E bode espiatório de toda e qualquer mediocredade
A sociedade já não sabe o que fazer
Se vão interferir ou deixar acontecer
Mas por sermos todos pobres
Os tachados somos nós
Só por ser conveniente
Hey boy...
Pense bem se não faz sentido
Se hoje em dia eu fosse um cara
Tão bem sucedido
Como você é chamado de superior
E tem todos na mão
E tudo a seu favor
Sempre teve tudo
E não fez nada por ninguém
Se as coisas andam mal
É sua culpa também
Seus pais dão as costas
Para o mundo que os cercam
Ficam com o maior melhor
E pra nós nada resta
Você gasta fortunas
Se vestindo em etiqueta
E na sergeta é as crianças
Futuros homens
Quase não comem morrem de fome
Com frio e com medo
Já não é segredo e as drogas consomem
Sinta o contraste e só me de razão
Não fale mais nada porque
Vai ser em vão
Hey Boy...
Você faz parte daqueles que colaboram
Para que a vida de muitas pessoas
Seja tão ruim
Acha que sozinho não vai resolver
Mas é por muitos pensarem assim como você

Que a situação
Vai de mal a pior
E como sempre você pensa em si só
Seu egoísmo ambição e desprezo
Serão os argumentos pra matar você mesmo
Então eu digo Hey boy...
Não fique surpreso
Se o ridículo e odioso
Círculo vicioso
Sistema que você faz parte
Transforma num criminoso
E doloroso
Será ser rejeitado HUMILHADO
Considerado um marginal
Descriminado, você vai saber
Senti na pele como dói
Então aprenda a lição
Hey Boy...
-Aí boy sai andando aí, certo...
-Eu tenho todos os motivos
-Mas nem por isso eu vou te roubar
-Morô?
-Sai andadando
-Vai caminha mano!
-Não tem nada pra você aqui não, seu otário!
-Vai embora
-Sai fora
-E não pisa mais aqui hein!"

RACISTAS OTÁRIOS

Racistas otários nos deixem em paz
Pois as famílias pobres não aguentam mais
Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente que se tem
E eles vêem
Por toda autoridade o preconceito eterno
E de repente o nosso espaço se transforma
Num verdadeiro inferno e reclamar direitos
De que forma
Se somos meros cidadãos
E eles o sistema
E a nossa desinformação é o maior problema
Mas mesmo assim enfim
Queremos ser iguais
Racistas otários nos deixem em paz
Racistas otários nos deixem em paz
Justiça, em nome disso eles são pagos
Mas a noção que se tem
É limitada e eu sei
Que a lei
É implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram pessoas de bem
Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
Que eles são os certos e o culpado é você
Se existe ou não a culpa
Ninguém se preocupa
Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa
O abuso é demais, pra eles tanto faz
Não passará de simples fotos nos jornais
Pois gente negra e carente
Não muito influente
E pouco frequente nas colunas sociais
Então eu digo meu rapaz
Esteja constante ou abrirão o seu bolso
E jogarão um flagrante num presídio qualquer
Será um irmão a mais
Racistas otários nos deixem em paz (bis)
Então a velha história outra vez se repete
Por um sistema falido
Como marionetes nós somos movidos

E há muito tempo tem sido assim
Nos empurram à incerteza e ao crime enfim
Porque aí certamente estão se preparando
Com carros e armas nos esperando
E os poderosos me seguram observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analizarmos bem mais você
descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária
São filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto reduzido
Não... É um absurdo
São pessoas assim que se fodem com tudo
E que no dia a dia vive tensa e insegura
E sofre as covardias humilhações torturas
A conclusão é sua...KL Jay
Porém direi para vocês irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em paz
Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêm em nós um marginal padrão
50 anos agora se completam
Da lei anti-racismo na constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles com sua demagogia
No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás
"O Brasil é um país de clima tropical
onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial. Ha,Ha....."
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em paz...

TEMPOS DIFÍCEIS

Eu vou dizer porque o mundo é assim.
Poderia ser melhor mas ele é tão ruim.
Tempos difíceis, está difícil viver.
Procuramos um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer.
Milhões de pessoas boas morrem de fome.

E o culpado, condenado disto é o próprio homem.
O domínio está em mão de poderosos, mentirosos.
Que não querem saber.
Porcos, nos querem todos mortos.
Pessoas trabalham o mês inteiro.
Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro.
Enquanto tantos outros nada trabalham.
Só atrapalham e ainda falam.
Que as coisas melhoraram.
Ao invés de fazerem algo necessário.
Ao contrário, iludem, enganam otários.
Prometem 100%, prometem mentindo,
Fingindo, traíndo.
E na verdade, de nós estão rindo.
Tempos... Tempos difíceis! (4x)
Tanto dinheiro jogado fora.
Sendo gasto por eles em poucas horas.
Tanto dinheiro desperdiçado.
E não pensam no sofrimento de um menor abandonado.
O mundo está cheio, cheio de miséria.
Isto prova que está próximo o fim de mais uma era.
O homem construiu, criou, armas nucleares.
E o aperto de um botão, o mundo irá pelos arcos.
Extra, publicam, publicam extra os jornais
Corrupção e violência aumentam mais e mais.
Com quais, sexo e droga se tornaram algo vulgar.
E com isso, vem a AIDS pra todos liquidar.
A morte, enfim. Vem destruição, causam terrorismo.
E cada vez mais o mundo afunda num abismo.
Tempos... Tempos difíceis! (4x)
Menores carentes se tornam delinquentes.
E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente.
A saída é essa vida bandida que levam.
Roubando, matando, morrendo.
Entre si se acabando.
Enquanto homens de poder fingem não ver.
Não querem saber.
Faz o que bem entender.
E assim... aumenta a violência.
Não somos nós os culpados dessa consequência?
Destruíram a natureza e o que puseram em seu lugar
Jamais terá igual beleza.
Poluíram o ar e o tornaram impuro.
E o futuro eu pergunto, confuso: "como será?"
Agora em quatro segundos irei dizer um ditado:
"Tudo que se faz de errado aqui mesmo será pago"
O meu nome é Edy Rock, um rapper e não um otário.
Se algo não fizermos, estaremos acabados.
KL Jay! Tempos difíceis!

BECO SEM SAÍDA

Às vezes eu paro e reparo, fico a pensar
qual seria meu destino senão cantar
um rejeitado, perdido no mundo, é um bom exemplo
irei fundo no assunto, fique atento
A sarjeta é um lar não muito confortável
O cheiro é ruim, insuportável
O viaduto é o reduto nas noites de frio

onde muitos dormem, e outros morrem,
ouviu ?
São chamados de indigentes pela sociedade
A maioria negros, já não é segredo, nem
novidade
Vivem como ratos jogados,
homens, mulheres, crianças,
Vítimas de uma ingrata herança
A esperança é a primeira que morre
E sobrevive a cada dia a certeza da eterna
míséria
O que se espera de um país decadente
onde o sistema é duro, cruel, intransigente
Beco sem saída !
Mas muitos não progridem
Na verdade porque assim não querem
Ficam inertes, não se movem, não se
mexem
Sabe por que se sujeitaram a essa situação?
Não pergunte pra mim, tire você a
conclusão
Talvez a base disso tudo esteja em vocês
mesmos
E a consequência é o descrédito de nós
negros
Por culpa de você, que não se valoriza
Eu digo a verdade, você me ironiza
A conclusão da sociedade é a mesma
que, com frieza, não analisa, generaliza
e só critica, o quadro não se altera e você
ainda espera que o dia de amanhã será bem
melhor
Você é manipulado, se finge de cego
Agir desse modo, acha que é o mais certo
Fica perdida a pergunta, de quem é a culpa
do poder, da mídia, minha ou sua?
As ruas refletem a face oculta
de um poema falso, que sobrevive às nossas
custas
A burguesia, conhecida como classe nobre
tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres
Por outro lado, adoram nossa pobreza
pois é dela que é feita sua maldita riqueza
Beco sem saída !
"-É, meu mano KL Jay. O poder mente,
ilude, e domina
A maioria da população, carente da
educação e cultura.
E é dessa forma que eles querem que se
proceda.
Não é verdade? "-É, pode crê !"
Nascem, crescem, morrem, passam
desapercebidos
E a saída é esta vida bandida que levam
roubando,
matando, morrendo, entre si se acabando
Ei mano, dê-nos ouvidos!
Os poderosos ignoram os direitos iguais
Desprezam e dizem que vivam como
mendigos a mais
Não sou um mártir que um dia irá te salvar
No momento certo, você pode se condenar
Não jogamos a culpa em quem não tem
culpa
Só falamos a verdade e a nossa parte você
sabe de cór
Atravesse essa muralha imaginária
em sua cabeça, sem ter medo de falhas
Se conseguiram derrubar uma muralha real,
de pedra
você pode conseguir derrubar esta
Leia, ouça, escute, ache certo ou errado
mas meu amigo, não fique parado
Isso tudo vai ser apenas um grito solitário
Em um porão fechado, tome cuidado,

não esqueça o grande ditado :
Cada um por si !
Siga concordando com tudo que eu digo
(normal)
Pois pra você parece mais um artigo
(jornal)
Esse é o meu ponto de vista, não sou um
moralista
deixe de ser egoísta, meu camarada,
persista,
É só uma questão: será que você é capaz de
lutar?
É difícil, mas não custa nada tentar
"-Ei cara, o sentido disto tudo está em você
mesmo.
Pare, pense, e acorde, antes que seja tarde
demais
O dia de amanhã te espera, morô?
Edy Rock, KL Jay, Racionais!"
Beco sem saída ! (podicrê, né não ?)

CD "Raio-X do Brasil". Gravadora: Zimbabwe, 1993.

FIM DE SEMANA NO PARQUE

Chegou fim de semana todos querem diversão
Só alegria nós estamos no verão,
mês de Janeiro São Paulo Zona Sul
Todo mundo a vontade calor céu azul
Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradas prum
basquetebol
Não pega nada
Estou à 1 hora da minha quebrada
Logo mais, quero ver todos em paz
Um dois três carros na calçada
Feliz e agitada toda "prayboyzada"
As garagens abertas eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente queimada sorridente
A mesma vaca loura circulando como sempre
Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem mas na minha não cresce
sou assim e estou legal, até me leve a mal
malicioso e realista sou eu Mano Brown
Me dê 4 bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufônicos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provalvemente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não tem video-game às vezes nem televisão
Mas todos eles tem Doum, São Cosme e São Damião A única proteção.
No último natal papai Noel escondeu
Um brinquedo Prateado, brilhava no meio do mato
Um menininho de 10 anos achou o presente,
Era de ferro com 12 balas no pente
E fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
é que alguém os ensinasse a dirigir
Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.
Refrão:
Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover
Olha só aquele clube que da hora.
Olha aquela quadra, olha aquele campo
Olha,
Olha quanta gente
Tem sorveteria cinema piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
é igualzinho o que eu ví ontem na TV,
Olha só aquele clube que da hora,

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar
nem se lembra de ontem de onde o futuro
ele apenas sonha através do muro...
Milhares de casas amontoadas ruas de terra
esse é o morro a minha área me espera
gritaria na feira (vamos chegando !)
Pode crer eu gosto disso mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
é quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam bam bam e o que manda
O pessoal desde as 10 da manhã está no samba Preste
atenção no repique atenção no acorde
Pode crer pela ordem
A número número 1 em baixa-renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desse
o morro
Polícia a morte, polícia socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas áf se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável
estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso
morro pra
matar e M.E.R.D.A.
Como se fosse hoje ainda me lembro
7 horas sábado 4 de Dezembro
Uma bala uma moto com 2 imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro
mais feliz
E indiretamente ainda faz,
mano Rogério esteja em paz
Vigilando lá de cimaA molecada do Parque

Regina
Tô cansado dessa porra
de toda essa bobagem
Alcolismo,vingança treta malandragem
Mãe angustiada filho problemático
Famílias destruídas
fins de semana trágicos
O sistema quer isso
a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê

MANO NA PORTA DO BAR

Você viu aquele mano na porta do bar
Jogando um bilhar descontraído e pá
Cercado de uma pá de camaradas
Da área uma das pessoas mais consideradas
Ele não deixa brecha, não fode ninguém
Adianta vários lados sem olhar quem
Tem poucos bens, mais que nada
Olha só aquele clube que da hora,

Ele é feliz e tem o que sempre quis
Uma vida humilde porém sossegada
Um bom filho, um bom irmão
Um cidadão comum com um pouco de ambição
Tem seus defeitos, mas sabe relacionar
Você viu aquele mano na porta do bar
(aquele mano)
Você viu aquele mano na porta do bar
Ultimamente andei ouvindo ele reclamar
Da sua falta de dinheiro era problema
Que a sua vida pacata já não vale a pena
Queria ter um carro confortável
Queria ser um cara mais notado
Tudo bem até aí nada posso dizer
Um cara de destaque também quero ser
Ele disse que a amizade é pouca
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso
Particularmente para mim não tem problema nenhum
Por mim cada um, cada um
A lei da selva consumir é necessário
Compre mais, compre mais
Supere o seu adversário,
O seu status depende da tragédia de alguém
É isso, capitalismo selvagem
Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder
Qual que é desse mano ?
Sei lá qual que é
Sou Mano Brown, a testemunha ocular
Você viu aquele mano na porta do bar
(Aquele mano)
- " Quem é aqueles mano que tava andando com você ontem a noite ? "
- " É uns mano diferente aí que tá rolando de outra quebrada aí, mas é o seguinte, eu tô agarrando os mano de qualquer jeito, certo ? "
- " Nós somo aquia da área mano !? "
- " Não tem nada a ver com você !!! "
- " Já era meu irmão ! já era !!! "
- " Qual que é ? Num tô te entendendo, explica isso aí direito... "
- " Movimento é dinheiro meu irmão... "
- " Você nunca me deu nada !!! "
Você viu aquele mano na porta do bar
Ele mudou demais de uns tempos para cá
Cercado de uma pá de tipo estranho
Que promete pra ele o mundo dos sonhos
Ele está diferente não é mais como antes
Agora anda armado a todo instante
Não precisa mais dos aliados
Negociantes influentes estão ao seu lado
Sua mina apaixonada, amiga e solitária
Perdeu a posição agora ele tem várias...
Várias mulheres, vários clientes, vários artigos,
Vários dólares e vários inimigos
No mercado da droga o mais falado, o mais foda
Em menos de um ano subiu de cotação
Ascenção meteórica, contagem numérica
Farinha impura, o ponto que mais fatura
Um traficante de estilo, bem peculiar
Você viu aquele mano na porta do bar
(Aquele mano)
Ele matou um feinho a sangue frio
As sete horas da noite,
Uma pá de gente viu e ouviu, a distância
Dia de cobrança, a casa estava cheia
Mãe, mulher e criança
Quando gritaram o seu nome no portão

Não tinha grana pra pagar perdão é coisa rara
Tomou dois tiros no meio da cara
A lei da selva é assim: Predatória
Click, cleck, BUM, preserve a sua glória
Transformação radical, estilo de vida
Ontem sossegado e tal
Hoje um homicída
Ele diz que se garante e não tá nem aí
Usou e viciou a molecada daqui
Eles estão na dependência doentia
Não dormem a noite, roubam a noite
Pra cheirar de dia
O total domínio dos negócios, muita perícia
Ele da baixa, ele ameaça, truta da polícia
Não tem pra ninguém
No momento é o que há
(E ai mano, vai apetece daquilo no no bar)
Você viu aquele mano na porta do bar
(Aquele mano)
(Pilantra e tal... Pode acreditar...)
" - E aí mano, e aquela fita de ontem a noite ?"
" - Foi um mano e tal que me devia, mó pilantra safado, queria me dá perdido... - Negócio é negócio, deve pra mim é a mesma coisa que dever pro capeta, dei dois tiro na cara dele, já era... virou os olhos."
" - Mas e agora, como é que fica ??"
" - Ih...Sai fora !!! Sai, Sai !!!
Você tá vendendo o movimento na porta do bar
Tem muita gente indo pra lá, o que será?
Daqui apenas posso ver uma fita amarela
Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela
Informações desencontradas gente indo e vindo
Não tô entendendo nada, vários rostos sorrindo
Ouço um moleque dizer, mais um cuzão da lista
Dois fulanos numa moto, única pista
Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali
É natural pra mim infelizmente
A lei da selva é traiçoeira, surpresa
Hoje você é o predador, amanhã é a presa
Já posso imaginar, vou confirmar
Me aproximei da multidão, obtive a resposta
Você viu aquele mano na porta do bar
Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas...
(Pilantra e tal... huhohoho..)

HOMEM NA ESTRADA

Um homem na estrada recomeça sua vida.
Sua finalidade: a sua liberdade.
Que foi perdida, subtraída;
e quer provar a si mesmo que realmente mudou,
que se recuperou e quer viver em paz, não olhar
para trás, dizer ao crime: nunca mais!
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.
Na Febem, lembranças dolorosas, então.
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.
Muitos morreram sim, sonhando alto assim,
me digam quem é feliz,
quem não se desespera, vendo

nascer seu filho no berço da miséria.
Um lugar onde só tinham como atração, o bar e o candomblé pra se tomar a benção.
Esse é o palco da história que por mim será contada.
...um homem na estrada.
Equilibrado num barranco um cômodo mal acabado e sujo,
porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.
Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal.
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.
Logo depois esqueceram, filha da puta!
Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva.
"Mano, quanta paulada!".
Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.
Deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.
O IML estava só dez horas atrasado.
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim, quero que meu filho nem se lembre daqui, tenha uma vida segura.
Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura
e uma "PT" na cabeça.
E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa
o que fazer para sair dessa situação.
Desempregado então.
Com má reputação.
Viveu na detenção.
Ninguém confia não.
...e a vida desse homem para sempre foi danificada.
Um homem na estrada...
Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.
Calor insuportável, 28 graus.
Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hâ!
já fazem cinco dias.
São dez horas, a rua está agitada, uma ambulância foi chamada com extrema urgência.
Loucura, violência exagerado.
Estourou a própria mãe, estava embriagado.
Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.
Arrastado pela rua o pobre do elemento, o inevitável linchamento, imaginem só!
Ele ficou bem feio, não tiveram dó.
Os ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo dela.
Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro
com o álcool que é vendido na favela.
Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.
Não acredita no que vê, não daquela maneira,
crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo
seu café da manhã na lateral da feira,
Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer,
Apenas nada mais, como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz.

Um mano meu tava ganhando um dinheiro,
tinha comprado um carro, até rolex tinha!
Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,
Ficou famoso, virou notícia,
rendeu dinheiro aos jornais, ham!, cartaz à polícia
Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares...
super-star do notícias populares!
Uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria.
Aqui, periferia, miséria de sobra.
Um salário por dia garante a mão-de-obra.
A clientela tem grana e compra bem,
Tudo em casa, costa quente de sócio.
A playboyzada muito louca até os ossos!
Vender droga por aqui, grande negócio.
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,
Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,
num necrotério qualquer, um indigente, sem nome e sem nada,
o homem na estrada.
Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,
logo acusaram favela para variar,
E o boato que corre é que esse homem está, com o seu nome lá na lista dos suspeitos, pregada na parede do bar.
A noite chega e o clima estranho no ar, e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente,
mas na calada caguentaram seus antecedentes,
como se fosse uma doença incurável, no seu braço
A tatuagem, DVC, uma passagem, 157 na lei...
No seu lado não tem mais ninguém.
A Justiça Criminal é implacável.
Tiram sua liberdade, família e moral.
Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex presidiário.
Não confio na polícia, raça do caralho.
Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cossem em mim é.. eu sangaria até a morte...
Já era, um abraço!.
Por isso a minha segurança eu mesmo faço.
É madrugada, parece estar tudo normal.
Mas esse homem desperta, presentindo o mal, muito cachorro latindo.
Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.
A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.
Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.
Vão invadir o seu barraco, é a polícia!
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malfícia,
filhos da puta, comedores de carniça!
Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta",
não são poucos e já vieram muito loucos.
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem,
quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas
com uma "treze tiros" automática.
Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.
No primeiro barulho, eu vou atirar.

Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém, e o que eles querem: mais um "pretinho" na febem.
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira
E só acorda no fim, minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang! bang! bang!
"Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M'Boi Mirim sem número.
Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.
Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal."

JÚRI RACIONAL

Você não tem amor próprio, fulano!
Nos envergonha, pensa que é o maior.
Não passa de um sem vergonha, se ousar!
Ouse só definir sua personalidade.
Mas é inferioridade o que você sente no fundo.
Dá aos racistas imundos razões o bastante pra prosseguirem nos fodendo como antes.
Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor!
Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fãs de canalha!
Existe um velho ditado do cativeiro que diz:
Que o negro sem orgulho é fraco e infeliz.
Como uma grande árvore que não tem raiz.
Mas se assim você quis, então terá que pagar!
Porém agora os playboys, querem mais é que se foda!
Você e a sua raça toda!
Eles nem pensam em te ajudar!
Então! Olhe pra você e lembre dos irmãos!
Com o sangue espalhado,
Fizeram muitas notícias!
Mortos na mão da polícia,
Fuzilados de bruços no chão.
Me causa raiva e indignação
a sua indiferença quanto à nossa destruição!
Mas, o nosso júri é racional, não falha!
Não somos fã de canalha! (2x)
As vagabundas que você a vida toda elogiava,
Se divertiu hoje, e riem da sua cara.
Aquelas vacas usufruíram, usaram do pouco que você tinha até a última gota!
No entanto, não há outra...
E agora? Você foi desrespeitado, jogado fora!
Você não precisa delas!
Se existem negras tão belas, e pode ter as melhores,
Por que ficar com as piores?
Burguesas cadelas ! (pode cre) estou falando sobre a nossa auto-estima, você despreza seu irmão, não da a mínima!
Mas nosso júri é racional, não falha!
Não somos fã de canalha! (2x)
"Aqui é o Mano Brown, descendente negro atual,
Você está no júri racional e será julgado, otário!
por ter jogado no time contrário.
O nosso júri é racional, não falha.
Não somos fã de canalha.

Prossiga mano Edy Rock e tal." Gosto de Nelson Mandela, admiro Spike Lee.
Zumbi, um grande herói, o maior daqui. São importantes pra mim, mas você ri e dá as costas.
Então acho que sei da porra que você gosta: Se vestir como playboy, frequentar danceterias, agradar as vagabundas, ver novela todo dia, que merda!
Se esse é seu ideal, é lamentável! É bem provável que você se foda muito, você se auto-destrói e também quer nos incluir.
Porém, não quero, não vou, sou negro, não posso, não vou admitir!
De que valem roupas caras, se não tem atitude?
E o que vale a negritude, se não pô-la em prática?
A principal tática, herança de nossa mãe África!
A única coisa que não puderam roubar! Se soubessem o valor que a nossa raça tem, tingiam a palma da mão pra ser escura também!
Mas nosso júri é racional, não falha!
Não somos fã de canalha!
O nosso júri é racional, não falha!
Não somos fã de canalha! (2x)
Eu quero é nos devolver o valor, que a outra raça tirou.
Esse é meu ponto de vista. Não sou racista, morou?
E se avisaram sua mente, muitos da nossa gente, mas você, infelizmente, sequer demonstra interesse em se libertar.
Essa é a questão: auto-valorização.
Esse é o título da nossa revolução.
Capítulo 1:
O verdadeiro negro tem que ser capaz de remar contra a maré, contra qualquer sacrifício.
Mas com você é difícil: você só pensa no seu benefício.
Desde o início, me mostraram indícios que seus artifícios são vícios pouco originais, artificiais, embranquiçados demais.
Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor.
Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fãs de canalha!
"Por unanimidade,
o júri deste tribunal declara a ação procedente.
E considera o réu culpado
Por ignorar a luta dos antepassados negros
Por menosprezar a cultura negra milenar.
Por humilhar e ridicularizar os demais irmãos.
Sendo instrumento voluntário do inimigo racista.
Caso encerrado."

SALVE

Eu vou mandar um salve pra comunidade do outro lado do muro

As grades nunca vão prender nosso pensamento mano...
Se liga aí jardim evana, parque do engenho, gerivá, jardim rosana, pirajusara, santa tereza... Vaz de lima, parque santo antônio, capelinha, joão morá, vila calu, branca flor, paranapanema, iaracati...Novo oriente, parque arariba, jardim ingá, parque ipê...Pessoal da sabin, jardim marcelo, cidade ademar, jardim são carlos, jardim primavera, santa amélia, jardim santa terezinha, jardim míriam, vila catarina...Áf vietinã, cocáia, cipó, colônia, campanário de diadema, calúpsa e são bernardo...Jardin Calux Vila industrial santo andré, bairro das pimentas, brasilândia, jardim japão, jardim ebron, coabi 1, coabi 2, são matheus, itai, cidade tiradentes, barueri, coabi de tapas...Mangueira, boréus, cidade de Deus, E aí DF, expansão, P norte, P sul... E aí pessoal do sul, restinga... E aí quebradas, zona noroeste santos, rádio favela, BH...E pra todos os aliados espalhados pelas favelas do Brasil! Firma!!! Todos os djs, todos os mcs, que fazem do rap a trilha sonora do gueto... E pros filhos da puta que querem jogá minha cabeça pros porco...ai, tenta a sorte mano, eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo, Que andava entre mendigos e leprosos, pregando a igualdade... Um homem chamado Jesus...só ele sabe a minha hora Ai ladrão, tô saindo fora Paz...

CD “Sobrevivendo no inferno”. Gravadora: Cosa Nostra, 1997.

CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3

(Introdução)

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais

Já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela policia,
Três são negras
Nas universidades brasileiras,
Apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas,
Um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente...
(Mano Brown)
Minha intenção é ruim... esvazia o lugar
Eu tô em cima, eu tô afim... um dois pra atirar
Eu sou bem pior do que você tá vendo
Preto aqui não tem dó... é 100% veneno
A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou parar
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro... eu tenho muita munição
Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tem disposição pro mal e pro bem
Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico
Juiz ou réu, um bandido do céu
Malandro ou otário, quase sanguinário
Franco atirador se for necessário
Revolucionário, insano ou marginal
Antigo e moderno, imortal
Fronteira do céu com o inferno
Astral imprevisível,
Como um ataque cardíaco no verso
Violentamente pacífico, verídico
Vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo
Pra mim ainda é pouco... dá cachorro louco
Número um... dia terrorista da periferia
Uni-duni-tê, eu tenho pra você
Um rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto
1997 depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais capítulo 4 versículo 3
(Ponte)
Aleluia (x2)
Racionais no ar
Filha da puta, pá pá pá
(Ice Blue)
Faz frio em São Paulo... pra mim tá sempre bom
Eu tô na rua de bombeta e moletom
Dim dim dom, rap é o som que emana do Opala marrom
E aí, chama o Guilherme, chama o Fanho, chama o Dinho... e o Di
Marquinho, chama o Éder, vamo aí
Se os outros mano vem pela ordem tudo bem melhor
Quem é quem no bilhar, no dominó
(Mano Brown)
Colou dois mano, um acenou pra mim
De jaco de cetim, de tênis, calça jeans

(Ice Blue)
Ei Brown, sai fora, nem vai, nem cola
Não vale a pena dar idéia nesse tipo af
Ontem à noite eu vi na beira do asfalto
Tragando a morte, soprando a vida pro alto
Ó os cara só o pô... pele e osso
No fundo do poço, mó flagrante no bolso
(Ice Blue)
Veja bem, ninguém é mais que ninguém
Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também
(Ice Blue)
Mar de cocaína e crack, uísque e conhaque
Os mano morre rapidinho sem lugar de destaque
(Mano Brown)
Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?
Nem dá... nunca te dei porra nenhuma
Você fuma o que vem... entope o nariz
Bebe tudo o que vê... faça o diabo feliz
Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A... ninguém tava numá
Mó estílo de calça Calvin Klein, tênis Puma
Um jeito humilde de ser no trampo e no rolê
Curtia um funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Exemplo pra nós... mó moral, mó ibope
Mas começou a colar com os branquinho do shopping
Ai já era... Ih, mano, outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drinques
Puta de butique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra
Hân, faz uns nove anos
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver... pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as tias sente medo
Muito louco de sei lá o que logo cedo
Agora não oferece mais perigo
Viciado, doente, fudido... inofensivo
Um dia um PM negro veio embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições, não dá
Será assim que eu deveria estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho
Minha palavra alivia sua dor
Ilumina minha alma, louvado seja o meu senhor
Que não deixa o mano aqui desandar
E nem senta o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei
Racionais capítulo 4 versículo 3
(Ponte)
Aleluia (x2)
Racionais no ar
Filha da puta, pá pá pá
(Edy Rock)
Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro forte na febre com o

sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de farol em farol
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou o que procura vida nova na condicional
Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela
Ouvindo rádio velho, no fundo de uma cela
Ou o da família real de negro como eu sou
O príncipe guerreiro que defende o gol
(Mano Brown)
E eu não mudo, mas eu não me iludo
Os mano cu de burro têm, eu sei de tudo
Em troca de dinheiro e um carro bom
Tem mano que rebola e usa até batom
Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
Haha, pra ver branquinho aplaudir
É, na sua área tem fulano até pior
Cada um, cada um... você se sente só
Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério
Explode sua cara por um toca-fita velho
Click plau plau plau e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor
Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder
Você sabe por que, pra onde vai, pra quê
Vai de bar em bar, de esquina em esquina
Pega cinquenta conto, troca por cocaína
Enfim o filme acabou pra você
A bala não é de festim, aqui não tem dublê
Para os mano da baixada fluminense à Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia
De Guiana ases ao extremo sul de Santo Amaro
Ser um preto tipo A custa caro
É foda... Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você
Playboy forgado de brinco, um trouxa
Roubado dentro do carro na Avenida Rebouças
Correntinha das moça, as madame de bolsa
Dinheiro... não tive pai não sou herdeiro
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real, minha chance era pouca
Mas se eu fosse aquele muleque de touca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada, sem roupa, você e sua mina
Um dois, nem me viu... já sumi na neblina
Mas não... permaneço vivo, prossigo a mística
Vinte e sete anos contrariando a estatística
Seu comercial de TV não me engana
Eu não preciso de status nem fama
Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem a sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz latino americano
Apoiado por mais de cinquenta mil manos
Efeito colateral que o seu sistema fez
Racionais capítulo 4 versículo 3

TÔ OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR

("Áf mano, o Guina mandou isso aqui pra você")

Tô ouvindo alguém gritar meu nome
 Parece um mano meu, é voz de homem.
 Eu não consigo ver quem me chama
 É tipo a voz do Guina
 Não, não, não, o Guina tá em cama.
 Será? Ouvi dizer que morreu
 sei lá! Última vez que eu o vi,
 eu lembro até que eu não quis ir, ele foi
 Parceria forte aqui era nós dois
 Louco, louco, louco e como era
 Cheirava pra caralho, (vixe) sem miséria
 Todo ponta firme, foi professor no crime
 Também mó sangue frio,
 não dava boi pra ninguém
 Puta aquele mano era foda!
 só moto nervosa
 só mina da hora
 só roupa da moda
 Deu uma pá de blusa pra mim
 naquela fita na butique do Itaim
 Mas sem essa de sermão, mano,
 eu também quero ser assim
 vida de ladrão não é tão ruim!
 Pensei, entrei,
 no outro assalto eu colei e pronto
 aí o Guina deu mó ponto:
 - Aí é um assalto, todo mundo pro chão...!
 - Aí filho-da-puta, aqui ninguém tá
 de brincadeira não!
 - Mais eu ofereço o cofre mano,
 o cofre, o cofre....
 - Vamo lá que o bicho vai pegar!
 Pela primeira vez vi o sistema aos meu pés
 Apavorei, desempenho nota dez
 Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
 O segurança tentou ser mais esperto
 Foi defender o patrimônio do playboy
 (tiros)
 Não vai dar mais pra ser super-herói!
 Se o seguro vai cobrir (Ha! Ha!),
 foda-se, e daí?
 O Guina não tinha dó:
 se reagir, Bum!, vira pó
 Sinto a garganta ressecada
 e a minha vida escorrer pela escada
 Mas se eu sair daqui eu vou mudar
 Eu to ouvindo alguém me chamar
 Eu to ouvindo alguém me chamar
 Tinha um maluco lá na rua de trás
 que tava com moral até demais
 Ladrão, e dos bons
 especialista em invadir mansão
 Comprava brinquedo a reviria
 chamava a molecada e distribuía
 Sempre que eu via ele tava só
 O cara é gente fina mas eu sou melhor
 Eu aqui na pior, ele tem o que eu quero:
 jóia escondida e uma 380
 No desbaratino ele até se crescia
 se pan, ignorava até que eu existia
 Tem um brilho na janela, é então
 A bola da vez
 tá vendo televisão
 (Psim.... Vamo, vai, entrando)
 Guina no portão, eu e mais um mano
 "- Como é que é neguinho?"
 Se dirigia a mim, e ria, ria,
 como se eu não fosse nada
 Ria, como fosse ter virada
 Estava em jogo, meu nome e atitude. (tiros)
 Era uma vez Robin Hood.
 Fulano sangue-ruim, caiu de olho aberto
 Tipo me olhando, eh, me jurando
 Eu tava bem de perto e acertei uns seis
 o Guina foi e deu mais três.

Lembro que um dia o Guina me falou
 que não sabia bem o que era amor
 Falava quando era criança
 uma mistura de ódio, frustração e dor
 De como era humilhante ir pra escola
 usando a roupa dada de esmola
 De ter um pai inútil, digno de dó
 mais um bêbado, filho da puta e só.
 Sempre a mesma merda, todo dia igual
 sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal
 Longe dos cadernos, bem depois
 a primeira mulher e o 22
 Prestou vestibular no assalto do busão
 numa agência bancária se formou ladrão
 Não, não se sente mais inferior
 Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor
 Guina, eu tinha mó admiração, ó
 Considerava mais do que meu próprio
 irmão, ó
 Ele tinha um certo dom pra comandar
 Tipo, linha de frente em qualquer lugar
 Tipo, condição de ocupar um cargo bom e
 tal
 talvez em uma multinacional.
 É foda...
 Pensando bem que desperdício
 Aqui na área acontece muito disso
 Inteligência e personalidade
 mofando atrás da porra de uma grade
 Eu só queria ter moral e mais nada
 Mostrar pro meu irmão
 pros cara da quebrada.
 Uma caranga e uma mina de esquema
 Algum dinheiro resolvia o meu problema
 O que eu tô fazendo aqui?
 Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no
 chão
 uma criança chorando e eu com um
 revolver na mão
 Aquele é o quadro do terror, e eu que fui ao
 autor
 Agora é tarde, eu já não podia mais
 parar com tudo, nem tentar voltar atrás
 Mas no fundo, mano, eu sabia
 Que essa porra ia zoar a minha vida um dia
 Me olhei no espelho e não reconheci
 Estava enlouquecendo, não podia mais
 dormir
 Preciso ir até o fim
 Será que Deus ainda olha pra mim?
 Eu sonho toda madrugada
 com criança chorando e alguém dando
 risada
 Não confiava nem na minha própria sombra
 mas segurava a minha onda
 Sonhei que uma mulher me falou, eu não
 sei o lugar
 que um conhecido meu (quem?) ia me
 matar
 Precisava acalmar a adrenalina
 Precisava parar com a cocaína
 Não to sentindo meu braço
 nem me mexer da cintura pra baixo
 Ninguém na multidão vem me ajudar?
 Que sede da porra, eu preciso respirar!
 Cadê meu irmão?
 Eu to ouvindo alguém me chamar
 Eu to ouvindo alguém me chamar
 Nunca mais vi meu irmão
 Diz que ele pergunta de mim, não sei não
 A gente nunca teve muito a ver
 outra idéia, outro rolê
 Os malucos lá do bairro
 Já falava de revolver, droga, carro
 Pela janela da classe eu olhava lá fora
 a rua me atraia mais do que a escola

Fiz 17, tinha que sobreviver
 Agora eu era um homem, tinha que correr
 No mundão você vale o que tem
 eu não podia contar com ninguém
 Cuzão,
 fica você com seu sonho de doutor!
 Quando acordar cé me avisa, morô?
 Eu e meu irmão era como óleo e água
 quando eu sai de casa trouxe muita mágoa
 Isso há mais ou menos seis anos atrás
 Porra, mó saudade do meu pai!
 Me chamaram para roubar um posto
 Eu tava duro, era mês de agosto
 Mais ou menos três e meia, luz do dia
 Tudo fácil demais, só tinha um vigia
 Não sei, não deu tempo, eu não vi, ninguém
 viu
 atiraram na gente, um moleque caiu
 Prometi pra mim mesmo, era a última vez...
 Porra, ele só tinha 16!
 Não, não, não, tô afim de parar
 mudar de vida, ir pra outro lugar
 Um emprego decente, sei lá
 talvez eu volte a estudar
 Dormir a noite era difícil pra mim
 medo, pensamento ruim
 Ainda ouço gargalhadas, choro, vozes
 a noite era longa
 mó neurose
 Tem uns malucos atrás de mim
 Qual que é?
 Eu nem sei.
 Diz que o Guina tá em cama e eu que
 cagueiei
 Pô, logo quem, logo eu, olha só, ó!
 Que sempre segurei os B.O.!
 Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!
 mas eu não to com esse dinheiro que os
 cara quer
 Maior que o medo, o que eu tinha era
 decepção
 A trairagem
 a pilantragem
 a traição
 Meus aliado, meus mano, meus parceiro
 querendo me matar por dinheiro
 Vivi sete anos em vão
 tudo que eu acreditava não tem mais razão,
 não...
 Meu sobrinho nasceu
 diz que o rosto dele é parecido com o meu
 Eh, diz... um pivete eu sempre quis
 meu irmão merece ser feliz
 Deve estar a essa altura
 bem perto de fazer a formatura
 Acho que é direito, advocacia
 acho que era isso que ele queria
 Sinceramente eu me sinto feliz
 graças a Deus, não fez o que eu fiz
 Minha finada mãe, proteja o seu menino
 o diabo agora guia o meu destino
 Se o júri for generoso comigo:
 Quinze anos para cada latrocínio...
 Sem dinheiro pra me defender
 Homem morto, caguetas, sem ser
 Que se foda, deixa acontecer
 não há mais nada a fazer.
 Essa noite eu resolvi sair
 tava calor demais, não dava pra dormir
 Ia levar meu canhão,
 sei lá, decidi que não
 É rapidinho, não tem precisão
 Muita criança, pouco carro, vou tomar um
 ar
 Acabou meu cigarro, vou até o bar

(E aí, como é que é, e aquela lá ó?)
 To devagar, to devagar.
 Tem uns baratos que não dá pra perceber
 que tem mó valor e você não vê
 uma pá de árvore na praça
 as criança na rua
 o vento fresco na cara
 as estrela
 a lua
 Dez minutos atrás, foi como uma
 premonição
 Dois moleques caminhando em minha
 direção
 Não vou correr, eu sei do que se trata
 se é isso que eles querem
 então vem, me mata!
 Disse algum barato pra mim que eu não
 escutei
 Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu
 sei!
 Uma 380 prateada, que eu mesmo dei
 Um moleque novato com a cara assustada
 ("Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra
 você")
 mas depois do quarto tiro eu não vi mais
 nada
 Sinto a roupa grudada no corpo
 Eu quero viver, não posso estar morto!
 Mas se eu sair daqui eu vou mudar
 Eu tô ouvindo alguém me chamar

RAPAZ COMUM

Parece que alguém está me carregando
 perto do chão
 Parece um sonho, parece uma ilusão
 A agonia, o desespero toma conta de mim.
 Algo no ar me diz que é muito ruim.
 Meu sangue quente. Não sinto dor.
 A mão dormente não sente o próprio suor.
 Meu raciocínio fica meio devagar.
 Quem me fodeu?
 Eu tô tentando me lembrar.
 Cresceu o movimento ao meu redor.
 Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior.
 Mentir a vida toda pra si mesmo.
 Ou continuar e insistir no mesmo erro.
 Me lembro de um fulano:
 \"mata esse mano!\"
 Será que errar dessa forma é humano?
 Errar a vida inteira é muito fácil.
 Pra sobreviver aqui tem que ser mágico.
 Me lembro de várias coisas ao mesmo
 tempo.
 Como se eu estivesse perdendo tempo.
 \"A ironia da vida é foda!\"
 Que valor tem? Quanto valor tem?
 Uma vida vale muito, vim saber só agora.
 Deitado aqui e os manos na paz, tudo lá
 fora
 Puxando ferro ou talvez batendo uma bola.
 \"Pode crer. Deve tá mó lua da hora!\"
 Tem alguém me chamando, quem é?
 Apertando minha mão, tem voz de mulher.
 O choro a faz engolir as palavras.
 Um lenço que enxuga meu suor enxuga
 suas próprias lágrimas.
 No rosto de uma mãe que reza baixinho.
 Que nunca me deixou faltar, ficar sozinho.
 Me ensinou o caminho desde criança.
 Minha infância, mais uma eu guardo na
 lembrança.
 Na esperança da periferia eu sou mais um.
 \"Clip, clap, bum!\"
 Rapaz comum.
 \"Clip, clap, bum!\"

"A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 Rapaz comum.
 "A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 "Predatória".
 Rapaz comum.
 "Preserve a sua glória!"
 Queria atrasar o meu relógio.
 Pra mim vale muito um minuto a mais de
 ódio.
 Mas me sinto fraco, indefeso, desprotegido.
 Eu vou mais alto, cusão! Pra te levar
 comigo!
 Vou ser um encosto na sua vida.
 Você criou um monstro sem cura, sem
 alternativa!
 Me enganar pra quê?
 Se o fim é virar pó!
 Fiquei muito pior.
 Segura o seu B.O.!
 O preto aqui não tem dó!
 Mais uma vida desperdiçada e é só.
 Uma bala vale por uma vida do meu povo.
 No pente tem quinze, sempre há menos no
 morro, e então?
 Quantos manos iguais a mim se foram?
 Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!
 Quê que pega aqui? Quê que acontece ali?
 Vejo isso frequentemente, desde moleque.
 Quinze de idade já era o bastante, então.
 Treta no baile, então. Tiros de monte!
 Morte nem se fala!
 Eu vejo o cara agonizando!
 \"Chame a ambulância! Alguém chame a
 ambulância!\"
 Depois ficava sabendo na semana
 Que dois já era.
 Os preto sempre teve fama.
 No jornal, revista e TV sevê.
 Morte aqui é natural, é comum de se ver.
 Caralho! Não quero ter que achar normal
 ver um mano meu coberto de jornal!
 É mal! Cotidiano suicida!
 Quem entra tem passagem só pra ida!
 Me diga. Me diga: que adianto isso faz?
 Me diga. Me diga: que vantagem isso traz?
 Então...
 A fronteira entre o Céu e o Inferno tá na sua
 mão.
 Nove milímetros de ferro.
 Cusão! otário! que pôrra é você?
 Olha no espelho e tenta entender
 A arma é uma isca pra fisgar.
 Você não é polícia pra matar!
 É como uma bola de neve.
 Morre um, dois, três, quatro.
 Morre mais um em breve.
 Sinto na pele, me vejo entrando em cena.
 Tomando tiro igual filme de cinema.
 \"Clip, clap, bum!\"
 Rapaz comum.
 \"Clip, clap, bum!\"
 "A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 Rapaz comum.
 "A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 "Predatória".
 Rapaz comum.
 "Preserve a sua glória!"
 Minha idéia táclareando.
 Eu fico atacado, mó neurose, o tempo tá
 esgotando.
 Não quero admitir, meus olhos vão abrir.
 Vou chorar, vou sorrir, vou me despedir.

Não quero admitir que sou mais um.
 Infelizmente é assim, aqui é comum.
 Um corpo a mais no necrotério, é sério.
 Um preto a mais no cemitério, é sério.
 Eu tô me vendo agora e é difícil.
 Minha família, meus manos.
 No centro um crucifixo.
 Meus filhos olhando sem entender o
 porquê.
 Se eu pudesse falar talvez iriam saber.
 Não acredito que esse mano veio até aqui!
 Me matou, quer certeza e quer conferir.
 Me acompanham até a sepultura.
 Vejo um tumulto no caixão. Hâ!
 E alguém segura!
 Mais uma mãe que não se conforma.
 Perder um filho dessa forma é foda!
 Quem se conforma?
 Como eu podia imaginar no velório de
 outras pessoas.
 Hoje estou no lugar.
 No buraco desce o meu caixão.
 Jogam terra, flores, se despedem na última
 oração.
 Tão me chamando, meu tempo acabou.
 Não sei pra onde ir!
 Não sei pra onde vou!
 Qual que é?
 Qual que é?
 O quê que eu vou ser?
 Talvez um anjo de guarda pra te proteger.
 Não sou o último nem muito menos o
 primeiro
 A lei da selva é uma merda e você é o
 herdeiro!

DIÁRIO DE UM DETENTO

"São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h
 da manhã.
 Aqui estou, mais um dia.
 Sob o olhar sanguinário do vigia.
 Você não sabe como é caminhar com a
 cabeça na mira de
 uma HK.
 Metralhadora alemã ou de Israel.
 Estralhala ladrão que nem papel.
 Na muralha, em pé, mais um cidadão José.
 Servindo o Estado, um PM bom.
 Passa fome, metido a Charles Bronson.
 Ele sabe o que eu desejo.
 Sabe o que eu penso.
 O dia tá chuvoso. O clima tá tenso.
 Vários tentaram fugir, eu também quero.
 Mas de um a cem, a minha chance é zero.
 Será que Deus ouviu minha oração?
 Será que o juiz aceitou apelação?
 Mando um recado lá pro meu irmão:
 Se tiver usando droga, tá ruim na minha
 mão.
 Ele ainda tá com aquela mina.
 Pode crer, moleque é gente fina.
 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei
 lá...
 Tanto faz, os dias são iguais.
 Acendo um cigarro, vejo o dia passar.
 Mato o tempo pra ele não me matar.
 Homem é homem, mulher é mulher.
 Estuprador é diferente, né?
 Toma soco toda hora, ajoelha e beija os
 pés,
 e sangra até morrer na rua 10.
 Cada detento uma mãe, uma crença.
 Cada crime uma sentença.
 Cada sentença um motivo, uma história de
 lágrima,

sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.
Misture bem essa química.
Pronto: eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio.
Ao redor do campo, em todos os cantos.
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã...
Aqui não tem santo.
Rátatá... preciso evitar
que um safado faça minha mãe chorar.
Minha palavra de honra me protege
pra viver no país das calças bege.
Tic, tac, ainda é 9h40.
O relógio da cadeia anda em câmera lenta.
Ratatá, mais um metrô vai passar.
Com gente de bem, apressada, católica.
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita.
Com raiva por dentro, a caminho do Centro.
Olhando pra cá, curiosos, é lógico.
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
quanto seu celular, seu computador.
Hoje, tá difícil, não saiu o sol.
Hoje não tem visita, não tem futebol.
Alguns companheiros têm a mente mais fraca.
Não suportam o tédio, arruma quiaca.
Graças a Deus e à Virgem Maria.
Faltam só um ano, três meses e uns dias.
Tem uma cela lá em cima fechada.
Desde terça-feira ninguém abre pra nada.
Só o cheiro de morte e Pinho Sol.
Um preso se enforcou com o lençol.
Qual que foi? Quem sabe? Não conta.
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)
Nada deixa um homem mais doente
que o abandono dos pais.
Aí moleque, me diz: então, cé que o quê?
A vaga tá lá esperando você.
Pega todos seus artigos importados.
Seu currículo no crime e limpa o rabo.
A vida bandida é sem futuro.
Sua cara fica branca desse lado do muro.
Já ouviu falar de Lucifer?
Que veio do Inferno com moral.
Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.
Comendo rango azedo com pneumonia...
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abrial, Parelheiros,
Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela,
Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis.
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada.
Mas pro Estado é só um número, mais nada.
Nove pavilhões, sete mil homens.
Que custam trezentos reais por mês, cada.
Na última visita, o neguinho veio aí.
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free...
Ligou que um pilantra lá da área voltou.
Com Kadett vermelho, placa de Salvador.
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
com uma nove milímetros embaixo da blusa.
Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos
onde é que tá?"
Lembra desse cururu que tentou me
matar?"
Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno
manso.
Ficava muito doido e deixava a mina só.
A mina era virgem e ainda era menor.
Agora faz chupeta em troca de pô!"

Brown: "Esses papos me incomoda.
Se eu tô na rua é foda..."
Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."
Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí.
Eu quero mudar, eu quero sair.
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum.
E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."
Amanheceu com sol, dois de outubro.
Tudo funcionando, limpeza, jumbo.
De madrugada eu senti um calafrio.
Não era do vento, não era do frio.
Acertos de conta tem quase todo dia.
Ia ter outra logo mais, eu sabia.
Lealdade é o que todo preso tenta.
Conseguir a paz, de forma violenta.
Se um salafário sacanear alguém,
leva ponto na cara igual Frankenstein.
Fumaça na janela, tem fogo na cela.
Fudeu, foi além, se pô!, tem refém.
Na maioria, se deixou envolver
por uns cinco ou seis que não têm nada a perder.
Dois ladrões considerados passaram a discutir.
Mas não imaginavam o que estaria por vir.
Traficantes, homicidas, estelionatários.
Uma maioria de moleque primário.
Era a brecha que o sistema queria.
Avise o IML, chegou o grande dia.
Depende do sim ou não de um só homem.
Que prefere ser neutro pelo telefone.
Ratatá, caviar e champanhe.
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...
quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
O ser humano é descartável no Brasil.
Como modess usado ou bombril.
Cadeia? Claro que o sistema não quis.
Esconde o que a novela não diz.
Ratatá! sangue jorra como água.
Do ouvido, da boca e nariz.
O Senhor é meu pastor...
perdoe o que seu filho fez.
Morreu de brucos no salmo 23,
sem padre, sem repórter.
sem arma, sem socorro.
Vai pegar HIV na boca do cachorro.
Cadáveres no poço, no pátio interno.
Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio, não sente pena.
Só ódio e ri como a hiena.
Rátatá, Fleury e sua gangue
vão nadar numa piscina de sangue.
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia 3 de outubro, diário de um detento."

PERIFERIA É PERIFERIA

Esse lugar é um pesadelo periférico
Fica no pico numérico de população
De dia a pivotada a caminho da escola
A noite vão dormir enquanto os manos
"decola"
Na farinha... hã! Na pedra... hã!
Usando droga de monte, que merda, hã!
Eu sinto pena da família desses cara
Eu sinto pena, ele quer mais, ele não pára
Um exemplo muito ruim pros moleque
Pra começar é rapidinho e não tem breque

Herdeiro de mais alguma Dona Maria
Cuidado senhora, tome as rédias da sua cria
Porque chefe da casa trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário
Esmola de patrão cuzão milionário
Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
Trezentos e sessenta e cinco dias por ano
sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de quê?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer que
andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir
Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas demais,
O bastante pra um filme de guerra
Aqui a visão já não é tão bela...
Não existe outro lugar...
Periferia...Gente pobre...
Aqui a visão já não é tão bela...
Não existe outro lugar...
Periferia é periferia...
Aqui a visão já não é tão bela...
Não existe outro lugar...
Periferia...Gente pobre...
Aqui a visão já não é tão bela...
Não existe outro lugar...
Periferia é periferia...
Um mano me disse que quando chegou aqui
Tudo era mato e só se lembra de tiro aí
Outro maluco disse que ainda é embaçado
Quem não morreu, tá preso sossegado
Quem se casou quer criar o seu pivete ou
não
Cachimbar e ficar doido igual moleque,
então
A covardia dobra a esquina e mora ali
Lei do cão, lei da selva... hã... hora de subir
(Mano, que treta, mano! Mó treta, você viu?
Roubaram o dinheiro daquele tio!)
Que se esforça sol a sol, sem descansar
Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar
É uma pena, um mês inteiro de trabalho
Jogado tudo dentro de um cachimbo,
caralho!
O ódio toma conta de um trabalhador
Escravo urbano, um simples nordestino
Comprou uma arma pra se auto-defender
Quer encontrar o vagabundo desta vez não
vai ter... "boi"
Não vai ter "boi" (Qual que foi?)
Não vai ter... "boi" (Qual que foi?)
A revolta deixa o homem de paz
imprevisível
E sangue no olho, impiedoso e muito mais
Com sede de vingança e previnido
Com ferro na cinta, acorda na... madrugada
de quinta.
Um pilantra andando no quintal.
Tentando, roubando as roupas do varal.
Olha só como é o destino, inevitável
O fim de vagabundo, é lamentável
Aquele putô que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia
Dezenove anos jogados fora!
É foda, essa noite chove muito porque Deus
chora
Muita pobreza, estoura a violência...
Nossa raça está morrendo mais cedo...
Não me diga que está tudo bem...
Muita pobreza, estoura a violência...

Nossa raça está morrendo mais cedo...
Não me diga que está tudo bem...
Muita pobreza, estoura a violência...
Nossa raça está morrendo mais cedo...
Não me diga que está tudo bem...
Muita pobreza, estoura a violência...
Nossa raça está morrendo mais cedo...
Veveve... verdade seja dita...
Vi só de alguns anos pra cá, pode acreditar
Já foi bastante pra me preocupar com meus filhos
Periferia é tudo igual
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal
Ultimamente andam os doidos pela rua Louco na fissura, te estranham na loucura
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano
Roubar é mais fácil que tramar, mano
É complicado, o vício tem dois lados
Depende disso ou daquilo ou não tá tudo errado
Eu não vou ficar do lado de ninguém por quê?
Quem vende droga pra quem? Hâ
Vem pra cá de avião, pelo porto ou cais
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você
Periferia é periferia... Que horas são, não sei responder...
Periferia é periferia... Milhares de casas amontoadas...
Periferia é periferia... Vacilou, ficou pequeno pode acreditar...
Periferia é periferia... Em qualquer lugar...
Gente pobre...
Periferia é periferia... Vários botecos abertos, várias escolas vazias...
Periferia é periferia... E a maioria por aqui se parece comigo...
Periferia é periferia... Mães chorando, irmãos se matando, até quando...
Periferia é periferia... Em qualquer lugar...
Gente pobre...
Periferia é periferia... Aqui meu irmão é cada um por si...
Periferia é periferia... Molecada sem futuro eu já consigo ver...
Periferia é periferia... Aliados drogados...
Periferia é periferia... Em qualquer lugar....
Gente pobre....
Periferia é periferia... Deixe o crack de lado, escute meu recado...

EM QUAL MENTIRA VOU ACREDITAR?

São apenas dez e meia tem a noite inteira, Dormir é embaçado numa sexta-feira. Tv é uma merda prefiro ver a lua, Preto Edi Rock está a caminho da rua. Hâ, sei lá vou pr'uma festa se pam, Se os cara não colar volto às três da manhã. Tô devagar, tô a cinquenta por hora, Ouvindo funk do bom minha trilha sonora. A polícia cresce o olho, eu quero que se foda, Zona norte a bandidagem curte a noite toda. Eu me formei suspeito profissional, Bacharel pós-graduado em tomar geral. Eu tenho um manual com os lugares horários, De como dar perdido, ai caralho...

Prefixo da placa é MY sentido Jaçanã, Jardim Ebrom. Quem é preto como eu, já tá ligado qual é, nota fiscal RG polícia no pé. Escuta aqui o primo do cunhado do meu genro é mestiço, Racismo não existe, comigo não tem disso, É pra sua segurança. Falou, falou... Deixa pra lá. Vou escolher em qual mentira vou acreditar. Tem que saber curtir, tem que saber lidar. Em qual mentira vou acreditar? A noite é assim mesmo então, deixa rolar. Vou escolher em qual mentira vou acreditar. Tem que saber curtir, tem que saber lidar. Em qual mentira vou acreditar? Oh, que caras chato ô, Quinze pras onze eu nem fui muito longe E os home embaçou. Revirou os banco, amassou meu boné branco, Sujou minha camisa do Santos. Eu nem me lembro mais pra onde eu vou, Hii quem será que ligo? Espere na estação eu tô na zona sul, Eu chego rapidinho assinado: Blue. Pode crer, naquele lado de Santana Conheço uns lugar, conheço umas fulana. Julianá? Não. Mariana? Não. Alessandra? Não. Adriana? Não. O nome é só um detalhe, o nome é só um nome. 953 hum... Esqueci o telefone. Porra demorou, hein! E aí, Blue como é que é? Isso aqui é inferno, tem uma pá de mulher. Trombei uma pá, de gente uma pá de mano,(pode crer) Tô há quase uma hora te esperando. Passou uma figura aqui e deu ideia, Disse que te conhece, se pá chama Léa. (Eu) Cabelo solto vestido vermelho, Estrategicamente a um palmo do joelho. (Hummm...) Os caras comentaram o visual, oh os bico que tal? Pagando o mó pau. Ninguém falou ah ah mas eu ouvia, Meio mundo xingando por telepatia. (Filha da puta) Economizava meu vocabulário, Não tinha o que falar, falava o necessário. Meio assim, é claro será qual é que é truta? Aqui falta mina filha da puta. Tudo comigo, confio no meu taco, Versão africana Don Juan DeMarco. Tudo muito bom, tudo muito bem, Sei lá o que é que tem, idéia vai idéia vem. Ela era princesa eu era o plebeu, Quem é mais foda que eu? Espelho espelho meu? Tipo Thaís de Araújo ou Camila Pitanga? Uma mistura, confesso, fiquei de perna bamba. Será que ela aceita ir comigo pro baile? Ou ir pra zona sul ter um grand finale? Amor com gosto de gueto até às seis da manhã, Me chamar de meu preto e me cantar Djavan. Ninguém ouviu, mas puta que pariu. Em fração de segundos meu castelo caiu, A mais bonita da escola rainha passista, Se transformou numa vaca nazista.

Eu ouvindo James Brown, pá... Cheio de pose. Ela perguntou se eu tenho, o quê? Guns N' Roses? Lógico que não! A mina quase histérica Meteu a mão no rádio e pôs na transamérica. Como é que ela falou? Só se liga nessa, Que mina cabulosa olha só que conversa. Que tinha bronca de neguinho de salão, (não) Que a maioria é maloqueiro e ladrão. (aí não) Aí não mano! Foi por pouco, Eu já tava pensando em capotar no soco. Disse pra "mim" não falar gíria com ela,(pode crer) Pra me lembrar que não tô na favela. Bate-boca mó guela será que é meia-noite, já? A cinderela virou bruxa do mal? Me humilhar não vai, vai tirar o caraí, Levanta o seu rabo racista e sai. Eu conheço essa perversa há mó cara, Correu a banca toda de uns playba Que cola lá na área. Pra mim ela já disse que era solitária, Que a família era rígida e autoritária. Tem vergonha de tudo cheia de complexo, Que ainda era cedo pra pensar em sexo. A noite é assim mesmo, então deixa rolar, Vou escolher em qual mentira vou acreditar. Tem que saber mentir, tem que saber lidar, Em qual mentira vou acreditar. Tem que saber curtir, tem que saber lidar. Em qual mentira vou acreditar? A noite é assim mesmo, então deixa rolar, Vou escolher em qual mentira vou acreditar. Tem que saber curtir, tem que saber lidar. Em qual mentira vou acreditar? Ih caralho, olha só quem tá ali? O que que esse mano tá fazendo aqui? E aí esse maluco veio agora comigo, Ligou que era até seu amigo. Morava lá na sul, irmão da Cristiane, Dei um cavalo pra ele no lausane. Ia levar um recado pra uns parente local, Da Igreja Evangélica Pentecostal. Desceu do carro acenando a mão, (na paz do senhor!) Ninguém dava atenção. Bem diferente do estilo dos crentes, Um bombojaco e touca mas a noite tá quente. Que barato estranho, só aqui tá escuro, Justo nesse poste não tem luz de mercúrio. Passaram vinte fiéis até agora, Dá cinco reais, cumprimenta e sai fora. Um irmão muito sério em frente à garagem, Outro com a mão na cintura em cima da laje. De vez em quando a porta abre e um diz: "Tem do preto e do branco!" Encosta o nariz. Isso sim isso é que é união, O irmão saiu feliz sem discriminação. De lá pra cá veio gritando rezando, "Aleluia, as coisas tão melhorando!" Esse cara é dentista, sei lá... Diz Que a firma dele chama Boca S/A. Será material de construção? Vendedor de pedras? Lá na zona sul era patrão. Ih! Patrão o caralho! Ele é safado,

Fugiu do Valo Velho com os dias contados.
(Tava desconfiando...)
Na paranoia de fumar era fatal,
Arrombava os barracos saqueava os varal.
(Demorô)
Bateu na cara do pai de um vagabundo,
Humm... Tá fazendo hora extra no mundo.
A noite tá boa a noite tá de barato,
Mas puta gambé pilantra é mato.
Tem que saber curtir, tem que saber lidar.
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo, então deixa rolar.
Qual mentira vou acreditar?

MÁGICO DE OZ

Aquele moleque, sobrevive como manda o dia a dia, tá na correria, como vive a maioria, preto desde nascença escuro de sol, eu tô pre ver ali igual no futebol, sair um dia das ruas é a meta final viver descente, sem ter na mente o mal, tem o instinto, que a liberdade deu, tem a malícia, que a cada esquina deu, conhece puta, traficante ladrão, toda raça uma par de aluscínado e nunca embaço, confia nele mais do que na polícia, quem confia em polícia, eu não sou louco, a noite chega, e o frio também, sem demora e a pedra o consumo aumenta a cada hora, pra aquecer ou pra esquecer, viciar, deve ser pra se adormecer, pra sonhar, viajar na paranóia, na escuridão, um poço fundo de lama, mais um irmão, não quer crescer, ser fugitivo do passado, envergonhar-se aos 25 ter chegado,

Refrão:

Queria que Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de OZ...
Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
(Que Deus Ouvisse a minha Voz)
No mundo mágico de OZ
Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio, pagando a rodada risada e vagabunda no meio, a impressão que dá, é que ninguém pode parar, um carro importado, som no talo, Homem na Estrada eles gostam, só bagaceira só, o dia inteiro só, como ganha o dinheiro, vendendo pedra e pó, rolex ouro no pescoço a custa de alguém, uma gostosa do lado pagando pau pra quem? A polícia passou e fez o seu papel, dinheiro na mão, corrupção à luz do céu, que vida agitada hein? gente pobre tem, periferia tem, você conhece alguém, moleque novo que não passa dos doze, já viu viveu, mais que muito homem de hoje, vira a esquina, e para em frente a uma vitrini, se ve, se imagina na vida do crime, dizem que quem quer segue o caminho certo, ele se espelha em quem tá mais perto, pelo reflexo do vidro ele vê, seu sonho no chão se retorcer, ninguém liga pro moleque tendo um ataque, foda-se quem morrer desta porra de crack, relaciona os

fatos com seus sonhos, poderia ser eu no seu lugar, AH, das duas uma eu não quero desandar, foram aqueles manos que trouxeram essa porra pra cá, matando os outros, em troca de dinheiro e fama, grana suja como vem vai não me engana, queria que DEUS, ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de OZ...
Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
No mundo mágico de oz Hey mano, será que ele terá uma chance, quem vive nesta porra, merece uma revanche, é um dom que você tem de viver, é um dom que você recebe pra sobreviver, história chata, mas você tá ligado? que é bom lembrar, que quem entrar é um em cem, pra voltar, quer dinheiro pra vender, tem um monte aí, tem dinheiro quer usar, tem um monte aí, tudo dentro de casa, vira fumaça, é foda, será que DEUS deve tá provando minha raça? só desgraça, gira em torno daqui, falei do JB, é o que queria fazer, rezei pra um moleque que pediu, qualquer trocado qualquer moeda, me ajuda tio? pra mim não faz falta, uma moeda não neguei, e não quero saber, o que que pega se eu errei, independente a minha parte eu fiz, tirei um sorriso ingênuo, fiquei um terço feliz, se diz que moleque de rua rouba, o governo, a polícia no Brasil quem não rouba? Ele só não têm diploma pra roubar, ele não se esconde atrás de uma farda suja, é tudo uma questão de repercussão irmão, é uma questão de pensar, AH, a polícia sempre dá o mal exemplo, lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro, pra dentro, de cada canto da cidade, pra cima dos quatro extremos da simplicidade, a minha liberdade foi roubada, minha dignidade violentada, que nada, os manos se ligar, parar de se matar, amaldiçoar, levar pra longe daqui essa porra, não quero que um filho meu um dia DEUS me livre morra, ou um parente meu acabe com um tiro na boca, é preciso morrer pra DEUS ouvir minha VOZ, ou transformar aqui no mundo mágico de OZ...
Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
No mundo mágico de OZ Jardim Filhos da Terra e tal, Jardim Ebrom, jáçanã, Jowa Rural, Piquiri e Mazzei, Nova Galvão, Jardim Corisco, Fontalis e então, Campo Limpo, Guarulhos Jardim Peri, JB, Edu Chaves e Tucuruvi,

Alo Doze, Mimosa e São Rafael, Zachi Narchi tem lugar no céu, Às vezes eu fico pensando se DEUS existe mesmo, moro? Porque meu povo já sofreu demais, e continua sofrendo até hoje! Só quero ver os moleque nos farol, na rua, muito louco de cola, de pedra, e eu penso que poderia ser um filho meu, moro? Mas aí! Eu tenho fé, eu tenho fé... em DEUS.

FÓRMULA MÁGICA DA PAZ

Essa porra é um campo minado. Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui, mas aí, minha área é tudo o que eu tenho. A minha vida é aqui, eu não preciso sair. É muito fácil fugir mas eu não vou. Não vou trair quem eu fui, quem eu sou. Eu gosto de onde eu vou e de onde eu vim, ensinamento da favela foi muito bom pra mim. Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão, eu sempre respeitei, Qualquer jurisdição, qualquer área, Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Missionária. Funxal, Pedreira e tal, Joaniza. Eu tento adivinhar o que você mais precisa. Levantar sua "goma" ou comprar uns "pano", um advogado pra tirar seu mano. No dia da visita você diz que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no X. Então, como eu tava dizendo, sangue bom, isso não é sermão, ouve aí, tem o dom? Eu sei como é que é, é foda parceiro É a maldade na cabeça o dia inteiro. Nada de roupa, nada de carro, sem emprego, não tem IBOPE, não tem rolê sem dinheiro. Sendo assim, sem chance, sem mulher, Você sabe muito bem o que ela quer, é. Encontre uma de caráter se você puder. É embaçado ou não é? Ninguém é mais que ninguém, absolutamente, aqui quem fala é mais um sobrevivente. Eu era só um moleque, só pensava em dançar, cabelo BLACK e tênis ALL STAR. Na roda da função "mó zoeira!" Tomando vinho seco em volta da fogueira. A noite inteira, só contando história, sobre o crime, sobre as treta na escola. Não tava nem aí, nem levava nada a sério. Admirava os ladrão e os malandro mais velho. Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga: O que melhorou? Da função quem sobrou? Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá, qual a próxima mãe que vai chorar? Há! Demorou, mas hoje eu posso compreender, que malandragem de verdade é viver. Agradeço a DEUS e aos ORIXÁS, parei no meio do caminho e olhei pra trás.

Meus outros manos todos foram longe de mais:
 - Cemitério São Luis, aqui jaz.
 Mas que merda, meu oitão tá até a boca, que vida louca!
 Por que é que tem que ser assim?
 Ontem eu sonhei que um fulano aproximou de mim,
 " Agora eu quero ver ladrão, pá! pá! pá! pá!", Fim.
 É... sonho é sonho, deixa quieto.
 Sexto sentido é um dom, eu tô esperto.
 Morrer é um fator, mas conforme for, tem no bolso, na agulha e mais 5 no tambor.
 Joga o jogo, vamos lá, caiu a 8 eu mato a par.
 Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz
 de encontrar a FÓRMULA MÁGICA DA PAZ.
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar, eu vou procurar, eu vou procurar, você não bota uma fé, mas eu vou atrás
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) da minha FÓRMULA MÁGICA DA PAZ.
 Eu vou atrás da minha(você não bota mó fé)
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Caralho! Que calor, que horas são agora? Dá pra ouvir a pivotada gritando lá fora. Hoje acordei cedo pra ver, sentir a brisa de manhã e o Sol nascer. É época de pipa, o céu tá cheio. 15 anos atrás eu tava ali no meio. Lembrei de quando era pequeno, eu e os cara... faz tempo, faz tempo,
 E O TEMPO NÃO PARA.
 Hoje tá da hora o esquema pra sair, é... vamo, não demora, mano, chega aí!
 "Cê viu ontem? Os tiro ouvi de monte!
 Então, diz que tem uma pá de sangue no campo." IH, mano toda mão é sempre a mesma idéia junto:
 TRETA, TIRO, SANGUE, aí, muda de assunto. Traz a fita pra eu ouvir porque eu tô sem, principalmente aquela lá do Jorge Ben. Uma pá de mano preso chora a solidão. Uma pá de mano solto sem disposição. Empenhorando por aí, rádio, tênis, calça, acende num cachimbo... virou fumaça!
 Não é por nada não, mas aí, nem me ligo ô, a minha liberdade eu curto bem melhor. Eu não tô nem aí pra o que os outros fala. 4, 5, 6, preto num Opala. Pode vir GAMBÉ, PAGA PAU, tô na minha na moral na maior, SEM GORÓ, SEM PACAU, SEM PÓ. Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra, não sou pedreiro, não fumo pedra. Um rolê com os aliados já me faz feliz, respeito mútuo é a chave é o que eu sempre quis(diz...). Procure a sua, a minha eu vou atrás, até mais, da FÓRMULA MÁGICA DA PAZ.
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar
 Eu vou procurar, eu vou procurar você não bota mó fé..., mas eu vou atrás...
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Da FÓRMULA MÁGICA DA PAZ
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar
 Eu vou procurar, eu vou procurar

você não bota mó fé..., mas eu vou atrás....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Choro e correria no saguão do hospital. Dia das criança, feriado e luto final. Sangue e agonia entra pelo corredor. Ele tá vivo! Pelo amor de DEUS Doutor! 4 tiros do pescoço pra cima, puta que pariu a chance é mínima! Aqui fora, revolta e dor, lá dentro estado desesperador! Eu percebi quem eu sou realmente, quando eu ouvi o meu sub-consciente: "E aí mano Brown vaçilão? Cadê você? Seu mano tá morrendo o que você vai fazer?". Pode crê, eu me senti inútil, eu me senti pequeno, mais um cuzão vingativo(mais um). Puta desespero, não dá pra acreditar, que pessadelo, eu quero acordar. Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum, o Derlei era só mais um rapaz comum! Dali a poucos minutos, mais uma Dona Maria de luto! Na parede o sinal da cruz. Que porra é essa ? Que mundo é esse ? Onde tá JESUS ? Mais uma vez um emissário não incluiu CAPÃO REDONDO em seu itinerário. Pôrra, eu tô confuso. Preciso pensar. Me dá um tempo pra eu raciocinar. Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá, minha ideologia enfraqueceu. PRETO, BRANCO, POLÍCIA, LADRÃO OU EU, quem é mais filha da puta, eu não sei! Aí fudeu, fudeu, decepção essas hora... a depressão quer me pegar vou sair fora. 2 de Novembro era finados. Eu parei em frente ao São Luis do outro lado e durante uma meia hora olhei um por um e o que todas as Senhoras tinham em comum: a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura. Colocando flores sobre a sepultura. ("podia ser a minha mãe"). Que loucura.
 Cada lugar uma lei, eu tô ligado. No extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado. Aqui vale muito pouco a sua vida. A nossa lei é falha, violenta e suicida. Se diz que, me diz que, não se revela: parágrafo primeiro na lei da favela. Legal... Assustador é quando se descobre que tudo dá em nada e que só morre o pobre.
 A gente vive se matando irmão, por quê ? Não me olhe assim, eu sou igual a você. Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho, entre no trem da humildade, o meu RAP é o TRILHO.
 VOU DIZER....
 Procure a sua paz....
 Pra todas a famílias ai que perderam pessoas importante morô meu!!!!
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Procure a sua Paz(Paz....)
 Não se acostume com esse cotidiano violento,
 Que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida morô mano!!!!
 Procure a sua paz....
 Aí Derlei, descanse em paz!
 Aí Carlinhos procure a sua paz!
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Aí Quico, você deixou saudade morô mano!

Agradeço à Deus e aos Orixás....
 Eu tenho muito a agradecer por tudo
 Agradeço à Deus e aos Orixás....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Cheguei aos 27, sou um vencedor, tá ligado mano!!!!
 Agradeço à Deus e aos Orixás....
 Aí procura a sua, eu vou atrás da minha FÓRMULA MÁGICA DA PAZ!
 Você não bota mó fé....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Aí, manda um toque na quebrada lá, Coab, Adventista e pâ RAPAZIADA!!!!
 Malandragem de verdade é viver....
 Se liga!!!!
 Procure a sua paz!!!!
 Você não bota mó fé....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Que tu fala é MANO BROWN mais um sobrevivente
 Agradeço á Deus, Agradeço á Deus....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) 27 ano, contrariando a estatística morô meu!!!!
 Agradeço á Deus, Agradeço á Deus....
 Procure a sua paz....
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) Eu vou procurar....
 Procure a sua paz...
 procure a sua!!!!
 Eu vou encontrar
 Você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso!
 Eu vou procurar
 Você pode encontrar o seu INFERNO!
 A FÓRMULA MÁGICA DA PAZ!
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar) eu prefiro a PAZ!

CD “Nada como um dia após o outro dia”. Gravadora: Cosa Nostra, 2002.

VIDA LOKA – PARTE I

Fé em Deus que Ele é Justo,
Ei irmão nunca se esqueça, na guarda,
guerreiro,
Levanta a cabeça truta, onde estiver seja lá
como
for, tenha fé porque até no lixão nasce flor,
Ore por nós pastor, lembra da gente no
culto dessa
noite, firmão segue quente,
Admiro os crente, da licença aqui, mó
funçao, mó
tabela, pow, desculpa ai.
Eu me, sinto às vezes meio Pá, inseguro,
Que nem um vira-lata sem fé no futuro,
Vem alguém lá, quem é quem, quem sera
meu bom,
Dá meu brinquedo de furar moletom,
Porque os bico que me ve com os truta na
balada,
Tenta ver, que saber de mim não vê nada,
Porque a confiança é uma mulher ingrata,
Que te beija, e te abraça, te rouba e te mata,
Desacreditar, nem pensa, só naquela
Se uma mosca ameaça me cata piso nela,
O bico deu mó guela, Rô
Bico e bandidão vão em casa na missao,
me tromba na Cohab,
De camisa larga, vai sabe Deus que sabe,
Qual é a maldade comigo inimigo num
mique,
Tocou a campanhia PLIN, pá trama meu
FIM, dois maluco
Armado SIM, um isqueiro e um STOPIM,
Pronto pra chamar minha preta pra falar,
Que eu comi a mina dele, Rá, se ela tava
Lá
Vadia, mentirosa, nunca vi tão mó faia,
Espírito do mal,
Cão de buceta e saia...
Talarico nunca fui, é o seguinte,
Ando certo pelo certo, como 10 e 10 é 20,
Já penso doido,
e se eu tô com o meu filho no sofá de
vacilo,
desarmado era AQUILO,
sem culpa, sem chance, nem pra abri a
boca
Ia nessa sem sabe
(Pô cê vê) VIDA LOKA...
Mais na rua num e não, até Jack
Tem quem passa um pano,
Impostor pé de breque, passa pro
malandro,
A inveja existe, e a cada 10, 5 é na
maldade,
A mãe dos Pecado Capital é a Vaidade,
Mais se é para resolver, se envolver, vai
meu nome,
Eu vou fazer o que, se a cadeia é pra
homem,
Malandrão eu, NÃO, ninguém é bobo,
Se quer Guerra terá,
Se quer Paz, quero em dobro,
Mais verme é verme, é o que é,
Rastejando no chão, sempre embaixo do
pé,
E fala 1, 2 vez, se marcar até 3,
Na 4ª xeque-mate, que nem no xadrez,
Eu sou guerreiro do RAP,
E sempre em alta voltagem
Um por um, Deus por nós, tô aqui de
passagem,

VIDA LOKA

Eu não tenho dom pra vítima,
Justiça e Liberdade, a causa é legítima,
Meu Rap faz o cântico do lokos e dos
românticos,
Vo por o sorriso de criança, onde for,
Os parceiros tenho a oferece minha
presença,
Talvez até confusa, mais Real e Intensa,
Meu melhor Marvin Gaye, sabadão na
Marginal,
O que será, será, é nós vamos até o final,
Liga eu, liga nós, onde preciso for,
No Paraíso ou no dia do Juízo Pastor,
E liga eu, e os irmão,
É o ponto que eu peço, FAVELA,
FUNDÃO,
Imortal nos meus versos,
VIDA LOKA.

NEGRO DRAMA

Negro Drama
Entre o sucesso, e a lama,
Dinheiro, problemas,
Inveja, luxo, fama,
Negro drama,
Cabelo crespo,
E a pele escura,
A ferida a chaga,
A procura da cura,
Negro drama,
Tenta vê,
E não vê nada,
A não ser uma estrela,
Longe meio ofuscada,
Sente o drama,
O preço, a cobrança,
No amor, no ódio,
A insana vingança,
Negro drama,
Eu sei quem trama,
E quem tá comigo,
O trauma que eu carrego,
Pra não ser mais um preto fudido,
O drama da cadeia e favela,
Túmulo, sangue,
Sirenes, choros e velas,
Passageiro do brasil,
São paulo,
Agonia que sobrevivem,
Em meia zorra e covardias,
Periferias, vielas e cortiços,
Você deve tá pensando,
O que você tem a ver com isso?
Desde o início,
Por ouro e prata,
Olha quem morre,
Então veja você quem mata,
Recebe o mérito, a farda,
Que pratica o mal,
Me vê, pobre, preso ou morto,
Já é cultural,
Histórias, registros,
Escritos,
Não é conto,
Nem fábula,
Lenda ou mito,
Não foi sempre dito,
Que preto não tem vez,
Então olha o castelo irmão,
Foi você quem fez cuzão,
Eu sou irmão,

Dos meus truta de batalha,
Eu era a carne,

Agora sou a própria navalha,
Tim..Tim..

Um brinde pra mim,

Sou exemplo, de vitórias,

Trajetos e glórias,

O dinheiro tira um homem da miséria,

Mas não pode arrancar,

De dentro dele,

A favela,

São poucos,

Que entram em campo pra vencer,

A alma guarda

O que a mente tenta esquecer,

Olho pra traz,

Vejo a estrada que eu trilhei,

Mó cota,

Quem teve lado a lado,

E quem só fico na bota,

Entre as frases,

Fases e varias etapas,

Do quem é quem,

Dos mano e das mina fraca,

Negro drama de estilo,

Pra ser, E se for,

Tem que ser,

Se tremer é milho,

Entre o gatilho e a tempestade,

Sempre a provar,

Que sou homem e não um covarde,

Que deus me guarde,

Pois eu sei,

Que ele não é neutro,

Vigia os rico,

Mais ama os que vem do gueto,

Eu visto preto,

Por dentro e por fora,

Guerreiro,

Poeta entre o tempo e a memória,

Hora, Nessa história,

Vejo o dólar,

E vários quilates,

Falo pro mano,

Que não morra, e também não mate,

O tic tac,

Não espera veja o ponteiro,

Essa estrada é venenosa,

E cheia de morteiro,

Pesadelo,

Hum, é um elogio,

Pra quem vive na guerra,

A paz Nunca existiu,

No clima quente,

A minha gente soa frio,

Tinha um pretinho,

Seu caderno era um fuzil,

Um fuzil,

Negro drama,

Crime, futebol, música, caralho,

Eu também, vou consegui fugi disso ai,

Eu sou mais um,

Forest Gump é mago,

Eu prefiro contar uma história real,

Vou contar a minha....

Daria um filme,

Uma negra,

E uma criança nos braços,

Solitária na floresta,

De concreto e aço,

Veja, Olha outra vez,

O rosto na multidão,

A multidão é um monstro,

Sem rosto e coração,

Ei, São paulo,
Terra de arranha-céu,
A garoa rasga a carne,
é a torre de babel,
Família brasileira,
2 contra o mundo,
Mãe solteira,
De um promissor,
Vagabundo,
Luz, Câmera e ação,
Gravando a cena vai,
O bastardo,
Mais um filho pardo, Sem pai,
Ei, Senhor de engenho,
Eu sei,
Bem quem você é,
Sozinho, se num guenta,
Sozinho,
Se num entre a pé,
Se disse que era bom,
E as favela ouviu, lá
Também tem
Whiski, e red bull,
Tênis nike, Fuzil,
Admito,
Seus carro é bonito,
Hé, E eu não sei fazer,
Internet, vídeo-cassete,
Os carro loko, Atrasado,
Eu to um pouco se, To,
Eu acho sim, Só que tem que,
Seu jogo é sujo.
E eu não me encaixo,
Eu sou problema de montão,
De carnaval a carnaval,
Eu vim da selva,
Sou leão,
Sou demais pro seu quintal,
Problema com escola,
Eu tenho mil, Mil fita,
Inacreditável, mas seu filho me imita,
No meio de vocês,
Ele é o mais espero,
Ginga e fala gíria,
Gíria não dialeto,
Esse nao é mais seu,
Hó, Subiu, Entrei pelo seu rádio,
Tomei, cê nem viu,
Mais é isso, aquilo,
O que, cê não dizia,
Seu filho quer ser preto,
Rhá, Que irônica,
Cola o pôster do 2pac ai,
Que tal, Que se diz,
Sente o negro drama,
Vai, Tenta ser feliz,
Hey bacana,
Quem te fez tão bom assim,
O que se deu,
O que se faz,
O que se fez por mim,
Eu recebi seu tic,
Quer dizer kit,
De esgoto a céu aberto,
E parede madeirite,
De vergonha eu não morri,
To vivão, Eis-me aqui,
Voce não, cê não passa,
Quando o mar vermelho abrir,
Eu sou o mano
Homem duro,
Do gueto, brown,
Obá, Aquele loco,
Que não pode errar,
Aquele que você odeia,
Ama nesse instante,

Pele parda, Ouço funk,
E de onde vem,
Os diamante, Da lama,
Valeu mãe, Negro drama,
Drama, drama.
Ae, na época dos barraco de pau lá na
pedreira
Onde vocês tavam?
O que vocês deram por mim ?
O que vocês fizeram por mim ?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
Agora tá de olho no carro que eu dirijo
Demorou, eu quero é mais
Eu quero é ter sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay, e toda a
família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou
A geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21
é desse jeito,
Aí, voce saí do gueto,
Mas o gueto nunca saí de voce, morou
irmão?
Voce tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho ni você, morou
Sabe por quê?
Pela sua origem, morou irmão?
é desse jeito que você vive
é o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro
drama
Eu sou o fruto do negro drama
Aí dona ana, sem palavra, a senhora é uma
rainha,
Mas ae, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé
Vagabundo nato!

A VÍTIMA

-Então Cocão, aí, não leva a mal não,
mas aí vai fazer um tempo que eu tô
querendo fazer essa pergunta pra você.
Tem como você falar daquele acidente
lá, eu sei que é meio chato, embaçado.
-É nada, você quer saber a gente fala né
mano. Vamos lá. Foi dia ó, eu lembro que
nem hoje ó, vixe até arrepia, dia 14 de
outubro de 94, eu tava morando no Leblon
tá ligado, aí o Opala tava na oficina do
di, a gente ia fazer um barato a noite, a
gente ia se trombar em Pinheiros, eu não
sei se você se lembra, porque você ia com
o Kleber direto pra Pinheiros, você ia
direto, e nós, eu o Brown ia pra Zona Sul.
Naquela noite eu acordei
e não sabia onde estava
Pensei que era sonho, o pesadelo apenas
começava
Aquela gente vestida de branco
Parecia com o céu, mas
o céu é lugar de santo
Os caras me perguntando:
E aí mano cê tá legal?
Cheiro de éter no ar nunca é bom sinal
Dor de cabeça, tontura
Aquela sala rodava
estilo brisa de droga, loucura
Sangue na roupa rasgada
Fio de sutura me costura,

porra gente não vale nada
Do que adianta você ter o que quer
Sucesso, dinheiro, mulher, beijando seu pé
E num piscar de olhos é foda
Você é furado igual peneira ou
sem valor numa cadeira de roda
(O que que eu to fazendo aqui,
não quero admitir, agora é tarde, tarde,
tarde...)
Lamento, meus parceiros me contaram
Cena após cena, passo a passo que
presenciam
Mano foi um
arreagaço na Marginal
Você capotou, teve até uma vítima
fatal
Da Zona Sul e tal, sentido ao centro
Uma da manhã, lembrei daquele momento
Vários Opalas, mó carreata
E eu logo atrás da primeira barca diplomata
Tô dirigindo ali no volante
Opala cinza escuro, 2Pac no alto-falante
Por um instante tive um mal pressentimento
Mas não liguei, não dei conta,
não tava atento
Que merda, um cara novo morreu
Fatalidade é uma imprudência, divergência,
fudeu
Ele deixou uma mulher que esperava um
filho
Um evangélico
que nem conheceu o filho
Um suspiro perdi a calma
Vi uma faca atravessando a minha alma
Olhei no espelho e
vi um homem chorar
A mídia, a justiça, querendo me fuzilar
Virei notícia, 1ª página
Um paparazzi
focalizou a minha lágrima
Um repórter da Globo me insultou
Me chamava de assassino aquilo inflamou
Tumultuo, nunca vi tanto carniceiro
Me crucificaram,
me julgaram no país inteiro
Pena de morte, se tiver sorte
Cadeira elétrica se fosse América do Norte
Opinião pública influenciada
Era o réu sem direito a mais nada
Meu mundo tinha desabado
Na lei de Deus fui julgado,
Na lei do homem condenado
-Então Kleber, o cara morreu mano!
-É então, agora é daqui pra frente Cocão.
Não tem mais jeito, tá ligado, não se abala
não,
tem que ficar firme, nós tá junto aí!
Dois anos e poucos de audiência
Pra mim já era o
início da minha penitência
Aquele prédio no Fórum é mó tortura
Ali na frente sempre para várias viaturas
O movimento é intenso o tempo inteiro
Parece o trânsito, o tráfego, um
formigueiro
Advogado pra cima, pra baixo
Ganhando dinheiro com mais um réu,
eu acho/ Registrei um cara algemado num
canto
De cabeça baixa, me parecia um cara
branco
Esperando a vez de ser solicitado
Julgado, talvez até se pá libertado
Escoltado, vários gambé
Esse aí não deve ser um preso qualquer
Com a mão pra trás olhando pra parede

Fui beber água, me deu mó sede
 Uma ligação com urgência
 Meu advogado, com o resultado da sentença
 O celular tava falhando
 Não dá pra escutar, mas eu tô indo pra aí falou, tô chegando
 É irmão, fui de metrô
 Aquele frio na espinha que eu tinha, então voltou/
 A cada estação ele aumentava
 Eu não sabia se descia ou se eu continuava
 A procura de uma distração
 Olhava o vagão lotado, a movimentação
 Aquele povo indo pra algum lugar
 Trabalhar, estudar, passear, roubar, sei lá
 Vi uma mina bonita, discreta
 Pinta de modelo, corpo de atleta
 Eu vi um cara lendo concentrado
 Naipe de estudante,
 daqueles filhos dedicados
 Vi uma tia crente em pé cansada
 De cor escura com a pele enrugada
 Ela me fez lembrar
 Parece a mãe da vítima,
 como será que ela deve estar...
 Cheguei no prédio da
 Ipiranga com a São João
 Respirei fundo, subi a manga do meu camisão
 Decisão eu tô trêmulo
 Mó resposta não, não entendo
 Muita calma sempre é preciso
 Proibido fumar li no aviso
 Um porteiro tiozinho
 lembra meu pai
 Que andar? Qual andar que você vai?
 No décimo, me sinto péssimo
 A balança fez questão de mais um acréscimo
 Elevador quebrado
 Tem dia que é melhor não acordar que dá tudo errado
 Fui pela escada contando cada degrau
 Cada passada chegava o juízo final
 Tive a sensação de alguém me olhando
 Parecia me seguir tava ali me gorando
 Senti um calafrio
 Recordei daquela cena que você não viu
 Do capote, de um grito forte, dos holofotes
 Um vacilo seu já era, resulta em morte
 Daquela Kombi velha partida ao meio
 Daquela hora que eu tentei pisar no freio
 Andar por andar, onde eu tô não importa
 Lembra da vítima cheguei na porta
 -Então Smurf, é isso aí,
 deu pra você entender?
 -É embacado heim Cocão, que fita hein!
 -É o seguinte aí, passou eu acho
 que uns 3 anos, 3, 4
 anos de corre pra lá e pra cá,
 tentando se acertar com
 a justiça, pagando
 o que eu devia Graças a Deus, aí
 hoje eu tô firmão,
 não devo mais nada pra ninguém, me
 acertei com Deus
 e principalmente com a família lá,
 com a justiça também,
 e é o seguinte né, a vida tem
 que continuar, tá ligado...

NA FÉ FIRMÃO

Século 21 eu sei muito bem o que eu quero
 Começo o plano dois Zero...Zero Dois (zero

dois)
 É um mistério trago na manga um suspense
 Tenho um revolver engatilhado dentro da mente
 Pense e vá Raciocine já a profecia diz que o mundo tá pra acabar
 Eu Quero resgatar tudo aquilo que eu perdi
 Cronometrei o tempo só que ainda truta num venci
 O que eu falo é ilícito sangue
 Demarco meu espaço sem aço sem gang
 Aonde eu ande trago o anjo do bem
 Que ilumina meu caminho e me mostra quem é quem
 Comprei um colete a prova de bala
 Tenho a guerrilha na mente falange de senzala
 Som que abala a parede estremece
 Playboy sua frio, mauricinho não se mete
 Sou Lá do Norte e eu venho pra rima
 Eu sei do meu direito ninguém vai me intimar
 Pra bala eu só vou se um pilantra me matar
 Quem não deve não teme vem Tobias de Aguiar
 No Corredor da Morte o apelo da setença
 O Sol da liberdade a verdadeira recompensa
 Meu Delito um Rap que atira consciência
 É crime hediondo a favela de influencia
 Na Rua eu conheço as leis e os mandamentos
 Minha divida sagrada eu carrego um juramento
 Corra sempre atrás do que é seu ,quero dinheiro igual
 Coreano e Judeu...Fudeu então vem cá minha cara,
 o Rap aqui não pára Racionais de volta
 Igual a febre da malária
 Rátatátá... Mãos ao alto..É um assalto
 EDI....RO....CK
 (To Firmão, na fé Firmão)
 Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di Robin Hood
 A Fitá foi tomada se joga to envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só guerreiro no abrigo
 Eu digo
 Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di Robin Hood
 A cena foi tomada se joga to envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só guerreiro no meu abrigo
 Pros Mano e Pras Mina A Cura a Vacina Prototico, antidoto Uma Nova adrenalina
 Puxa prende solta a fumaça
 Viaja no meu som, que essa erva é de graça
 Levante a Taça e tome um trago
 Não é Cigarro nem vinho tinto amargo
 Não é skank, mesclado ou raxixe
 é bem pior que toma ácido ou heroína (xixii)
 Chega Mais aqui tem pra todos não sou racista,
 nem um tolo preconceituoso
 Sei meu valor quem quiser vai aprender
 Não me comparo a Cristo, Não dou a Cara pra bater
 Quem Vai querer ainda tenho meia duzia....
 Tá mulquirado com o esquema do crime acusa
 Uso uma blusa....preta de couro puro....
 Se eu vazar ninguém vai me encontrar no escuro
 Eu to trepado, armado pente estufado
 Inteligencia e QI pós-graduado
 Cocão uma violação do código penal

Eu sou parceiro de Ice Blue e Mano Brown
 KLJ vira mazinha.. é puro veneno
 Cachorro loko lá do Norte pra quem ta vendo
 No Nossa exercito tem vários trutas
 De Prontidão pra enquadrar filhas da puta
 Traidor aqui logo mostra sua cara...
 Desertor no caminho não aguenta e para
 É mais dificil do que ele penso
 Tem que ser malandro pra ficar de pé e fazer gol...(Gol)
 Gol... que gol.... morô ... liga os loko do trago que Pablo ressuscitou
 Sou o Franco atirador, meu homicídio é diferente...
 Eu Sou o bem mato o mal pela frente.....
 Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva de Robin Hood
 A Fitá foi tomada se joga to envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só guerreiro no abrigo
 Eu digo
 Voltei to firmão... então... dakele jeito
 Eu Não sou santo.... eu tenho meus defeitos
 Meu Homicídio é diferente..... eu sou bem... Já citei mato o mal pela frente
 Pois o mal te oferece...se entregar no céu numa bandeja... depois Discracha na revista veja ou seja anuncio o fim da guerra fria No político, na globo.... em quem você confia
 Não sou o crime e nem o gramy
 Mas o meu time não exita aqui não treme
 Pra mim o rap é o caminho de uma vida....
 A vida é o jogo... e vencer é a unica saída
 Cheguei até aqui e não posso perder
 Vacilar..... vou prosseguir aprendi.... sei jogar
 30 anos se passaram não é nenhum brinquedo
 Eu to na fé parceiro prossigo sem medo
 Armadilha tem um monte a minha espera...
 Final feliz só em novela
 Nos deram uma pobreza.
 A Favela, A Bola, tráfico, tiro,
 morte, cadeia e um saco de cola...
 Drogá, toca, rola, bola tá em jogo,
 5x0 os cartolas ganharam de novo
 Cávier e Champagne pra quem não conhece
 Ligue a Tv e assista o programa Flash,
 Socialight
 Piscina, dolares, mansão escafote
 Brilha a olho de qualquer ladrão
 Pra quem não tem mais a perder,
 Enquadra uma cherokee na mira de uma PT
 Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di Robin Hood
 A Fitá foi tomada se joga to envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só guerreiro no abrigo
 To Ligeiro...

12 DE OUTUBRO

12 de outubro de 2001
 Dia das Criança
 Várias festa espalhada na periferia
 No Parque Santo Antônio hoje teve uma festa
 Foi bancada pela irmandade, uma organização
 Tavam confeccionando roupa
 Lá no Parque Santo Antônio lá
 Lutando, remando contra a maré
 Mas tá lá tá firme
 Tinha umas 300 pessoa
 Só, na festa das crianças

Comida, música
Tinha um grupo de rap
De uma menininha de 10 ano
Cantando muito, aí saímo de lá voado
E fomo numa outra quermesse de rua
também,
Na Vila Santa Catarina
Lá do outro lado da Zona Sul Quase no
Centro
E chegamo lá
A festa num tinha começando ainda
Aí no caminho passamo por uma favela
assim
E trombamo com uns molequinho jogando
bola e tal
E começamo a provocar
"Ei moleque, ce é santista, tal."
"Não, eu sou corintiano."
Eu falei
"Ei, Marcelinho vai 'rebentar vocês.'"
Os moleque vinho naquela idéia de jogo
Daí eu comecei a pesar do lado dos
moleque
"E aí, mano, e aí, tá estudando e tal."
Aí o moleque falou assim
"Ih, esse aqui hoje xingou a mãe dele."
Aí eu falei assim
"Porque você xingou sua mãe?"
"Ah, porque..."
Não, nem foi isso, ele falou assim
Eu falei
"Ganhou, vocês ganharam presente?"
Eu perguntei
Num foi não, Neto
"Você ganharam presente?"
Aí ele falou
"Ganhei foi um tapa na cara hoje."
Aí eu falei
"Porque você tomou um tapa na cara?"
"Ah, minha mãe deu um tapa na minha
cara,
Foi isso que eu ganhei, não ganhei presente
não."
Falou assim, ó, bem convicto mesmo
Aí eu falei assim
"Porque você tomou um tapa na cara?"
"Ah, porque eu xinguei ela."
"Ma', porque você xingou ela?"
"Ah, lógico, todo mundo ganhou presente
E eu não ganhei porquê?"
Aí eu fiquei pensando, né mano
Como uma coisa gera a outra
Isso gera um ódio
O moleque com 10 ano, pô
Tomar um tapa na cara
No dia das crianças
Eu fico pensando
Quantas morte, quantas tragédia
em família, o governo já não causou
Com a incompetência
Com a falta de humanidade
Quantas pessoas num morrero
De frustração, de desgosto
Longe do pai, longe da mãe
Dentro de cadeia
Por culpa da incompetência desses daí
Entendeu
Que fala na televisão
Fala bonito
Come bem
Forte, gordo
Viaja bastante
Tenta chamar os gringo aqui pa dentro
Enquanto os próprio brasileiro tão aí, ó
jogado
No mundão

Do jeito que o mundão vier
Sem nenhum plano traçado
Sem trajetória nenhuma
Vivendo a vida, só
E o moleque era mó revolta, vai vendo
Moleque revolta
E ele tava friozão
Jogando bola lá, tal
Como se nada tivesse acontecido
Ali marcou pra ele
Talvez ele tenha se transformado
Numa outra pessoa aquele dia
Vai vendo o barato
Dia das crianças.
EU SOU 157
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bala um plano,
Sou herói, dos pivete,
Uma pá de bico cresce o zóio quando eu
chego
Zé povinho é foda (Ô) É não nego,
Eu tô de mal com o mundo
Terça-feira à tarde
Já fumei um ligeiro com os covarde
Eu só confio em mim, mais ninguém, cê me
entende,
Fala gíria bem, até papagaio aprende,
Vagabundo assalta banco usando Gucci e
Versatti,
Civil dá o bote usando caminhão da Light
Presente de grego num é cavalo de tróia
Nem tudo que brilha é relíquia nem jóia,
não
Lembra aquela fita lá? [O fala ai jão!]
O bico veio ae, mó cara de ladrão,
[Como é que é rappá, calor do caraio
Licença ae, deixa eu fumar
Passa bola Romário]
Hum, meio confiado né, é, eu percebi.
Pensei, ó só, que era truta seu
Ó o milho
E diz que tem um canal,
Que vende isso e aquilo,
Quem é, quem tem?
M, pra vender
Quero um quilo
[Um kilo de que, jow? Cê conhece quem?
Sei lá, sei não, hein,
Eu sou novo também]
Irmão, quando ele falo,
Um kilo, é o deixo
É o milho, a micha caiu,
Mais onde é que ja se viu?
Assim, tá de piolhagem,
Não vai, daqui ali, mó chavão, nesse trajes
De óculos escuros, bermuda e chinelo
O negão era polícia, irmão, mó castelo.
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me amam,
Os playboy se derretam,
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bala um plano,
Sou herói, dos pivete,(2x)
Nego, São Paulo é selva
E eu conheço a fauna,
Mas muita calma ladrão, muita calma
Eu vejo os ganso descer e as cachorra subir
Os dois peida pra ver quem guia o GTI
[Mais também né Jão
Sem fingir, sem dar pano
É boca de favela (Hô) vamo e convenhamos
Tiazinha, trabalha há 30 ano e anda a pé
Às vezes cagueta de revolta né]

Quê? Né nada disso não, cê tá nessa?
Revolta com o governo, não comigo, as
conversa,
Traidor, cobra-cega
Penso se a moda pega?
Nego, eles te entrega pro departi
Ae sujo, de bolinho, complô,
Pode até, ser que tem, sei lá
Qualquer lugar, vários tem celular
Não dá, pra acreditar que aconteça,
Na hora do choque
Que um de nós troque uma cabeça
Por incrível que pareça pode ser ó meu
O dia de amanhã quem sabe é Deus
Eu não sei, não vi, não sou, morro cadeado
Firmão, deixa eu ir
Quem não é visto não é lembrado...
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me amam,
Os playboy se derretam,
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bala um plano,
Sou herói, dos pivete,(2x)
Familia em primeiro lugar é o que há
Juro pra senhora mãe que eu vou parar
Meu amor é só seu brilhante num cofre
Enquanto eu viver a senhora nunca mais
sofre
Tá daquele jeito, se é, é agora
É calça de veludo, é bunda de fora,
Me perdoe, me perdoe mãe
Se eu não tenho mais o olhar
Que um dia foi te agradar,
Com cartaz escrito assim
12 de maio em marron
Um coração azul e branco em papel crepom
Seu mundo era bom
Pena que hoje em dia só encontro,
No seu álbum de fotografia
Juro que vou te prova que não foi em vão,
Mas cumprir ordem de bacana não dá mais
não
[Xi, Jão, falando sozinho?
Essa era da boa? Põe dessa pa mim
O barato tá doido e o mano te ligo ali
Mais tem que ser já, sem pensar, cê quer ir
A ponta é daqui a pouco,
8 hora, 8 e pouco,
Tá tudo no papel, dá pra arrumar uns troco
O time tava montado, mas tem
Um que não pode mano
É doutro lado,
Mais é, é pela ordem
Vamo, tá mó mamão
Só cata, demoro
Ó só, te pus na fita, porque você é
merecedor
Não vou te por em fita podre, aliado
A cena é essa, ó, fica ligado.]
Um mão branca fica só de migué
No bar em frente o dia inteiro, tomando
café, é nosso
O outro é japonês, o Kazu, que fica ali,
vendendo um dog
Talão zona azul.
[Cê compra o dog dele e fica ali no bolinho
Ele tem só um canela seca no carrinho]
Se liga a loira né, então, vai ta lá dentro
De onda com os guardinha, Pam
É nessa ae que eu entro
[É 2 tem maia um, doi quem deu, tá ligeiro
Na hora, ele vai tá de AK no banheiro]
Tem uma XT na porta e uma Shaara
Pega a contra-mão, vira a esquerda e não
para, a cara

É direto e reto, na mesma, até a praça
Que tá tudo em obra, e os carro não passa
[Do outro lado tá a Rose, de Golf, na
espera,
Das as arma e os malote pra ela e já era]
Depois só praia e maconha
Come todas burguesa em Fernão de
Noronha,
Nossa mano,
Pega aqueles gadinho lá,
Que mora no condomínio,
Vixi,
Hi aquelas mina lá,
Só gata feio,
Se elas até gosta de fuma, um baseado,
Vo leva elas toda,
O dia D chego,
Se esse é o lugar, então aqui estou
Quanto mais frio, mais em prol
Uma amante do dinheiro pontual como o
sol
Igual eu, de roupão e capacete
No frio já é quente ainda usando colete
Já era estou aqui
E aonde cê tá jão,
Não to vendo ninguem,
E o japonês, não tá aqui não,
[O carrinho não né daqui eu ganhei
quanto o mão nem comeu tambem
Desde quando eu cheguei]
Mas por que logo hoje? Por que mudaram?
É difícil erra, quem deu a fita errado?
Sei não, tá esquisito jão, tá sinistro,
Não é melhor nós se joga, vê direito, hein
E qualquer coisa, a loira vai liga,
Num tem pressa,
Cê é que nem meu irmão,
Carai, porra, num dá essa!
[Só tem o zé povinho, e os motoboy
Tá gelado, vamo entra, vagabundo é nós]
Nossa senhora, neguinho passo a mil
Eu falei, nem ouviu, nem olhou, nem me
viu
Minha cara é esperar, eu não tiro o zóio
Lá dentro eu não sei, meu estômago dói
Lá vem o truta,
Vamo, é agora,
Tudo errado, vamo embora, caiu a fita,
sujou
Cadê o neguinho,
Demoro, carai,
Bem que eu falei,
Todos fuça mudo,
Só tinha 2, mais tem 3,
O neguinho vinha vindo, do que vinha
rindo?
O pesadelo do sistema, não tem medo da
morte
Dobro o joelho e caiu como um homem
Na giratória, abraçado com o malote
Eu falei porra, eu não te falei? Num ia dar
Pra mãe dele, quem que vai falar quando
nós chegar?
Um filho pra criar, Imagina a notícia,
Lamentável, vamo ae, vai chove de policia
A vida é sofrida,
Mas não vou chorar,
Vive de que,
Eu vou me humilha,
É tudo uma questão,
De conhecer o lugar,
Quanto tem,
Quanto vem,
E a minha parte quanto dá,
Porque:

Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me amam,
Os playboy se derretam,
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bala um plano,
Sou herói, dos pivete, (2x)
Ae loko, muita fé naquele que tá lá em
cima,
Que ele olha pra todos, e todos tem o
mesmo valor,
Vem facil, vai facil, essa é a lei da natureza,
Não pode se desesperar,
E ae mulekadinha, to de olho em vocês
hein,
Não vai pra grupo não, a cena é triste,
Vamo estuda, respeita o pai e a mãe,
E viver, viver, essa é a cena,
Muito Amor.

A VIDA É DESAFIO

É necessário sempre acreditar que o sonho é
possível
Que o céu é o limite e você, truta, é
imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
E o sofrimento alimenta mais a sua
coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se
perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olhe as crianças que é o futuro e a
esperança
Que ainda não conhece,
não sente o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado, viciado,
se afunda
Falo do enfermo, falo do sâo
Falo da rua que pra esse louco mundão
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão às vezes é a
sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição como um véu que cega os
irmãos
Que nem um carro guiado na estrada da
vida
Sem farol no deserto das trevas perdidas
Eu fui orgia, ebrio, louco, mas hoje ando
sôbrio
Guardo o revolver enquanto você me fala
em ódio
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
Ouço o repente e o que diz lá no canto
lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo, preconceito, de irmão para
irmão
A vida não é o problema, é batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio
É isso af você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos
Várias famílias, vários barracos
uma mina grávida
E o mano tá lá trancafiado
Ele sonha na direta com a liberdade
Ele sonha em um dia voltar pra rua,
Longe da maldade
Na cidade grande é assim
Você espera tempo bom

E o que vem é só tempo ruim
No esporte no boxe ou no futebol
Alguém sonhando com uma medalha
o seu lugar ao sol
Porém fazer o quê se o maluco não estudou
500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada
mudou
"Desespero ali, cena do louco,
invadiu o mercado farinhado, armado e
mais um pouco"
Isso é reflexo da nossa atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade
Não é areia, conversa, chaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é
abrir um boteco
Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que tramar ou ripar para os irmãos
sustentar
Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico, ou simplesmente esquema
tático
Será instinto ou consciência
Viver entre o sonho e a merda da
sobrevivência
"O aprendizado foi duro e mesmo diante
desse
revés não parecio de sonhar, fui persistente
porque o fraco não alcança a meta
Através do rap corri atrás do preju
e pude realizar o meu sonho
por isso que eu afro X nunca deixo de
sonhar"
Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de
terno
No Mundo moderno, as pessoas não se
falam
Ao contrário se calam, se pisam, se traem e
se matam
Embaralho as cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão
O que é bom pra si e o que sobra é do outro
Que nem o sol que aquece,
mas também apodrece o esgoto
É muito louco olhar as pessoas
A atitude do mal influencia a minoria boa
Morrer à toa e que mais, matar à toa e que
mais
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa
A vida voa e o futuro pega
Quem se firmou, falo
Quem não ganhou, o jogo entrega
Mais uma queda em 15 milhões
Na mais rica metrópole, suas várias
contradições
É incontável, inaceitável, implacável,
inevitável
Ver o lado miserável se sujeitando com
migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e
horrores
Qual é a fita, treta, cena
A gente reza, foge,
e continua sempre os mesmos problemas
Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
Vaidade, ambição munição pra criar
inimigo
Desde o povo antigo foi sempre assim
Quem não se lembra que Abel foi morto
por Caim
Enfim quero vencer sem pilantrar com
ninguém
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de
alguém
O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho, não me acorde nunca mais

Roleta russa quanto custa engatilhar
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar
"É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos"
Geralmente quando os problemas aparecem
A gente tá desprevenido né não?
Errado
É você que perdeu o controle da situação
Perdeu a capacidade de controlar os
desafios
Principalmente quando a gente foge das
lições
Que a vida coloca na nossa frente
Você se acha sempre incapaz de resolver
Se acovarda moro
O pensamento é a força criadora
O amanhã é ilusório
Porque ainda não existe
O hoje é real
É a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança
Tá no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do
presente
Parasita hoje
Um coitado amanhã
Corrida hoje
Vitória amanhã
Nunca esqueça disso, irmão.

1 POR AMOR, 2 POR DINHEIRO

Na zona sul hei hei,
essa é dedicada para todos os MC's do
Brasil,
que veio do sofrimento rimando e
exercendo a profissão Perigo;
é tudo nosso, tudo nosso, tudo nosso...
Quem é você que fala o que quer que se
esconde igual
mulher por trás da caneta
vai Zé buceta sai da sombra,
cai então toma seu mundo é o chão
quem tem Cu tem medo
e treme mostra a cara Mister M.
vem pra ver como é bom
poder chegar na alta cúpula e entrar sem
pagar
simpatia promessas vazia caô caô
nem vem, nem vem
sofredor aqui tem sensor não tem rei não
tem réu pai
de mel Bam- Bam - Bam
quem age certo é que fala é que
pam andarilho ou idoso ou bom criminoso
igual depois
da pólvora não tem cabuloso
Eu nunca 'quis nem vou'
agradar todo mundo 'e rir pra' tudo quanto é
que se diz
vagabundo o rei dos reis foi traído na terra "
" morrer como o homem é o prêmio da
guerra
sem menção honrosa sem massagem
a vida é loka nego nela eu tô de passagem
zum,
zum, zum, zum, zum meu cérebro balançou
século XXI, revolução não é pra qualquer
um
só quem é kamikaze leal
guerreiro de fé se o Rap é um jogo eu sou
jogador
nato errou o Rap é uma guerra e eu sou

gladiador pra
jogar pra lutar pra matar pra morrer
sorrindo
esmagando vermes
quebrando e falindo cassinos eu vou
sair pra descolar um qualquer meu pivete já
conta pá
amanhã no café se o crime é uma doença eu
conheço
infecção nem por isso eu sou pá no plano de
ninguém
Jão 1 por amor 2 por dinheiro 3 pela África
4 pros
parceiro que estão na guerra sem medo de
errar quem
quier falar só Deus pode julgar,
10 cadeira numa mesa
de mármore com 10 nego em volta falando
assim:
Mil pra você mil pra mim, o que?
Mil pra você mil pra mim, tem mais?
Mil pra você mil pra mim,
e o meu mil pra você mil pra mim doidão
tá firmão tá feliz no sapatinho aí sim.
Não vai deixar seu pivete ao Léu na mão de
um cara pálida topete e gel. Sensacional 'hei
hei'
nego aqui quem fala é o vatsom do
momento DJ Nel via
satélite mantendo o clima quente até nas
quartas
feiras cinzas da vida Ei quebrada eu vejo
seus olhos
tristes tentando ver a luz este som é Funk e
a frase
do dia é (hei) as palavras nunca voltam
vazias, 1 por
amor 2 pelo dinheiro vida loka Capão de fé
sou
guerreiro 1 por amor 2 pelo dinheiro vida
loka Capão
de fé sou guerreiro, Ih esses Mano ai de
bombeta
branca e vinho agitando a festa chega no
bolinho
respeita doidão ai não fala assim bolinho
pra você é
família 'pra mim' veja bem escuta a natu o
espírito
'mau o' loko da Zona Sul eu vivo a reali vou
superar
a missão do sofredor é se adiantar é quente
a é quente
quente Vale das Virtudes é nós no pente já
era boyzão
cê sabe como é' o bagulho tá doido cê tem
um qualquer
Mãe e Irmão Irmã e Sobrinho se o dinheiro
constar
Eu não gasto sozinho,
Ei camarada a cara é correr a quebrada é
sofrida
Eu também fazer o que dinheiro no bolso
Deus no coração família unida champanhe
pros
irmão amor pela mãe, ocupa o meu tempo
um coração puro
quanto mundo enfermo não há nada na vida
que o amor não
super o mundão desandou ei você não se
entrege olha
ao seu redor a expansão do terror
apocalipse já que
o profeta pregou, você trai por amor ao luxo
o dinheiro
agora sem dor nem escrúpulo Ei ouve o que

a rima fala
entre a compra e a venda o pecado se estala,
certo tio
é o neguinho que tá na cena vida loka
família Jardim
Rosana é arena vindo do emprego e meio
ao Robocop de
Golf fascino humilha o Inocípio Zé
Polvinho registra
tem coixinha na 'porta' pode me acionar que
tem *Q SJ.
Rosana Bronks lealdade primeiro 1 por
amor 2 'por'
dinheiro de um lado as de 100 do outro as
de 50 fusão
Leste Sul que tal representa em plena
Mateo Bei de 900
Zera sentido Zona Sul a rapa me espera,
aqui ninguém quer fama
e diz que diz 4 mil dolar já me faz feliz
dinheiro 'city' capital da Gozolândia
malandro bom não
humilha e não desanda liga o outro Mano
o da mil e cem
Ne pagando no Capão é que mais tem de
Audi ou Citroen
já disse o Brow um role pela fundão é
fundamental
quem é quem diz que diz buchicho não me
faz feliz vida
alheia ora bola minha cota eu quero em
dólar na
periferia tem uma 'pá' com disposição atrás
do cifrão
só vai quem tem o Dom jogue a moeda pra
ver no que
vai dar coroa negativa a cara é comigo com
Ele lá em
cima Eu não estou sozinho Deus esta
trilhando pode
crer o meu caminho vou que vou, vou pra
decidir estou
de pé não vou cair mas que nada eu vou
fazer minha
caminhada encontrar com os irmãos na
quebrada
satisfeito sou sujeito com respeito bater no
peito
sete um furado aqui não compra ninguém
corromper a
minha mente ai nem vem sai fora nem cola
*(ii)
demora,
1 por amor 2 por dinheiro na selva é assim
e você
vale o que tem, vale o que tem na mão, na
mão 1 por amor 2
por dinheiro na selva é assim e você vale o que
tem,
vale o que tem na mão, na mão 1 por amor
2 por
dinheiro na selva é assim e você vale o que
tem, vale
o que tem na mão, na mão. Vida loka é só
quem é *
guerreiro de fé todo amor pros parceiro,
'liberdade'
e dinheiro quem é quem diz que diz
buchicho não me
faz feliz vida alheia ora * bola * minha cota
eu
quero em dólar, você vale o que tem (minha cara),
você vale o que tem (minha cara)

500 anos ...tudo igual ..
 América ... justiça ...
 500 anos depois ... tudo igual ...
 Justiça .. paz
 500 anos ...
 Jesus está por vir mas o diabo já está aqui ..
 500 anos o brasil é uma vergonha
 Policia fuma pedra moleque fuma
 maconha...
 Dona cegonha entrega mais uma princesa
 Mais uma boca com certeza que vem à
 mesa
 Onde cabe um .. dois .. cabe 3
 A dificuldade entra em cena outra vez
 Enquanto isso playboy forgado anda
 assustado
 Deve tá pagando algum erro do passado
 Assalto .. sequestro é só o começo
 A senzala avisou
 Mauricinho hoje paga o preço ..
 Sem adereço, desconto ou perdão
 Quem tem vida decente não precisa usar
 oitão
 É doutor, seu titanic afundou
 Quem ontem era a caça
 Hoje pah é o predador
 Que cansou de ser ingênuo humilde e
 pacato
 Encapuçou virou bandido e não deixa
 barato
 Se atacou
 E foi pra rua buscar
 Confere se não tá abrindo o seu frigobar
 Na sala de estar
 Assistindo a um DVD
 Com sua esposa de refém esperando você
 Quer sair do compensado e ir pra uma
 mansão
 Com piscina digna de um patrão
 Com varios cães de guarda .. rottweiler
 E dama socialite de favela estilo galle
 Quer jantar com cristal e talheres de prata
 Comprar 20 pares de sapato e gravata
 Possuir igual você .. tem um Foker 100
 Tem também na garagem 2 Mercedes-Benz
 Voar de helicóptero à beira mar
 Armani e Hugo-Boss no guarda-roupa pra
 variar
 Presentear a mulher com brilhantes
 Dar gargantilha 18 pra amante
 Como agravante a ostentação
 O que ele sonha até então tá na sua mao
 De desempregado a homem de negócio
 Pulou o muro já era
 Agora é o novo sócio ...

CRIME VAI E VEM

-Ô mano, cê viu o tanto de polícia que tem na área ai mano?
 -É, então, tá embaçado o morro certo,
 mano?
 Então, no fim de ano ir pra cadeia não
 vira...
 Ó quem ta chegando ai irmão...
 -E aí, Cláudio, firmeza?
 -E aí, firmeza família? Como é que tá o
 morro?
 -Então,o morro ta daquele jeito,certo mano?
 -Então tem que ficar ligeiro,porque ta cheio
 de polícia,cheio de ganso.
 -Então aí, to descabelado mano,vim pra me
 levantar de novo.
 -Então, vamo cola aê?
 Ta vendo aquele truta parado ali;

Bolando idéia com os mano na esquina;
 É envolvido com crack,maconha e cocaína;
 Tirou cadeia,cumpriu a sua cota;
 Pagou o que devia mas agora ele ta de
 volta;
 Saudades da quebrada,da familia;
 Coração amargurado pelo tempo perdido na
 ilha;
 Se levantar agora é só,nada mais importa;
 Louco é mato,ta cheio no morro não falta;
 Esses anos aguardou paciente;
 O limite é uma fronteira criada só pela
 mente;
 Conta com o que ficou e não com o que
 perdeu;
 Quem vive do passado é memória,museu;
 Dinheiro,segredo,palavra-chave;
 Manipula o mundo e articula a verdade;
 Compra o silêncio,monta a milícia;
 Paga o sossego,compra a política;
 Aos olhos da sociedade é mais um bandido;
 E a bandidagem paga o preço pela vida;
 Vida entre o ódio,a traição e o respeito;
 Entre a bala na agulha e a faca cravada no
 peito;
 Daquele jeito;
 Ninguém ali brinca com fogo;
 Perdedor não entra nesse jogo;
 É como num tabuleiro de xadrez;
 Xeque-mate,vida ou morte;
 1,2,3,vê direito;
 Para,pensa,nada a perder;
 O réu acusado já foi programado pra
 morrer;
 Quem se habilita a debate (pode crer);
 Quem cai na rede é peixe,não tem pra onde
 correr;
Refrão:
 O crime vai,o crime vem;
 A quebrada ta normal e eu tô também;
 O movimento da dinheiro sem problema;
 O consumo ta em alta como manda o
 sistema;
 O crime vai,o crime vem;
 A quebrada ta normal e eu to também;
 Onde hâ fogó; a fumaça;
 Onde chega a droga é inevitável,embaça;
 Eu tô aqui com uma nove na mão;
 Cercado de droga e muita
 disposição,ladrão;
 Fui rotulado pela sociedade;
 Um passo a mais pra ficar na criminalidade;
 O meu cotidiano é um teste de
 sobrevivencia;
 Já to na vida,então, paciência;
 Pra cadeia não quero,não volto nunca mais;
 Ae truta,se for pra ser,eu quero é mais;
 Aqui é mó covil,ninho de serpentes;
 Tem que ser louco pra vim bater de frente;
 Minha coroa não pode passar veneno;
 Já é velha e meu moleque ainda é pequeno;
 Um irmão morreu,o outro se casou;
 Saiu dessa porra,firmeza se jogou;
 Só eu fiquei fazendo tempo por aqui;
 Tentei evitar mas não consegui,aí;
 Se meu futuro já estiver traçado;
 Eu vou até o fim só pra ver o resultado;
 Quero dinheiro e uma vida melhor;
 Antes que meu castelo se transforme em pó;
 Sô,o víçio da morte está a venda;
 Em cada rua uma alma;
 Em cada alma uma encomenda;
 O consumo pra alguns é uma ameaça;
 Vários desanda,yacila e vira caça;
 Tem mano que dá várias narigada ali;
 Cheira até umas hora;

Deixa cair;
 É intensidade o tempo inteiro;
 Quartel latino,são paulo ao rio de janeiro;
 Dá mó dinheiro,dólares;
 Rato de sócio;
 Nesse ramo são que nem abutre no negócio;
 A noite chega,a febre aumenta;
 Pode ser da paz ou curviana violenta;
 -então,vamo terminar de enrolar um
 "baguio"
 pra nós fazer o role,irmão.
 -firmeza,firmeza mano.
 -vai,vai,vai,vai...todo mundo é mão na
 cabeça,
 mão na cabeça,cadê o baguio irmão...
 vai que ta caguetado,quem que é o claudio
 ai?
 vai,quem que é o claudio ai no baguio?
 Trafico não tranca mais segredo;
 São 3 horas da manhã
 e pra alguns maluco ainda é cedo;
 Na esquina,na entrada da favela;
 Uma mula de campana;
 Fumando na viela;
 -Aí,cadê o Cláudio?
 Ái, o Cláudio ta perdido;
 Foragido da quebrada;
 Ele deixou tudo comigo;
 Os ganso ta na febre;
 Mas flagrante é dinheiro;
 Eu tô ligeiro a todo instante parceiro;
 Mês de agosto atravessa o inverno;
 Os anjo do céu guia meus passos andando
 no inferno;
 Será eterno a estrada do fim;
 Ai que tá,é vulneravel;
 Provavel pra mim;
 Que seja assim;
 Um ganha e outro perde;
 Enquanto um louco cheira,o demonio se
 diverte;
Refrão:
 O pobre,o preto,no gueto é sempre assim;
 O tempo não pára;
 A guerra não tem fim;
 O crime e a favela é lado a lado;
 É que nem dois aliado;
 O isqueiro e o cigarro;
 Na viela,no beco,na rua sem saída;
 Na esquina da quebrada;
 Continua assim na mesma vida;
 Rotina que assim vai e prossegue;
 Vitorioso é aquele que se pá,consegue
 sobreviver;
 E não deitar crivado na bala;
 Igual na rua d,ensanguentado no meio da
 vala;
 Muita cautela ainda é pouco;
 Mano armado,traira,andalando que nem
 louco;
 Mano passando uns barato roubado;
 Jogo arriscado,mas quem ta preocupado?
 Sujeito ou cuzão,heroi ou vilão;
 Cada .40 na mente,diferente reação;
 Cada estrada uma lição;
 Da própria vida;
 Cada caminho um atalho;
 Uma tentativa;
 A qualidade daqui,são das piores;
 Varios maluco dando o sangue por dias
 melhores;
 Foi dado um golpe de estado cavernoso;
 A maquina do desemprego;
 Fabrica criminoso;
 De bombeta,tatuado,sem camisa;
 De bermudão,no pião,na mesma brisa;

Formação de quadrilha conduz o crime;
Fora da lei, eu sei, eu vejo filme;
Las vegas o patrão gira a roleta;
Controla tudo, na ponta da caneta;
Sentindo na garganta, o amargo do fel;
Com o crime organizado, na torre de babel;
Inteligente é o que vai pra cama mais cedo;
Com uma quadrada na cintura não é mais
segredo;
Não tenha medo, então, por que você veio
aqui?
É guerra fria e você tá bem no meio aí;
Fogo cruzado, lado norte;
Só vagabundo, bandidagem, e a morte;
Boa sorte.

VIDA LOKA – PARTE II

Firmeza total, mais um ano se passando aí
Graças a Deus a gente tá com saúde aé,
morô, com certeza
Muita coletividade na quebrada
Dinheiro no bolso, sem miséria
E é nós, vamo brindar o dia de hoje
O amanhã só pertence a Deus
A vida é loka
Deixa eu fala, pocé
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão
Logo mais vamo arrebentar no mundão
De cordão de elite, 18 quilate
Põe no pulso, logo breitling
Que tal, tá bom
De lupa bausch & lomb, bombeta branca e
vinho
Champanhe para o ar, que é pra abrir
nossos caminhos
Pobre é o diabo, eu odeia a ostentação
Pode rir, ri, mas não desacredita não
É só questão de tempo, o fim do sofrimento
Um brinde pros guerreiro, zé povinho eu
lamento
Vermes que só faz peso na terra
Tira o zóio
Tira o zóio, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra
E eu não era assim, eu tenho ódio
E sei que é mau pra mim
Fazer o que se é assim
Vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora
E eu prefiro rosas
E eu que... e eu que
Sempre quis um lugar
Gramado e limpo, assim verde como o mar
Cercas brancas, uma seringueira com
balança
Disbicoando pipa cercado de criança
How... how brow
Acorda sangue bom
Aqui é capão redondo tru
Não pokemon
Zona sul é invés, é stress concentrado
Um coração ferido, por metro quadrado
Quanto mais tempo eu vou resistir, pior
Que eu já vi meu lado bom na UTI
Meu anjo do perdão foi bom
Mais tá fraco
Culpa dos imundo, do espírito opaco
Eu queria ter, pra testa e vê
Um malote, com glória, fama
Embrulhado em pacote
Se é isso que seis qué
Vem pega
Jogar num rio de merda e ver vários pula
Dinheiro é foda
Na mão de favelado, é mó guela

Na crise, vários pedra 90, esfarela
Eu vou joga pra ganha
O meu money, vai e vem
Porém quem tem, tem
Não cresço o zóio em niguem
O que tiver que ser
Será meu
Tá escrito nas estrela
Vai reclama com Deus
Imagina nós de audi
Ou de citroen
Indo aqui, indo ali
Só pam
De vai e vem
No capão, no apura, vo cola
Na pedreira do são bentoo
Na fundão, no pião
Sexta-feira
De teto solar
O luar representa
Ouvindo cassiano, ah
Os gambé não guenta
É mais se não dé
Nego
O que é que tem
O importante é nós aqui
Junto ano que vem
E o caminho
Da felicidade ainda existi
É uma trilha estreita
É em meio a selva triste
Quanto se paga
Pra vê sua mãe agora
E nunca mais vê seu pivete
Embora
Da a casa, da o carro
Uma glok, e uma fal
Sobe cego de joelho
Mil e cem degrau
Quente é mil grau
O que o guerreiro diz
O promotor é só um homem
Deus é o juiz
Enquanto zé povinho
Apedrejava a cruz
Um canalha fardado
Cuspiu em Jesus
Hó, aos 45 do segundo arrependido
Salvo e perdoado
É dimas o bandido
É loko o bagulho
Arrepia na hora
Dimas primeiro vida loka da história
Eu digo
glória... glória
Sei que Deus tá aqui
E só quem é
Só quem é vai sentir
E meus guerreiro de fé
Quero ouvi... quero ouvi
E meus guerreiro de fé
Quero ouvi... irmão
Programado pra morre nós é
É certo... é certo... é crer no que der
Firmeza
Não é questão de luxo
Não é questão de cor
É questão que fartura
Alega o sofredor
Não é questão de presa
Nem cor
A ideia é essa
Miséria traz tristeza, e vice-versa
Inconscientemente
Vem na minha mente inteira
Uma loja de tênis

O olhar do parceiro
Feliz de poder comprar
O azul, o vermelho
O balcão, o espelho
O estoque, a modelo
Não importa
Dinheiro é puta
E abre as porta
Dos castelo de areia que quiser
Preto e dinheiro
São palavras rivais
É, Então mostra pra esses cú
Como é que faz
O seu enterro foi dramático
Como o blues antigo
Mais de estilo
Me perdoe de bandido
Tempo pá pensar
Qué para
Que se qué
Viver pouco como um rei
Ou então muito, como um zé
Às vezes eu acho
Que todo preto como eu
Só qué um terreno no mato
Só seu
Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome
Pegando as fruta no cacho
Aí truta, é o que eu acho
Quero também
Mas em são paulo
Deus é uma nota de 100
Vidaloka
Porque o guerreiro de fé nunca gela
Não agrada o injusto, e não amarela
O rei dos reis, foi traído, e sangro nessa
terra
Mais morre como um homem é o prêmio da
guerra
Mais ó
Conforme for, se precisar, afoga no próprio
sangue
Assim será
Nosso espírito é imortal, sangue do meu
sangue
Entre o corte da espada e o perfume da rosa
Sem menção honrosa, sem massagem
A vida é loka nego
E nela eu tô de passagem
A Dimas o primeiro
Saúde guerreiro
Dimas... Dimas... Dimas

EXPRESSO DA MEIA-NOITE

Tô de rolê na quebrada, de Parati filmada
são 23 horas e a noite tá iluminada
acendo um cigarro, tô inspirado
ando sozinho, não não, Deus tá do lado
é Sabado a rua tá cheia uma pá de gente
delegacia 73 rebelião no pente
no São Luis alguém sangrando na fila de
espera
enquanto em alguma encruzilhada se
acende vela
na Igreja os crentes faz vigília pra se salvar
ansiedade a espera de Jesus quando voltar
em frente um bar tá lotado
fim de carreira varios tio embreagado
talvez seja frustrado, com a família
ou tenha espancado até a sua própria filha
que brilha naquela maldade com o próprio
corpo
15 anos de idade já fez aborto
o que não falta é louco e louca tem de sobra

periferia legião mãos a obra
alcool e droga tá ali corre junto
a morte a foice atrás de mais um assunto
é 2 minutos pra arrumar
quem tá de luto aqui nem chega a respirar
tem que pensar mais rápido e puxar o
gatilho
se não for ligeiro parceiro, toma tiro
tá no limite tá, a flor da pele tá
quem é ferido com o mesmo ferro sempre
fere
a arma de fogo impõe respeito
no submundo da metrópole é desse jeito
não pense, não pisque não dê um passo
quem se abilita, falô, é um abraço
a paz é dichavada e fumada na seda
tranquilidade enquanto a brasa tá acesa
a cortina de fumaça sobre o holofote
onde a aliada maior, é a sorte
em cada lote uma viela
nas curvas da nova Galvão uma favela
que testemunha toda hora algum coitado
igual aquele que no meio foi rasgado
metralhado, vários tiros de automática
pros covardes é a forma que é mais prática
eliminar e deixar pra trás
uma mancha de sangue que não apaga
nunca mais
familias destroçadas pela maldade
criança sem pai, vai, ser o que mais tarde
a vida não é um conto de fadas
(não), principalmente na calada (na
quebrada)
onde a gente vê, registra várias fitas
o que ser humano é capaz você não acredita
(só quem é de lá ... sabe o que acontece)
eu vejo terra (eu vejo), eu vejo asfalto
eu vejo guerra, morte e assalto
sangue no chão, a esperança que agoniza
reflete a vida que a novela satiriza
aí, fica ligeiro que na esquina tá embassado
a área tá sinistra e o clima tá pesado
a Zona Norte é grande e extensa
cada quebrada uma situação, uma sentença
sem diferença, conheço os 4 cantos eu vi
a violência, se iguala por enquanto aqui
chacina, estupro tráfico
a noite é foda irmão, só dá lunático
vida de louco, de inferno e sufoco
dinheiro vai e vem mais ainda é muito
pouco
se tem coragem até uns doido correm atrás
se 2 é bom trutão, 3 nunca é demais
mais uma pá de prego espera acontecer
agora a mina grávida, o que se vai fazer?
vender um barato na esquina ou vai roubar
o pivete logo vai nascer, quem vai bancar?
familias vem, famílias vão
fugindo da morte, fugindo da prisão
a vida do fundão é desequilibrada
Hebron, Piquiri, Jeovah, Serra Pelada
(só quem é de lá ... sabe o que acontece ...)
ninguém confia em ninguém, é melhor
assim (melhor)
eu nem na minha sombra, e nem ela em
mim
hoje qualquer moleque tá andando armado
puxar o cão sem pensar pra ser respeitado
eu tô ligado, eu sei quem é quem
o Super-Homem de bombeta vai matar
alguém
sendo refém de espíritos malignos
mal intencionado cínico, leviano indigno
fui obrigado a conviver com isso
com uma quadrada e um velho crucifixo
é sempre bom andar ligeiro na calada

a vida não é um conto de fadas!
(só quem é de lá ... sabe o que acontece ...)

DA PONTE PRA CÁ

A lua cheia clareia as ruas do capão,
Acima de nós só Deus humilde né não? né
não?
Saúde: plin, mulher e muito som,
Vinho branco para todos um advogado bom
Cof, cof, ah, esse frio tá de fuder,
Terça feira é ruim de role, vou fazer o que
Nunca mudou nem nunca mudará
O cheiro de fogueira vai, perfumando o ar
Mesmo céu, mesmo cep no lado sul do mapa,
Sempre ouvindo um rap para alegrar a rapa
Nas ruas da sul eles me chamam brown,
Maldito, vagabundo, mente criminal
O que toma uma taça de champagne
também curte
Desbaratinado, tubaína, tutti-frutti.
Fanático, melodramático, bom-vivant,
Depósito de mágoa quem esta certo é o
saddam, ham...
Playboy bom é chinês, australiano,
Fala feio e mora longe não me chama de
mano
"- e aí brother, hey, uhuuul, " pau no seu
c...aaaíí,
Respeito sou sofredor odeio todos vocês
Vem de artes marciais que eu vou de sig
sauer,
Quero sua irmã e seu relógio tag heuer
Um conto se pá, dá pra catar,
Ir para a quebrada e gastar antes do galo
cantar.
Um triplex para a coroa é o que malandro
quer,
Não só desfilar de nike no pé
Ô vem com a minha cara e o din-din do seu
pai,
Mais no rolé com nós ?ce? não vai
Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar.
Entendeu? se a vida é assim, tem culpa eu?
Se é o crime ou o creme, se não deves não
teme,
As perversa se ouriça e os inimigo tremre
E a neblina cobre a estrada de itapecicara...
Sai, Deus é mais, vai morrer para lá zica
Não adianta querer, tem que ser tem que pá,
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser tem que ter para
trocar,
O mundo é diferente da ponte pra cá
Outra vez nós aqui vai vendo,
Lavando o ódio embaixo do sereno
Cada um no seu castelo, cada um na sua
função,
Tudo junto, cada qual na sua solidão
Hei, mulher é mato a maryjane impera,
Dilui a rádio e solta na atmosfera
Faz da quebrada o equilíbrio ecológico,
Distingui o judas só no psicológico
Hó, filosofia de fumaça analise,
E cada favelado é um universo em crise
Quem não quer brilhar, quem não? mostra
quem,
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém
Quantos caras bom, no auge se afundaram
Por fama
E tá tirando dez de havaiana
E quem não quer chegar de honda preto
Em banco de couro,
E ter a caminhada escrita em letras de
ouro

A mulher mais linda sensual e atraente,
A pele cor da noite, lisa e reluzente
Andar com quem é mais leal e
verdadeiro,
Na vida ou na morte o mais nobre
guerreiro
O riso da criança mais triste e carente,
Ouro, diamante, relógio e corrente
Vem minha coroa onde eu sempre quis
pôr,
De turbante, chofer uma madame nagô.
Sofrer pra que mais se o mundo jaz do
maligno,
Morrer como homem e ter um velório
digno
Eu nunca tive bicicleta ou video-game,
Agora eu quero o mundo igual cidadão
kane,
Da ponte pra cá antes de tudo é uma
escola,

Minha meta é dez, nove e meio nem rola
Meio ponto a ver, hum e morre um,
Meio certo não existe truta o ditado é
comum
Ser humano perfeito, não tem mesmo
não,
Procurada viva ou morta a perfeição
Errare humanus est, grego ou troiano,
Latim, tanto faz pra mim: fi de baiano
Mas se tiver calor, quentão no verão,
Ce quer da um rolé no capão daquele
jeito,

Mas perde a linha fácil, veste a carapuça,
Esquece estes defeitos no seu jaco de
camurça

Jardim rosana, trés estrela e imbé,
Santa tereza, valo velho e dom josé.
Parque chácara, Lídia, vaz,

Fundão muita treta pra vinícius de moraes
Refrão:

Mas não leve a mal tru, ce não entendeu,
Cada um na sua função, o crime é crime e
eu sou eu.

Antes de tudo eu quero dizer, pra ser
sincero

Que eu não pago de quebrada mula ou
banca forte.

Eu represento a sul, conheço loco na
norte,

No 15 olha o que fala, perus, chicote
estrala

Ridículo é ver os malandrão vândalo,
Batendo no peito feio e fazendo
escândalo

Deixa ele engordar, deixa se criar bem,
Vai fundo, é com nós, super star,
superman, vai...

Palmas para eles digam hey, digam how,
Novo personagem pro chico anísio show
Mas firmão né, se deus quer sem
problemas,

Vermes e leões no mesmo ecossistema
Ce é cego doidão? então baixa o farol!

Hei hou, se qué o quê com quem diow?
Tá marcando, não dá pra ver quem é
contra a luz

Um pé de porco ou inimigo que vem de
capuz

Hey truta eu tô louco, eu tô vendo
miragem,
Um bradesco bem em frente a favela é
viagem
De classe "a" da "tam" tomando jb
Ou viajar de blazer pró 92 dp
Viajar de gti quebra a banca,

Só não pode viajar c'os mão branca
 Senhor guarda meus irmão nesse horizonte cinzento,
 Nesse capão redondo, frio sem sentimento
 Os manos é sofrido e fuma um sem dar guela,
 É o estilo favela e o respeito por ela
 Os moleque tem instinto e ninguém amarela.
 Os coxinha cresce o zóio na função e gela

CD “Tá na chuva”. Gravadora: Cosa Nostra, 2009.

TÁ NA CHUVA

Meu Clã tá formado, você é meu aliado através do seu ouvido tô envolvido lado a lado
 Ideia te incentiva pra c num segui o crime Cada um no seu lugar e você não é desse time
 Mesmo que você discorde do que eu tenha pra falar Melhor você na rua do que ver sua mãe chorar
 Cê sabe que cadeia, só uma questão de tempo Não caia nessa teia uma cena triste lamento
 Lamento o que doidão, se você já me conhece Só sofre quem não tem dinheiro esse é o teste
 Eu vou fazer a boa, não vou moscar a tóia Me aposentar e parar antes de ser coroa Isso tudo é uma ilusão, de poder em ascensão
 Tudo tem um preço não se esqueça negão A ambição vai te cobrar, te cegar, te arrastar
 O homem dá com a mão pra com a outra vir tirar Fazendo sê sonhar com carro digital Ser heroi com o celular de 2000 real
 Sê sabe que mulher, não falta nunca né Se tiver uma caranga pro rolê e um nike no pé
 É o Brasil é mó zica quanto tempo E a quanto tempo o homem já não era violento mais uma coisa puxa, outra é triste inevitável
 A miséria não acaba porque ainda é favorável Imaginem só, o Brasil sendo melhor
 Com divisão de terra e espaço ao redor Redor de quê? Redor de quem tá viajando Esgoto a céu aberto é a real de varios manos
 você tá vivendo na ilusão da cidade Do ensino meia boca, lezando a mentalidade difícil é resistir, se pensar vai ser pior Nossa cara é ir pra cima e fazer nosso melhor
 Melhor dentro da escola, melhor que uma vitrini Melhor longe da esmola, melhor longe do crime
 Que a vida nos ensine, traga o conhecimento Que mostre o outro lado e não o sofrimento
 A rua violenta pode ser de outro jeito ninguém é perfeito mas ainda tem o direito Direito de falar, direito de pensar Direito de viver decentemente sem

roubar Direito de aprender como se ganha dinheiro
 Sem ter que trapacear no jogo o tempo inteiro Direito de ouvir e de criticar também
 Direito de entender e debater com você além A lei que foi criada pra incentivar O nosso acesso é restrito, o processo é só aumentar Vamô chegar, mudar, pra revolucionar Racionais está no ar, e o RAP também tá Em qualquer lugar, onde a mensagem vá Sei que um Aliado mais um?vou resgatar!!!

MÃOS

Racionais Mc's Firmeza, firmeza, total É desse jeito vagabundo, Almir Guineto e mano brown Foram me chamar to aqui que que há Hâ, vagabundo nato!
 [Mano Brown]
 Um role de vmax um gole de Le Chandon Mãos pobres querem ter o que é bom Mãos nordestinas me ensinou Que mãos para trás, neguinho, não senhor As mãos de Tyson, ódio, nocale As mãos do mal também usam esmalte Mãos que apontam, mãos que delatam Toda mão tem, mãos tremulas matam Mãos na cabeça o mão branca armou Algemas prende a mão de um sonhador Mãos negras, sinfonia funk As mãos do rap não usam Mont Blanc Palma da mão, palma, negro dança Souve lavar alma, as mãos que se humilham aos céus Serão as que ergueram troféu Demoro já, vou cambá, Porque o samba, em boas mãos tá Michelangelo vive bem perto Em forma de samba ele é Almir Guineto... E ae Brow, Firmeza?
 Firmeza total, espero ter representado ae Agora a missão ta nas suas mãos, demorô [Almir Guineto]
 Ah, então vou trazer minha clínica geral ae, a percussão nacional Mãos se rendem, pra outras que tudo levam, Quase em extinção, mãos honestas (mãos honestas), amorosas (amorosas) E nossas pobres mãos, bate as cordas Pago pra ver, (pago pra cer, queimar) queimar em brasa Mãos de baixareis que não condenam o mal Que inocentam réus, em troca do seu metal Em mãos de infiéis la laia... Quem veste não contenta la laia... Governa a diretriz la laia... tão fraudulenta Sem réu e sem juiz, mãos não se acorrenta Justiça Põe as mãos na consciência

Ato que fez Pilatos la laia... travando tuas mãos Eu vejo que injustiça, com as próprias mãos Mãos que fracassaram na torre de Babel Porque desafiam mãos do céu Mãos...
 [Mano Brown]
 Verdadeiro poeta é aquele segura a caneta E deixa Deus escrever Como diz a escritura, é o seguinte: Deus usa os loucos pra confundir os sábios Então ao poeta dos loucos, Almir Guineto

SOU FUNÇÃO

Sô função, pra quem não tá ligado me apresento e as ruas represento Dá licença aqui pra eu chegar nesse balanço É quente negrão a idéia que eu te lanço Estilo original de bombeta branca e vinho Vai, só não vai pra grupo com neguinho Ando gingando cuns braços pra trás Sô falô na gíria e pros bico é demais Sô forgado afronto os gambé, sô polêmico Na favela o meu diploma acadêmico De ténis all star, de cabelo black Meu beck, a caixa e o bumbo e o clap Cresci ali envolvidão qua função Na sola do pé bate o meu coração Esse som é do bom, dá uns dois e viaja Nós somos negros não importa o que haja O ritmo é nosso trazido de lá Das ruas de terra sem luzes e pâ O fascínio não morre ele só começô Das festa de preto que os boy não colô Sô o que só vivo aquilo que falo Meu rap é do gueto e não é pros embalo Vagabundo, se for pra somar chega aí Paguei pra entrar e nunca mais vou sair Então vem que vem, dinheiro eu quero Uma linda mulher e um belo castelo Eu sô raiz mais cadê você A função e o funk jamais vão morrer...
 [Dexter]
 Muito amor, muito amor, pelo som pela cor A herança tá no sangue louvado seja meu senhor Que me quis descendente de raiz Preto função sou sim, sou feliz Favelado legítimo escravo do ritmo Dos becos e vielas eu sô amigo íntimo Dexter o filho da música negra Exilado sim, preso não com certeza O rap me ensinou a ser quem eu sô E honra minha raça pelo preço que for Dos vida loka da história eu sô um a mais Que te faz ver a paz como sôro eficaz No gueto jaz, o inofensivo morreu Pela magia do funk renasceu o plebeu Aí fudeu, o monstro cresceu se criô ô Agora já era é lamentável doutor A guerra já não é tão mais fria assim Sô pelos função e a função é por mim Até o fim, "plim", nossa luz contagia

Assim como o sol, que clareia o dia
E aquece o pivete que dorme na rua

Que passou a madrugada em claro a luz da
lua

Se situa que o que ofereço é muito bom
Força e poder dom através do som
Negô, vem com nós mais vem de coração
Por paixão, por amor não pela emoção
firmão

Pra ser função tem que ser original
Apresentando e tal mais um irmão leal
[Mano Brown]

Ser vida loka aqui está então pode saber
Deixa as dama aproximar jão opa tamô aê
Na arena mil juras de amor ao criador que
nos guia

Antes de nada mais para nós muito bom
dia

Salve! só chegar meu irmão lêlê
Por que não monstro? viva negro Dexter
De vinte em vinte eu paguei duzentas
flexão

Caçando jeito de burlar a lei e a minha
depressão

Menino bom mas, pobre, feio, fraco, infeliz,
só

Se sentindo o pior vários monstro ao meu
redor

Com tambor de gás fiz mais cinquenta em
jejum

Ódio do mundo eu via em tudo, filme do
platoon

No café o açúcar com limão no abacate
Puta eu olhei a blusa suja de colgate

Se ser preto é assim ir pra escola pra quê?
Se o meu instinto é ruim e eu não consigo
aprender

Esfregando calças velhas fiz a lista do
tanque

Era um barraco sim, mas meu castelo era
funk

Folha seca num vendaval, um inútil
É morrer aos poucos eu me senti assim, tio
Eis que um belo dia alguém mostrou pra
mim

Uma reunião tribal, James Brown e All
Green, uau "sex machine"

O orgulho brotou, poder para o povo preto,
que estale os tambor

Veio as camisas de ciclistas, calça lee,
fivelão

Tênis Fire Eitheeng uou uou uou ladrão
Às seis mil ano até pra plantar

Os pretos dança todo mundo igual sem errar
Agradencendo aos céus pelas chuvas que
cai

Santo Deus me fez funk, obrigado meu pai
Nem por isso eu num... vou jogar filé
mignon pras piranha

O pierrô contra os play boy fuma maconha
Não vejo nada, não vejo fita dominada
Eu vejo os pretos sempre triste nos canto do
mundão

Então morô jão, um dois um dois drão
Aham aham, alma, mente sã, corpo são
Dexter tem que está, com fé no senhor
Tem que orar, tem que brigar, tem que lutar
negro

Ah meu bom juiz abra seu coração
Se ouvir o que esse rap diz ia sentir o
perdão

Meu argumento é pobre, mas a missão
nobre

Mestrão irá saber reconhecer o homem bão
Deixo aqui desde já, promessa de voltar

É só querer, é só chamar que eu estarei lá
Eis o doce veneno vivendo e vivão
Um dia por vez, sem pressa, fui nessa
negrão
Sô função

ANEXO B - ÍNTEGRA DAS COMPOSIÇÕES CITADAS (BEZERRA DA SILVA)

“A Lei do Morro”
“O Preço da Glória”
“Vítimas da Sociedade”
“Bicho Feroz”
“Compositores de Verdade”
“Malandragem Dá Um Tempo”
“Meu Bom Juiz”
“Justiça Social”
“O Dr. Está na sua capturação”
“Na Hora Da Dura”
“Ilha Grande”
“Se Não Fosse o Samba”
“Poeta Operário”
“Assombração de Barraco”
“Eu Sou Favela”
“Partideiro sem nó na garganta”
“SOS Baixada”
“Meu Samba é Duro na Queda”
“Este homem é inocente”
“Desabafo do Juarez da Boca do Mato”
“É Ladrão Que Não Acaba Mais”
“Pega Eu”
“Candidato Caô Caô”
“Se Leonardo Dá Vinte...”
“Se liga, Doutor!”
“Muro da Verdade”
“A gíria é cultura do povo”
“Aos Donos da Minha Nação”

A LEI DO MORRO

SILVA, Ney; LENNOYA, Paulinho; TRAMBIQUE. Disco: Produto do Morro. Gravadora: RCA. 1983.

“Aí, malandragem:
Caguetou no morro, é o seguinte”
A lei do morro (a lei)
Não é mole não
Se você caguetar
Tem que ter muita disposição
Pra meter a mão na turbina
E apertar com precisão
E se não acertar o alvo
Você vai se arrepender
Pois o alvo lhe acerta
E quem fica caído é você
E se você era limpeza
Com sujeira passa a ser
Em seguida é logo esculturado
Tem o risco de morrer
A lei do morro...
Tem que ser ligeiro e hábil
Pra poder sobreviver
Bom malandro é cadeado
(ele) Nada sabe, nada vê
E também se não for considerado
Você logo vai saber
Vai pagar uma taxa do pedágio
Pra subir e pra descer
A lei do morro...

O PREÇO DA GLÓRIA

PORTELA, Jorge da; CABORÉ; PINGA. Disco: Produto do Morro. Gravadora: RCA. 1983.

“É malandragem:
Prá chegar até aqui não foi mole não
Passei por um tremendo sufoco”
Mas eu sou aquele
Que chegou do nordeste pra cantar
Na cidade grande minha vida melhorar
Gracas a Deus consegui o que eu queria
Hoje estou realizado, terminou minha
agonia
Mas o preço da glória pra mim
Ele foi doloroso e cruel
Comi o pão que o diabo amassou
Em seguida uma taça de fel
Me prenderam várias vezes
Porém sem nada dever
Morei na rua dos amargurados
Sem ter nada pra comer
Longos anos dormi, na sarjeta
Nem assim me revoltei
E na universidade do mundo
Foi nela que me formei
Como penei
Quem não acreditar
Em tudo que falo
Minha testemunha ocular
É o morro do Cantagalo
(é o meu morro do galo)
Eu sou aquele...

VÍTIMAS DA SOCIEDADE

DOIDO, Crioulo; DA SILVA, Bezerra. Disco: Malandro Rife. Gravadora: RCA Eletrônica Ltda. 1985.

Se você estão a fim de prender o ladrão
Podem voltar pelo mesmo caminho
O ladrão está escondido lá embaixo
Atrás da gravata e do colarinho
Só porque moro no morro
A minha miséria a vocês despertou
A verdade é que vivo com fome
Nunca roubei ninguém
Sou um trabalhador
Se há um assalto a banco
Como não podem prender o poderoso
chefão
Aí os jornais vêm logo dizendo
Que aqui no morro só mora ladrão
Falar a verdade é crime
Porém eu assumo o que eu vou dizer
Como posso ser ladrão
Se eu não tenho nem o que comer
Não tenho curso superior
Nem o meu nome eu sei assinar
Aonde foi que se viu um pobre favelado
Com passaporte pra poder roubar
No morro ninguém tem mansão
Nem casa de campo pra veranear
Nem iate pra passeios marítimos
E nem avião particular
Somos vítimas de uma sociedade
Famigerada e cheia de malfício
No morro ninguém tem milhões de
dólares
Depositados nos bancos da Suíça

BICHOFEROZ

INSPIRAÇÃO, Cláudio; TONHO. Disco: Malandro Rife. Gravadora: RCA Eletrônica Ltda. 1985.

Você com revólver na mão
É um bicho feroz
Sem ele, anda rebolando
Até muda de voz
É que a rapaziada não sabe
Quando você entrou em cana
Lavava roupa da malandragem
E dormia no canto da cama
Hoje está em liberdade
E anda trepado com marra de cão
Eu conheço o seu passado na cadeia
Seu negócio é somente pagar sugestão
Simplesmente tô dando esse alô
Porque sei que você não é de nada
Quando leva um arrocho dos “home”
De bandeja, entrega toda a rapaziada
Acha bonito ser bicho solto,
Mas não tem disposição
Quando entrar em cana novamente
Vai passar lua-de-mel outra vez na
prisão
Olha aí, corujão

COMPOSITORES DE VERDADE

ROMILDO; SHOW, Edson; NAVAL. Disco: Alô Malandragem, Maloca o Flagrante. Gravadora: RCA. 1986.

A razão do meu sucesso
Não sou eu nem é minha versatilidade
É que eu gravo pra uma pá de pagodeiros
Que são compositores de verdade
Eu sou do pico da colina maldita
E se Deus deu asa à cobra,
A um punhado de bambas
Já mandei minha nega pro inferno
E também viajei na Apolo do samba
Sou produto do morro
Sou malandro rife nesse mundo cão
Gatuno que entra na casa de pobre
Toma tapa da minha sogra sapatão
E depois sai gritando pela rua:
- “Pega eu que eu sou ladrão!”
O Chico também não deu sorte
Para o bicho feroz tenho a planta
maneira
Liberdade é um lindo samba de quadra
Fruto da minha querida Mangueira
Veja bem que o malandro era forte
Mas cipó caboclo foi quem lhe amarrou
E virou comida de piranha
Porque não aprendeu a ser um bom
sofredor
Ele se diz da pesada
Porém é um Judas traidor
Quis bagunçar o meu coreto
Fez a cabeça sozinho, esquecendo do
vovô
Veja bem que o Mané só fez graça
E o que fez o pai vêio 171
Ele vendeu a bata do vovô
Pro tal de Zé Fofinho de Ogum
Sou federal, já falei com você
Crocodilo comigo acaba no Pinel
Defunto cagueté foi barrado no inferno
Como é que ele pode ter vez lá no céu
E por isso que eu vou contar até três
Pra tu sair da aba do meu chapéu
Aqueles morros que eu exaltei
É do Pedro Butina, eu posso provar
Joel Silva diz que não tem culpa
Se ele não tem onde morar
Saudações às favelas é do Sérgio
Fernandes
Todos do morro do Galo, que é o meu
Lugar

MALANDRAGEM DÁ UM TEMPO

P. POPULAR; ADELZONILTON; BOMBEIRO, Moacyr. Disco: Alô Malandragem, Maloca o Flagrante. Gravadora: RCA. 1986.

Vou apertar
Mas não vou acender agora
Se segura, malandro
Pra fazer a cabeça tem hora
Você não está vendo
Que a boca tá assim de corujão
E dedo de seta adoidado
Todos eles a fim de entregar os irmãos

Malandragem, dá um tempo
Deixa essa pá de sujeira ir embora
É por isso que eu vou apertar
Mas não vou acender agora
O dois oito um foi afastado
O dezesseis e o doze no lugar ficou
E uma muvuca de esperto demais
Deu mole e o bicho pegou
Quando os homens da lei grampeiam
O couro come toda hora
É por isso que eu vou apertar
Mas não vou acender agora

MEUBOMJUIZ

Beto sem Braço e Serginho Meriti. Meu Bom Juiz.
Disco: Alô malandragem, maloca o flagrante!
Gravadora: RCA, 1986

Ah! Meu bom juiz, meu bom juiz
Não bata este martelo e nem dê a sentença
Antes de ouvir o que meu samba diz
Pois este homem não é tão ruim quanto o senhor pensa
Vou provar que lá no morro ele é rei
Coroado pela gente
Mergulhei na fantasia e sonhei
Com um reinado diferente
Mas não se pode na vida, eu sei
Ser um líder permanente
Meu bom doutor, o morro é pobre e a pobreza
Não é vista com franqueza
Nos olhos desse pessoal intelectual
Mas quando alguém se inclina com vontade
Em prol da comunidade jamais será marginal
Buscando um jeito de ajudar o pobre
Quem quiser cobrar que cobre
Pra mim isso é muito legal
Eu vi o Morro do Juramento
Triste, chorando de dor
Se o senhor presenciasse
Chorava também, doutor
Eu vi todo Juramento
Triste, chorando de dor
Se o senhor presenciasse
Chorava também, doutor

JUSTIÇA SOCIAL

DUDA; MARUJO, Disco: Justiça Social.
Gravadora: RCA Victor, 1987.

Quase prendem meu disco houve um disse me disse
Pintaram o diabo, só porque em outro samba
Eu pedi para um homem não ser condenado
Fala mais alto a justiça lá do céu
Que atire a primeira pedra aquele que nunca foi réu
Fala mais alto a justiça lá do céu
Que atire a primeira pedra aquele que nunca foi réu
Eu sei que errar é humano
Na vida é comum tem

a primeira vez
Mas vale é ser consciente pois muito inocente
Já pagou por aquilo que não fez
É que a balança da justiça social
Só pesa pra ler escrita isto não está legal
É que a balança da justiça social
Só pesa pra ler escrita isto não está legal
Quase prendem meu disco houve um disse me disse...
Meus versos sem ser intelecto
Busca o mais certo para o bom viver
Eu sou o "Jô" e o "trigo" a mistura de amigos
Razão do meu ser
Eu sou a parte de quem foi e de quem fica
Sou élo da sociedade que o co-nome identifica
Eu sou a parte de quem foi e de quem fica
Sou élo da sociedade que o co-nome identifica
Quase prendem meu disco houve um disse me disse...
Fala mais alto a justiça lá do céu
Que atire a primeira pedra aquele que nunca foi réu
Fala mais alto a justiça lá do céu
Que atire a primeira pedra aquele que nunca foi réu
Fala mais alto a justiça lá do céu
Que atire a primeira pedra aquele que nunca foi réu

O DR. ESTÁ NA SUA CAPTURAÇÃO

SILVA, Moacyr da; OLIVEIRA, Ubiracy de. Disco: Justiça Social.
Gravadora: RCA / Ariola Internacional Discos Ltda. 1987.

O Dr. tá na sua capturação
E o motivo da perseguição
É que você errou
Você bateu na sua boa nega Marion
Que lhe dava boa-vida
Em uma cobertura no Baixo Leblon
É, o titular da quatorze DP
Quer saber o que é
Que você faz agora
Porque a nega já bateu pra ele
Que você está jogado fora
Vai lá e bate um papo com o Dr.
Porque a nega já lhe entregou
Vai lá que o homem é um bom Dr.
Ele só não gosta de caô-caô!

NA HORA DA DURA

SIMÕES; PERNADA, Beto. Disco:
Justiça Social. Gravadora: RCA/ Ariola
Internacional Discos Ltda. 1987.

Na hora da dura
Você abre o cadeado
E dá de bandeja
Os irmãozinhos pro delegado

Na hora da dura
Você abre o bico e sai caguetando
Eis a diferença, Mané
Do otário pro malandro
E no pau-de-arara
Você confessou o que fez e não fez
E de madrugada
Gritava de medo dentro do xadrez
Quando via o xerife
Se ajoelhava e ficava rezando
Eis a diferença, canalha
Do otário pro malandro
E na colônia penal
Assim que você chegou
Deu de cara com os bichos
Que você caguetou
Aí você foi obrigado
A usar fio dental e andar rebolando
Eis a diferença, canalha
Do otário pro malandro

ILHAGRANDE

LAUREANO, J. Disco: Justiça social,
Gravadora: RCA Victor, 1987.

A massa reclama de quem sente
E de quem não sente também
Em um mundo tão distante
onde ninguém é de ninguém
A massa reclama de quem sente...
Ilha grande osso duro de roer
onde sofrendo filho chora e mãe não vê
Ilha grande osso duro de roer
onde sofrendo filho chora e mãe não vê
Chora reclamando a saudade
Do lugar onde nasceu e se ciou, ah meu Deus do céu
Sabe lá o que é viver sem liberdade
Pagando o que nunca lá comprou, nunca lá comprou
Em um abrir, fechar de olho
Você pode um dia não amanhecer, vou dizer porquê
Num lugar em que a cruel sociedade
Construiu pra suas vítimas esconder
Ilha grande osso duro de roer...
A massa reclama de quem sente...
A massa reclama de quem sente...
Ilha grande osso duro de roer...
Chora reclamando a saudade...
Ilha grande osso duro de roer...
Ilha grande osso duro de roer...

SENÃO FOSSE OS SAMBA

RUSSO, Carlinhos; DO VALLE, Zezinho. Disco: Se Não Fosse o Samba...
Gravadora: RCA, 1989.

Se não fosse o samba
Quem sabe hoje em dia
Eu seria do bicho
Não deixou a elite
Me fazer marginal
E também em seguida
Me jogar no lixo
A minha babilaque
Era um lápis e papel no bolso da jaqueta
Uma touca de meia na minha cabeça

Uma fita cassete gravada na mão
E toda vez que descia o meu morro do gallo
Eu tomava uma dura
Os "homes" voavam na minha cintura
Pensando encontrar aquele "tresoitão"
Mas como não achavam ficavam mordidos
Não me dispensavam
Abriam a caçapa e lá me jogavam
Mais uma vez na tranca dura pra averiguação
Batiam meu boletim
O nada consta dizia
Ele é um bom cidadão
O cana dura ficava muito injuriado
Porque era obrigado me tirar da prisão
Mas hoje em dia eles passam
Me vêem, me abraçam
Me chamam de amigo
Os que são compositores
Gravam comigo
E até me oferecem total proteção
Humildemente agradeço
E digo pra eles, estou muito seguro
Porque sou bom malandro e não deixo furo
E sou considerado em qualquer jurisdição

POETA OPERÁRIO

ALBERTO, Ney; ROMILDO. Disco: Eu Não Sou Santo. Gravadora: BMG Ariola Discos Ltda. 1990.

Poeta operário e compositor
Repórter cronista do seu dia-a-dia
Que canta a tristeza e fala a verdade
Compondo o progresso e também poesia
Pinta o sofrimento maior que o salário
E nem com talento vê compensação
Isso é que é um povo bom
Mesmo passando fome, ao invés da revolta
Faz brotar no momento a mais nova canção
E o poeta é quem vai levando a cruz
Ganha mais quem nada faz
Menos ganha quem produz
Alegrando a multidão
Que se embala em euforia
Vai cantando e no refrão
Bom humor, filosofia
Só sucesso não consola
Pois só ganha mixaria
E o grosso que vai para o bolso
Do ECAD em parceria
E o poeta é quem vai levando a cruz
Ganha mais quem nada faz
Menos ganha quem produz
E na carreira final pra ver a música editada
O compositor fica mal, mesmo sendo a mais tocada
Pois com o direito autoral
Não vai ter vida folgada
Os cartolas mamam tudo
E o compositor fica sem nada.

ASSOMBRAÇÃO DE BARRACO

CARLOS, José; GENTE BOA, Élson.
Disco: Presidente Caô-caô. Gravadora:
BMG Ariola Discos Ltda. 1992.

Eu já ando injuriado
Ô xará
Meu salário defasado
Meu povo todo esfomeado
E ainda é intimado a votar
Vejam que essa previdência
Não tem competência
Pra ser social
O trabalhador adocece
E morre na fila do hospital
Enquanto uma pá de aspone
Que dorme e come mamando na teta
E os PCs na mamata
Sempre fazendo mutreta
Roubando o dinheiro do povo
E mandando pra Suíça
Na maior careta
Eu já ando injuriado...
Isso é que é covardia
Que me arrepia e me faz chorar
É fraude por todos os lados
E ninguém consegue grampear os culpados
É que na realidade
A impunidade campeã demais
E uma pá de cheque fantasma
Assustando o Planalto Central
Assombrado de barraco
É o ladrão de gravata
E não é marginal

EUSOU FAVELA

PORTELA, Noca da; MOSCA, Sérgio.
Disco: Presidente Caô-caô. Gravadora:
BMG Ariola Discos Ltda. 1992.

A favela
Nunca foi reduto de marginal
Só tem gente humilde marginalizada
E essa verdade não sai no jornal
A favela é um problema social
A favela é um problema social
Eu sou favela
E posso falar de cadeira
Minha gente é trabalhadeira
E nunca teve assistência social
Sim, mas só vive lá
Porque para pobre
Não tem outro jeito
Apenas só tem o direito
A um salário de fome
E uma vida anormal
A favela é um problema social
A favela é um problema social

PARTIDEIRO SEM NÓ NA GARGANTA

TEIXEIRA, Franco; ADELZONILTON;
DIAS, Nilo. Disco: Presidente Caô-caô.
Gravadora: BMG Ariola Discos Ltda.
1992

Eu sou eu
Partideiro indigesto
E sem nó na garganta
Defensor do samba verdadeiro
Que nasce no morro
Fonte de inspiração
É, eu sou assim, sem papa na língua
Meu bom camarada
Não sou caô-caô, nem conversa fiada
E também detesto caguetação
Sei que na minha ausência
Os invejosos me malham sem pena e sem dó
Dizem até que eu fumo maconha
E ando com a venta entupida de pó
O que vem de baixo não me atinge
O meu sucesso incomoda muita gente
Está provado que esse monstro inveja
Ele é mesmo a arma do incompetente
Eu sou eu...
Dizem que sou malandro
Cantor de bandido e até revoltado
Porque canto a realidade
De um povo faminto e marginalizado
Na verdade eu sou um cronista
Que transmite o dia-a-dia
Do meu povo sofredor
Dizem que gravo música
De baixo nível
Porque falo a verdade
Que ninguém falou

SOS BAIXADA

REZA FORTE, Nilson; TAVARES
BASTOS, Bimba do. Disco: Presidente
Caô-caô. Gravadora: BMG Ariola
Discos Ltda. 1992.

S.O.S. Baixada
O rádio da patamo anunciaava
Existia um canalha que lá estuprava
Maltratava criança sem nenhum pudor
E a D.V. Baixada foi acionada para averiguar
Deu um flagrante no safado dentro do mato
Com a criança querendo estuprar
O verme foi enquadrado
E pra não ser linchado o covarde chorou
Se ajoelhou pros "homens", pedindo clemência
Dizendo que sempre foi trabalhador
E também, quis saber dos direitos humanos
Que a constituinte lhe proporcionou
Quando pisou na cadeia
O xerife da área não anistiou
Quis saber do safado qual era o artigo
E a facção que ele sempre gostou
Ao pepinhar nas conversas
Sofreu um castigo de um estuprador
Pois foi feita a justiça na cadeia
No sorteio da morte o canalha dançou

MEU SAMBA É DURO NA QUEDA

PONTO CHIC, Guilherme do;
AMARAL, Laís; PINGA. Disco: Meu

samba é Duro na Queda. Gravadora: Som Livre (2000). 1996.

Meu samba é duro na queda
Não é conversa fiada
É uma bandeira de luta
Na vida da rapaziada
Sou porta voz de poetas
Que ninguém dá chances
Assim como eu
Uns vem da favela
Outros da baixada
Em esses talentos
O meu samba venceu
Tem aqueles que não gostam
Quando ouvem o sucesso
Ficam tiririca
Mas ninguém esconde a verdade
Só quem é bom é que fica
O samba é ...
Falo a língua de um povo
Que me ajudou a chegar onde estou
Eles compram meus discos
E cantam meus versos
E assim vou mantendo o que sou
Porque mostro a realidade
Com dignidade
Sem demagogia
Cantando tento amenizar
O sofrimento cruel
Do nosso dia a dia

ESTE HOMEM É INOCENTE

GALO, Zé do; ZALÉM. Disco: Meu samba é Duro na Queda. Gravadora: Som Livre (2000). 1996.

Doutor
Este homem é inocente
Procure saber a verdade
Não deixe que o pobre coitado
Perca a liberdade
O senhor aplica a lei
Faz, compila e condena
A quem de direito merecer
Mas não faça injustiça
Com quem não tem nada ver
Nós discriminados da favela
Sabemos quem é o culpado
Só os poderosos fingem não saber
É uma lei severa pro trabalhador
E outra de colher de chá e caô-caô
O que o favelado diz não se escreve
Sabemos disso doutor
Não tente tapar o sol com a peneira
O senhor sabe bem quem é o vapor
Só que o pobre inocente
E prenda o filho do governador

DESABAFO DO JUAREZ BOCA DE MATO

ZABA; BOCA DO MATO, Juarez da.
Disco: Meu samba é Duro na Queda.
Gravadora: Som Livre (2000). 1996.

Seu doutor só combate o morro
Por que não combate o asfalto também?
Como transportar escopeta

Fuzil, AR-15, o morro não tem
Navio não sobe morro doutor
Aeroporto no morro não tem
Lá também não tem fronteira
Estrada, barreira
Pra ver quem é quem
Para você que só sabe do morro falar mal
Fale também que somos vítimas
De uma elite selvagem, marginal
O morro pede o fim da discriminação
Embora marginalizados
Nós também somos cidadãos
Seu doutor só combate ...
Mas o morro quer
Eu até também queria
Ouvir aquela melodia
Todos cantando em seu louvor
O morro quer felicidade para cidade
Rever a paz, tranquilidade
E um patamar superior
Seu doutor só combate...

É LADRÃO QUE NÃO ACABA MAIS

CAVACO, Ari do; MAGUEIRA,
Otacílio da. CD: Eu tô de pé. Gravadora:
Universal, 1998.

Quando Cabral aqui chegou
E semeou sua semente
Naturalmente começou
A lapidação do ambiente...
Roubaram o ouro
Roubaram o pau
Prá ficar legal
Ainda tiraram o couro
Do povo
Desta terra original...
E só deixaram
A má semente
Presente de Grego
Que logo se proliferou
E originou a nossa gente...
É ladrão que não acaba mais
Tem ladrão que não acaba mais
Você vê ladrão
Quando olha prá frente
Você vê ladrão
Quando olha prá trás...(4x)

Tem sempre 171 armando fria

Tem ladrão lá no congresso

Na quitanda e padaria

Ladrão que rouba de noite

Ladrão que rouba de dia

Dentro da delegacia

Ninguém entendia

A maior confusão

O doutor delegado

Grampeou todo mundo

Porque o ladrão

Roubou outro ladrão

É ladrão que não acaba mais

Tem ladrão que não acaba mais

Você vê ladrão

Quando olha prá frente

Você vê ladrão

Quando olha prá trás...(2x)

Quando Cabral aqui chegou

E semeou sua semente

Naturalmente começou

A lapidação do ambiente...

Roubaram o ouro

Roubaram o pau

Prá ficar legal

Ainda tiraram o couro

Do povo

Desta terra original...

E só deixaram

A má semente

Presente de Grego

Que logo se proliferou

E originou a nossa gente...

É ladrão que não acaba mais

Tem ladrão que não acaba mais

Você vê ladrão

Quando olha prá frente

Você vê ladrão

Quando olha prá trás...(4x)

PEGA EU

DOIDO, Criolo. CD: Bezerra da Silva ao vivo, Gravadora: CID, 1999.

O ladrão foi la em casa quase morreu do coração,
já pensou se o gatuno tem um infarto
malandro,
e morre no meu barracão...
Eu não tenho nada de luxo que possa
agradar o ladrão,
só uma cadeira quebrada, um jornal que
é meu colchão,
eu tenho uma panela de barro, e dois
tijolos como um fogão...
O ladrão ficou maluco de ver tanta
miséria em cima de um cristão,
E saiu gritando pela rua pega eu que eu
sou ladrão,
pega eu, pega eu que eu sou ladrão, pega
eu, pega eu que eu sou ladrão,
Não assalto mais um pobre nem arrombo
um barracão, por favor pega eu...
Pega eu, pega eu que eu sou ladrão, pega
eu,
pega eu que eu sou ladrão, lelé da cuca
ele está no Pinel falando sozinho de
bobificação dando soco nas paredes e
gritando esse refrão...

(pega eu)
Pega eu, pega eu que eu sou ladrão, pega
eu, pega eu que eu sou ladrão...
Não assalto mais um pobre e nem
arrombo um barracão.

CANDIDATO CAÔ CAÔ

BOTINA, Pedro; MENINÃO, Walter.
CD: Bezerra da Silva ao vivo.
Gravadora: CID, 1999.

Caô Caô Caô Caô..
A justiça chegou!
Ai malandragem..se liga!
Bezerra da Silva provando e
comprovando a sua versatilidade!
"Sai pra lá caozada..Oh o rappa na área!"
Ele subiu o morro sem gravata
Dizendo que gostava da raça
Foi lá na tendinha
Bebeu cachaça
E até bagulho fumou
Jantou no meu barracão
E lá usou
Lata de goiabada como prato
Eu logo percebi
É mais um candidato
Às próximas eleições (3x)
Fez questão de beber água da chuva
Foi lá no terreiro pediu ajuda
E bateu cabeça no congá
Mais ele não se deu bem
Porque o guia que estava incorporado
Disse esse político é safado
Cuidado na hora de votar
Também disse:
Meu irmão se liga
No que eu vou lhe dizer
Hoje ele pede seu voto
Amanhã manda a polícia lhe bater
Meu irmão se liga
No que eu vou lhe dizer
Hoje ele pede seu voto
Amanhã manda os homens lhe prender
Hoje ele pede o seu voto
Amanhã manda a polícia lhe bater.
Eu falei pra você viuuuu..
Esse político é safadão oh ai cumpade!
Nesse país que se divide em quem tem e
quem não tem,
Sinto o sacrifício que há no braço
operário
Eu olho para um lado
Eu olho para o outro
Vejo o desemprego
Vejo quem manda no jogo
E você vem, vem
Pede mais de mim
Diz que tudo mudou
E que agora vai ter fim
Mas eu sei quem você é
Ainda confia em mim?
Esse jogo é muito sujo
Mas eu não desisto assim
Você me deve..haha haha
Malandro é malandro
Mané é mané
Você me deve...

Você me deve seu canalha
Você me deve malandragem
Você ganhou duzentas vezes na loteria
malandro?
Duzentas vezes cumpade?
É
Fez questão de beber água da chuva
Foi lá na macumba pediu ajuda
E bateu cabeça no congá
Deu azar..
A entidade que estava incorporada
Disse esse político é safado
Cuidado na hora de votar
Também disse:
Meu irmão se liga
No que eu vou lhe dizer
Hoje ele pede seu voto
Amanhã manda a polícia lhe bater
Meu irmão se liga
No que eu vou lhe dizer
Hoje ele pede seu voto
Amanhã manda a polícia lhe prender
Hoje ele pede o seu voto
Amanhã manda a polícia lhe bater.
Ai ai perai cumpade..perai perai perai
Sujôooo..
Ae malandragem se liga na missão
Fica atento
Político é cerol fininho
Político engana todo mundo..
Menos o caboco..ele deu azar na
macumba do malandro..ah lá
O caboco caguetou ele
Hoje ele pede, pede, pede de você ..
Amanhã vai vai te fudê..
Hoje ele pede, pede, pede de você ..
Amanhã vai vai.. ohhh
E amanhã vai se fu..
É cumpade...

SE LEONARDO DÁ VINTE...

CORAGEM, Walter, MARTINS, G. e
DA SILVA, Bezerra. Disco: Bezerra da
Silva Ao Vivo. Gravadora: CID, 1999.

Se Leonardo dá vinte
Por que é que eu não posso dar dois
Mesmo apertando na encolha, malandro
Pinta sujeira depois
Levei um bote perfeito
Com um baseado aceso na mão
Tomei um sacode regado a tapa
Pontapé e pescocão
Eu fui levado direto à presença do dr.
delegado
Ele foi logo gritando: "Vai se abrindo,
malandro
E me conta tudo como foi"
Eu respondi: "Se Leonardo dá vinte,
doutor
Por que é que eu não posso dar dois"
"Leonardo é Leonardo", me disse o
doutor
Ele faz o que bem quer, está tudo bem
Infelizmente é que, na lei dos homens
A gente vale o que é e somente o que
tem
Ele tem imunidade para dar quantos
quiser

Porque é rico, poderoso e não perde a
pose
E você que é pobre, favelado
Só deu dois, vai ficar grampeado no
doze.

SELIGA, DOUTOR!

BATATINHA; CAPRICHÓ, Marquinho.
Disco: Bezerra da Silva Ao Vivo.
Gravadora: CID, 1999

Eu assino embaixo, dotô
Por minha rapaziada
Somos crioulos do morro
Mas ninguém roubou nada
Isso é preconceito de cor
Por que é que o dotô não prende aquele
careta
Que só faz mutreta e só anda de terno
Porém o seu nome não vai pro caderno
Ele anda na rua de pomba rolou
A lei só é implacável pra nós, favelados
E proteje o golpista
Ele tinha que ser o primeiro da lista
Se liga nessa, dotô

Vê se dá um refresco
Isto não é pretexto para mostrar serviço
Eu assumo o compromisso
Pago até a fiança da rapaziada
Por que é que ninguém mete o grampo
No pulso daquele colarinho branco
Roubou jóias no morro de Serra Pelada
Somente o dotô que não sabe de nada.

MURO DA VERDADE

MARTINS, G.; BEZERRA, Regina do;
BATATINHA. Disco: Malandro é
Malandro e Mané é Mané. Gravadora:
Atração Fonográfica Ltda. 2000.

Por trás do muro da verdade
Tem uma realidade
Que o mundo não quer ver
Tem gente chorando e sofrendo
Da vida se maldizendo
Com vontade de morrer
Vítimas da adversidade
Que a elite tão selvagem
Vê e finge que não vê
Somos frutos de um regime
Que soma sem dividir
E também não dão bola aos problemas
Que existem por aí
A expansão da miséria
Cresce a cada segundo
E a fome obrigando gente séria
A viver no submundo
E depois ela quer cobrar
O que não tem razão de ser
Se o sistema não dá chance
Para o pobre sobreviver

A GÍRIA É CULTURA DO Povo

JÚNIOR, Elias Alves; CHAPELL,
Wagner. Álbum: "A gíria é cultura do

povo". Gravadora: Atração Fonográfica Ltda., 2002.

Toda hora tem gíria no asfalto e no morro
porque ela é a cultura do povo
Pisou na bola conversa fiada
malandragem
Mala sem alça é o rodo, tá de sacanagem
Tá trincado é aquilo, se toca vacilão
Tá de bom tamanho, otário fanfarrão
Tremeu na base, coisa ruim não é mole
não
Tá boiando de marola, é o terror alemão
Resposta catuca é o bonde, é cerol
Tô na bola corujão vão fechar seu paletó
Toda hora tem gíria...
Se liga no papo, maluco, é o terror
Bota fé comadre, tá limpo, demorou
Sai voado, sente firmeza, tá tranquilo
Parei contigo, contexto, baranga, é
aquilo
Tá ligado na fita, tá sarado
Deu bode, deu mole qualé, vacilou
Tô na área, tá de bob, tá bolado
Babou a parada, mulher de tromba, sujou
Toda hora tem gíria...
Sangue bom tem conceito, malandro e o
cara aí
Vê me erra boiola, boca de sirí
Pagou mico, fala sério, tô te filmando
É ruim hem! O bicho tá pegando
Não tem caô, papo reto, tá pegado
Tá no rango mané, tá aloprado
Caloteiro, carne de pescoço, "vagabau"
Tô legal de você sete-um, gbo, cara de
pau

AOS DONOS DA MINHA NAÇÃO

DA SILVA, Bezerra. CD: Maxximum,
Gravadora: Sony BMG, 2005.

Eu vi um cruel da pesada chorando
No lamento que estou lhe falando
Que assaltou um barraco na favela
E deu à vítima todos os seus pertences
Porque lá não tinha nem um pão pros
filhos inocentes
Aí, eu cheguei a conclusão
Doeu demais a consciência do ladrão
Ele em seu desespero deu um bote
errado
Assaltou um descamisado
Sem futuro e sem razão
Chorou diante daquela situação
De ver tanta criança morrendo de
inanição
Muito mais humano
Do que esse político vilão
Que usa os favelados
Somente pra ganhar eleição
Com todo respeito
Aos donos da minha nação
Sou obrigado a elogiar esse ladrão